

O AUTOR DE SUSPENSE MAIS VENDIDO DO MUNDO

PATTERSON

E MAXINE PAETRO

4 DE JULHO

Ela não teve escolha e agora está no banco dos réus. Um novo desafio para o Clube das Mulheres contra o Crime.



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**4 DE
JULHO**



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

JAMES PATTERSON

E MAXINE PAETRO

4 DE
JULHO



Título original: 4th of July

Copyright © 2005 por James Patterson

Copyright da tradução © 2011 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com Little, Brown and Company, New York, New York, USA.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Marcelo Mendes

preparo de originais: Felipe Harrison

revisão: Luis Américo Costa e Taís Monteiro

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Rodrigo Rodrigues

imagem de capa: Jonathan Knowles / Getty Images

geração de ePub: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

P597q

Patterson, James, 1947

4 de julho

[recurso eletrônico]

/ James Patterson

e Maxine Paetro

[tradução de

Marcelo Mendes];

São Paulo:

Arqueiro, 2011.

recurso digital

recurso digital

Tradução de: 4th of
July

Formato: ePub

Requisitos do
sistema:

Multiplataforma

Modo de

acesso: World Wide
Web

ISBN 978-85-
8041-040-2

(recurso eletrônico)

1. História de
suspense. 2. Ficção
americana. 3.

Livros eletrônicos.

I. Paetro, Maxine.

II. Moraes, Fabiano.
III. Quatro de
Julho. IV. Título.

11-7484

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

PARTE 1

NINGUÉM SE IMPORTA

capítulo 1

FALTAVA POUCO PARA AS QUATRO da madrugada de um dia de semana. Minha cabeça estava a mil quando Jacobi encostou nosso carro em frente ao Lorenzo, um pulgueiro que cobrava por hora apesar de ter a palavra hotel pintada na porta. Estávamos no Tenderloin District de São Francisco, uma área da cidade tão sinistra que nem o sol tinha coragem de atravessar a rua.

Três viaturas da polícia já estavam estacionadas perto da calçada e Conklin, o primeiro oficial a chegar, fazia o isolamento do local junto com Les Arou, outro policial.

– O que temos aqui? – perguntei aos dois.

– Um rapaz, tenente – respondeu Conklin. – Branco, menos de 20 anos, com os olhos esbugalhados. Torradinho da silva. Quarto 21. Nenhum sinal de arrombamento. A vítima está na banheira, como na última vez.

Jacobi e eu sentimos o fedor de mijo e vômito assim que entramos no hotel. Não havia porteiro, elevador ou serviço de quarto. Os hóspedes se escondiam nas sombras, com exceção de uma prostituta de pele cinzenta que puxou Jacobi pelo braço.

– Vinte pratas e dou o número da placa – ouvi a mulher dizer.

Jacobi lhe entregou uma nota de 10 e recebeu em troca três números num pedaço de papel. Em seguida foi até o recepcionista e fez algumas perguntas sobre a vítima: se ele dividia o quarto com alguém, se tinha cartão de crédito ou algum hábito que chamasse a atenção.

Desviei de um cara drogado na escada e subi até o segundo andar. A porta do quarto 21 estava aberta e um policial novato vigiava o local.

– Boa noite, tenente Boxer.

– Já é de manhã, Keresty.

– Sim, senhora – respondeu ele, anotando o horário da minha chegada e entregando-me a prancheta para que eu assinasse.

A escuridão do quarto era ainda maior do que a do corredor. Não havia luz devido a um curto-circuito na caixa de força. Cortinas finas pendiam como fantasmas à luz da rua. Eu analisava o quebra-cabeça, tentando identificar o que poderia servir como prova, procurando não pisar em nada importante. Havia muitos objetos e quase nenhuma iluminação.

Acendi a lanterna e vi os cachimbos de crack jogados pelo carpete, o colchão manchado de sangue seco, as pilhas de lixo azedo e as roupas espalhadas. Havia uma copa-cozinha num dos cantos: a boca do fogão ainda estava quente e a pia, entulhada com apetrechos para o consumo da droga.

O ar do banheiro era pegajoso. Corri a luz da lanterna pelo fio que saía da tomada da pia, passava pelo vaso sanitário entupido e seguia até a banheira.

Meu estômago revirou assim que vi o garoto morto. Era louro, magro e quase não tinha pelos. Sentado na banheira, o menino estava com os olhos esbugalhados e com espuma

saindo da boca e do nariz. O fio estava ligado a uma velha torradeira que brilhava sob a superfície da água.

– Merda – comentei com Jacobi assim que ele entrou no banheiro. – Lá vamos nós outra vez.

– É... Torrado ele está – disse Jacobi.

Na qualidade de chefe do Departamento de Homicídios, não cabia a mim fazer o trabalho de perícia. Porém, em situações como aquela, era impossível ficar de braços cruzados.

Outro garoto havia sido eletrocutado, mas por quê? Seria mais uma vítima aleatória da violência ou haveria algum motivo pessoal? Imaginei o pobrezinho se retorcendo de dor enquanto a corrente elétrica passava pelas suas veias até desligar o coração.

A água empoçada no piso encharcava a barra da minha calça. Empurrei devagar a porta do banheiro com o pé, sabendo muito bem o que encontraria. As dobradiças, que certamente nunca haviam sido lubrificadas, rangeram até a porta se fechar por completo.

As palavras estavam pintadas com tinta em spray. Pela segunda vez em poucas semanas perguntei a mim mesma que diabos elas poderiam significar:

NINGUÉM SE IMPORTA

capítulo 2

PODERIA PARECER UM terrível suicídio, não fosse o fato de não haver qualquer sinal da lata de tinta. Ouvi Charlie Clapper chegar ao quarto com sua equipe de peritos. Afastei-me para que pudessem fotografar a vítima e depois puxei o fio da torradeira da tomada.

Charlie trocou o fusível da caixa.

– Finalmente – disse ele assim que a luz voltou a banhar aquele cenário macabro.

Eu vasculhava as roupas da vítima sem encontrar um único documento que pudesse identificá-la quando Claire Washburn, uma das minhas melhores amigas e legista-chefe de São Francisco, atravessou a porta.

– Um horror – alertei-a, acompanhando-a até o banheiro. Claire é uma pessoa muito importante para mim e a considero mais irmã do que minha irmã de sangue. – Minha vontade era...

– O quê? – perguntou ela, calma.

Tive de engolir o enjoo que subia pela garganta. Estava acostumada a muita coisa, mas não ao assassinato de um garoto.

– Meter a mão na água e puxar o tampão da banheira.

O corpo parecia ainda mais castigado sob a luz dos flashes. Claire se agachou junto à banheira, espremendo-se naquele espaço minúsculo.

– Edema pulmonar – deduziu ao examinar a espuma rosada que saía da boca e do nariz do garoto. Correndo os dedos pelo roxo dos lábios e das olheiras, emendou: – Ele já estava meio alto quando foi eletrocutado.

Apontei para o talho vertical numa das faces.

– E isso aí, o que você acha?

– Bem, tudo indica que o golpearam com a torradeira antes de jogá-la na água.

Uma das mãos do rapaz repousava na borda da banheira. Claire a levantou com cuidado e a virou para examinar a palma.

– Nenhuma rigidez. O corpo ainda está quente e sem sinal de lividez. Ele com certeza morreu há menos de 12 horas, provavelmente menos de seis. Nenhum indício de que tenha se picado. – Ela passou a mão pelos cabelos desgrenhados do garoto e ergueu o lábio superior dele. – Fazia tempo que não ia ao dentista. Provavelmente fugiu de casa.

– É... – concordei eu, e devo ter ficado calada por alguns segundos.

– E aí, amiga, no que está pensando?

– Acho que tenho nas mãos mais um caso sem solução.

Eu me referia especificamente a outro adolescente, morador de rua, assassinado em circunstâncias semelhantes logo nos meus primeiros dias como chefe do Departamento de Homicídios. Um dos piores casos da minha vida e que ainda me assombrava, apesar dos 10 anos transcorridos.

– Mais informações, só depois que examiná-lo na minha mesa – Claire dizia quando Jacobi mais uma vez enfiou a cabeça pela fresta da porta.

– Fomos informados de que o número da placa é de um Mercedes – disse ele. – Um Mercedes preto.

Um modelo da mesma cor também havia sido visto na cena do crime do outro garoto eletrocutado. Abri um sorriso discreto, sentindo a esperança crescer no meu peito. Tinha de admitir: estava levando a coisa para o lado pessoal. Encontraria a qualquer custo o canalha que havia matado aquelas duas crianças e o tiraria de circulação antes que ele pudesse agir novamente.

capítulo 3

UMA SEMANA HAVIA SE PASSADO desde o pesadelo no Hotel Lorenzo. Os peritos ainda examinavam os objetos encontrados no quarto 21, mas os três números da placa do carro revelaram-se uma pista falsa, possivelmente inventada pela prostituta. Quanto a mim, acordava todos os dias irritada, aborrecida com a lentidão nas investigações daquele caso tão assustador.

Os garotos assassinados ainda me assombravam quando cheguei ao Susie's para um encontro com as meninas. O Susie's era um bar animado, com as paredes pintadas em cores tropicais e pratos caribenhos saborosos, porém apimentados.

Jill, Claire, Cindy e eu havíamos adotado o lugar como santuário e quartel-general do nosso pequeno clube. As conversas, sempre francas e diretas, livres de qualquer questão hierárquica, muitas vezes economizavam semanas de burocracia. Tínhamos solucionado diversos casos no Susie's.

Avistei Claire e Cindy na "nossa mesa", nos fundos do salão. Claire ria de algo que Cindy tinha dito, o que acontecia com frequência, já que Claire estava sempre de bom humor e Cindy era bastante espirituosa, além de uma repórter policial de primeira do Chronicle. Jill, claro, não estava mais entre nós.

– Vou querer a mesma coisa que vocês – disse eu, sentando-me ao lado de Claire. Na mesa havia uma jarra de margarita e quatro taças, duas vazias. Enchi uma delas e olhei para minhas amigas, sentindo imediatamente aquele vínculo sagrado que nos unia depois de tudo o que havíamos passado juntas.

– Caramba – Claire disse. – Acho que você precisa de uma transfusão.

– Pode chamar o médico – respondi.

Dei um gole na bebida gelada, puxei o jornal sob o cotovelo de Cindy e achei a matéria escondida na página 17 do caderno de notícias locais. A manchete dizia: POUCAS INFORMAÇÕES SOBRE OS ASSASSINATOS NO TENDERLOIN DISTRICT.

– Acho que isto merecia um destaque maior – comentei.

– Crimes envolvendo moradores de rua nunca chegam à primeira página – disse Cindy, concordando comigo.

– É estranho – prossegui. – Na verdade, temos um excesso de informações. Sete mil impressões digitais, fios de cabelo, fibras, várias amostras inúteis de DNA... O presidente Nixon ainda era bebê quando aquele carpete foi aspirado pela última vez. – Interrompi meu desabafo para desfazer o rabo de cavalo e sacudir o cabelo. – Por outro lado, com tantos vagabundos circulando naquela área da cidade, tudo o que conseguimos foi uma pista furada.

– Pois é, Linds – disse Cindy. – Que bosta. O chefe está pegando no seu pé?

– Não – respondi, tamborilando os dedos sobre a mesa à breve menção aos assassinatos do Tenderloin District. – Como o assassino mesmo disse, ninguém se

importa.

– Não se martirize assim, minha amiga – Claire tentou me consolar. – Aposto que vai acabar descobrindo alguma coisa. Você sempre descobre.

– É verdade. Mas chega desse assunto. Jill pularia no meu pescoço se estivesse aqui para ouvir essa minha ladainha.

– “Pularia nada”, ela mandou dizer – brincou Cindy, apontando para o lugar vago de Jill. Vamos fazer um brinde à nossa amiga!

– A Jill! – gritamos as três juntas.

Enchemos a taça dela e cada uma de nós deu um gole em memória de Jill Bernhardt, uma assistente de promotoria brilhante e amiga exemplar, assassinada poucos meses antes. Ainda falávamos sobre a imensa falta que ela nos fazia quando Loretta, nossa garçonete, trouxe uma segunda jarra de margarita para substituir a primeira.

– Você me parece mais alegre que de costume – disse eu a Cindy, que foi logo contando a novidade.

Ela havia conhecido um cara, jogador de hóquei do Sharks de San José, e estava bastante satisfeita. Claire e eu quisemos saber mais detalhes enquanto a banda de reggae afinava os instrumentos, e dali a pouco todas estávamos cantando uma música de Jimmy Cliff, batendo as colheres nas taças.

Minhas preocupações estavam se afogando no álcool quando meu celular tocou. Era Jacobi.

– Me encontre na rua, Boxer. Estou a um quarteirão de distância. É o tal Mercedes outra vez.

Eu deveria ter dito: “Vá sozinho, meu expediente por hoje acabou.” Mas aquele caso era meu, eu precisava ir. Deixei algumas notas sobre a mesa, despedi-me rapidamente das meninas e me dirigi à porta de saída. O assassino havia se enganado em um aspecto. Alguém se importava.

capítulo 4

SENTEI-ME NO BANCO do passageiro do Crown Vic.

– Para onde vamos? – perguntei a Jacobi.

– Para o Tenderloin District – respondeu ele. – Um Mercedes preto foi visto rondando a área. Não combina muito com a região.

O inspetor Warren Jacobi havia sido meu parceiro. Encarou minha promoção sem problemas, levando em conta que era 10 anos mais velho e tinha sete anos a mais de polícia. Ainda trabalhávamos juntos em casos especiais, e, embora eu estivesse acima dele na hierarquia, tive de confessar:

– Tomei umas lá no Susie's.

– Cerveja?

– Margarita.

– “Umas” são exatamente quantas? – Ele virou a cabeça enorme na minha direção.

– Uma e meia – respondi, omitindo a meia taça que havia tomado no brinde a Jill.

– Quer ir para casa?

– Bobagem, estou ótima!

– Nem pense em dirigir!

– E por acaso eu falei que ia?

– Tem uma garrafa térmica no banco de trás.

– Café?

– Não. É para você mijar dentro se precisar. Estamos sem tempo para “paradas estratégicas”.

Ri da resposta e peguei a garrafa. Jacobi tinha um talento especial para as piadas de mau gosto. Ao entrarmos na Sexta Avenida, pouco abaixo da Mission, avistei o Mercedes estacionado numa vaga.

– Olhe lá, Warren. A nossa criança.

– Ela mesma, Boxer.

A não ser pela descarga de adrenalina nas minhas veias, não estava acontecendo muita coisa na Sexta Avenida. A rua era uma paisagem decadente de lojas antigas e apartamentos abandonados com as janelas cobertas por tapumes. Mendigos cambaleavam pelas calçadas ou dormiam ao lado de pilhas de lixo. Vez ou outra alguém parava para admirar o Mercedes preto.

– Espero que ninguém resolva roubá-lo – disse eu. – Parece um piano de cauda num ferro-velho.

Passei um rádio para informar nossa localização e estacionamos a meia quadra de distância do Mercedes. Digitei o número da placa no computador e dessa vez tive sorte: o carro estava registrado no nome de um certo Dr. Andrew Cabot, que morava em Telegraph Hill.

Entrei em contato com a Central e pedi que pesquisassem o nome de Cabot na base de

dados e me retornassem o mais rápido possível. Começou então uma longa espera. Não importava quem fosse, Andrew Cabot era um peixe fora d'água naquela região. Ficar de tocaia dentro de um carro normalmente é tão sedutor quanto um prato de comida fria, mas ali estava eu, ansiosa, tamborilando os dedos no painel do carro. Onde poderia estar o Dr. Cabot? E que diabos estaria fazendo no Tenderloin District?

Após 20 minutos de espera, uma daquelas máquinas de varrer rua – um tatu enorme com faróis piscando e buzinas de alerta – subiu na calçada para a limpeza noturna. Os mendigos levantaram às pressas para não ser atropelados. Pedacos de papel rodopiavam sob a luz fraca dos postes.

Por alguns instantes a máquina bloqueou nossa visão. Tão logo se afastou, Jacobi e eu vimos as duas portas dianteiras do Mercedes se fecharem.

O carro ia dar partida.

– O show vai começar – disse Jacobi.

Houve alguns segundos de tensão quando um Camry vermelho entrou na nossa frente. Pelo rádio, avisei à Central:

– Estamos seguindo um Mercedes preto, placa Quênia Zebra Wagner Dois Seis Charlie, subindo a Sexta rumo à Mission. Reforço para a área... Ah, droga!

Achávamos que o Mercedes fosse seguir tranquilamente pela avenida, mas, de uma hora para outra, sem nenhum sinal ou causa aparente, o motorista pisou fundo, cobrindo-nos com a poeira recém-varrida das calçadas.

capítulo 5

EU MAL ACREDITAVA NOS meus próprios olhos ao ver as luzes das lanternas do Mercedes se reduzirem a dois pequenos pontos vermelhos, afastando-se ainda mais enquanto o Camry manobrava lentamente para entrar numa vaga, bloqueando nosso caminho.

Com o rádio em punho, berrei pelos alto-falantes do carro:

– Polícia! Saia da frente, rápido!

– Não é hora para delicadezas – disse Jacobi, pondo a luz de emergência no teto.

Com a sirene uivando, aceleramos ao máximo, tirando um fino da lanterna do Camry.

– Mandou bem, Warren.

Após atravessarmos um cruzamento da Howard Street, emiti o código 33, de modo que uma faixa de rádio ficasse livre durante a perseguição.

– Estamos subindo a Sexta Avenida, na altura da Market, perseguindo um Mercedes preto para interceptá-lo. Todas as unidades na área, dirijam-se para o local.

– Qual o motivo da perseguição, tenente?

– Investigação de homicídio.

A adrenalina corria pelas minhas veias. Tínhamos que parar aquele carro de qualquer jeito, e eu rezava para que nenhum pedestre se ferisse ou morresse até alcançarmos nosso objetivo. As unidades informavam suas posições enquanto atravessávamos a Mission, passando pelo cruzamento a uma velocidade de 100 por hora.

– Dobre à direita – gritei para Jacobi.

Numa bifurcação, o Mercedes seguiu pela Taylor. Havia apenas dois carros entre nós, mas, por causa da noite que caía, não era possível ter ideia de quem estava ao volante ou no banco do carona.

Seguimos pela Ellis na direção oeste e passamos pelo Hotel Coronado, onde a primeira vítima havia sido eletrocutada. Estávamos no território do assassino. Ele conhecia aquelas ruas tão bem quanto eu.

Os carros subiam nas calçadas para abrir caminho enquanto Jacobi e eu atravessávamos os cruzamentos a 130 por hora. Dois quarteirões à frente, nosso Crown Vic voou numa lombada, aterrissando com força alguns metros adiante. Apesar da velocidade, acabamos perdendo o Mercedes de vista na altura da Leavenworth, pois o cruzamento era uma confusão de veículos e pedestres.

Gritei de novo pelos alto-falantes, pedindo que saíssem da frente, e respirei aliviada quando uma das unidades informou pelo rádio:

– Localizamos o veículo, tenente. Mercedes preto indo para oeste pela Turk a 120 por hora.

Outra viatura uniu-se à perseguição na altura da Hyde Street.

– Aposto que estão indo para a Polk – comentei com Jacobi.

– Também acho.

Deixando que nossos colegas cuidassem da rota principal, passamos pelo Krim's and

Kram's, na esquina da Turk, e tomamos a Polk no sentido norte. A Polk seguia por 10 ruelas. Fui correndo os olhos por cada uma delas: Willow, Ellis, Olive.

– Lá estão eles se arrastando – berrei para Jacobi.

O Mercedes estava com um dos pneus traseiros furado. Ainda assim, passou pelo Mitchell Brothers' Theatre, dobrou à direita e logo à esquerda, na Larkin. Agarrei-me no painel com as duas mãos quando Jacobi pisou fundo. De repente o Mercedes perdeu o controle, atingiu uma van estacionada e subiu na calçada, atropelando uma caixa de correio. O barulho de metal arranhando a lataria do carro era ensurdecedor. O veículo finalmente parou com a dianteira levantada num ângulo de 45 graus, o lado do motorista tombado para a rua.

O capô se abriu com o impacto e o radiador começou a soltar fumaça por todos os lados. Um forte cheiro de borracha queimada e o perfume adocicado do líquido anticongelante empestearam o ar.

Jacobi parou o carro e corremos na direção do Mercedes, com as armas em punho.

– Mãos ao alto! – berrei. – Agora!

Percebi que os dois ocupantes estavam espremidos pelos airbags, que rapidamente se desinflaram. Só então consegui ver o rosto deles. Eram dois garotos brancos, de cerca de 15 anos, e estavam apavorados.

Jacobi e eu nos aproximamos do carro, segurando as armas com as duas mãos. Os garotos botavam os bofes para fora, vomitando sem parar.

capítulo 6

EU PODIA OUVIR MEU CORAÇÃO bater dentro do peito e estava furiosa. A menos que o Dr. Cabot mal tivesse chegado à adolescência, ele não estava dentro daquele carro. Aqueles garotos só podiam ser dois idiotas, dois viciados em velocidade ou dois ladrõesinhos – ou as três coisas.

Com a arma apontada para o lado do motorista, gritei:

– Coloquem as duas mãos no teto do carro. Os dois!

Lágrimas escorriam pelo rosto do motorista. Foi quando percebi, chocada, que se tratava de uma motorista. Tinha os cabelos rosa curtos e espetados, e não usava nenhuma maquiagem ou piercing. Era uma versão grosseira daquelas punks que povoam as páginas de revistas para adolescentes. Quando levantou os braços, vi estilhaços de vidro sobre a camiseta preta. Seu nome pendia de uma correntinha no pescoço: Sara.

Confesso que gritei com ela. Tínhamos acabado de participar de uma perseguição que poderia ter matado todos nós.

– Que diabos você estava fazendo, Sara?

– Desculpa – ela choramingou. – É que... eu só tenho uma carteira provisória. O que vocês vão fazer comigo?

Mal acreditei no que ouvi.

– Você fugiu da polícia porque não tem carteira de motorista? É isso? Ficou maluca?

– Papai vai matar a gente – completou o garoto no banco do passageiro, um magricela que tombava para o lado, preso ao cinto de segurança. Tinha olhos castanhos enormes, emoldurados por cabelos claros e compridos. Sangrava pelo nariz, ferido provavelmente pela pancada do airbag. – Por favor, não conta para ele. Fala que o carro foi roubado, qualquer coisa assim, mas deixa a gente ir embora. Por favor. Nosso pai vai matar a gente.

– E por que será? – ironizou Jacobi. – Por causa do arranhãozinho que vocês fizeram no carro de 60 mil dólares dele? Mantenham as mãos onde eu possa vê-las e saiam do carro bem devagar.

– Não posso. Estou p-p-preso... – resmungou o garoto. Limpou o nariz com as costas da mão, espalhando mais sangue pelo rosto. Em seguida vomitou sobre o painel.

– Drooooga... – bufou Jacobi, enquanto cedíamos ao instinto de prestar ajuda.

Guardamos nossas armas. Fizemos força para abrir a porta emperrada do motorista. Desliguei o motor do carro e, com Jacobi, ajudei os garotos a sair.

– Vamos ver essa habilitação provisória, Sara – disse eu, cogitando se o pai dela era mesmo o Dr. Cabot e se havia motivo real para os garotos terem medo.

– Está aqui – disse Sara. – Na minha carteira.

Jacobi chamava a ambulância quando a garota levou a mão ao bolso da jaqueta e inesperadamente tirou um objeto que fez meu sangue congelar nas veias.

– Ela está armada! – gritei, um segundo antes de ser baleada.

capítulo 7

O TEMPO PARECIA SE ARRASTAR, cada segundo mais lento que o anterior, mas a verdade é que tudo havia acontecido em menos de um minuto.

Com o tronco curvado, eu ainda sentia o impacto no ombro esquerdo quando outra bala perfurou minha coxa. Tentei entender o que estava acontecendo, mas meus joelhos estremeçeram e eu caí. Ao estender o braço na direção de Jacobi, percebi a expressão de espanto no rosto dele.

Não perdi a consciência. Vi quando o garoto atirou em Jacobi: bum, bum, bum. Deu um passo à frente e ainda chutou a cabeça do meu parceiro. Ouvi a garota gritar:

– Vem, Sammy! Vamos dar o fora daqui!

Eu não sentia dor, apenas raiva. Raciocinava calmamente como faria em qualquer outra situação. Eles haviam se esquecido de mim. Apalpei a Glock nove milímetros que trazia à cintura, fechei os dedos sobre a coronha e me sentei.

– Largue a arma – gritei, apontando a pistola para Sara.

– Vai se ferrar, sua baranga! – berrou ela de volta. Com o medo estampado no rosto, ela ergueu a arma e disparou mais três tiros. Ouvi os cartuchos caírem na calçada.

Não é fácil acertar um alvo com uma pistola, mas fiz o que fui treinada para fazer. Mirei na massa central, no meio do peito, e atirei duas vezes. Sara foi ao chão com uma expressão de dor. Tentei ficar de pé, mas consegui apenas me apoiar num dos joelhos.

O garoto, com o rosto ensanguentado, ainda segurava sua arma. Apontou-a na minha direção.

– Largue isso! – berrei.

– Você matou minha irmã!

Mirei e novamente atirei duas vezes. O garoto deixou a pistola cair e foi perdendo a cor. Deu um grito antes de desabar no chão.

capítulo 8

UM SILÊNCIO PESADO TOMOU conta da Larkin Street, mas aos poucos foi substituído pelo rap de um rádio distante, pelos gemidos do garoto e pelas sirenes de polícia cada vez mais próximas.

Jacobi não movia um músculo sequer. Gritei seu nome, mas não tive resposta. Saquei o rádio do cinto e, com as forças que me restavam, chamei a Central.

– Dois policiais e duas crianças atingidos. Precisamos de assistência médica. Mandem duas ambulâncias. Rápido!

A Central não parava de fazer perguntas: localização, número de registro, localização novamente.

– Tenente, você está bem? Lindsay, responda!

Os ruídos aumentavam e diminuía de intensidade ao meu redor. Larguei o rádio e deitei a cabeça na calçada. Eu havia atirado em crianças. Crianças! Vi o terror nos olhos das duas ao serem baleadas. Meu Deus, como eu tinha sido capaz de...

Sentindo meu sangue formigar na base da nuca e nas pernas, repassei mentalmente os acontecimentos, dessa vez encostando os garotos contra o carro, algemando-os, revistando-os. Agindo com inteligência. Com competência!

Jacobi e eu fomos estúpidos sem razão alguma e agora iríamos morrer. Para minha sorte, a escuridão não demorou a chegar. Fechei logo os olhos.

PARTE 2

FÉRIAS INESPERADAS

capítulo 9

UM HOMEM ESPERAVA tranquilamente dentro de seu carro cinza na Ocean Colony Road, num dos bairros mais ricos de Half Moon Bay, Califórnia. Não era o tipo que chamava a atenção, embora fosse um peixe fora d'água naquela região e estivesse, sem motivo aparente, vigiando os moradores da casa colonial branca com carros caríssimos estacionados na entrada da garagem.

O Guardião segurava uma câmera fotográfica não muito maior que uma caixa de fósforos, um belo equipamento com um gigabyte de memória e zoom de 10x.

Ele acionou o zoom, apertou o obturador e começou a fotografar a família que se movimentava do outro lado da janela da cozinha, saboreando o cereal e batendo papo.

Às 8h06, Caitlin O'Malley abriu a porta da frente. Usava uniforme escolar, mochila rosa e dois relógios, um em cada pulso. Os cabelos longos e muito vermelhos brilhavam bastante.

O Guardião tirou uma foto de Caitlin enquanto ela se acomodava no banco do carona de um Lexus preto, e pouco depois ouviu o som distante de um rock que vinha do carro.

Depositou a câmera sobre o painel e pegou o caderninho azul e a caneta de ponta fina no banco ao lado para fazer suas anotações, numa caligrafia meticulosa.

Era fundamental que tudo fosse registrado. Assim queria o chefe.

Às 8h09, a porta da casa se abriu novamente. O Dr. Ben O'Malley vestia um terno leve de algodão cinza e uma gravata-borboleta vermelha que se ajustava com perfeição ao colarinho da camisa branca bem passada. Ele se despediu da mulher, Lorelei, com um rápido beijo nos lábios e saiu.

Todos muito pontuais.

A câmera minúscula captou as imagens. Zzzzt. Zzzzt. Zzzzt.

O médico caminhou até o coletor de lixo reciclável junto à calçada e depositou nele um saco plástico. Em seguida, farejou o ar e correu os olhos pela rua, sem prestar atenção ao carro cinza e ao seu ocupante. Foi então se encontrar com a filha no Lexus. Deu ré e tomou a Ocean Colony Road no sentido norte, rumo à Cabrillo Highway.

O Guardião terminou as anotações. Colocou o caderninho, a caneta e a câmera de volta no painel.

Agora os tinha visto: a garota com o uniforme passado e meias brancas que iam até o joelho, o rosto lindo que evidenciava uma personalidade forte. O Guardião comovera-se de tal modo com a visão que seus olhos ficaram marejados. A menina era real, diferentemente do pai médico com seu disfarce de cidadão comum.

No entanto, uma característica em especial chamava a atenção no Dr. Ben O'Malley: a precisão cirúrgica. O Guardião estava contando com isso.

Ele detestava surpresas.

UMA VOZ BERRAVA em minha cabeça:

– Ei! Sara!

Acordei assustada e tentei no mesmo instante sacar minha arma. Foi o bastante para descobrir que eu não conseguia me mover. Um rosto escuro entrou em foco, emoldurado por um enorme halo branco.

– Fada Açucarada do Quebra-nozes? – balbuciei.

– Já me chamaram de coisas piores. – Elariu.

Era Claire, minha amiga legista. Eu jazia no leito dela, o que significava que realmente havia batido as botas.

– Claire? Você está me ouvindo?

– Com certeza, amiga – respondeu ela, envolvendo-me num abraço maternal. – Bem-vinda ao mundo dos vivos.

– Onde estou?

– No Hospital Geral de São Francisco. Mais precisamente na enfermaria.

O halo começou a se dissipar. Lembrei-me da escuridão fria da Larkin. Os garotos. Jacobi havia sido baleado!

– O Jacobi... – disse eu, olhando para ela. – Ele não sobreviveu!

– Jacobi está na UTI, Lindsay. E lutando bravamente! – Claire sorriu para mim. – Olhe só quem está aqui. Tente virar a cabeça.

Virei a cabeça com dificuldade para a direita e enxerguei aquele rosto lindo. Ele estava com a barba por fazer e suas pálpebras pesavam de cansaço e preocupação. Ainda assim, meu coração disparou ao ver Joe Molinari.

– Joe... Você devia estar em Washington.

– Estou bem aqui, meu amor. Vim assim que soube.

Quando me beijou, senti as lágrimas dele no meu rosto. Tentei dizer-lhe que me sentia destruída.

– Ela morreu, Joe. Meu Deus, foi um terrível engano...

– Meu amor, segundo me disseram, você não teve escolha.

Joe encostou seu rosto áspero no meu.

– O número do meu pager está ao lado do telefone. Lindsay? Está me ouvindo? Amanhã eu volto. De manhã.

– O quê, Joe? Que foi que você disse?

– Tente dormir um pouco, Lindsay.

– Tudo bem, Joe. Vou ten...

UMA SANTA – SE É QUE SANTAS existem – enfermeira chamada Heather providenciou uma cadeira de rodas para mim. Eu agora estava ao lado da cama de Jacobi, com o sol do fim de tarde atravessando a janela da UTI e fazendo uma pequena sombra no piso azul. Duas balas haviam atravessado o corpo do meu parceiro: a primeira perfurou um rim e a outra comprometeu um dos pulmões. Além disso, o chute havia quebrado seu nariz, tingindo seu rosto de um tom brilhante de berinjela.

Era minha terceira visita desde nossa internação e, por mais que eu tentasse animá-lo, Jacobi continuava abatido. Eu o observava dormir quando seus olhos inchados se abriam em duas fendas estreitas.

– E aí, Warren?

– Oi, Lindsay.

– Como está se sentindo?

– Como o último dos mortais. – Ele tossiu com grande esforço e eu franzi o rosto numa expressão de solidariedade.

– Pega leve, amigo.

– É horrível, Boxer.

– Eu sei.

– Não consigo parar de pensar nessa história. Até sonho com ela. – Ele fez uma pausa e ajustou as ataduras sobre o nariz. – Aquele garoto atirando e eu lá fazendo papel de bom samaritano.

– Não foi bem assim, Jacobi.

Ele continuou sério.

– Não tem desculpa.

– Agimos certo, parceiro. Fizemos o que o coração mandou.

– Coração? Da próxima vez, menos coração e mais cérebro.

Jacobi tinha razão, claro. Eu ouvia o que ele dizia e assentia, fazendo mentalmente minhas próprias observações. Como eu me comportaria ao sacar a arma na próxima vez? Hesitaria quando não deveria? Atiraria antes de pensar? Peguei um copo de água com um canudo e ofereci ao meu amigo.

– Pisei na bola – desabafei. – Deveria ter algemado aquele garoto...

– Nem comece, Boxer. Nós deveríamos. E você provavelmente salvou minha vida.

Nesse instante uma sombra surgiu à porta: Anthony Tracchio, meu superior, com seu cabelo partido para o lado com gel. Não estava de serviço e suas roupas de passeio eram simples e limpas, e ele trazia uma caixa de bombons nas mãos. Parecia um adolescente em seu primeiro encontro. Quer dizer, mais ou menos.

– Jacobi. Boxer. Que bom encontrá-los juntos. Como estão? Bem, eu espero.

Tracchio não era mau sujeito. Até então havia sido bem bacana comigo. Ainda assim, nossa relação não era uma maravilha. Depois de certa hesitação, ele se aproximou da

cama de Jacobi.

– Tenho novidades – disse ele.

Prestamos a máxima atenção.

– Impressões digitais dos filhos de Andrew Cabot foram encontradas no Hotel Lorenzo.

– Os olhos dele brilhavam. – E Sam Cabot confessou.

– Caramba... – disse Jacobi. – Você está falando sério?

– Juro por Deus. O garoto contou a uma enfermeira que ele e a irmã estavam fazendo uma espécie de brincadeira com os outros dois, os meninos de rua. Chamavam de “bala ou banho”.

– E a enfermeira vai testemunhar? – perguntei.

– Vai. Ela própria me prometeu.

– “Bala ou banho”... – repetiu Jacobi. – Uma brincadeira. Filhos da mãe!

– É. Só que... a brincadeira acabou. No quarto da garota, encontramos cadernos e vários livros sobre crimes famosos. Ela tinha verdadeira obsessão por homicídios. Quanto a vocês dois, tratem de se recuperar, certo? Não precisam se preocupar com nada. Ah, isto aqui é do pessoal lá do Departamento – completou ele, entregando a caixa de bombons com um cartão repleto de assinaturas. – Estamos muito orgulhosos de vocês.

A conversa ainda se estendeu por alguns minutos em razão dos agradecimentos que Jacobi e eu queríamos mandar para nossos colegas. Assim que Tracchio se foi, segurei a mão do meu parceiro. Por muito pouco não morremos juntos, o que havia criado entre nós uma ligação ainda mais forte.

– No fim das contas, aqueles dois não valiam nada...

– É. Pode trazer o champanhe.

Não havia como discordar. O fato de os irmãos serem dois assassinos não mudava em nada o horror dos acontecimentos. Muito menos afastava a ideia que eu vinha alimentando fazia vários dias.

– Vou contar uma coisa, Jacobi. Tenho pensado em jogar a toalha, largar a corporação.

– Fala sério. Eu conheço você, Boxer.

– É sério.

– Você não vai largar nada – sentenciou ele.

Arrumei o cobertor sobre a cama e chamei a enfermeira para que ela me levasse de volta à enfermaria.

– Durma bem, parceiro.

– Já sei, já sei: “Não precisa se preocupar com nada.”

Debruçando-me sobre a cama, pela primeira vez na vida eu beijei o rosto dele, que estava completamente barbado. Jacobi não se conteve e sorriu.

O DIA PARECIA SAÍDO das páginas de um livro de colorir para crianças. O sol era de um amarelo forte, pássaros cantavam e havia um perfume de lavanda no ar. Até as árvores do hospital, podadas na última vez em que eu as tinha visto, três semanas antes, exibiam agora pequenas flores.

Um dia lindo, claro, mas que por algum motivo não apagava a estranha sensação de que a vida não tinha voltado à completa normalidade, de que algo errado ainda estava no ar. Seria paranoia ou outro cachorro sairia do mato?

O Subaru verde de Cat percorreu o caminho sinuoso na entrada do hospital e eu pude ver minhas sobrinhas pulando e acenando no banco traseiro. Só entrar no carro já me deixou animada. Logo comecei a cantar: “Que dia maravilhoso para sonhar...”

– Tia Lindsay, eu não sabia que você sabia cantar! – disse Brigid, de seis anos, no banco de trás.

– Claro que sei, querida! Na faculdade eu não largava meu violão, não é, Cat?

– A gente chamava sua tia de “10 Mais” – respondeu minha irmã. – Lindsay era um jukebox ambulante.

– O que é um juuut box? – perguntou Meredith, de dois anos e meio.

Rimos e depois expliquei:

– É uma espécie de CD player gigante que toca vários discos. – Em seguida eu disse também o que eram discos.

Baixei o vidro da janela e deixei que a brisa acariciasse meu cabelo enquanto seguíamos para leste ao longo da Rua 22, rumo a Potrero Hill e seus sobrados vitorianos de tons pastel com escadinhas à porta.

Cat quis saber meus planos e respondi com uma careta de dúvida. Eu disse que não havia muito a fazer enquanto a Corregedoria estivesse investigando o incidente com os irmãos Cabot e que eu ainda tinha um bom tempo de licença médica. Tentaria tirar proveito dele limpando os armários ou arrumando as fotos que atulhavam várias caixas de sapato.

– Tenho uma ideia melhor – disse Cat. – Por que você não fica lá em casa enquanto se recupera? Vamos para Aspen na semana que vem. A casa será toda sua. E a Penelope vai adorar sua companhia.

– Quem é Penelope?

As meninas riram atrás de mim.

– Quem é Penelope? – repeti.

– É a nossa amiga! – responderam em coro.

– Vou pensar no assunto – disse à minha irmã. A essa altura já estávamos na Mississippi Street e dali a pouco o Subaru estacionou diante do sobrado vitoriano azul que me era tão familiar.

Cat me ajudava a descer do carro quando Cindy veio correndo escada abaixo, com

Martha à sua frente. Minha cadela estava tão agitada que quase me derrubou no chão. Ela latia tanto que fiquei na dúvida se Cindy tinha conseguido me ouvir agradecer a gentileza de ter cuidado dela.

Despedi-me de todos e já subia para o banheiro sonhando com um banho quente e uma boa noite de sono na minha própria cama quando a campainha tocou.

– Já vou, já vou... – resmunguei.

Quem poderia ser? Achei que fossem flores.

Desci novamente e abri a porta. Um rapaz de calça cáqui e camiseta da Universidade de Santa Clara segurava um envelope. Sorria, mas nem por um segundo me deixei enganar por aquele rosto angelical.

– Lindsay Boxer?

– Não. Endereço errado – respondi alegremente. – Acho que ela se mudou para o Kansas.

O sorriso não abandonava o rosto do rapaz. Logo vi o cachorro saindo do mato.

capítulo 13

– PEGA! – BERREI PARA MARTHA, porém sua reação se resumiu a olhar para mim e sacudir o rabo. Border collies adestrados respondem a diversos comandos, mas “Pega!” não é um deles. Recebi o envelope das mãos do rapaz, que, assustado, foi se afastando com os braços para cima. Bati a porta com a muleta.

Levando comigo a correspondência, que certamente era uma notificação judicial, subi até o terraço, que tinha uma vista extraordinária da baía de São Francisco. Sentei meu traseiro dolorido com cuidado numa das cadeiras.

Martha deitou a cabeça na minha perna boa. Acariciando o pelo macio, fiquei admirando a hipnótica paisagem de ondas cintilantes.

Os minutos foram passando e, quando não consegui mais aguentar, abri o envelope e desdobrei o documento.

Levei algum tempo decifrando o “juridiquês” até perceber que se tratava de uma intimação. O Dr. Andrew Cabot havia entrado com uma ação indenizatória contra mim por “homicídio culposo, abuso de força e má conduta policial”. Eu era convocada para uma audiência preliminar no prazo de uma semana com o objetivo de alienar meu apartamento, minha conta bancária e todos os bens que por acaso eu tentasse esconder antes do julgamento.

Cabot estava me processando!

Senti uma onda de calor e frio ao me dar conta daquela terrível injustiça. Lembrei toda a sequência de acontecimentos. Sim, havia sido um erro confiar naqueles garotos, mas abuso de força? Má conduta policial? Homicídio culposo?

Aqueles moleques estavam armados!

Os dois tinham atirado em mim e em Jacobi enquanto tentávamos ajudá-los a sair do carro. Eu ordenara que baixassem as armas e só então atirei de volta! Jacobi era minha testemunha. Era um nítido caso de legítima defesa. Eu tinha certeza disso!

Mas, ainda assim, eu estava com medo. Pior, estava apavorada.

Já podia ver as manchetes, a comoção generalizada. Dois anjinhos assassinados por uma policial. A imprensa armaria o circo. Eu seria crucificada nos programas de TV.

Em alguns minutos eu precisaria ligar para Tracchio, providenciar um advogado, reunir minhas forças. Mas ainda não tinha ânimo para isso. Estava congelada na cadeira, paralisada por uma impressão cada vez mais forte de que estava me esquecendo de algo importante.

Algo que poderia me prejudicar seriamente.

ACORDEI NO MEIO DA NOITE com os lençóis de algodão egípcio encharcados de suor. Tomei dois comprimidos de Tylenol e o Valium prescrito pelo médico do hospital. Passei um tempo olhando os desenhos formados no teto pelas luzes que vinham da rua.

Virei lentamente o corpo para o lado que não doía e conferi as horas no relógio: meia-noite e quinze. Eu havia dormido apenas uma hora, mas algo me dizia que a noite seria longa.

– Martha! Sobe, garota!

Minha amiga pulou na cama, acomodou-se ao longo do meu corpo e em pouco tempo começou a mexer as patinhas, como se pastoreasse ovelhas em seu sonho. Minha cabeça ainda girava com aquela nova versão da frase de Tracchio que eu já conhecia tão bem: “Não se preocupe com nada.”

Que agora era:

– Você vai precisar de dois advogados, Boxer. Mickey Sherman irá representá-la em nome da Polícia de São Francisco, mas você também deve contratar seu próprio advogado caso... bem, caso você tenha feito algo além do seu dever profissional.

– E aí o problema vai ser meu?!

Eu esperava que os remédios afastassem qualquer vestígio de consciência do meu sono, mas, como isso não acontecia, me restava apenas repassar os acontecimentos do dia, as reuniões que tinha marcado com Sherman e com minha advogada, uma mulher chamada Yuki Castellano. Joe a recomendara com entusiasmo, o que era bom sinal: não era toda hora que um diretor da Segurança Interna elogiava alguém daquela maneira.

Concluí que, apesar das circunstâncias, as coisas iam bem. Ainda assim, a semana seguinte seria um verdadeiro inferno. Eu precisava de algo que aliviasse um pouco a tensão.

Pensei na casa de Cat. Não havia voltado lá depois da mudança dela, dois anos antes, logo após seu divórcio, mas as lembranças do lugar eram inesquecíveis. Apenas 40 minutos ao sul de São Francisco, Half Moon Bay era um pedacinho de paraíso: uma baía em forma de lua com praias de areia branca, bosques de sequoias e uma vista panorâmica do mar. E era um lugar quente o bastante em junho para que eu pudesse relaxar na varanda e afastar da cabeça todas as nuvens pretas.

Não podia esperar até o amanhecer. Eram quinze para uma quando liguei para minha irmã. Ela atendeu com a voz rouca de sono.

– Lindsay, claro que o convite está de pé. Pode vir quando quiser. Você sabe onde ficam as chaves.

Fixei o pensamento em Half Moon Bay, mas, sempre que pegava no sono, sonhava com aquele paraíso e acordava com o coração batendo a mil no peito. A verdade é que a proximidade de uma batalha judicial havia tomado conta da minha mente e eu não conseguia pensar em outra coisa.

NUVENS CARREGADAS PESAVAM sobre o Tribunal de Justiça e uma chuva incessante encharcava as ruas. Tinha dispensado a muleta naquela manhã e me apoiava em Mickey Sherman, procurador da cidade de São Francisco, enquanto subíamos a escadaria do prédio. Não era apenas fisicamente que eu me apoiava nele.

Passamos pelo Dr. Andrew Cabot e seu advogado, Mason Broyles, que conversavam com repórteres sob um céu de guarda-chuvas pretos. Por sorte, nenhuma câmera apontava na minha direção.

Dei uma rápida olhada em Broyles: um homem de pálpebras pesadas, cabelo liso e escuro, uma boca que me lembrava a de um lobo. Pude ouvi-lo dizer algo sobre “a brutalidade da tenente Boxer”. O desejo dele era me ver empalada. Quanto ao Dr. Cabot, a tristeza havia transformado seu rosto numa máscara de pedra.

Mickey empurrou a pesada porta de aço e vidro que dava acesso ao saguão do prédio. Era um profissional experiente, respeitado não apenas pela obstinação e perspicácia, mas também pelo charme considerável. Detestava perder, e quase nunca perdia.

– Preste atenção, Lindsay – disse ele, fechando o guarda-chuva. – Broyles está fazendo todo esse espetáculo lá fora porque sabe que nossa defesa está muito bem fundamentada. Não se deixe impressionar. Você está cercada de amigos, ouviu bem?

Fiz que sim com a cabeça, mesmo sabendo que eu era responsável por ter colocado Sam Cabot para sempre numa cadeira de rodas e a irmã a sete palmos debaixo da terra. O pai deles não precisava do meu apartamento, muito menos da minha ridícula conta bancária. Ele queria me destruir. E contratara o homem certo para isso.

Mickey e eu subimos a escadaria dos fundos e entramos discretamente na sala C do segundo andar. Tudo aconteceria em breve no interior daquele recinto de paredes cinzentas e janelas com vista para um beco.

Eu havia espetado um broche da Polícia de São Francisco na lapela do meu blazer azul-marinho. Minha ideia era ter a aparência mais institucional possível na ausência de um uniforme. Sentando-me ao lado de Mickey, lembrei-me das instruções que ele havia passado: “Quando for interrogada por Broyles, não se estenda nas explicações. Diga apenas ‘sim’ ou ‘não’. Só isso. Ele vai tentar provocá-la para mostrar que você tem o pavio curto e por isso atirou nos garotos.”

Eu nunca me imaginara uma pessoa rancorosa, mas era exatamente o que eu estava sentindo naquele momento: rancor. Eu havia agido em legítima defesa! A Promotoria Pública tinha confirmado isso! Mas eu estava de novo na berlinda. O público ia aos poucos ocupando os bancos da sala e eu podia ouvir o burburinho às minhas costas.

Aquela é a policial que matou os garotos. É ela.

Senti uma mão tranquilizadora pousar no meu ombro. Virei-me e meus olhos se encheram de lágrimas ao ver Joe. Toquei a mão dele ao mesmo tempo que avistava minha outra advogada, Yuki Castellano, uma jovem de traços orientais. Nós nos cumprimentamos

e ela se sentou ao lado de Mickey.

O falatório foi interrompido quando um oficial de justiça disse em voz alta:

– Todos de pé.

A juíza Rosa Algierrri assumiu seu lugar na tribuna. Tinha nas mãos o poder de deferir a meu favor, e, nesse caso, eu sairia dali livre e com a alma leve, pronta para retomar minha vida. Mas era possível que ela levasse o caso a instâncias superiores, a um julgamento que custaria tudo aquilo a que eu dava valor.

– Você está bem, Lindsay? – perguntou Mickey.

– Nunca estive melhor – respondi.

Ao perceber meu sarcasmo, ele tocou minha mão. Meu coração logo começaria a martelar. Mason Broyles se levantava para começar a acusação.

O ADVOGADO DE CABOT dobrou os punhos da camisa e permaneceu calado por tanto tempo que a tensão na sala cresceu até se assemelhar à corda esticada de um violino. Uma pessoa na galeria tossiu em sinal de apreensão.

– A acusação convoca ao banco das testemunhas a Dra. Claire Washburn, médica-legista – disse Broyles, e minha amiga se apresentou para prestar seu depoimento.

Minha vontade era acenar para ela, sorrir, piscar ou algo parecido, mas é óbvio que a única coisa que eu podia fazer era olhar. Broyles começou com algumas perguntas sem importância, mas logo o tiroteio se intensificou.

– Na noite do dia 10 de maio a senhora realizou a autópsia no corpo de Sara Cabot, correto?

– Correto.

– O que pode nos dizer a respeito dos ferimentos dela?

Os olhos do público se grudaram em Claire enquanto ela folheava suas anotações num bloco de couro. Ela respondeu:

– Encontrei dois ferimentos a bala bem próximos no tórax. O ferimento A situava-se no quadrante superior esquerdo, 15 centímetros abaixo do ombro e seis centímetros e meio à esquerda da linha mediana anterior.

O testemunho de Claire era fundamental. No entanto, meus pensamentos me levavam para fora do tribunal. Eu me vi naquele trecho escuro da Larkin Street, quando Sara Cabot sacou a arma da jaqueta e atirou em mim. Eu caí e rolei até ficar de bruços sobre a calçada.

“Largue a arma!”

“Vai se ferrar, sua baranga!”

Disparei duas vezes e Sara caiu a poucos metros de onde eu estava. Eu tinha matado a garota e, embora fosse inocente das acusações que pesavam contra mim, não conseguia me livrar da incômoda sensação de culpa. Culpa, culpa, culpa!

Voltei a atenção para Claire, que descrevia o segundo ferimento: a bala havia atravessado o esterno.

– É o que chamamos de K-cinco – explicava ela. – A bala atravessou o pericárdio, perfurou o coração e se alojou na vértebra torácica número quatro. Foi dessa vértebra que retiramos um projétil cor de cobre, do tipo semiencaamisado, de tamanho mediano e parcialmente deformado.

– Isso seria condizente com uma bala de nove milímetros?

– Sim, seria.

– Muito obrigado, Dra. Washburn. Sem mais perguntas, meritíssima.

Apoiando as mãos espalmadas sobre a banca da defesa, Mickey ficou de pé.

– Dra. Washburn – começou o advogado –, a morte de Sara Cabot foi instantânea?

– Eu diria que sim. Uma morte bem rápida. As duas balas perfuraram o coração.

– Sim, sim. Mais uma pergunta, doutora. É possível que pouco antes de morrer Sara Cabot tenha disparado uma arma?

– Sim. Na base de seu indicador havia uma mancha escura condizente com um disparo.

– E como a senhora pode afirmar que se trata de resíduo de pólvora?

– Do mesmo modo que sabemos que nossa mãe é nossa mãe – respondeu Claire, os olhos piscando. – Porque nossa mãe tem o aspecto que já conhecemos. – Ela esperou que as risadas diminuíssem e continuou: – Além disso, fotografei a mancha, colhi os resíduos e enviei todo o material para análise em laboratório, e o resultado foi positivo.

– É possível que Sara Cabot tenha atirado na tenente Boxer depois de ela própria ser atingida?

– Não vejo como uma garota morta poderia atirar em alguém, Sr. Sherman.

Mickey confirmou com a cabeça.

– A senhora também investigou a trajetória desses disparos, Dra. Washburn?

– Sim. Foram realizados de baixo para cima, em ângulos de 47 e 49 graus.

– Portanto, para não darmos margem a nenhuma dúvida, Sara Cabot foi a primeira a atirar contra a tenente Boxer. E a tenente atirou de volta de onde estava, deitada na calçada.

– Na minha opinião, sim. Foi o que aconteceu.

– A senhora veria nisto algum indício de “abuso de força”, “homicídio culposo” ou “má conduta policial”?

A juíza aceitou a objeção indignada de Broyles. Mickey agradeceu a Claire e a dispensou. Ele estava sorrindo quando veio na minha direção. Fiquei tranquila a ponto de retribuir o sorriso. Mas a audiência estava apenas começando.

O medo voltou assim que percebi o olhar de Mason Broyles: a expressão nítida de quem não podia ver a hora de chamar a próxima testemunha.

capítulo 17

– POR GENTILEZA, DIGA SEU NOME – Broyles falou para uma mulher miúda e morena, de 30 e poucos anos.

– Betty D’Angelo.

Por trás dos óculos de aro de tartaruga, os olhos dela rapidamente buscaram os meus e então voltaram para Broyles. Virei-me para Mickey Sherman e fiz uma cara de espanto. Até onde lembrava, nunca havia visto aquela mulher.

– E em que a senhorita trabalha?

– Trabalho como enfermeira no Hospital Geral de São Francisco.

– Estava de plantão na noite de 10 de maio?

– Estava.

– Em algum momento colheu sangue da acusada, Lindsay Boxer?

– Sim.

– E com que objetivo?

– Ela estava sendo preparada para uma cirurgia de extração das balas. Era uma situação de emergência. Ela estava perdendo muito sangue.

– Sim, eu sei, eu sei – Broyles concordou, rebatendo o comentário como se tivesse um mata-moscas na mão. – Fale sobre o exame de sangue.

– É um procedimento de rotina nesses casos. Tínhamos de saber o tipo sanguíneo para a transfusão.

– Srta. D’Angelo, isto aqui é o prontuário da tenente Boxer do dia 10 de maio. Um relatório bastante extenso. – Broyles levou até o banco das testemunhas uma pilha de papéis e, pressionando-a com o indicador, perguntou: – Esta aqui é a sua assinatura?

– É.

– Bem, eu gostaria que a senhorita lesse esta linha destacada em amarelo.

A testemunha jogou a cabeça para trás como se tivesse sentido algum mau cheiro. Os profissionais da emergência muitas vezes se sentiam parte da polícia e procuravam nos proteger. Eu não estava entendendo, mas percebia com clareza que a mulher tentava fugir das perguntas de Broyles.

– Pode me dizer o que está escrito aqui?

– Isto? O senhor quer saber o que significa alcoolemia?

– Significa a presença de álcool etílico no sangue, correto?

– Sim, é isso mesmo.

– E o que significa “0,67g/l”?

– Bem... Isso significa que o nível de álcool era de 0,67 grama por litro de sangue.

Broyles sorriu e, quase sussurrando, disse:

– Nesse caso, trata-se do nível de álcool no sangue da tenente Boxer, correto?

– Sim, claro.

– Srta. D’Angelo... Um nível de 0,67g/l indica embriaguez, não?

– Tecnicamente, sim, mas...

– Sim ou não, Srta. D'Angelo?

– Sim.

– Sem mais perguntas, meritíssima – concluiu Broyles.

Minha sensação era que eu havia recebido uma marretada na cabeça. Droga... aquelas margaritas no Susie's!

Sentindo o sangue se esvaír do meu rosto, por pouco não desmaiei.

Mickey se virou para mim, perguntando-me com os olhos: Por que você não me contou?

Fiquei ali, olhando para meu advogado, atordoada e consumida pelo remorso.

Mais difícil ainda foi ver o desânimo no seu rosto quando, armado apenas de sua experiência profissional, ele ficou de pé e se aproximou da testemunha.

HAVIA 12 FILEIRAS DE BANCOS na sala C do Tribunal de Justiça de São Francisco e nenhuma bancada de jurados. Seria difícil encontrar naquele prédio ambiente mais reservado. Não ouvi um único suspiro enquanto Mickey se dirigia ao banco das testemunhas.

Ele cumprimentou a Srta. D'Angelo, que parecia aliviada por se ver livre do fogo cerrado de Mason Broyles.

– Tenho apenas uma pergunta – disse Mickey. – É prática comum usar lenços embebidos em álcool etílico para limpar ferimentos, não é? Não seria possível que este álcool tenha sido confundido com o álcool no sangue?

Betty D'Angelo deu a impressão de que iria chorar.

– Bem, para limpar os ferimentos nós usamos iodo, e não álcool.

Mickey desconsiderou a resposta e pediu à juíza um pequeno recesso, no que foi atendido. Os repórteres correram em direção às portas e, ainda em relativa privacidade, pedi um milhão de desculpas ao meu advogado.

– Estou me sentindo um idiota – disse ele, mas sem rispidez. – Li o prontuário e não notei o item alcoolemia.

– Eu me esqueci completamente – falei. – Devo ter apagado da memória.

Contei a Mickey que meu turno havia se encerrado quando recebi a ligação de Jacobi no bar. Disse também o que tinha bebido, acrescentando que, mesmo que não estivesse totalmente sóbria ao entrar naquele carro, a adrenalina da perseguição havia cortado a onda do álcool.

– Você costuma beber à noite? – perguntou Mickey.

– Sim. Duas ou três vezes por semana.

– Bem, então foi isso. Mas, de qualquer maneira, 0,67g/l está bem próximo do limite aceitável. Além disso, você sofreu um trauma significativo: foi baleada, estava com dores, poderia ter morrido. Você matou uma pessoa, e era só nisso que você conseguia pensar. Boa parte das pessoas baleadas acaba apagando o episódio da memória. Você até que se saiu bem, considerando tudo o que passou.

– E agora? – perguntei, após um longo suspiro.

– Bem, pelo menos sabemos qual será a argumentação deles. Talvez chamem Sam Cabot para depor e, se me derem uma chance com aquele moleque, tenho certeza de que daremos a volta por cima.

A sala se encheu novamente e Mickey voltou ao trabalho. Um perito em balística confirmou que as balas retiradas do meu corpo condiziam com as da arma disparada por Sara Cabot e o depoimento de Jacobi, ainda hospitalizado, foi exibido numa televisão. Ele havia presenciado todo o episódio.

Apesar das dores que sentia, Jacobi relatou com detalhes o que acontecera naquela noite de 10 de maio. Começou pelo acidente de carro.

– Eu estava chamando uma ambulância quando ouvi os tiros, me virei e vi que Boxer havia sido baleada. Sara Cabot disparou duas vezes contra ela, e a tenente não estava com a arma na mão. Depois o garoto atirou em mim. – Jacobi passou a mão devagar sobre as ataduras no peito. – É tudo o que eu lembro de ter visto antes de desmaiar.

O testemunho de Jacobi era ótimo, mas dificilmente anularia minhas margaritas.

Apenas uma pessoa poderia me ajudar. Eu estava usando as roupas dela, sentada em sua cadeira. Estava meio zozna e meus ferimentos latejavam. Honestamente, eu não sabia se conseguiria salvar minha própria pele ou se acabaria piorando ainda mais as coisas.

Mickey pousou os olhos escuros e calorosos em mim.

Calma, Lindsay.

Fiquei de pé e cambaleei ao ouvir meu nome ecoar pela sala.

Mickey Sherman me convocava para depor.

EU HAVIA TESTEMUNHADO diversas vezes como policial, mas aquela era a primeira que teria de fazê-lo em minha própria defesa. Vários anos dedicados à proteção alheia e agora eu tinha uma arma apontada para minha cabeça. Eu estava enfurecida, mas não podia deixar isso transparecer.

De pé, fiz o juramento de praxe sobre uma Bíblia surrada e coloquei minha vida nas mãos do meu advogado.

Mickey foi direto ao ponto:

– Lindsay, você estava embriagada na noite de 10 de maio?

– Sr. Sherman, por favor não se dirija à sua cliente pelo primeiro nome – interveio a juíza.

– Muito bem. Tenente, você estava embriagada naquela noite?

– Não.

– Voltando um pouco no tempo: estava de serviço naquela noite?

– Não. Meu turno havia terminado às cinco da tarde.

Com riqueza de detalhes, Mickey foi repassando os acontecimentos daquela noite. Respondi a todas as perguntas. Depois de relatar o que havia bebido no Susie's, contei sobre a ligação de Jacobi, acrescentando que tinha sido sincera ao dizer que me sentia em condições de acompanhá-lo.

Quando Mickey perguntou por que eu havia atendido a chamada depois do fim do meu turno, respondi:

– Sou policial 24 horas por dia. Não nego ajuda a um parceiro num momento de necessidade.

– Vocês localizaram o carro em questão? – prosseguiu Mickey.

– Sim, localizamos.

– E o que aconteceu depois?

– O carro disparou e fomos atrás dele. Oito minutos depois, ele perdeu o controle e bateu.

– Depois do acidente, ao ver que Sara e Sam Cabot precisavam de atendimento médico, você ficou com medo deles?

– Não. Eram duas crianças. Deduzi que tinham roubado o carro ou feito alguma bobagem parecida. Isso acontece toda hora.

– Então o que você fez?

– O inspetor Jacobi e eu guardamos nossas armas e tentamos ajudá-los.

– Em que momento você sacou a arma novamente?

– Depois que eu e o inspetor fomos baleados e de mandar que os suspeitos baixassem as armas.

– Muito obrigado, Lindsay. Sem mais perguntas.

Ao recapitular meu depoimento, dei a mim mesma uma boa nota. Em seguida, correndo

os olhos pela sala, avistei Joe, que sorriu para mim.

– A testemunha é sua – disse Mickey a Mason Broyles.

UM MURO DE SILÊNCIO SE ergueu entre mim e Broyles, que me encarava de tal maneira que minha vontade era gritar. Esse era um velho truque dos interrogatórios, uma estratégia que ele dominava com perfeição. Um burburinho tomou conta da sala, até que a juíza bateu o martelo e Broyles entrou em ação.

Olhei fixamente nos olhos dele ao vê-lo se aproximar.

– Tenente Boxer, quais são os procedimentos adequados numa abordagem policial?

– Aproximar-se dos suspeitos com a arma em punho, fazê-los descer do carro, desarmá-los, algemá-los e controlar a situação com segurança.

– E foi isso que a senhora fez, tenente?

– De fato nos aproximamos com as armas nas mãos, mas os ocupantes não conseguiram sair do carro. Então guardamos as armas para ajudá-los.

– Portanto, a senhora violou os procedimentos da polícia, não violou?

– Nossa obrigação era prestar ajuda.

– Sim, eu sei. Vocês estavam tentando ser gentis com os “garotos”. Mas a senhora admite que desrespeitou os procedimentos da polícia, correto?

– Veja, eu cometi um erro – disparei. – Mas aqueles garotos estavam sangrando e vomitando. Além disso, o carro poderia pegar fogo a qualquer...

– Meritíssima?

– Por favor, tenente Boxer, atenha-se à pergunta.

Recostei-me na cadeira. Eu tinha visto Broyles atuar diversas vezes num tribunal, portanto conhecia a habilidade dele para achar o ponto fraco de seus oponentes.

Ele tinha acabado de encontrar o meu.

Eu ainda me culpava por não ter algemado aqueles garotos, e Jacobi, com mais de 20 anos de serviço, também havia metido os pés pelas mãos. Mas, meu Deus, a gente faz o que é possível!

– Vou reformular a pergunta – Broyles disse casualmente. – A senhora sempre obedece aos procedimentos policiais?

– Sim.

– Então o que eles dizem quanto a ir trabalhar drogada?

– Protesto! – exclamou Mickey, levantando-se de um pulo. – Há evidências de que a testemunha tinha bebido, mas nenhuma de que ela estava drogada.

Broyles abriu um sorriso e me deu as costas.

– Sem mais perguntas, meritíssima.

Eu podia sentir o suor em minhas axilas. Desci do banco das testemunhas esquecendo-me da dor na perna, até que uma pontada a trouxe de volta à lembrança. Voltei mancando ao meu lugar, sentindo-me ainda pior do que antes.

Virei-me para Mickey, que lançou um sorriso de encorajamento na minha direção. Um sorriso falso, eu sabia.

Sua testa estava crispada de preocupação.

EU ESTAVA IMPRESSIONADA com a facilidade de Mason Broyles para distorcer os acontecimentos de 10 de maio e colocar a culpa em mim. Ele era bom no que fazia. Reuni todas as forças que ainda me restavam para fazer cara de paisagem enquanto ele tecia as considerações finais:

– Meritíssima, Sara Cabot está morta porque Lindsay Boxer a matou. E Sam Cabot, de apenas 13 anos, irá passar o resto da vida numa cadeira de rodas. A acusada admite ter violado os procedimentos policiais. Ainda que meus clientes também tenham se portado mal, não podemos esperar maior discernimento por parte de dois adolescentes. Policiais, no entanto, são treinados para lidar com qualquer tipo de crise. Mas a acusada, por estar embriagada, não soube lidar com a crise que tinha nas mãos. Em suma, meritíssima, caso a tenente Boxer tivesse desempenhado adequadamente seu trabalho, a tragédia não teria ocorrido e não estaríamos reunidos aqui hoje.

Ainda que as palavras de Broyles me deixassem furiosa, eu tinha de admitir que ele havia sido convincente. Era possível que, caso estivesse ali como espectadora e não como acusada, eu também tivesse visto os fatos pelo prisma dele. Mickey tomou a palavra para as considerações finais e, a essa altura, o sangue latejava nos meus ouvidos de tal modo que parecia que uma banda de rock tocava dentro da minha cabeça.

– Meritíssima, a tenente Lindsay Boxer não colocou duas armas carregadas nas mãos de Sara e Samuel Cabot – disse Mickey, a voz repleta de indignação. – Eles o fizeram por conta própria. E, sem nenhum motivo, atiraram em dois policiais desarmados. Minha cliente reagiu em legítima defesa. Se a tenente Boxer é culpada de algo, é por ter tido consideração com dois cidadãos que não tiveram consideração alguma com ela. Se a justiça prevalecer, meritíssima, esta queixa será arquivada e esta policial exemplar poderá voltar às suas atividades normais sem nenhuma mácula em seu ilibado histórico profissional.

Mickey terminou a exposição mais cedo que o esperado. Um silêncio desconfortável tomou conta da sala e novamente fiquei preocupada. Enquanto ele se sentava a meu lado, ruídos muito discretos podiam ser ouvidos: papéis farfalhando, as teclas de um laptop, o zíper de uma bolsa.

Segurei a mão de Mickey sob a mesa, rogando a Deus que o maldito processo fosse engavetado de uma vez por todas.

A juíza Algierni fez uma careta ao ajeitar os óculos, mas não consegui interpretar aquela expressão. Ao proferir a sentença, ela falou de modo conciso e monocórdio:

– Acredito que a acusada tenha feito tudo a seu alcance para evitar uma situação aparentemente inevitável. Mas o álcool encontrado em seu sangue me preocupa. Uma vida foi perdida. Sara Cabot está morta. Há provas suficientes para que o caso seja levado à apreciação de um júri.

SENTI O CORPO ESTREMECER quando o julgamento foi marcado para dali a algumas semanas. Todos se levantaram para que a juíza saísse da sala e em seguida fui cercada por uma multidão. Vi alguns policiais a distância, e eles evitavam me encarar. Dezenas de microfones avançaram na minha direção. Eu ainda segurava a mão de Mickey, mal acreditando no rumo que as coisas haviam tomado.

Nós devíamos ter vencido este caso!

Mickey ajudou-me a ficar de pé e foi abrindo caminho na multidão para que eu seguisse atrás dele. As mãos de Joe estavam nas minhas costas e nós três, além de Yuki Castellano, saímos para o corredor. No saguão junto à escadaria, paramos um instante.

– Quando chegar à rua, mantenha a cabeça erguida – aconselhou Mickey. – Quando começarem a berrar “Por que você matou aquela menina?”, continue lentamente na direção do carro. Não sorria, não faça nenhuma careta, não fale com os repórteres. Você não fez nada de errado. Vá para casa e não atenda o telefone. Mais tarde dou uma passada lá.

A chuva havia parado quando enfim deixamos o tribunal naquele cinzento fim de tarde. Eu deveria ter previsto as centenas de pessoas que se aglomeravam na rua para ver a policial que tinha assassinado uma adolescente.

Mickey e Yuki se afastaram para falar com os repórteres, e eu tentava imaginar o que Mickey iria dizer em defesa da polícia e da cidade de São Francisco.

Joe e eu continuamos através da multidão barulhenta até o beco onde o carro nos aguardava. Algumas pessoas berravam “Assassina, assassina”. Outras faziam perguntas que me atingiam como pedras: “O que você estava pensando, tenente?”, “Como se sente depois de ter atirado em dois menores?”.

Reconheci o rosto de alguns repórteres de TV: Carlos Vega, Sandra Dunne, Kate Morley... Todos já haviam me entrevistado diversas vezes como testemunha de acusação. Fiz o possível para ignorá-los, bem como as câmeras apontadas para mim e os cartazes nos quais se lia: “Culpada de Brutalidade Policial”.

Com os olhos grudados no chão, segui adiante até entrar com Joe no carro. O motorista arrancou, seguiu pela Polk Street e mais à frente dobrou na direção de Potrero Hill.

– Ele me fritou naquele tribunal – comentei com Joe.

– A juíza percebeu o tipo de pessoa que você é. Pena que tenha se sentido obrigada a fazer o que fez.

– Tenho uma equipe inteira de policiais sob meu comando. Pessoas que até hoje me viam como exemplo, Joe. Como vou manter o respeito depois de tudo isso?

– Lindsay, todas as pessoas de bom senso desta cidade estão torcendo por você. Caramba, você é uma excelente policial!

As palavras de Joe tiveram um efeito mais poderoso em mim do que as farpas de Broyles. Ao encostar a cabeça no ombro dele, deixei escorrer as lágrimas que até então havia segurado.

- Já estou melhor – disse eu depois de um tempo, assoando o nariz num lenço de papel.
- É minha alergia. Sempre choro quando tem muito pólen no ar.

Joe riu e me apertou num abraço forte. Cruzamos a Rua 20 e dali a pouco avistamos a fileira de sobrados vitorianos.

- Pensei em pedir demissão amanhã mesmo, mas isso daria a impressão de que sou culpada.

- Aqueles garotos eram dois assassinos, Lindsay. Nenhum júri vai deliberar em favor deles. É impossível.

- Será?

Joe mais uma vez me abraçou, porém não respondeu. Acreditava em mim totalmente, disse eu sabia, no entanto jamais daria certeza de algo que não pudesse assegurar.

- Você vai embora ainda hoje? – perguntei.

- Eu não queria. Mas, sim, preciso ir.

Em função do seu trabalho, Joe raramente conseguia uma folga para me visitar.

- Um dia ainda vou ser dono do meu nariz – disse ele com carinho. – E ter tempo para mim mesmo.

- Eu também.

Perguntando-me se esse dia chegaria ou se tudo não passava de um sonho, repousei novamente a cabeça no ombro de Joe. Ficamos de mãos dadas, aproveitando os últimos momentos antes da separação que poderia durar semanas, até que, à porta de casa, nos beijamos e nos despedimos.

Percebi quanto estava cansada na tranquilidade do meu quarto. Os músculos doíam, do meu esforço para não desabar no meio do tribunal, e o alívio não parecia estar muito próximo. Em vez de colocar um ponto final nos ataques à minha reputação e à minha autoconfiança, aquela audiência preliminar não passara de um ensaio geral para o julgamento que estava por vir.

Eu me sentia como uma nadadora exausta ainda longe da praia. Com Martha a meu lado, deitei na cama grande e macia, puxei os cobertores até a cabeça e deixei o sono me envolver como uma neblina espessa.

UMA COLUNA DE RAIOS DE SOL atravessava as nuvens quando guardei a última das malas na traseira do carro, assumi o volante e ganhei a rua com meu Explorer. Eu mal podia esperar para sair da cidade, assim como Martha, que logo esticou a cabeça para fora da janela, abanando o rabo sem parar.

O trânsito estava lento como de costume em dias de semana, então escolhi a direção sul e aproveitei o tempo para repassar a última conversa que havia tido com Tracchio, meu chefe.

– No seu lugar, Boxer, eu sumiria daqui. Você foi temporariamente suspensa. Finja que está de férias e tente descansar.

Entendi muito bem o que ele quis dizer. Enquanto meu julgamento não acontecesse, eu era uma vergonha para a corporação.

Sumir daqui?

Sim, senhor. Claro. Nenhum problema.

Minha cabeça fervilhava com as lembranças da audiência e com o medo do julgamento que me aguardava.

A certa altura, no entanto, pensei na minha irmã Cat e no tapete de boas-vindas que ela havia estendido para mim na porta da frente. Eu tinha muita sorte de poder contar com ela naquele momento.

Em 20 minutos eu já estava na Autoestrada 1, serpenteando ao longo da costa. As ondas do Pacífico castigavam as encostas rochosas à minha direita e montanhas verdejantes elevavam-se à esquerda.

– E aí, Boo? – falei para minha cadela, usando seu apelido. – É isto que nós, humanos, chamamos de férias. Você consegue falar “férias”? Fééééérias.

Martha virou a cabeça na minha direção, encarou-me por alguns segundos com seus olhos escuros e amorosos e depois virou o focinho para fora, retomando a alegre inspeção que vinha fazendo da nossa rota à beira-mar. Ela havia incorporado o espírito da coisa e achei melhor fazer o mesmo.

Eu estava levando algumas coisas para me ajudar: meia dúzia de livros que desejava ler, DVDs de comédia e meu antigo violão, que eu dedilhava esporadicamente nos últimos 20 anos.

Meu humor foi melhorando à medida que o sol subia no horizonte, brilhando no asfalto. Um dia lindo feito para mim. Liguei o rádio e fui mudando as estações até encontrar um programa com velhos sucessos do rock.

O locutor parecia ler minha mente enquanto tocava as grandes músicas das décadas de 1970 e 1980, levando-me de volta à infância, aos tempos de faculdade, aos bares e cafés onde eu havia me apresentado com minha banda formada apenas por garotas.

Era junho novamente, época de férias. Mas dessa vez era bem possível que elas durassem para sempre.

Aumentei o volume.

Eu me sentia uma cantora de verdade. Berrava canções como "Hotel California" e "You Make Loving Fun" e, quando Bruce Springsteen começou "Born to Run", passei a acompanhá-lo com tapas no volante, a música contagiando meu corpo inteiro, da cabeça aos pés.

Encorajei Martha, querendo que minha cadela uivasse em "Running on Empty", de Jackson Browne.

Foi quando percebi.

Eu estava sem gasolina. Uma luz vermelha piscava sem parar no painel, indicando que não havia combustível no tanque.

ENCONTREI UM POSTO DE gasolina nos limites de Half Moon Bay. Era um estabelecimento pequeno, um lugar simples com cobertura de zinco sobre as bombas e uma placa escrita à mão na porta do escritório: Posto Homem na Lua.

Um sujeito de cabelos claros, com seus 20 e tantos anos, limpou as mãos num pano e veio na minha direção quando desci do carro para aliviar a câimbra nas pernas.

Conversamos rapidamente sobre tipos de gasolina e depois me encaminhei à máquina de refrigerantes ao lado do escritório. Dando uma olhada no lugar, avistei uma pilha de pneus velhos e alguns automóveis desmontados.

Eu havia acabado de levar uma latinha de Coca Zero à boca quando percebi um carro dentro da oficina escura. Meu coração disparou.

Era um Pontiac Bonneville 1981 bronze, idêntico ao que meu tio Dougie tinha nos meus tempos de escola. Andei até o veículo, conferi seu interior e examinei o motor que se revelava sob o capô aberto. A bateria estava enferrujada e a fiação das velas parecia roída por ratos, mas, aos meus olhos, o restante parecia em ótimo estado.

Foi então que tive uma ideia.

Depois de entregar meu cartão de crédito ao frentista, apontei para a oficina e perguntei:

– Aquele Bonneville está à venda?

– É uma beleza, não é? – respondeu ele, sorrindo sob o boné. Apoiando uma prancheta sobre a perna, passou o cartão na máquina e depois me entregou o canhoto para que eu assinasse.

– Meu tio comprou um desses no ano em que foi lançado.

– Verdade? É um clássico!

– Está funcionando?

– Ainda não, mas vai funcionar. Estou trabalhando nele. A caixa de marchas está boa. Mas vou ter de trocar o motor de arranque e o alternador, além de uma coisinha ou outra.

– Bem, eu gostaria de consertá-lo por conta própria. Tipo um hobby, entende?

O frentista sorriu outra vez, aparentemente gostando da ideia. Pediu que eu fizesse uma oferta e eu lhe mostrei quatro dedos.

– Ih, não passou nem perto! Se esse carro vale alguma coisa, é no mínimo mil.

– Quinhentas pratas é o máximo que dou numa lata-velha, ainda mais sem saber o estado em que ela se encontra.

O rapaz refletiu por um bom tempo e só então percebi quanto eu queria aquele carro. Estava prestes a aumentar minha oferta quando ele disse:

– Tudo bem, mas sem choro depois. Não dou garantia de nada, viu?

– Ainda tem o manual?

– Está no porta-luvas. De brinde, posso dar uma chave de roda e algumas chaves de fenda.

– Fechado!

Selamos o negócio com apertos de mãos de tudo quanto foi tipo.

– Aliás, meu nome é Keith Howard.

– Lindsay Boxer.

– Então, Lindsay, onde você quer que eu entregue o calhambeque?

Foi minha vez de sorrir. Keith parecia não ver a hora de se livrar do Bonneville. Dei-lhe o endereço da minha irmã e expliquei o caminho:

– Continue subindo pela rodovia, entre na Miramontes, depois vire na Sea View. É uma casa azul à direita. A penúltima da rua.

– Entrego depois de amanhã, se não tiver problema.

– Ótimo – respondi, já caminhando em direção ao Explorer.

Keith inclinou a cabeça, abriu um sorriso sedutor e disse:

– Acho que conheço você de algum lugar...

– Não conhece, não – respondi, rindo. – Mas valeu a tentativa.

O frentista estava dando em cima de mim! Eu tinha idade para ser... a irmã mais velha dele.

Rindo também, Keith disse:

– Bem, de qualquer modo, ligue se precisar de alguma coisa. Um macaco, sei lá!...

– Ligo sim, pode deixar – respondi, mesmo sabendo que não ligaria nunca.

Apesar disso, eu ainda estava sorrindo quando arranquei com o carro e me despedi com uma leve buzina.

capítulo 25

A SEA VIEW AVENUE FAZIA a ligação entre diversas ruas sem saída e era separada do mar por uma íngreme faixa de areia de 400 metros. Abri a porta do carro e, enquanto Martha pulava pela janela, fui tomada pelo cheiro forte da vegetação e pela brisa fresca da baía.

Fiquei parada por alguns instantes, admirando a simpática moradia de Cat – com suas varandas, janelas e os girassóis junto à cerca do jardim –, antes de tirar as chaves de um vão ao lado da porta e entrar na vida da minha irmã.

A casa era uma aconchegante mistura de móveis abarrotados de peças de decoração, prateleiras repletas de livros e uma vista magnífica para a baía em todos os cômodos. Depois de ter guardado minhas coisas e de já ter relaxado, pensei mais uma vez na possibilidade de me aposentar.

Eu poderia viver num lugar como aquele.

Acordar todos os dias pensando na vida ao invés de na morte.

Não seria difícil, seria?

Uma porta de correr dava acesso ao quintal, onde havia uma casinha que parecia de brinquedo, pintada no mesmo tom de azul da casa e delimitada por uma cerca de estacas brancas. Fui caminhando na direção dela logo atrás de Martha, que corria olhando para o chão.

Eu suspeitava de que logo ia conhecer Penelope.

PENELOPE ERA UMA ENORME porca vietnamita, preta e peluda. Grunhindo e farejando o ar, ela veio andando desajeitadamente na minha direção e eu me debrucei sobre a cerca para acariciá-la.

– Olá, minha linda.

Olá, Lindsay.

Um bilhete estava colado à parede da casa de Penelope. Atravessei o cercado para ler melhor o que estava escrito. Eram as “Regras do Chiqueiro”, “ditadas” por ninguém menos que a própria Penelope.

Querida Lindsay,

Este bilhete é todo sobre mim.

1) Por favor, me sirva uma panelinha de ração duas vezes por dia, e outra de água fresca.

2) Também adoro tomatinhos cereja, torradas com pasta de amendoim e pêssegos.

3) Por favor, venha conversar comigo todos os dias. Gosto de brincadeiras e da musiquinha do Bob Esponja.

4) Em caso de emergência, meu veterinário é o Dr. Monghil, lá da cidade, e minhas duas babás são Carolee e Allison Brown. Allison é uma das minhas melhores amigas. O telefone de todos eles está na mesa da cozinha.

5) Não me deixe entrar em casa, está bem? Já levei muita bronca por causa disso.

6) Se coçar meu queixo, você pode fazer três pedidos. Qualquer coisa que quiser.

O bilhete estava assinado com a “impressão digital” de uma patinha suína, seguida de muitos beijos e abraços. As “Regras do Chiqueiro”. Só mesmo minha irmã!

Depois de cuidar de Penelope, vesti um jeans limpo, um moletom cor de lavanda e, com o violão debaixo do braço, fui para a varanda da frente com Martha. Dedilhava alguns acordes quando o perfume doce das flores, misturado à maresia, me levou de volta à primeira vez que estive em Half Moon Bay.

Tinha sido nessa mesma época do ano. A maresia também era a mesma, e eu trabalhava no meu primeiro caso de homicídio. A vítima era um rapaz encontrado morto nos fundos de um hotel chinfrim no Tenderloin District.

Ele usava uma camiseta e meia em apenas um dos pés. O cabelo ruivo estava penteado, os olhos azuis, arregalados e a garganta havia sido cortada num talho que ia de um lado ao outro, por pouco não o decapitando. Ao virar o corpo, vimos que as nádegas tinham sido violentamente esfoladas com uma espécie de chicote.

Demos a ele o nome de Anônimo 24, e à época eu realmente acreditava que encontraria o assassino. A camiseta da vítima tinha sido comprada no Distillery, um restaurante para turistas em Moss Beach, poucos quilômetros ao norte de Half Moon Bay.

Era nossa única pista, mas não levava a lugar nenhum, embora eu tivesse revirado toda a região pelo avesso.

Dez anos depois, o jovem ruivo ainda não havia sido identificado e seu assassino continuava solto. Para mim, entretanto, era muito mais que um caso não resolvido. Era como uma ferida que arde em contato com o sal.

EU ESTAVA DE SAÍDA PARA comer na cidade quando a edição da tarde do jornal aterrissou no gramado da casa.

Corri para pegá-lo, separei os cadernos e fui fisgada por uma das manchetes: POLÍCIA LIBERTA PRINCIPAL SUSPEITO DOS ASSASSINATOS DE CRESCENT HEIGHTS.

Li o artigo da primeira à última linha.

Quando os corpos de Jake e Alice Daltry foram encontrados na residência do casal em Crescent Heights, no dia 5 de maio, o chefe de polícia Peter Stark disse que Antonio Ruiz havia assumido a autoria do crime. No entanto, o policial afirmou hoje que a confissão não batia com os fatos: "O Sr. Ruiz foi inocentado de todas as acusações que pesavam contra ele."

Testemunhas disseram que Antonio Ruiz, 34, funcionário da Companhia Estadual de Luz e Gás, estava de plantão na sede da empresa no dia do crime e foi visto por vários colegas. Dessa forma, ele não poderia ter ido até a residência do casal.

Jake e Alice Daltry foram degolados. A polícia não confirma a suspeita de que os dois tenham sido torturados antes de morrer.

O artigo dizia ainda que Ruiz, que havia prestado serviços particulares para o casal, alegava ter sido coagido a confessar o crime. Stark também declarava que a polícia estava "investigando outras pistas e suspeitos".

Na minha opinião, aquilo não cheirava nada bem. "Investigando outras pistas e suspeitos" não passava de um eufemismo para "Estamos de mãos abanando", e a policial dentro de mim queria saber tudo: o "como", o "porquê" e, antes de mais nada, o "quem". O "onde" eu já sabia.

Crescent Heights era uma das localidades ao longo da Autoestrada 1. Ficava perto de Half Moon Bay – a apenas nove ou 10 quilômetros de onde eu estava.

ENTRAR E SAIR EM ATÉ CINCO MINUTOS. Nem um segundo a mais.

O Guardião anotou a hora exata em que desceu da van cinza estacionada na Ocean Colony Road. Estava vestido como um fiscal da Companhia de Luz naquela manhã: macacão amarelo com o logotipo vermelho e branco da empresa no peito. Enterrou o boné na cabeça. Tateou os bolsos, certificando-se de que o canivete estava num deles e a câmera no outro. Pegou a prancheta e o tubo de silicone e os acomodou debaixo do braço.

Sua respiração ficou ofegante quando ele tomou o caminho estreito que levava à casa dos O'Malley. Ao chegar a uma das janelas do porão, calçou as luvas de borracha e, com o auxílio de um cortador e uma ventosa, retirou a vidraça.

O Guardião ficou imóvel quando um cachorro na vizinhança começou a latir, mas logo passou uma das pernas pela janela.

Nenhum problema até agora.

A escada do porão levou a uma porta destrancada, que dava acesso a uma cozinha repleta de eletrodomésticos modernos e uma inacreditável quantidade de utensílios. O Guardião viu o código do alarme anotado junto ao telefone. Memorizou-o imediatamente.

Valeu, doutor. Seu idiota!

Tirou a câmera do bolso, ajustou-a para que o obturador disparasse três vezes seguidas e apontou para os quatro lados do cômodo. Zsst-zzzt-zzzt. Zsst-zzzt-zzzt.

Subiu até o segundo andar e encontrou um dos quartos com a porta escancarada. Parou por alguns instantes, examinando a decoração típica de uma adolescente: a cama com dossel, as cores rosa e roxo dos babados, os pôsteres de bandas de rock e de animais em extinção.

Caitlin, Caitlin... como você é adorável.

Fotografou a penteadeira, zzzt-zzzt-zzzt, capturando imagens dos batons, dos vidros de perfume e da caixa de absorventes aberta. Sentiu os cheiros femininos, passou os dedos pela escova de cabelo e guardou no bolso um longo fio vermelho.

Em seguida foi até a suíte do casal, que ficava logo ao lado. O cômodo tinha cores sofisticadas e era perfumado com essência. Uma gigantesca TV de plasma se encontrava diante da cama.

O Guardião abriu a gaveta da mesinha de cabeceira. Encontrou maços de fotos presos por elásticos. Tirou um deles e abriu as imagens em leque, como as cartas de um baralho. Prendeu o elástico de novo e devolveu o maço à gaveta. Levantou a câmera e fez uma lenta panorâmica do quarto.

Foi quando percebeu o pequeno olho mágico, menor que um botão de camisa, cintilando na porta do closet.

Meu Deus, será que aquilo é uma câmera?

Ao abrir o closet, encontrou a filmadora na prateleira do fundo. Desligada.

Ficou aliviado. Mais do que isso, o Guardião foi tomado pela euforia. Com a câmera em

punho, fotografou todos os cômodos do segundo andar, não se esquecendo de nichos ou pequenas superfícies, antes de voltar à janela do porão. Havia permanecido quatro minutos e alguns segundos no interior da casa.

Do lado de fora, passou um fio de silicone em torno da vidraça e a encaixou novamente na moldura. O material resistiria até que chegasse a hora de invadir a casa outra vez. Para torturá-los e matá-los.

ASSIM QUE ABRI A PORTA, Martha correu até o jardim de Cat, arrastando-me pela coleira rumo ao dia incrivelmente ensolarado. A praia não era longe e caminhávamos na direção dela quando um cachorro preto surgiu e avançou sobre Martha, que arrancou a coleira da minha mão e fugiu em disparada.

Meu grito foi interrompido quando algo me atropelou por trás. Caí e em seguida alguma coisa, alguém, despencou sobre mim. Que diabos...?

Ao me livrar daquela confusão de braços, pernas e metal, rapidamente fiquei de pé, pronta para reagir.

Droga! Eu tinha sido atropelada por uma bicicleta! E o idiota lutava para se levantar. Tinha 20 e poucos anos, cabelos ralos e óculos de armação rosa pendurados a uma das orelhas.

– Sophieeee! – berrou ele na direção dos dois cachorros, que a essa altura já corriam na beira da água. – Sophie, NÃO!

A cadela preta parou de repente e se virou para o ciclista, que, ajustando os óculos, olhou para mim com um ar de preocupação.

– S-s-s-sinto muito. Você está bem? – perguntou, lutando contra a gagueira.

– Daqui a pouco eu respondo – disse eu, furiosa, e saí mancando na direção de Martha, que vinha ao meu encontro com as orelhas baixas. A pobrezinha estava desorientada.

Passei as mãos pelo corpo da minha cadela à procura de mordidas, mal ouvindo o que o ciclista dizia. Segundo ele, Sophie ainda era filhote e não apresentava maiores perigos.

– Olha – continuou ele –, vou b-b-buscar meu carro e levar você para o hospital.

– Hospital? Não precisa, estou bem.

E Martha também estava. Mas eu ainda estava furiosa. Minha vontade era voar no pescoço do ciclista, mas, pensando melhor... Acidentes acontecem, certo?

– E sua perna?

– Não precisa se preocupar.

– Se você está dizendo...

Ele prendeu Sophie na coleira e se apresentou:

– Bob Hinton. Se precisar de um bom advogado, aqui está meu cartão. Mais uma vez, me desculpe.

– Lindsay Boxer – respondi, aceitando o cartão. – É, realmente estou precisando de um bom advogado. Um cara aí, com um filhote de rottweiler, me atropelou com sua bicicleta.

O rapaz sorriu, visivelmente nervoso.

– Nunca vi você por aqui.

– Minha irmã, Catherine, mora ali. – Apontei para a simpática casa azul. Depois, já que íamos na mesma direção, seguimos juntos pelo caminho de areia até a praia.

Contei a Hinton que ficaria na casa da minha irmã durante as semanas de licença que havia tirado de meu trabalho na Polícia de São Francisco.

– Policial, é? Então veio para o lugar certo. Com todos esses crimes que têm acontecido por aqui!

Senti um misto de calor e frio ao ouvir essas palavras. Meu rosto ardia, mas meu estômago era uma pedra de gelo. Eu não queria nem sequer pensar naqueles crimes. Estava ali para me desintoxicar, aproveitar ao máximo minha licença, e não para ficar de conversa com advogados desastrados, por mais gentis que fossem.

– Olha, agora preciso ir. – Encurtei a coleira de Martha para que ela ficasse ao meu lado e saí caminhando com pressa. – Tchau! – gritei mais adiante. – E vê se olha por onde anda!

Desci o mais rápido possível a faixa de areia rumo à praia.

Afastando-me de Bob Hinton. Afastando-me do mundo.

A ÁGUA ESTAVA MUITO FRIA para um mergulho. Então me sentei na areia, próximo à arrebentação, e fiquei admirando o ponto onde o turquesa da baía se encontrava com o marinho do Pacífico.

Martha corria ao longo da praia, levantando areia com as patas, enquanto eu aproveitava o calor do sol no meu rosto. De repente, senti algo metálico contra minha nuca.

Fiquei paralisada.

Não conseguia respirar.

– Você matou aquela garota. Não devia ter feito isso.

Não reconheci a voz. Minha cabeça girava à procura de um nome, de uma explicação, das palavras certas a dizer. Ao levantar o braço para agarrar a arma, vi o rosto dele numa fração de segundo.

Vi o ódio nos olhos. Vi o medo.

– Não se mova – rugiu o garoto, agora afundando o cano entre minhas vértebras. O suor escorria pelo meu rosto. – Você matou minha irmã. E sem motivo!

– Sinto muito.

– Sente droga nenhuma, mas vai sentir. E quer saber? Ninguém se importa.

Dizem que, em geral, não ouvimos o tiro que nos atinge, mas isso devia ser um mito. O barulho do disparo pareceu tão alto quanto o de uma bomba.

Caí na areia, imóvel. Não conseguia falar, tampouco estancar o sangue que jorrava do meu corpo, misturando-se à água do mar.

Como as coisas tinham chegado àquele ponto? Havia um motivo que eu simplesmente não entendia. Algo que eu deveria ter feito.

Algemá-los. Era isso que eu deveria ter feito.

E era nisso que eu pensava quando abri os olhos.

Estava deitada no chão, os braços cobertos de areia. Martha me olhava, respirando perto do meu rosto.

Alguém se importava.

Sentei-me para abraçá-la e afundei o rosto no pescoço dela.

O pesadelo me deixara assustada. Não era preciso um ph.D. em psicologia para entender seu significado. A violência do mês anterior ainda estava se manifestando dentro de mim.

E consumia todas as minhas forças.

– Está tudo bem – disse eu a Martha.

Uma mentira descarada para minha fiel amiga.

ENQUANTO MARTHA corria atrás dos pássaros na beira da água, deixei o pensamento vagar na direção do céu e fingi que eu planava tranquilamente ao lado das gaivotas. Refletia sobre meu passado recente e meu futuro incerto quando levantei o rosto e o vi. Meu coração disparou.

Ele tinha o sorriso aberto e estreitava os olhos para me enxergar melhor sob a claridade do sol.

– E aí, gata?

– Meu Deus, olha só o que a maré trouxe!

Deixei que ele me ajudasse a ficar de pé. Nos beijamos e senti o delicioso calor do corpo dele.

– Como você conseguiu a folga? – perguntei, abraçando-o com mais força.

– Você não está entendendo. Isto é trabalho. Estou vasculhando o litoral em busca de terroristas – brincou. – Portos e baías. É o que eu faço!

– E eu aqui achando que seu trabalho era escolher a cor do alerta do dia...

– Isso também – respondeu ele, apontando para a própria gravata. – Está vendo? Amarelo!

Era ótimo que Joe conseguisse fazer piada com o próprio trabalho. Caso contrário, a barra seria muito pesada. Nosso litoral era poroso demais e cabia a ele vigiar todos os buracos.

– Não faça pouco caso de mim – disse ele, e nos beijamos outra vez. – O trabalho é duro.

– Eu sei, mas ninguém vive só de trabalho, Joe.

A essa altura já caminhávamos pelo quebra-mar.

– Veja, trouxe isto para você – disse ele, tirando do bolso um embrulho improvisado. No papel, Joe tinha escrito vários “Eu te amo” a caneta.

Desfiz o embrulho e uma correntinha de prata com um medalhão caiu na palma da minha mão.

– É para proteger você – explicou ele.

– É um Kokopelli! Como você sabia?

Ergui o medalhão diante dos olhos para admirá-lo melhor.

– A cerâmica Hopi no seu apartamento me deu a pista – falou Joe.

– Adorei! Aliás, eu ando mesmo precisando de proteção – respondi, virando-me de costas para que ele fechasse a corrente em meu pescoço.

Joe afastou os cabelos da minha nuca e me deu um beijo. Os lábios dele, assim como a aspereza do seu rosto naquele local sensível, irradiaram uma onda de calor pelo meu corpo. Deixei escapar um gemido e depois me joguei novamente nos braços dele. Não havia outro lugar no mundo em que eu me sentisse tão bem.

Trocamos um beijo rápido, seguido de outros que foram se tornando mais intensos e

urgentes. Eu finalmente me afastei e disse:

– Que tal tirarmos estas roupas?

O QUARTO DE HÓSPEDES DE CAT, decorado com tecidos leves em tons de pêssego, tinha uma cama de casal encostada à janela. O paletó de Joe voou até a cadeira mais próxima, acompanhado pela camisa jeans e a gravata amarela.

Levantei os braços, deixei que ele tirasse minha blusa e conduzi as mãos dele até meus seios. O calor daquele toque quase me fez flutuar. Eu estava ofegante quando minha bermuda escorregou pelas pernas.

Deitada, observei Joe acabar de se despir e se acomodar ao meu lado na cama. Meu Deus, como aquele homem era lindo! Joguei-me nos braços dele.

– Tenho mais uma coisa para você, Lindsay – disse ele. E o que tinha era bastante visível.

Ri com os lábios grudados ao pescoço dele.

– Não é só isso – emendou. – Isto também.

Quando abri os olhos, ele apontava para uma palavra escrita no próprio peito com uma esferográfica. Meu nome sobre o coração dele.

Lindsay.

– Você é muito engraçado, Joe – disse eu com um sorriso.

– Não, sou romântico – corrigiu ele.

MINHA HISTÓRIA COM JOE não se resumia apenas a sexo. Joe era bom e real demais para que eu visse nele apenas um garanhão para uma noite de prazer. No entanto, eu pagava um preço alto pelos sentimentos que ele despertava em mim. Em ocasiões como aquela, quando nossas agendas permitiam, a intimidade que se formava entre nós era indescritível. Mas depois vinha a manhã seguinte e Joe ia embora para Washington, sem eu saber quando o veria de novo ou se me sentiria tão bem novamente.

Dizem que o amor nos encontra quando estamos prontos para ele.

Eu estava pronta?

O último homem que eu amara tinha morrido de uma maneira horrível.

E Joe? O que esperar dele?

Joe era um homem calejado por um divórcio. Ele conseguiria se entregar a outra mulher?

Naquele instante, aninhada nos braços dele, eu estava dividida entre aproveitar o momento e me proteger contra a dor da separação que se aproximava.

– O que foi, Linds?

– Nada, está tudo bem.

Apertei-o contra o peito, obrigando-me a retornar àquele momento. Voltamos a nos beijar, até que unimos nossos corpos novamente num encaixe perfeito. Entre um gemido e outro, disse a Joe como era bom estar com ele e quanto eu o admirava como amante e como homem.

– Eu te amo, Linds – murmurou ele a meia-voz.

Eu sussurrava o nome dele, dizendo que o amava também, quando ondas de prazer atravessaram meu corpo, apagando todos os meus receios e maus presságios.

Passamos um longo tempo abraçados, recuperando o fôlego, preparando-nos para voltar à realidade. Foi quando a campainha tocou.

– Droga – disse eu. – Vamos fingir que não ouvimos.

– Não dá – comentou Joe baixinho. – Pode ser para mim.

EU ME DESVENCILHEI DOS BRAÇOS de Joe, vesti a camisa dele sobre minha bermuda e fui até a porta. Uma mulher bonita, de 50 e poucos anos, estava na varanda, com um sorriso de quem aguardava alguma coisa. Vestia uma saia e um suéter: elegante demais para uma testemunha de Jeová, porém um tanto despojada para uma agente federal.

Apresentou-se como Carolee Brown.

– Moro na Cabrillo Highway, dois quilômetros ao norte daqui. É um casarão azul com um alambrado na frente.

– Claro, conheço o lugar. É uma escola, não é?

– Isso mesmo.

Minha intenção não era ser grosseira, mas me sentia pouco à vontade na varanda com o rosto vermelho e o cabelo desgrenhado.

– Em que posso ser útil, Sra. Brown?

– Na verdade, é Dra. Brown. Mas, por favor, me chame de Carolee. Você é a Lindsay, não é? Minha filha e eu ajudamos sua irmã com a Penelope. Isto aqui é para você. – Ela me entregou um prato coberto com papel-alumínio.

– Ah, sim, claro! A Cat me falou de vocês. Desculpe, eu a convidaria para entrar, mas...

– Nem pense nisso. Não vim para uma visita. Apenas para trazer uns biscoitinhos. Bem-vinda a Half Moon Bay.

Agradei a gentileza e trocamos mais algumas palavras até que ela se despediu e caminhou até o carro. Aproveitei a oportunidade para pegar o jornal. A caminho do quarto, passei os olhos pela primeira página: previsão de sol, a Nasdaq tinha caído 10 pontos e nenhum progresso nas investigações dos assassinatos de Crescent Heights. Era impossível acreditar que pessoas pudessem ser mortas num lugar tão adorável.

Contei a Joe sobre os crimes e depois tirei o alumínio do prato.

– Biscoito de chocolate! Cortesia de Carolee Brown.

– Ué, essa eu não conheço.

– É amiga da minha irmã.

Joe me olhava com ar pensativo.

– Você está linda assim – confessou. – Com a minha camisa.

– Muito gentil da sua parte, cavalheiro.

– Fica mais linda ainda sem ela.

Abri um sorriso e coloquei o prato na mesinha de cabeceira. Desabotoei lentamente a camisa azul de Joe e deixei que ela escorregasse pelos meus ombros.

– EU TAMBÉM TIVE UM porco desses quando era criança – disse Joe.

Estávamos junto ao cercado de Penelope, na tarde daquele mesmo dia.

– Teve? Mas você é de Nova York!

– Ué, mas também existem quintais em Nova York, Linds. O nome do nosso porco era Alphonse Pignole. Ele comia massa e escarola refogada com um pouquinho de licor. E adorava!

– Você está inventando!

– Não estou nada.

– E que fim ele levou?

– Foi assado num dos famosos churrascos da família Molinari. Com direito a molho de maçã e tudo!

Percebendo meu olhar de desconfiança, Joe disse:

– Tudo bem, essa parte eu inventei. Quando fui para a universidade, Alphonse foi despachado para uma casa enorme no norte do estado. Vou lhe mostrar uma coisa – arrematou, pegando o ancinho apoiado à cerca.

Assim que viu a ferramenta, Penelope se aproximou, grunhindo com vontade.

Joe grunhiu de volta.

– Suinês – disse ele, rindo.

Passou o ancinho por cima da cerca e começou a coçar o lombo da porca. Penelope ajoelhou-se e, com um demorado grunhido de prazer, rolou no chão, as quatro patinhas para cima.

– Você sempre me surpreende com seus talentos, Joe! E, se não me engano, você agora tem direito a três pedidos.

OS ÚLTIMOS RAIOS DE SOL riscavam o céu quando Joe e eu nos sentamos para jantar no deque com vista para a baía. Eu havia usado a receita de molho barbecue de mamãe para incrementar o frango, além de ter comprado sorvete de cereja e creme para a sobremesa.

Ficamos abraçados durante horas, ouvindo o canto das cigarras e a música que saía do rádio, hipnotizados pela chama da vela que dançava ao sabor da brisa fresca.

Mais tarde, dormimos em turnos, acordando de tempos em tempos para trocar carícias, rir juntos, fazer amor. Comemos os biscoitos de chocolate, falamos de nossos sonhos e voltamos a dormir abraçados.

No meio da madrugada, o celular de Joe nos lembrou de que existia um mundo do lado de fora.

– Sim, senhor. Perfeitamente – disse ele, desligando o aparelho.

Depois apertou-me num abraço e eu beijei seu pescoço, dizendo:

– Então, quando é que o carro vem buscar você?

– Daqui a dois minutos.

Joe não estava exagerando. Eu tive 120 segundos para vê-lo se vestir no quarto escuro, um fiapo de luz escorrendo pelas cortinas para iluminar a tristeza estampada no seu rosto.

– Não precisa se levantar – disse ele, vendo-me sair de baixo dos cobertores.

Cobriu-me novamente e me beijou 11 vezes: nos lábios, no rosto e nos olhos.

– Ah. Meus três pedidos foram realizados – concluiu.

– Posso saber quais eram?

– Só um. Sorvete de cereja para sobremesa.

Ri e o beijei uma última vez.

– Eu te amo, Lindsay.

– Também te amo, Joe.

– Eu ligo para você.

Não me dei ao trabalho de perguntar quando.

OS TRÊS SE REUNIRAM CEDO naquela mesma manhã, sentados em espreguiçadeiras no terraço de um restaurante, com uma parede de neblina impedindo a vista para a baía. Não havia mais ninguém no local e a conversa tomara um rumo sério, com o trio planejando um assassinato.

A Verdade vestia uma jaqueta de couro preta e calça jeans. Virando-se para os outros dois, disse:

– Certo, mas preciso ouvir mais uma vez.

O Guardião releu atentamente as anotações da agenda, citando horários e hábitos, repetindo as conclusões que havia tirado sobre a família O'Malley.

O Investigador não estava muito interessado. Tinha sido ele quem havia descoberto a família e agora se orgulhava de saber que as investigações do Guardião confirmavam suas suspeitas. Começou a assobiar a melodia de um velho clássico do blues, mas foi interrompido pelo olhar de censura da Verdade.

A Verdade tinha um porte miúdo, mas uma presença imponente.

– Os argumentos são bons, mas ainda não tenho certeza.

O Guardião ficou agitado. Ajeitou a gola do suéter e remexeu nas fotografias, destacando uma imagem ou outra, circulando detalhes com a caneta.

– É um bom começo – ponderou o Investigador, saindo em defesa do Guardião.

A Verdade balançou a mão num gesto de impaciência, rebatendo:

– Não tentem me enrolar. Façam o que deve ser feito. – E concluiu: – Vamos fazer o pedido?

Maddie, a garçonete que usava uma calça justíssima e um top que deixava boa parte da barriga à mostra, apareceu no terraço. Seu rebolado lembrava uma dança do ventre.

– Será uma miragem? – perguntou o Investigador, os olhos brilhando de desejo.

A garçonete retribuiu o gracejo com um sorriso amarelo e serviu outra rodada de café. Com o bloquinho em mãos, anotou o pedido da Verdade: ovos mexidos, bacon e um croissant.

O Investigador e o Guardião também fizeram os pedidos e, assim como a Verdade, avançaram sobre os pratos no momento em que chegaram à mesa. A conversa continuou em tom baixo.

Novas possibilidades foram abordadas.

Algumas, logo descartadas.

A Verdade olhava fixamente para a neblina, prestando atenção à conversa dos colegas, quando um plano subitamente surgiu na sua mente.

O DIA FOI FICANDO CADA VEZ mais bonito. Era uma pena que Joe não estivesse presente para aproveitá-lo comigo.

Assobiei para Martha subir no carro e fomos até a cidade fazer compras. Ao passarmos pela Cabrillo Highway, avistei a placa: Escola Bayside, Secretaria do Bem-Estar da Criança, Estado da Califórnia.

O casarão azul surgiu à minha direita. Num impulso, entrei no estacionamento.

Fiquei dentro do carro por um bom tempo, admirando a casa, as instalações, o pátio do recreio. Desci do Explorer e tomei o caminho de pedra que conduzia até uma pesada porta de carvalho.

Uma mulher negra e muito gorda, aparentando ter 30 e poucos anos, atendeu quando toquei a campainha.

– Oi, gostaria de falar com a Dra. Brown – disse eu.

– Pode entrar. Ela está na sala dos professores. Sou Maya Abboud, uma das professoras.

– Que tipo de escola é esta? – perguntei, seguindo-a pelos corredores estreitos e escuros e depois subindo dois lances de escada.

– A maioria dos alunos é de crianças e adolescentes que fugiram de casa. Isto é, os que tiveram sorte.

Passamos por salas de aula pequenas, por uma sala de TV e por dezenas de crianças de várias idades. Algo bem diferente do orfanato de Oliver Twist, mas ainda assim era triste imaginar que elas não tinham pai nem mãe.

Maya Abboud me levou à porta de uma sala bem iluminada, com várias janelas, na qual avistei Carolee Brown. Ela se levantou e veio na minha direção.

– Lindsay! Que bom ver você aqui.

– Eu estava por perto e... bem, queria me desculpar pelo mau jeito de ontem.

– Bobagem. Apareci sem avisar e você nunca tinha me visto mais gorda. Fico feliz que tenha vindo. Olhe, quero muito apresentá-la a alguém.

Comentei com Carolee que não podia demorar, mas ela garantiu que seria rápido.

Fomos até o pátio e percebi que íamos ao encontro de uma linda garotinha morena de uns oito anos que, sentada a uma mesa sob uma árvore frondosa, brincava com seus Power Rangers.

– Esta é minha filha, Allison – disse Carolee. – Querida, esta é Lindsay, tia da Brigid e da Meredith. Ela é tenente da polícia, sabia?

Os olhos da menina pareciam brilhar quando ela se virou para mim.

– Eu sei quem você é. É você que está cuidando da Penelope.

– Eu mesma, menina esperta! Mas só por algumas semanas.

– A Penelope é muito legal, não é? Ela lê a mente das pessoas.

Allison continuou falando sobre a porca enquanto ela e a mãe me acompanhavam até o estacionamento.

– É muito bacana você ser policial – disse a menina, segurando minha mão.

– Ah, é?

– Claro. Porque os policiais sabem consertar as coisas.

Eu tentava entender o que ela queria dizer quando, de repente, Allison largou minha mão e correu até o carro. Martha ficou latindo e abanando o rabo, até que a deixei sair. Ela começou a andar em volta da menina, cobrindo-a de lambidas.

Após um tempo separamos a dupla. Carolee e eu combinamos nos encontrar novamente e então entrei no carro. Ao acenar pela janela, pensei: “Acabo de fazer uma amiga.”

O GUARDIÃO TAMBORILAVA sem parar no volante da van enquanto esperava Lorelei O'Malley sair de casa. O fato de ter de entrar ali de novo não lhe agradava.

A desgraçada finalmente ganhou a rua com seu modelito de fazer compras e trancou a porta da frente. Entrou no Mercedes Classe A vermelho e, sem olhar o retrovisor, arrancou pela Ocean Colony Road.

O Guardiã saltou da van. Usava uma jaqueta azul-marinho, uma calça amarela e óculos escuros – talvez estivesse disfarçado de supervisor da Companhia Telefônica. Caminhou com pressa até a casa.

Como na vez anterior, agachou-se diante da janela do porão e calçou as luvas. Em seguida passou o canivete pelo silicone, retirou a vidraça e entrou.

Sem perder tempo, subiu até o quarto do casal. Abriu o closet, afastou alguns vestidos pendurados e examinou a câmara escondida na prateleira dos fundos.

Retirou a fita e guardou-a no bolso. Percebeu vários cassetes amontoados numa pilha caótica. Resistindo ao impulso de arrumá-los, escolheu um aleatoriamente. Correu até a mesinha de cabeceira, de onde retirou um dos maços de fotografias.

Apenas dois minutos e vinte segundos haviam se passado quando o Guardiã ouviu a porta da frente bater.

Sentiu a boca seca. Ficara de vigília diante da casa por dias, mas nunca tinha visto um de seus moradores chegar tão cedo. Voltou correndo ao closet, escondeu-se atrás da cortina de vestidos e fechou a porta.

O carpete abafava o barulho dos passos, então ele se assustou ao ouvir a maçaneta ranger. Não havia tempo para pensar. A porta se abriu, os cabides foram afastados – e o Guardiã foi descoberto, encolhido como um ladrão.

Lorelei O'Malley tomou um susto, levando a mão ao peito. Em seguida fez uma careta e disse:

– Eu conheço você. Que diabos está fazendo aqui?

A faca brilhava entre os dedos do invasor. Lorelei deu um berro estridente ao ver a faca. O Guardiã não tinha mais nada a fazer: pulou sobre a mulher e a lâmina comprida arrancou os botões do vestido de seda azul ao perfurar o abdômen dela.

Lorelei se contorceu, tentando escapar da faca, mas o homem a imobilizou no que poderia ser confundido com um abraço de amantes.

– Meu Deus... Por que você está fazendo isso? – sussurrou a mulher, os olhos se revirando, a voz morrendo num último suspiro.

Segurando-a pelas costas, o Guardiã correu a lâmina através dos tecidos macios da cavidade abdominal de Lorelei, seccionando a aorta. O sangue não espirrou, mas passou a escorrer como a água de um balde, até que seus joelhos cederam e ela caiu em cima dos sapatos devidamente enfileirados no carpete.

O Guardiã se ajoelhou e levou dois dedos à carótida de Lorelei, cujas pálpebras

tremiam ligeiramente. Ela estaria morta em pouco tempo.

Ainda teve tempo para fazer o que era preciso. Suspendeu o vestido de seda, retirou o próprio cinto e açoitou as nádegas de Lorelei O'Malley até vê-la morta dentro do closet.

AS COISAS SÓ PODIAM piorar e de fato pioraram. O Guardião agora estava num estacionamento na Kelly Street, diante da casa de dois andares onde o clínico geral tinha seu consultório.

Olhou rapidamente para o Investigador, que parecia atordoado no banco do carona. Depois examinou o estacionamento uma segunda vez. Observava com visível nervosismo os pedestres e os poucos carros que entravam e saíam.

Quando viu o Dr. Ben O'Malley deixar o prédio, alertou o companheiro. Os dois se entreolharam.

– Prepare-se.

Desceu da van e correu em direção ao médico antes que ele chegasse ao Lexus.

– Doutor, doutor! Graças a Deus! Preciso da sua ajuda.

– Que foi, rapaz? – perguntou ele, com um misto de susto e irritação.

– É o meu amigo. Aconteceu alguma coisa. Um ataque epilético, um infarto, sei lá.

– Onde ele está?

– Ali – disse o Guardião, apontando para a van a uns 15 metros de distância. – Depressa, por favor!

Ele saiu correndo na frente do médico, virando a cabeça de vez em quando para ver se ele o seguia. Chegando ao veículo, abriu a porta do passageiro e se afastou de modo que o Dr. O'Malley pudesse ver o Investigador jogado no banco.

O médico examinou o interior da van e depois se debruçou para abrir uma das pálpebras do homem. Mas levou um enorme susto ao sentir a ponta de uma faca no pescoço.

– Entre – ordenou o Guardião.

– Nem um pio – emendou o Investigador, num tom simpático e desconcertante – ou matamos sua família.

O GUARDIÃO OUVIA O CORPO do médico rolar na parte de trás da van enquanto eles subiam a ladeira.

– Que tal aqui? – perguntou ao companheiro.

Olhou pelo retrovisor e deixou o asfalto, rumo a uma clareira entre as árvores.

O Investigador saltou do veículo, abriu a porta lateral e ajudou o médico a se sentar.

– Muito bem, doutor, chegou sua hora – disse, retirando a fita adesiva que cobria a boca do homem. – Uma última palavra? Fale agora ou se cale para sempre.

– O que quer que eu diga? – perguntou o Dr. O'Malley, arfando. – O que vocês querem? Dinheiro, drogas? É só dizer que eu dou.

– Poxa, doutor – ironizou o Investigador. – Eu esperava algo melhor da sua parte!

– Por favor, não façam isso! – suplicou o médico. – Me ajudem, por favor me ajudem!

– Por favor me ajudem? – debochou o Guardião.

– Que foi que eu fiz para vocês? – insistiu ele, aos prantos.

Com um súbito empurrão, O'Malley foi arremessado para fora da van, caindo sobre o chão de cascalho.

– Não vai ser tão ruim assim – disse o Investigador gentilmente no ouvido do médico. – Basta ocupar a mente com coisas boas, que o senhor ama, e depois... é só dizer adeus.

O Dr. O'Malley nem sequer viu a pedra que o atingiu na nuca.

O Investigador sacou a faca e levantou a cabeça dele por uma mecha dos cabelos grisalhos. Como se estivesse cortando um melão, abriu um talho na garganta do homem.

Em seguida, o Guardião usou o cinto como um chicote para esfolar as nádegas de O'Malley, deixando marcas escuras na pele fina e branca.

– Então, gostou? – perguntou, ofegando sobre o homem que agonizava.

O Investigador limpou o sangue da faca na camisa do médico antes de jogá-la, junto com a pedra, no denso matagal que cobria a encosta à frente. Ele e o companheiro suspenderam o cadáver pelos braços e pelas pernas e o carregaram até a borda da ribanceira. Contaram até três e arremessaram o morto o mais longe possível. Ouviram o corpo bater na vegetação e rolar encosta abaixo até um ponto onde, por sorte, permaneceria até que os lobos aparecessem para terminar o serviço.

EU TOCAVA MEU VIOLÃO na varanda quando minha paz foi interrompida por uma barulheira infernal. Por incrível que pareça, um reboque vinha chocalhando pelas primeiras curvas da silenciosa Sea View Avenue. Estreitando os olhos, percebi que ele puxava um Bonneville 1981.

Meu Bonneville 1981.

O motorista acenou ao me ver.

– Olá! – berrou ele. – Entrega especial para a madame!

Ah! O Homem na Lua! O rapaz do posto de gasolina.

Fiquei paralisada, sorrindo, observando-o manejar as alavancas que baixavam o carro. Ele saltou da cabine e veio na minha direção, gíngando ao andar.

– Então, acha mesmo que vai conseguir fazer esta carroça sair do lugar? – perguntou, sentando-se num dos degraus da varanda.

– Tenho alguma experiência com motores – respondi. – Em geral, viaturas.

– Você é mecânica? – perguntou, soltando um assobio. – Caramba. Eu sabia que você era diferente!

– Não sou exatamente uma mecânica. Sou policial.

– Mentira!

– Verdade – respondi, rindo dos olhos arregalados à minha frente.

Keith estendeu um braço musculoso na minha direção e, com um mero “Posso?”, tomou o violão da minha mão.

Todo seu, companheiro.

Depois de arriscar alguns acordes, cantarolou os primeiros versos de uma canção country melosa, algo do tipo “Nunca mais serei feliz sem seu amor”. Cantou com tanta seriedade que caí na gargalhada.

Keith agradeceu com uma reverência e me devolveu o violão.

– E sua especialidade, qual é? – ele quis saber.

– Rock e blues. Ando brincando com uma música, tentando compor a letra.

– Tive uma ideia. Que tal continuarmos a conversa no jantar? Conheço um lugar bem bacana em Moss Beach onde tem um peixe delicioso.

– Obrigada, Keith. A ideia até que é boa, mas sou comprometida – respondi, apertando os dedos sobre o medalhão que Joe havia me dado de presente.

– Poxa, você agora partiu meu coração.

– Ah, coitadinho... Vai sobreviver, eu garanto.

– É sério! Estou arrasado. Uma mulher bonita... e que ainda por cima entende de motores? Que mais um homem poderia querer?

– Não enche! Vamos lá, quero ver meu carro novo.

Desci da varanda com Keith atrás de mim. Passei a mão na lataria do Bonneville, abri a porta e me acomodei. O interior era espaçoso, confortável, além de ter diversos

mostradores e botões no painel, exatamente como eu me lembrava.

– Foi uma boa compra, Lindsay – disse Keith, o braço esticado sobre o teto do carro. – Eu não colocaria você numa roubada. Deixei uma caixa de ferramentas no porta-malas, mas, se tiver algum problema, é só ligar.

– Valeu.

Ele abriu um sorriso tímido, tirou o boné, ajeitou os cabelos claros e então disse:

– Bem, já vou indo. Se cuida, tá?

Assim que ele se foi, enfiei a chave na ignição do meu novo brinquedo e tentei dar a partida.

Mas o motor não respondeu. Não engasgou nem deu sinal de vida.

Estava morto feito um sapo atropelado no meio da rua.

FIZ UMA LISTA DAS PEÇAS que precisava comprar e passei o resto do dia polindo o Bonneville com a cera que encontrei na caixa de ferramentas. Foi uma felicidade ver o marrom sem graça ser substituído gradualmente pelo bronze brilhante.

Eu ainda admirava meu trabalho quando o jornal da tarde foi arremessado da janela de um carro. Dei um passo rápido para trás e o agarrei ainda no ar, fazendo jus a um sonoro “Uhuuu!” do entregador.

Ao folhear as poucas páginas da Gazette, parei na seguinte manchete:

ESPOSA DE MÉDICO
É MORTA A FACADAS EM CASA.
MARIDO ESTÁ DESAPARECIDO.

Paralisada, comecei a ler a matéria.

Lorelei O'Malley, esposa do Dr. Ben O'Malley, foi morta esta tarde em sua residência na Ocean Colony Road, num aparente caso de latrocínio. O corpo foi encontrado no closet da suíte principal pela enteada da vítima, Caitlin, de 15 anos, que acabara de chegar da escola. O Dr. O'Malley, respeitado clínico geral com anos de serviços prestados à comunidade, está desaparecido.

Mais cedo, o delegado de polícia Peter Stark pediu às pessoas que se aglomeravam à porta da delegacia que mantivessem a calma, porém redobrassem a atenção.

“Embora haja semelhanças entre os homicídios recentes”, comentou Stark, “não posso fazer nenhum comentário sob risco de atrapalhar a investigação. Mas posso garantir, em nome da nossa polícia, que não descansaremos enquanto esses casos não forem solucionados”.

Em resposta a um repórter, Stark afirmou: “O Dr. O'Malley foi visto pela última vez por volta do meio-dia. Estava indo almoçar, mas não voltou ao consultório, tampouco deixou qualquer recado. Até o momento, ele não é considerado suspeito do crime.”

Fechei o jornal e, atônita, fiquei olhando para a bela paisagem de fachadas coloridas da Sea View Avenue. Meus instintos investigativos estavam à flor da pele. Eu era uma policial sem casos para resolver, uma agente sem trabalho. Não queria ler sobre homicídios. Queria eu mesma conseguir as informações.

Guardei a cera na caixa de ferramentas, corri para dentro da casa e pedi à telefonista que fizesse uma teleconferência.

De repente começara a sentir saudade das meninas.

A TELEFONISTA ME CONECTOU primeiro com Claire, e sua voz, doce como sempre, teve o efeito de um bálsamo.

– E aí, querida? Tem dormido direito? Já pegou uma corzinha nessas bochechas?

– Estou tentando, amiga, mas meu cérebro não para.

– Não desperdice esta oportunidade, Lindsay, pelo amor de Deus! Quem dera se eu pudesse tirar uma folguinha agora...

Nesse instante, Cindy entrou na conversa com a agitação habitual:

– Poxa, Linds, não é a mesma coisa sem você. Que saco...

– Queria que vocês duas estivessem aqui – disse às minhas amigas. – Céu azul, areia dourada... Ah, e o Joe apareceu ontem, passou a noite comigo.

Cindy contou as novidades sobre o segundo encontro com o jogador de hóquei e eu retribuí com a história de Keith, o frentista de cabelos claros.

– Vinte e poucos anos, eu acho. Pinta de Brad Pitt. Arrastou a maior asa para o meu lado.

– Perto de vocês duas, fico me sentindo a coroa casada e chata, sem nada para contar – disse Claire.

– Eu adoraria ser a coroa casada e chata se também tivesse um Edmund ao meu lado – comentou Cindy. – Adoraria!

Eram tantas as risadas e brincadeiras que por um instante pensei estar com elas na nossa mesa do Susie's.

E, como sempre fazíamos no bar, acabamos falando de trabalho.

– Então, e esses assassinatos de que tenho ouvido falar? – perguntou Claire.

– Caramba, a cidade está em polvorosa! Um jovem casal foi morto algumas semanas atrás... e uma mulher foi assassinada hoje de manhã, a dois quilômetros daqui!

– É, fiquei sabendo – comentou Cindy. – Um crime horrível.

– Ao que parece, tem algum maluco solto por aqui, e vocês já podem imaginar, não é? Estou me coçando toda, porque não posso fazer nada. Minha vontade era estar lá, na cena do crime, revirando tudo. Detesto ficar do lado de fora.

– Bem, então acho que você vai gostar de ouvir isto – disse Claire. – Fiquei sabendo num fórum de legistas. Sabe aquele casal morto em Crescent Heights há algumas semanas? Eles foram chicoteados.

Saí do ar por alguns segundos ao me lembrar do Anônimo 24.

Ele havia sido degolado e chicoteado.

– Eles foram chicoteados? Claire, você tem certeza disso?

– Absoluta. Nas costas e nas nádegas.

De repente, ouvi o bipe da chamada em espera. Ao reconhecer o nome no identificador de chamadas, tive a impressão de ver o passado invadir o presente.

– Só um minuto, meninas.

Atendi.

– Oi, Lindsay, aqui é Yuki Castellano. Você pode falar?

Minha salvação foram Claire e Cindy. Eu precisaria de tempo para conversar com minha advogada sobre o episódio na Larkin Street. Yuki combinou que ligaria na manhã seguinte e eu voltei ao papo com minhas amigas. Minha cabeça, no entanto, estava a mil.

Ao longo daqueles últimos dias eu havia me esquecido de tudo – exceto do julgamento que me aguardava do outro lado da esquina.

SOB UM FIAPO DE LUA crescente, o Guardião seguia pelo caminho que cortava a faixa de areia. Usava um gorro de lã e um moletom preto, e segurava a poderosa microcâmera numa das mãos.

Usou o aparelho para bisbilhotar um casal que namorava na praia, depois o direcionou para as casas na grande curva da Sea View Avenue, a 100 metros de onde ele estava.

Ajustou o foco em uma residência em particular: uma casa azul com muitas janelas e uma porta de correr que levava até o deque. Conseguiu ver a tenente Lindsay Boxer andando pela sala.

Seus cabelos estavam presos e ela usava uma camiseta branca de tecido fino. Mexia na corrente em seu pescoço enquanto falava ao telefone. Era possível ver o contorno dos seios sob a camiseta.

Seios grandes e firmes.

Belos peitões, tenente.

O Guardião sabia muito bem quem era Lindsay, o tipo de trabalho que ela fazia e o motivo aparente da presença dela em Half Moon Bay. Mas ele queria saber mais.

Perguntava-se com quem ela estaria ao telefone. Talvez com o homem moreno que havia passado a noite ali no dia anterior e depois partido num carrão preto com placa oficial. Ficou pensando nele, imaginando quem poderia ser e se ele voltaria.

Imaginou também onde Lindsay guardaria sua arma.

O Guardião tirou algumas fotos da tenente: sorrindo, franzindo a testa, soltando o cabelo. Ela segurava o telefone com o ombro e o queixo, gesticulando com os braços para então prender novamente o cabelo.

Não demorou muito e o border collie se deitou diante da porta de correr, olhando através dela – dando a impressão de que encarava o Guardião.

O homem continuou o passeio pela praia, na direção do casal de namorados, e depois atravessou a faixa de areia para voltar até o carro. Ao volante, tirou a agenda do portaluvas e abriu na página “Lindsay”, o nome escrito caprichosamente em letras de forma.

Tenente Lindsay Boxer.

A iluminação da rua era suficiente para que ele fizesse algumas anotações:

Ferida. Sozinha. Armada e perigosa.

PARTE 3

DE VOLTA À ATIVA

O SOL ERA UMA LEVE MANCHA no céu da manhã quando fui despertada pelo toque estridente do meu celular. Tateando no escuro, encontrei o aparelho antes que ele gritasse pela quinta vez.

– Lindsay, é a Yuki. Espero não tê-la acordado. Estou no carro, não posso falar muito. Mas dá tempo de eu fazer um relatório bem rapidinho.

Yuki era inteligente e muito dedicada ao trabalho, além de sempre falar a mil por hora.

– Tudo bem. Sou toda ouvidos! – respondi, voltando para a cama.

– Sam Cabot saiu do hospital. Ouvi o depoimento dele ontem – Yuki seguiu metralhando.

– Sam negou a confissão dos assassinatos nos hotéis, mas isso é problema da Promotoria Pública. Quanto ao seu processo, o garoto afirma que você atirou primeiro, errou o disparo, e depois ele e Sara atiraram de volta em legítima defesa. Só então você os acertou. Enfim, um monte de balela! Nós sabemos, eles sabem, mas assim são os Estados Unidos. Todo mundo pode falar o que quiser.

Meu suspiro saiu como um gemido. Yuki continuou:

– Nosso único problema é que esse psicopatazinho é tão... comovente! A cadeira de rodas, o colar cervical, os lábios trêmulos... É como se um anjo tivesse sido atropelado por...

– Por uma policial malvada que sai matando criancinhas por aí – interrompi.

– Eu ia dizer “por uma jamanta”, mas tudo bem. – Ela riu. – Sugiro que a gente se encontre para montar uma estratégia. O que você acha?

Tempo era o que não me faltava: minha agenda andava às moscas. Yuki, por sua vez, estava ocupada com depoimentos, reuniões e audiências por pelo menos três semanas. Apesar disso, acertamos uma data alguns dias antes do julgamento.

– A mídia ainda está alvoroçada – prosseguiu Yuki. – Soltamos para os jornais que você está com uma amiga em Nova York. Assim eles não saem por aí caçando você. Lindsay, está me ouvindo?

– Estou – respondi, os olhos grudados no ventilador de teto, os ouvidos zunindo.

– Tente relaxar o máximo possível. Procure ficar na sua. Quanto ao resto, deixe comigo. Certo.

Tomei uma ducha, vesti uma camiseta rosa e uma calça e fui com uma caneca de café na mão até o quintal. Não sabia ao certo a quantidade de ração para Penelope, então achei melhor perguntar pessoalmente:

– E então, Penelope, o que vai ser?

Uma rata da cidade conversando com uma porca. Era só o que faltava.

Pensei no conselho de Yuki sentindo a brisa do mar soprar sobre o deque. Tente relaxar. Procure ficar na sua. Um conselho bastante razoável, não fosse a vontade incontrolável de fazer alguma coisa. Meu desejo era chutar o balde, jogar tudo para o alto e fazer justiça.

Não dava para segurar.

Assobiei para Martha e nós duas subimos no Explorer. Logo seguíamos em direção a uma casa em Crescent Heights. Cenário de um duplo homicídio.

– CACHORRA LEVADA! – falei para Martha. – Só quer saber de encrenca, não é?

Minha border collie me encarou com aqueles olhinhos irresistíveis, abanou o rabo e voltou à inspeção que estava fazendo dos rochedos esculpidos à beira do asfalto.

Seguindo na direção sul pela Autoestrada 1, eu transbordava de alegria. Cinco quilômetros adiante, peguei a saída para Crescent Heights, um excêntrico agrupamento de casas escondido na última colina de Half Moon Bay.

A estradinha de cascalho era muito estreita e eu ainda tentava me orientar quando a cena do crime quase pulou na minha frente. Encostei e desliguei o carro.

A casa amarela era uma graça: a fachada era coberta por ripas de madeira, com três janelas enormes e um jardim florido diante dela. Um cata-vento com a figura de um lenhador serrando madeira estava pregado à cerca e ao lado dele se via a caixa de correio, com o nome da família “Daltry” escrito à mão. No entanto, aquele belo exemplo do sonho americano estava isolado do mundo por uma enorme fita amarela.

Cena de crime. Não ultrapasse esta fita.

Tentei imaginar duas pessoas sendo assassinadas no interior daquela casa charmosa, mas a cena que surgiu na minha cabeça não fazia sentido. Crimes não deveriam acontecer em lugares assim.

O que teria atraído um assassino para aquele lugar? Tinha sido um crime premeditado ou obra do acaso?

– Fique aí quietinha – falei para Martha, já descendo do carro.

Os assassinatos haviam acontecido fazia mais de cinco semanas e, àquela altura, a polícia tinha abandonado o local. A casa estava à disposição para quem quisesse bisbilhotá-la, porém aquilo era pouco para mim. A propósito, rastros de curiosos eram vistos por toda parte: pegadas nos canteiros, guimbas de cigarro no chão, latas de refrigerante no gramado.

Atravessei o portão aberto, passei por baixo da fita e comecei a contornar a residência, correndo lentamente os olhos pela fachada.

Vi uma bola de basquete no meio de um arbusto e um pé de tênis solitário nos degraus da varanda dos fundos, ainda úmido do orvalho da noite anterior. Notei que a vidraça da janela do porão havia sido retirada e estava encostada à parede. Provavelmente o ponto de entrada.

Quanto mais eu demorava na casa dos Daltry, mais forte meu coração batia. Eu caminhava pela cena do crime sem a responsabilidade de assumir o comando, o que me provocava uma sensação desagradável, como se as duas mortes não fossem da minha conta e eu nem devesse estar ali. Ao mesmo tempo, eu era impulsionada pelo que Claire havia dito na noite anterior.

Jake e Alice Daltry, moradores de Crescent Heights, não tinham sido as primeiras vítimas a serem açoitadas. Quem mais tinha passado por aquilo? Seria possível que

aqueles crimes tivessem ligação com o caso do Anônimo 24 que eu não conseguira solucionar?

Eu me lembrei do conselho de Yuki Castellano: Tente relaxar. Procure ficar na sua. Não aguentei e comecei a rir. Voltei até o Explorer, fiz um carinho na cabeça da minha fiel escudeira e desci pela estradinha de cascalho de volta à rodovia.

Em dez minutos chegaríamos ao centro de Half Moon Bay. Eu queria ver a casa da família O'Malley.

AS VIATURAS ESTAVAM estacionadas nos dois lados da Ocean Colony Road. Uma rápida olhada na porta dos carros mostrou que finalmente os tiras da região haviam conseguido a ajuda de que tanto precisavam: eram os veículos da Polícia Estadual.

Ao passar pela rua, percebi que um guarda vigiava a porta da casa, enquanto outro interrogava um entregador. Detetives e peritos entravam e saíam do local. Uma tenda para a imprensa havia sido montada no gramado do vizinho e um repórter falava de lá ao vivo.

Estacionei no fim da rua e andei de volta até a casa, misturando-me à multidão de curiosos que acompanhava o trabalho da polícia na calçada oposta. A vista não era das piores, então fiquei por ali, organizando os pensamentos à espera de alguma luz.

Antes de mais nada, as casas das vítimas eram bem diferentes. Crescent Heights era um bairro de classe média baixa, com a Autoestrada 1 passando entre as casas modestas e a baía. Por outro lado, Ocean Colony se escondia nos fundos de um campo de golfe particular. As residências daquele bairro brilhavam com o melhor que o dinheiro podia comprar. O que havia em comum entre os Daltry e os O'Malley?

Ao avaliar o imponente casarão colonial do respeitado médico, com telhado de ardósia e vasos de topiaria à entrada, novamente me fiz as perguntas preliminares. O que teria atraído o assassino àquele lugar? Um crime premeditado ou obra do acaso?

Voltei minha atenção para as janelas azuis do segundo andar, onde Lorelei O'Malley havia sido esfaqueada em seu quarto.

Teria sido chicoteada também?

Eu estava tão concentrada nos meus pensamentos que acabei chamando atenção. Um jovem policial de rosto vermelho e modos agitados veio na minha direção.

– Senhorita? Senhorita? Posso lhe fazer algumas perguntas?

Droga! Se pedisse minha identidade, ele certamente pesquisaria meu nome na base de dados da polícia. Passem a notícia adiante: a tenente Lindsay Boxer, da Polícia de São Francisco, estava na cena do crime. Em 20 minutos os jornalistas bateriam à minha porta e montariam acampamento no gramado de Cat.

Fiz a mais inocente das expressões.

– Só estou de passagem... Já estou indo embora.

Despedi-me com um adeusinho, virei as costas e voltei rapidamente para o Explorer. Droga.

Vi o maldito policial anotar a placa do meu carro quando passei por ele.

O SIMPÁTICO BARZINHO SE chamava Cormorant, uma homenagem ao poderoso cormorão dos mares, que se fazia presente no elegante entalhe pendurado no teto sobre o balcão. O local oferecia um bufê de ostras, seis tipos de chope e música alta, além da multidão habitual das noites de sexta-feira.

Avistei Carolee Brown numa mesa junto ao balcão. Ela vestia uma calça comprida e um sensual pulôver rosa. Um crucifixo de ouro brilhava discretamente na altura de seu peito.

A rainha do biscoito de chocolate em sua noite de folga.

Carolee logo me viu e abriu um sorriso largo, acenando para que eu me aproximasse. Abri caminho através da multidão e trocamos um rápido abraço quando ela se levantou para me receber.

Pedimos duas garrafas de cerveja para acompanhar nosso linguine com mariscos. Como só as mulheres sabem fazer, ficamos amigas em questão de minutos. Minha irmã já havia comentado com ela meu problema recente com a Justiça.

– Avaliei mal a situação porque eles eram duas crianças – contei a ela. – Depois que eles dispararam contra mim e meu parceiro, não tive escolha: atirei de volta.

– Que droga, Lindsay.

– Não é? Matar uma criança?! Jamais achei que fosse capaz de uma coisa dessas.

– Mas você foi obrigada a fazer isso.

– Eram dois assassinos, Carolee. Já haviam matado antes e, quando foram encurralados, só viram uma saída. Mas você não acha estranho que dois irmãos com tantos privilégios na vida possam ser tão desajustados?

– É, acho. Mas, julgando pelos alunos que já passaram pela minha escola, pode acreditar: os traumas psicológicos estão por toda parte. Não importa o nível social.

Ao ouvir essas palavras, memórias da minha infância vieram à tona. Lembrei-me da menina atravessando o quarto e jogando-se aos prantos sobre a cama. “Não me responda, mocinha!” Papai estava parado à porta, o dono da situação. Eu também tinha sofrido traumas psicológicos.

Fiz um grande esforço para voltar ao presente.

– Então, Lindsay, você é o quê? – perguntou Carolee. – Solteira, divorciada?

– Divorciada. De um homem que considero o irmão que nunca tive – respondi, aliviada pela mudança de assunto. – Mas a ideia de um segundo casamento não é de todo má.

– Agora eu me lembro – disse ela, com um sorriso maroto. – Se não me engano, você estava acompanhada naquele dia em que fui levar os biscoitos.

Comecei a rir ao pensar que havia atendido a porta com a camisa do Joe. Já ia falar da minha relação com ele quando percebi uma movimentação atrás de Carolee.

Já tinha visto os três sujeitos que bebiam sem parar no balcão. De repente, dois deles foram embora. O que ficou era interessante: cabelos escuros e ondulados, rosto simétrico, óculos sem aro e uma camisa polo Ralph Lauren.

O barman, que limpava o balcão com uma flanela, perguntou ao bonito:

– Mais uma?

– Na verdade, gostaria de experimentar um pouco daquela baixinha morena ali. E, quem sabe, a loura alta de saideira?

Embora o comentário viesse acompanhado por um sorriso simpático, tive a impressão de que havia algo de errado com o sujeito. Ele parecia um banqueiro de respeito, mas falava como um vendedor de segunda categoria.

Fiquei tensa quando ele girou no banco e grudou os olhos em mim.

RAPIDAMENTE TRACEI o perfil do sujeito: branco, um metro e noventa, 90 quilos bem distribuídos, nenhuma marca visível além de um corte entre o polegar e o indicador da mão direita, como se tivesse se machucado com uma faca.

Ele pulou do banco e veio na nossa direção.

– A culpa é minha. Fiquei olhando para ele – falei baixinho para Carolee.

Fiz o possível para que ele mudasse de ideia. Virei o rosto para minha nova amiga, como se estivéssemos no meio de uma conversa séria, porém ele não se intimidou.

– E aí, meninas, tudo bem? As duas são tão lindas que não resisti: tive de dar um alô.

– Muita gentileza sua, obrigada – respondeu Carolee, dando-lhe as costas.

– Meu nome é Dennis Agnew – insistiu ele. – Vocês não me conhecem, claro, mas a gente pode dar um jeito nisso. Por que não me convidam para sentar? O jantar é por minha conta.

– Muito obrigada, Dennis – respondi educadamente. – Mas estamos bem sozinhas. Papo de mulher, entende?

O rosto do sujeito perdeu a cor, como se ele estivesse sofrendo uma queda repentina de pressão. Mas bastaram alguns segundos para que a arrogância de antes voltasse à superfície. Com o mesmo sorriso bonito, ele disse:

– Aposto que não estão tão bem assim. Mesmo que vocês não curtam muito o sexo oposto, tudo bem, é só um jantar.

O comportamento de Dennis Agnew denotava uma estranha mistura de charme e grosseria. Mas, a despeito do que ele tivesse em mente, era hora de dar um basta.

– Olha só, Dennis – disse eu, tirando da bolsa minha carteira da polícia e apontando-a para ele. – Sou policial e esta é uma conversa particular, tudo bem?

As têmporas do sujeito começaram a latejar enquanto ele tentava se recompor com um mínimo de dignidade.

– Não é legal fazer julgamentos apressados, oficial. Sobretudo de pessoas que você não conhece.

Agnew voltou ao balcão, deixou algumas notas e lançou um último olhar na nossa direção.

– Até a próxima. A gente se vê por aí.

Em seguida saiu batendo a porta que dava acesso ao estacionamento.

– Mandou bem, Lindsay! – Carolee fez um revólver com os dedos e soprou a fumaça imaginária do indicador.

– Sujeito mais esquisito! – comentei. – Viu a cara dele? Como se fosse um crime alguém mandar ele pastar. Quem ele pensa que é, o George Clooney?

– É verdade – respondeu ela. – Deve ter escutado a vida toda que é um gostosão. Da mãe e do próprio espelho.

Rimos por um tempo e fizemos um brinde com a cerveja. Era ótimo estar com Carolee.

Tive a impressão de que nos conhecíamos havia anos. Por causa da minha nova amiga, eu não pensava mais em Dennis Agnew, em assassinos ou cadáveres, nem mesmo no julgamento que me aguardava.

Chamei o garçom e pedi mais uma rodada de cerveja.

O INVESTIGADOR ESCONDEU a faca nova sob o banco, desceu do carro e entrou na loja de conveniência. Imediatamente sentiu o frescor do ar refrigerado e das geladeiras abarrotadas de refrigerantes e cervejas.

Ficou feliz ao avistar na fila da caixa a morena baixinha que vestia um traje esportivo de marca. O nome dela era Annemarie Sarducci e o Investigador sabia que ela tinha acabado de fazer sua corrida noturna. Sabia também que ela compraria uma garrafa de água mineral francesa, depois voltaria a pé a sua casa com vista para a baía e jantaria com a família.

O Investigador sabia quase tudo a respeito daquela mulher: Annemarie tinha orgulho do corpo malhado, transava com o personal trainer, seu filho vendia drogas na escola e ela morria de inveja da irmã Juliette, atriz de novelas em Los Angeles.

Sabia ainda que ela mantinha um blog sob o pseudônimo de Rosa Torcida. Talvez fosse o leitor mais assíduo nos últimos meses. Chegara ao ponto de deixar um comentário com o próprio nome: “Gosto do seu jeito de pensar. O INVESTIGADOR.”

Foi até a lanchonete nos fundos da loja, encheu um copo com café e entrou na fila atrás de Annemarie. Esbarrou de propósito na mulher e, quando ela se virou, ele encostou nos seios dela enquanto se desculpava.

– Puxa, mil perdões. Ah. E aí, Annemarie, tudo bem?

– Ah, oi – cortou ela, despachando-o com um olhar de tédio. Em seguida entregou uma nota de cinco dólares à moça da caixa, pegou o troco da água mineral e foi embora sem se despedir.

O Investigador a acompanhou com os olhos, observando o rebolado dos quadris de que ela tanto gostava. Em poucas horas ele estaria lendo o blog de Annemarie Sarducci e ficaria sabendo de todas as safadezas que ela fazia questão de esconder dos amigos e familiares da vida real.

Até mais tarde, Rosa Torcida.

QUANDO CAROLEE LIGOU e pediu que eu ficasse com Allison por algumas horas, minha vontade foi implorar: Pelo amor de Deus, tudo menos isso! No entanto, fui vencida antes que pudesse abrir a boca.

– Allison está morrendo de saudades da porca – argumentou ela. – Se você deixar que ela faça uma visitinha à Penelope, ela vai se distrair um pouco e vou poder ir ao dentista. Seria um grande favor, Lindsay.

Meia hora depois, Allison descia do carro da mãe e vinha saltitando ao meu encontro. Os cabelos escuros e brilhantes estavam divididos em duas tranças e toda a sua roupa, inclusive os tênis, era rosa.

– Oi, Allison. Tudo bem?

– Eu trouxe maçãs – respondeu ela, disparando para dentro da casa. – Espera só para você ver.

– Ahã – disse eu, tentando demonstrar algum entusiasmo.

Assim que abri a porta dos fundos, Penelope correu até a cerca e começou a grunhir ruidosamente. A menina grunhiu de volta. Eu estava temerosa de que os vizinhos chamassem a Sociedade Protetora dos Animais quando Allison, sorrindo de orelha a orelha, disse:

– É isso que a gente chama de suinês.

– Já me disseram isso antes – respondi, sorrindo de volta.

– Essa língua existe mesmo – insisti a menina. Depois coçou o lombo de Penelope com o ancinho e a porca se jogou no chão, as quatro patinhas para cima. – Quando ela era pequenininha – prosseguiu Allison –, morava numa casa enorme, perto do mar, com porquinhos do mundo inteiro. Ficava acordada a noite toda, conversando em suinês com os outros porcos, e durante o dia fazia as unhas com o que eles chamavam de patacure.

– Jura?

– Os porcos são muito mais inteligentes do que as pessoas pensam. A Penelope sabe um monte de coisas que você nem imagina.

– Poxa, eu nem fazia ideia!

– Olha – continuou a menina –, você dá as maçãs para a Penelope, está bem? Porque eu preciso pintar as unhas dela.

– É mesmo?

– Foi isso que ela pediu.

Depois de Allison garantir que não havia problema em soltar a porca no quintal, fiz o que ela queria. Segurando as maçãs, abaixei-me diante de Penelope, que mastigava as frutas enquanto Allison pintava seus cascos com um esmalte rosa perolado.

– Prontinho, Penelope! – gritou a menina em poucos minutos, orgulhosa do próprio trabalho. – Agora é só esperar secar. – E para mim: – Então, o que a Martha sabe fazer?

– Bem... os border collies têm uma língua só deles. E a Martha também sabe pastorear

ovelhas.

– Me mostra, me mostra!

– Está vendo alguma ovelha por aqui?

– Ah, assim não tem graça!

– É, acho que não. Mas sabe o que eu mais gosto na Martha? Além de me fazer companhia, ela avisa quando tem algum bandido por perto ou late quando ouve algum barulho estranho no meio da noite.

– E você tem uma arma, não tem? – perguntou Allison com certa cerimônia.

– Sim, tenho.

– Uau! Uma arma e um cachorro. Você é o máximo, Lindsay! Acho que é a pessoa mais legal que eu conheço.

Joguei a cabeça para trás e dei uma sonora gargalhada. Allison era uma criança adorável, com uma imaginação muito fértil. Eu estava espantada com a rapidez com que me afeiçoara a ela. Eu havia me escondido em Half Moon Bay com o objetivo de repensar meu passado, mas agora já imaginava um futuro ao lado de Joe, em nossa própria casa, talvez com uma filhinha no colo.

Eu ainda alimentava essa ideia maluca quando Carolee apareceu no quintal com o sorriso torto pela anestesia do dentista. Não consegui acreditar que as duas horas tinham passado tão rápido, nem na minha tristeza ao ver Allison ir embora.

– Volte logo – disse eu, apertando-a num abraço de despedida. – Allison, você é sempre bem-vinda.

FIQUEI ACENANDO ATÉ O CARRO de Carolee sumir na curva da Sea View Avenue. Um pensamento parou de circular na periferia da minha consciência para estacionar na frente do meu cérebro.

Levei o laptop até a sala, acomodei-me numa poltrona confortável e acessei a base de dados da polícia. Em poucos minutos descobri que o Dr. Ben O'Malley tinha sido multado algumas vezes por excesso de velocidade e, cinco anos antes, fora preso por dirigir embriagado. Havia sido casado duas vezes, ficando viúvo em ambas as ocasiões.

A primeira mulher se chamava Sandra e era mãe de Caitlin. Ela se enforcara na garagem do casal em 1994. Lorelei, a segunda Sra. O'Malley, assassinada no dia anterior ao aniversário de 39 anos, tinha sido presa em 1998 por furto em uma loja. Foi liberada após pagamento de multa.

Pesquisei os nomes de Alice e Jake Daltry e o resultado ocupou toda a tela do computador. Os dois estavam casados havia oito anos e, ao serem assassinados em sua residência em Crescent Heights, deixaram órfãos gêmeos de seis anos de idade. Eu me lembrei da simpática casa amarela com um fiapo de vista para a baía, a bola de basquete abandonada, o solitário pé de tênis.

Voltei a atenção para a tela.

Jake tinha passado por problemas com a polícia antes de se casar com Alice. Além do envolvimento com uma prostituta, falsificou a assinatura do pai para receber benefícios da aposentadoria, o que lhe rendeu seis meses de prisão. Nos últimos oito anos, contudo, ele vinha andando nos trilhos e trabalhava numa pizzaria da cidade.

Não constava nenhum registro em nome de Alice. Ela jamais havia sequer ultrapassado um sinal vermelho ou arranhado a lataria de um carro no estacionamento do supermercado.

Porém, estava morta.

O que eu faria com todas aquelas informações?

Liguei para Claire e ela atendeu logo ao primeiro toque. Fui direto ao assunto.

– Claire, você pode fazer uma pequena pesquisa para mim? Estou tentando encontrar uma ligação entre o caso O'Malley e o de Jake e Alice Daltry.

– Claro, Lindsay. Vou trocar uma ideia com meus colegas de outras cidades, ver se descubro alguma coisa.

– A propósito, será que você podia dar uma olhada no caso de Sandra O'Malley? Ela se enforcou em 1994.

Conversamos por mais alguns minutos sobre Edmund, marido de Claire, e sobre o anel de safira que ele tinha dado a ela no aniversário de casamento. Falamos também sobre uma garotinha chamada Allison, que conversava com os porcos.

Ao desligar, tive a sensação de que respirava um ar mais puro. Estava prestes a fechar o laptop, porém algo chamou minha atenção. Quando Lorelei O'Malley foi processada pelo

furto de um par de brincos de 20 dólares, um advogado chamado Robert Hinton assumiu a defesa do caso.

Eu conhecia Bob Hinton.

O cartão dele ainda estava no bolso do short que eu usava ao ser atropelada por sua bicicleta de 10 marchas.

E, se eu não estava enganada, ele ainda me devia um favor.

O ESCRITÓRIO DE BOB HINTON era um cubículo na Main Street, espremido entre uma Starbucks e um banco. Mesmo sem saber se o encontraria naquela manhã de sábado, empurrei a porta de vidro e deparei com o advogado diante de uma mesa grande, a calvície precoce inclinada sobre um exemplar aberto do San Francisco Examiner.

Ele levantou a cabeça de repente e, num gesto atrapalhado, derrubou o copo de café sobre o jornal. Antes que a primeira página ficasse totalmente manchada, consegui ver a foto: um garoto de cabelos claros numa cadeira de rodas.

Sam Cabot. O pesadelo da minha vida.

– Desculpe, Bob. Não queria assustá-lo.

– Não p-p-precisa se desculpar – respondeu ele, ajustando os óculos de armação rosa. Em seguida tirou alguns guardanapos de papel da gaveta e limpou a bagunça. – Por favor, sente-se.

– Obrigada.

Bob perguntou como iam minhas férias em Half Moon Bay e eu falei que minha agenda andava movimentada.

– Eu estava justamente lendo sobre você, tenente – comentou ele com um sorriso, enquanto secava a primeira página com um bolo de guardanapos.

– Nestes tempos de internet, quem consegue guardar segredo? – respondi sorrindo. Depois disse que estava interessada nos homicídios que vinham ocorrendo a poucos quilômetros da casa da minha irmã. Perguntei o que ele poderia me contar a respeito.

– Eu conhecia Lorelei O'Malley – respondeu. – Fui advogado dela num processo. Consegui livrá-la apenas com o pagamento de uma multa – acrescentou, sacudindo os ombros num gesto autodepreciativo. – Conheço o marido dela superficialmente. As pessoas andam dizendo que ele está envolvido na morte de Lorelei, mas não consigo imaginá-lo matando a madrasta de Caitlin. A menina já era traumatizada demais com o suicídio da mãe.

– Para a polícia o cônjuge é sempre o principal suspeito.

– É, eu sei. Tenho amigos na corporação. Cresci em Half Moon Bay – explicou – e comecei a trabalhar aqui logo depois de formado. Gosto de ser um peixe pequeno num lago pequeno.

– Você é modesto demais, Bob – disse eu, apontando para as fotos em que ele apertava a mão do governador do estado e de outros políticos. A parede estava forrada com certificados e diplomas.

– Ah, isso – falou ele, novamente dando de ombros. – Bem, faço algum trabalho não remunerado como tutor de menores abandonados ou vítimas de abuso. Só isso. Represento os garotos nos processos judiciais, para garantir que os direitos deles sejam respeitados.

– Muito louvável – comentei. Eu começava a simpatizar com aquele advogado e percebia que ele também já se sentia mais à vontade comigo: não havia gaguejado desde o incidente com o café.

Recostando-se na cadeira, Bob apontou para a foto de uma cerimônia na prefeitura, na qual ele apertava a mão de um homem que lhe entregava uma placa.

– Está vendo aquele sujeito ali? – perguntou, indicando um homem elegante sentado entre outros num tablado. – Ray Whittaker. Ele e a mulher, Molly, moravam em Los Angeles mas passavam o verão aqui. Os dois foram assassinados enquanto dormiam, alguns anos atrás. Lindsay, você sabia que todas essas pessoas foram degoladas e açoitadas?

– Ouvi dizer.

Saí do ar por alguns segundos, tentando digerir o fato de que outras pessoas haviam sido assassinadas da mesma forma anos antes. O que significariam os açoites? Desde quando o assassino estava à solta?

Quando voltei a prestar atenção em Bob, ele ainda falava dos Whittaker.

– ... gente simples, os dois. Ele era fotógrafo e ela trabalhava como figurante em Hollywood. Não faz sentido. Todas as vítimas eram pessoas de bem, e é terrível que os filhos acabem sob os cuidados de outras famílias ou na casa de parentes que mal conhecem. Eu me preocupo com essas crianças. – O advogado balançou a cabeça, suspirando. – Tento não levar esses problemas para casa quando saio do trabalho, mas...

– Sei bem como é. Se tiver uns minutinhos, posso lhe contar uma história que tenho levado para casa nos últimos 10 anos.

BOB SE LEVANTOU E FOI até a cafeteira sobre o fichário. Encheu duas xícaras e voltou para a mesa.

– Tenho todo o tempo do mundo – disse, sorrindo. – Não gosto dos preços da Starbucks, muito menos daquela agitação, todo mundo com pressa.

O café estava morno. Entre um gole e outro, contei a Bob sobre meu primeiro caso de homicídio.

– Encontramos o garoto num daqueles pulgueiros do Mission District. Eu tinha visto cadáveres antes, mas não estava preparada para aquilo, Bob. Ele não devia ter nem 20 anos... Quando entrei no quarto ele estava deitado de costas no chão, apodrecendo na poça do próprio sangue. Havia moscas por todos os lados, milhares delas.

Senti enjoo ao me lembrar daquela imagem, nítida na minha cabeça como se eu ainda estivesse naquele quarto. Continuei bebendo o café, tomando coragem para continuar a conversa.

– Ele usava apenas duas peças de roupa: uma meia branca e uma camiseta do Distillery. Conhece o Distillery?

Bob fez que sim com a cabeça, comentando:

– Todos os turistas que passam por aqui desde 1930 comem naquele lugar.

– É verdade. Uma pista e tanto!

– Como foi que o garoto morreu?

– Degolado com uma faca. E havia arranhões, como marcas de chicote, nas nádegas.

Isso faz você se lembrar de alguma coisa?

Bob assentiu novamente. Ouvia com atenção, então continuei. Contei que na época viramos Half Moon Bay pelo avesso.

– Ninguém conhecia a vítima, Bob. Não havia registro das impressões digitais do garoto e, para complicar a situação, o quarto onde ele foi morto era tão podre que um fio de cabelo seria confundido com outros milhares que havia naquela pocilga. Um caso clássico de contaminação de evidências. Estávamos de pés e mãos atados. Ninguém apareceu para reconhecer o corpo, o que nem é tão raro assim. Só naquele ano já tínhamos 23 cadáveres sem identificação. Mas até hoje me lembro da inocência estampada naquele rostinho. Olhos azuis, cabelos ruivos... E agora, depois de tantos anos, novos homicídios com a mesma assinatura.

– Sabe o que mais me incomoda, Lindsay? Pensar que esse assassino pode ser alguém que mora bem aqui, nesta...

O telefone tocou, interrompendo Bob.

– Robert Hinton – atendeu ele.

Numa fração de segundo seu rosto ficou pálido. O advogado era monossilábico nas respostas: "Sim, sim." Depois de um tempo, completou:

– Obrigado por me avisar.

Ao desligar o telefone, Bob me informou:

– Um amigo meu trabalha no Gazette. O corpo de Ben O'Malley foi encontrado por uns garotos que faziam trilha na mata.

OS PAIS DE JAKE DALTRY moravam num condomínio em Palo Alto, 30 minutos ao sul de Half Moon Bay. Estacionei o carro diante da casa deles, uma construção de dois andares e fachada cor de creme, idêntica às outras na mesma rua.

Fui atendida por um senhor corpulento e com aspecto desleixado vestindo camisa de flanela e calça de moletom, o cabelo grisalho em total desalinho.

– Sr. Richard Daltry?

– Não estamos interessados – disse ele, batendo a porta.

Não é uma porta na cara que vai intimidar uma policial, seu babaca.

Saquei meu distintivo e toquei a campainha novamente. Dessa vez uma senhora de cabelos ruivos e raízes grisalhas abriu a porta. Ela usava um vestido estampado com coelhinhos.

– Pois não?

– Sou a tenente Lindsay Boxer, da Polícia de São Francisco – apresentei-me, com minha identificação em punho. – Estou investigando um homicídio antigo e gostaria de conversar com vocês.

– O que nós temos a ver com isso?

– Acredito que há semelhanças entre esse caso e a morte de Jake e Alice Daltry.

– Sou Agnes, mãe de Jake – retrucou ela, abrindo a porta. – Por favor, perdoe meu marido. Estamos passando por um momento difícil. A imprensa não dá trégua.

Segui a mulher casa adentro. O lugar recendia a essência de limão e a cozinha não via uma reforma desde que John Hinckley havia atirado no presidente Reagan. Sentamos a uma mesa de fórmica vermelha, de onde era possível ver o quintal. Dois meninos brincavam com seus caminhões de plástico num tanque de areia.

– Meus netos, coitadinhos – lamentou a Sra. Daltry. – Eles não mereciam isso...

A dor de Agnes Daltry era visível no rosto enrugado, nos ombros caídos. Percebi que ela precisava conversar com alguém que ainda não conhecesse toda a história.

– Por favor – pedi –, conte-me tudo o que aconteceu. Tudo o que a senhora sabe.

– Jake foi um rapaz difícil. Não era má pessoa, mas muito teimoso, entende? Quando conheceu Alice ele mudou completamente. Da noite para o dia. Mais maduro, responsável. Aqueles dois se amavam tanto! Mal podiam esperar para ter filhos. Quando os gêmeos nasceram, Joe prometeu a si mesmo se tornar um homem responsável. Tinha verdadeira adoração pelas crianças. E olha, tenente, ele cumpriu a promessa, posso garantir. Jake era tão bom, tinha um casamento tão feliz... Ai, meu Deus...

Nesse instante ela levou a mão ao peito e balançou a cabeça, emocionada. Não tinha condições de continuar, mas ainda não havia dito nada sobre os assassinatos.

Agnes olhava fixamente para a mesa quando o marido apareceu na cozinha. Lançou um olhar de poucos amigos na minha direção, pegou uma cerveja na geladeira e saiu porta afora.

– Richard ainda está bravo comigo...

– Por quê, Agnes?

– Fiz uma besteira.

Eu estava louca para saber qual era. Passei a mão no braço dela e a mulher começou a chorar.

– Pode falar – disse eu baixinho.

Ela tirou um lenço de papel de uma caixa e secou o rosto, desabafando:

– Eu ia buscar os meninos na escola. Mas antes parei na casa de Jake e Alice para saber se eles precisavam de alguma coisa. Jake estava morto no saguão, nu. Alice também, mas nos degraus da escada.

Olhei para ela, encorajando-a a continuar.

– Limpei o sangue... – prosseguiu Agnes, suspirando, olhando para mim como se tivesse medo de ser chicoteada também. – Depois vesti os dois. Não queria que fossem vistos daquela maneira.

– Você estragou a cena do crime – confessei.

– Não queria que os meninos vissem aquele sangue todo...

UM MÊS ANTES EU NÃO TERIA agido assim. Estaria ocupada pensando nas coisas que precisava fazer. Levantei-me da mesa e abri os braços para Agnes Daltry.

Ela acomodou a cabeça no meu ombro e começou a chorar. Eu entendi. A mulher não vinha recebendo qualquer apoio do marido. Seu corpo tremia tanto que eu podia sentir sua dor, como se Agnes fosse uma velha conhecida e eu amasse sua família tanto quanto ela.

Fiquei emocionada a ponto de sentir novamente a solidão da perda de três pessoas que eu amava: mamãe, Chris e Jill.

Ouvi o som distante de uma campainha. Eu ainda estava abraçada a Agnes quando o marido dela voltou à cozinha.

– Tem alguém aí querendo falar com você – cuspiu ele para mim, a amargura saindo por seus poros como um cheiro azedo.

– Comigo?

O homem que me aguardava na sala parecia uma bosta ambulante: jaqueta e calça marrons, gravata de listras marrom. A cabeleira, o bigode farto e o olhar severo também tinham coloração marrom.

Apenas o rosto era vermelho, e parecia furioso.

– Tenente Boxer? Sou Peter Stark, chefe de polícia de Half Moon Bay. A senhora vai ter de me acompanhar.

ESTACIONEI O EXPLORER na vaga de visitantes à frente da delegacia, um pequeno prédio cinzento que lembrava um quartel. O delegado desceu da viatura e foi pisando firme até a porta, sem se dar o trabalho de virar o rosto e conferir se eu o seguia.

Um exemplo de profissionalismo e educação.

A primeira coisa que percebi na sala dele foi o quadro pendurado atrás da mesa: “Faça a coisa certa e faça direito.” Reparei então na bagunça: as pilhas de documentos espalhadas, o fax e a copiadora caindo aos pedaços, os porta-retratos empoeirados e tortos na parede, com fotos em que o delegado posava ao lado de cervos e alces mortos, o sanduíche esquecido sobre o armário de ferro.

Peter Stark tirou a jaqueta e a pendurou num gancho atrás da porta, deixando à mostra o gigantesco peitoral e os braços enormes.

– Sente-se, tenente. Tenho ouvido muito falar de você – comentou, examinando os recados anotados na sua ausência. Ele não tinha olhado nos meus olhos desde que havíamos saído da casa dos Daltry.

Tirei um capacete de motociclista de cima de uma cadeira, coloquei-o no chão e me sentei.

– Que diabos você pensa que está fazendo? – perguntou.

– Como?

– O que faz você pensar que tem o direito de entrar no meu quintal e ficar bisbilhotando? – disparou o homem, atravessando-me com o olhar. – Você está afastada da corporação, não está?

– Com todo o respeito, delegado, eu não estou entendendo.

– Não me faça de bobo, tenente. Conheço sua fama de irresponsável há bastante tempo. É bem possível que tenha matado aquela menina sem nenhuma justifi...

– Delegado...

– Talvez tenha ficado com medo, perdido a cabeça, sei lá! E isso faz de você uma policial perigosa. Entendeu agora?

Perfeitamente. O sujeito ocupava um posto mais alto que o meu. Então bastava uma notificação dele dizendo que eu havia infringido as normas policiais ou desobedecido a ordens diretas e eu estaria frita. Ainda assim, mantive a calma.

– Desconfio que esses homicídios recentes estejam relacionados com um caso antigo na minha jurisdição. Eles têm a mesma assinatura. Talvez nós possamos colaborar um com o outro.

– Não existe “nós” aqui, Boxer. Você está fora! Fique longe das minhas investigações. Deixe minhas testemunhas em paz. Vá ler um livro, caminhar na praia, sei lá. Mas fique fora do meu caminho.

Quando abri a boca novamente, minhas palavras foram tão firmes que um equilibrista poderia atravessar a sala dando cambalhotas sobre elas.

– Sabe, delegado, no seu lugar eu não pensaria em outra coisa a não ser em colocar as mãos nesse psicopata solto por aí... encontrar um jeito de tirá-lo de circulação para sempre. Não vejo problema algum em aceitar a ajuda de uma policial experiente, condecorada diversas vezes. Pelo contrário, aceitaria a ajuda de braços abertos! Mas acho que pensamos de modo diferente.

Meu breve discurso fez o delegado recuar. Aproveitei a oportunidade para bater em retirada com um mínimo de dignidade.

– O senhor sabe onde me encontrar – concluí, ao passar pela porta.

Juro que pude ouvir Yuki Castellano sussurrar ao meu ouvido: Tente relaxar. Procure ficar na sua.

Relaxar? Ficar na minha? Talvez numa próxima vida.

Pisei no acelerador e ganhei as ruas.

EU SEGUIA PELA MAIN STREET, resmungando e pensando em todas as coisas que gostaria de ter dito ao delegado, quando percebi que o mostrador do combustível berrava: Lindsay, você precisa abastecer!

Entrei no posto de Keith e estacionei diante da bomba, mas o Homem na Lua não apareceu. Desci e me encaminhei até a oficina. A voz de Jim Morrison subia do fosso de reparos, os acordes de "Riders on the Storm" cada vez mais altos.

Na parede à minha direita, o calendário apresentava a Miss Junho vestida apenas com a cabeleira ondulada. Um pouco acima, avistei um verdadeiro tesouro: vários acessórios Bentley, Jaguar e Maserati expostos como troféus nas prateleiras de madeira laqueada. No chão, um gato gordo e malhado dormia dentro de um pneu.

Lancei um olhar de admiração para o Porsche vermelho estacionado sobre o fosso e, dirigindo-me ao vulto que se movia sob o veículo, gritei:

– Bela máquina!

Keith saiu de baixo do carro sorrindo, com o rosto imundo de graxa.

– Não é? – perguntou. Saiu do fosso, limpou as mãos num pano e baixou o volume da música. – E aí, Lindsay, problemas com o Bonneville?

– Que nada. Troquei o alternador e as válvulas. O motor está ronronando como aquele rapazinho ali.

– O nome dele é Estopa – disse Keith, dando uma coçadinha no pescoço do gato. – Meu guarda-costas. Ele estava no carburador de uma picape quando o encontrei.

– Puxa!

– Sem eu saber, ele veio de San Diego até aqui dentro do motor. Queimou as patas, mas agora está novinho em folha, não é, amigão?

Keith perguntou se eu precisava abastecer e respondi que sim. Então caminhamos de volta para a agradável luz do sol da tarde.

– Vi você na televisão ontem à noite – contou ele, enquanto o enorme tanque do Explorer engolia a gasolina aditivada.

– Não viu nada.

– Claro que vi. Sua advogada estava no noticiário e eles mostraram uma foto sua de uniforme. – Ele abriu um sorriso. – Quer dizer então que você é mesmo policial.

– Por quê? Você não tinha acreditado?

O rapaz deu de ombros e disse:

– Até que tinha. Mas, por mim, tanto fazia. Ou você era policial ou tinha mandado uma conversa esperta.

– U-huuu! – exclamei, e Keith explodiu numa gargalhada.

Fiz um resumo do caso dos irmãos Cabot para ele, deixando de fora o sofrimento e os detalhes mais escabrosos. O sócia de Brad Pitt se mostrou um bom ouvinte, compreensivo, bem mais agradável que o delegado Stark. Droga, eu até que estava

gostando daquele papo!

Keith abriu o capô do Explorer e, enquanto verificava o nível do óleo, me encarou com os olhos brilhantes e azuis. Foi o bastante para eu perceber que suas íris tinham pontos mais claros salpicados nelas, como se polvilhadas com ouro em pó.

– Você está precisando trocar o óleo – disse ele, e senti meu rosto arder.

– Vá em frente, pode trocar.

Keith abriu a lata e foi derramando o óleo no motor. Fazia aquilo com uma das mãos no bolso traseiro da calça, numa estudada pose de indiferença.

– Então, só de curiosidade... como é esse tal namorado?

EU NÃO SABIA AO CERTO o que estava rolando entre nós ali naquela oficina. Portanto, como medida de segurança, contei a Keith sobre Joe. Disse que era um cara muito bacana. Engraçado, generoso e inteligente.

– Trabalha em Washington. Departamento de Segurança Interna.

– Uau! – admirou-se Keith.

O garoto engoliu em seco antes de perguntar:

– Está apaixonada por ele?

Fiz que sim com a cabeça, imaginando o rosto de Joe, pensando na saudade que sentia dele.

– Homem de sorte, esse Manicotti.

– Molinari – corrigi, sorrindo.

– Um homem de muita sorte, seja lá qual for o nome dele. – Keith fechou o capô e, nesse instante, um carro preto com a placa de uma locadora de automóveis estacionou na frente da oficina. – Merda! Chegou o Sr. Porsche e o carro dele ainda não está pronto.

Enquanto entregava meu cartão de crédito a Keith, vi o “Sr. Porsche” descer do carro alugado.

– Ei, Keith! – gritou. – Então, meu chapa, posso levar?

Meu Deus! Eu conhecia o sujeito. Parecia mais velho à luz do dia, mas eu não tive dúvida: era o dom-juan sem noção que havia perturbado minha noite com Carolee no Cormorant. Dennis Agnew.

– Já estou indo aí! – Keith berrou de volta.

Antes que eu pudesse fazer qualquer pergunta sobre o infeliz, o mecânico já caminhava até o escritório, enquanto Agnew vinha na minha direção. Quando estava próximo, parou e apoiou as mãos pesadas sobre o capô do meu carro, os olhos cravados em mim. Com um sorriso irônico, perguntou:

– Visitando os pobres, tenente? Ou será que veio atrás de “carne nova”?

Eu formulava uma resposta à altura quando Keith surgiu às minhas costas e disse:

– Opa, eu agora virei “carne”? – Ele parou ao meu lado e respondeu ao sorriso irônico de Agnew com outro, radiante. – Aposto que entende do assunto, seu velho tarado.

Um silencioso duelo de sorrisos se estendeu por um tempo que me pareceu excessivo.

Então Agnew tirou as mãos do capô e disse:

– Vem comigo, filé. Quero ver meu carro.

Keith piscou para mim e me devolveu o cartão de crédito.

– Vê se não some, Lindsay.

– Você também.

Entrei no carro e dei partida no motor, mas ainda fiquei ali por algum tempo, observando Agnew seguir Keith até a oficina. Aquele sujeito não prestava, mas eu ainda não sabia até que ponto ou de que forma.

DORMI MUITO MAL. Sonhos fragmentados e sem sentido atrapalharam meu sono. Diante da pia do banheiro, eu escovava os dentes com um vigor patético.

Estava furiosa e sabia o motivo.

Com suas ameaças, o delegado Stark colocara um ponto final na investigação que talvez me levasse a solucionar, depois de tantos anos, o caso do Anônimo 24. Se eu não estava enganada, o assassino vinha agindo em Half Moon Bay.

Andando de um lado para outro na cozinha, dei comida a Martha, fiz café e comi meu cereal.

Não estava prestando muita atenção ao noticiário na pequena TV sobre a bancada até que uma matéria urgente entrou no ar.

Uma repórter com ar severo estava diante de uma casa isolada pela fita amarela da polícia. Falava em voz alta devido aos curiosos que se aglomeravam ao redor.

– Às sete e meia da manhã de hoje, Annemarie e Joseph Sarducci foram encontrados mortos em sua residência na Outlook Road. Os corpos, nus e degolados, foram achados pelo filho do casal, Anthony, de 13 anos, que não sofreu qualquer tipo de agressão. Conversamos há pouco com o delegado de polícia Peter Stark.

A tela mostrou Stark diante de jornalistas na porta da delegacia, com microfones por todos os lados. Era praticamente um cerco.

– Delegado, é verdade que os Sarducci foram mortos como animais?

– Delegado! Oi, aqui! Foi Tony Sarducci quem encontrou os pais? Foi ele mesmo?

– Ei, Pete! Vocês já têm um suspeito?

Perplexa, eu assistia à cena pensando nos malabarismos que Stark teria de fazer para responder às perguntas. Uma decisão difícil: contar a verdade ou mentir e pagar o preço depois, mas mantendo a população calma e não dando qualquer informação ao assassino? Eu tinha visto a mesma hesitação no rosto do chefe de polícia de Washington, o delegado Moose, quando um franco-atirador andava à solta na capital.

– Senhores, não posso dizer mais do que isto – Stark respondeu. – Duas pessoas foram mortas, porém não podemos revelar nenhum detalhe de natureza pericial. Estamos trabalhando no caso. A população será informada assim que tivermos algo concreto.

Puxei uma cadeira para perto da TV e coleei o rosto na tela. Embora homicídios não fossem uma novidade, eu não me lembrava de nenhum outro caso que tivesse me deixado tão abalada e nervosa. A ousadia daquele assassino era tamanha que eu me imaginava em meio à multidão de curiosos e jornalistas na porta da delegacia.

Na cozinha de Cat, eu me vi falando com o monitor de 13 polegadas:

– Quem está fazendo isto, delegado? Quem é o maluco que está matando tanta gente?

PARTE 4

CHUVAS E TROVOADAS

OS CORPOS ESTAVAM SENDO retirados quando cheguei ao local e parei entre duas viaturas da polícia, sobre o gramado.

A multidão, horrorizada, recuou quando os paramédicos desceram as escadas com duas macas cobertas para colocá-las na ambulância. Embora eu não conhecesse Annemarie e Joseph Sarducci, senti uma enorme tristeza.

Abriendo caminho pela multidão, fui até a porta, onde um policial montava guarda com os braços para trás. Logo percebi que se tratava de um bom profissional, pois o homem me recebeu com um sorriso amistoso e um olhar indiferente. Apelando para a sorte, mostrei-lhe meu distintivo.

– O delegado está lá dentro, tenente – disse ele.

Toquei a campainha. O primeiro compasso das Quatro estações de Vivaldi ganhou os ares.

O próprio Stark atendeu a porta. Quando viu que era eu, fechou a cara e falou:

– Que diabos você está fazendo aqui?

Respondi com firmeza, até porque estava sendo sincera:

– Quero ajudar, caramba. Posso entrar?

Ficamos ali parados, um encarando o outro, até que por fim ele cedeu.

– Alguém já lhe disse que você é uma cara de pau insistente? – perguntou. – Vai, entra!

– Sim, já me disseram. E obrigada.

– Não agradeça. Liguei para um amigo da Polícia de São Francisco. Charlie Clapper. Ele

disse que você é uma boa policial, e ele raramente se engana. Não faça com que eu me arrependa.

– Você acha possível se arrepender ainda mais?

Ao passar por Stark, atravessei o saguão e fui direto para a sala, cujas janelas davam diretamente para as águas da baía. A decoração era moderna e sóbria: móveis caros, pinturas abstratas, tapetes orientais. Embora os Sarducci estivessem mortos, eu sentia a presença do casal nos objetos daquela sala.

À medida que registrava tudo mentalmente, fui percebendo que faltavam algumas coisas. No chão, por exemplo, não havia nenhum cone, nenhuma fita, nenhuma marca de giz. Afinal, por onde o assassino tinha entrado?

– Se importa de dar uma volta pela casa comigo? – perguntei ao delegado.

– O filho da mãe entrou pela claraboia lá de cima – informou.

A SUÍTE DO CASAL NÃO APENAS estava um gelo: sua atmosfera era opressiva, como se o cômodo também lamentasse a tragédia. As janelas estavam abertas e as persianas balançavam como os ossos de um esqueleto. Os lençóis azuis da cama estavam manchados de sangue, dando ao ambiente uma frieza ainda maior.

Seis peritos da polícia recolhiam os objetos das mesinhas de cabeceira, aspiravam o carpete, analisavam as impressões digitais. Com exceção do sangue na cama, o local parecia estranhamente intacto.

Pedi emprestado um par de luvas cirúrgicas e me curvei sobre a escrivaninha para examinar uma foto dos Sarducci, certamente tirada por um profissional. Annemarie era uma mulher bonita e de baixa estatura. Joseph tinha o aspecto de um gigante inofensivo, com os braços envolvendo a mulher e o filho carinhosamente.

Que motivo alguém teria para matar este casal?

– Annemarie teve a garganta cortada – disse Stark, interrompendo meus pensamentos. – Por pouco não foi decapitada. – Em seguida apontou para o carpete encharcado de sangue ao lado da cama. – Ela caiu ali. Joseph não estava na cama. – O delegado observou ainda que as manchas formavam uma linha reta e contínua. – Nenhum sinal de luta. O marido morreu no banheiro.

Segui Stark até o banheiro de mármore branco. O sangue se concentrava numa das paredes, um borriço na altura dos joelhos que escorria até formar uma poça coagulada no chão. Via-se o contorno do corpo de Joseph onde ele havia caído.

Agachei-me para examinar com atenção.

– O invasor provavelmente encontra a patroa sozinha na cama – disse Stark, apresentando suas hipóteses. – Então ele tapa a boca da mulher e pergunta: “Cadê seu marido?” Ou então escuta um barulho de descarga, mata Annemarie rapidinho e surpreende o marido no banheiro. Joseph ouve a porta se abrir e pergunta: “É você, querida?” Depois levanta a cabeça... “Quem é você? O que está fazendo aqui?”

– Esse sangue é do talho no pescoço – disse eu, apontando para as manchas baixas na parede. – O assassino teve de colocar Joseph de quatro para dominá-lo. O marido de Annemarie com certeza era maior que ele.

– Parece que sim... Colocou o homem de quatro, depois puxou a cabeça dele pelos cabelos e... – Stark fez um gesto de cortar a própria garganta.

Fiz algumas perguntas e Stark as respondeu sem reclamar. Nada foi roubado. O garoto não ouviu nenhum barulho. Vizinhos e amigos disseram que o casal era feliz, não tinha inimigos.

– Igualzinho aos Daltry – observou Stark. – E aos O’Malley também. Nenhuma arma, nenhuma pista, nenhum problema financeiro com as vítimas, nenhum motivo aparente. – Franziu a testa de repente e, naquele breve instante de vulnerabilidade, pude ver como ele estava sofrendo com a situação. – O único ponto em comum é que todos eram casados.

Mas é daí? Oitenta por cento dos habitantes de Half Moon Bay são casados!

– A cidade inteira está apavorada – comentei. – Inclusive eu.

O delegado não tinha mais nada a dizer. Desviou os olhos, enfiou a camisa para dentro da calça e passou a mão pelos cabelos. Recompôs-se, tentando não trair os próprios sentimentos. Só então voltou a me encarar.

– Então, tenente, alguma pérola de sabedoria? Sou todo ouvidos.

EU NÃO TINHA VISTO OS CORPOS e os laudos periciais levariam alguns dias para ficar prontos. No entanto, ignorei o sarcasmo do chefe de polícia e expus a ele o que meus instintos diziam:

– Foram dois assassinos.

Stark explodiu numa gargalhada e, quase cuspidando, disse em voz alta:

– Essa foi boa!

– Pense comigo – insisti. – Não há nenhum sinal de luta, certo? Por que Joseph não tentou dominar o agressor? Era um homem grande, praticamente um urso!

Stark permaneceu calado, então prossegui:

– Tente imaginar: Joseph é levado para o banheiro com uma faca nas costas. Ele colabora porque tem de colaborar! O assassino número dois ainda está no quarto com Annemarie.

Os olhos de Stark não paravam quietos, tentando analisar os fatos sob outro ângulo, procurando enxergá-los sob meu ponto de vista.

– Gostaria de ver o quarto do menino – disse eu.

Assim que passei pela porta, percebi que Anthony Sarducci era um garoto inteligente: tinha bons livros, um poderoso computador e um terrário com répteis estranhos. No entanto, o que mais chamou minha atenção foram as marcas no carpete sobre o qual ficava a cadeira da escrivaninha. A cadeira havia sido mudada de lugar. Por quê?

Bastou olhar para a porta para que uma ideia me ocorresse. Lembrei-me do policial que montava guarda fora da casa e liguei uma coisa a outra.

O menino não tinha ouvido nada.

– Alguém tirou aquela cadeira do lugar? – perguntei.

– Ninguém esteve neste quarto.

– Mudei de ideia, delegado. Não foram apenas dois invasores. Foram três. Dois para fazer o serviço e outro para vigiar o garoto. Ele se sentou bem ali, naquela cadeira.

Stark virou-se com determinação, andou até o fim do corredor e voltou acompanhado de uma perita jovem. Com um rolo de fita nas mãos, ela esperou que saíssemos do quarto e fez o isolamento do cômodo.

– Tenho arrepios só de pensar numa coisa dessas, tenente. Já era difícil quando achávamos que estamos lidando só com um psicopata.

Fiquei olhando para Stark e ele sorriu.

– Eu disse “achávamos”, no plural? Então não conte para ninguém.

ERA FIM DE TARDE QUANDO SAÍ da casa dos Sarducci. Fui descendo pela Cabrillo, a cabeça a mil com os detalhes do crime e minha conversa com Peter Stark. Ao saber que o casal fora chicoteado do mesmo modo que as outras vítimas, disse a ele que aqueles assassinos já haviam cruzado meu caminho.

Contei sobre o Anônimo 24.

Os pontos entre os homicídios de Half Moon Bay e meu antigo caso ainda teriam de ser ligados, mas eu podia jurar que estava certa. Com 10 anos de experiência na polícia, sabia que, embora o modus operandi pudesse variar com o tempo, a assinatura permanecia a mesma. Vítimas degoladas e chicoteadas eram uma assinatura rara, senão única.

O sinal estava fechado quando cheguei a um cruzamento. Ao olhar pelo retrovisor, percebi um carro esporte vermelho se aproximar velozmente atrás de mim. Esperava que ele freasse, mas nem sequer reduziu a velocidade.

Com os olhos no espelho, eu não acreditava: o ponto vermelho crescia para cima de mim, em rota de colisão. Esmurrei a buzina, sem resultado. Que diabos estava acontecendo? Será que o motorista estava falando ao celular?

A adrenalina voava nas minhas veias e o tempo se desmanchava em pequenos fragmentos. Para evitar a batida, pisei no acelerador e joguei o Explorer para a direita, subindo no gramado de uma casa, atropelando uma lixeira e parando a poucos centímetros de um pinheiro.

Não tive dúvida e engatei a ré, destruindo o gramado antes de voltar à rua. Acelerei em perseguição ao maluco que por pouco não tinha entrado pelo meu banco traseiro. E o louco nem sequer havia parado para ajudar. Ele poderia ter me matado.

Não deixei o ponto vermelho sumir de vista, aproximando-me até reconhecer o belo design do carro. Um Porsche.

Meu rosto ardeu de ódio e medo. Pisei fundo e continuei aquela arriscada perseguição, costurando entre os veículos e ignorando as placas de ultrapassagem proibida.

A última vez que vira aquele carro tinha sido na oficina de Keith, que consertava o cârter da máquina.

O Porsche de Dennis Agnew.

A caçada já se arrastava por quilômetros. Eu estava na cola dele quando alcançamos a parte alta da baía, subindo a San Mateo e descendo a El Camino Road, uma avenida imunda às margens da ferrovia. Sem qualquer sinalização, o Porsche deu uma guinada violenta à direita e embicou no estacionamento de um shopping.

Cantei pneu e entrei logo atrás, encontrando o lugar praticamente vazio. Desliguei o carro e, enquanto o velocímetro do meu coração diminuía, corri os olhos ao redor.

O shopping não passava de um pequeno ajuntamento de lojas ordinárias: um bazar chinês, uma tabacaria, entre outras espeluncas... Havia uma pequena construção quadrada de tijolos de cimento com pôsteres de cima a baixo na extremidade do estacionamento.

Um letreiro de neon preso à janela informava aos interessados: Boate Sunshine.

O Porsche de Dennis Agnew estava parado diante da porta.

Tranquei o Explorer e atravessei os 20 metros que me separavam do inferninho. Abri a porta e entrei.

A BOATE SUNSHINE ERA UM LUGAR HORRÍVEL, iluminado por uma luz forte que vinha do alto e por letreiros de neon que piscavam sem parar. Percebi à esquerda prateleiras forradas com artigos eróticos: chicotes, bonecas infláveis, vibradores de todo tipo de cor. À direita ficava a máquina de refrigerantes e salgadinhos: refeição rápida para os “cinéfilos” que se espremiavam nas cabines minúsculas com a mente sintonizada numa tara qualquer, a mão entre as pernas.

Tive a impressão de ser observada enquanto atravessava um corredor estreito repleto de monitores. Era a única mulher no lugar, sem falar que de blazer e calça eu certamente chamava mais atenção do que se estivesse nua.

Estava prestes a abordar o sujeito à minha frente quando senti a sinistra presença ao meu lado.

– Lindsay?

Levei um susto. Dennis Agnew, porém, parecia fascinado em me encontrar ali.

– A que devo a honra, tenente? – perguntou.

Presa num labirinto de prateleiras e balcões, cercada de pênis, peitos e bundas, eu me senti como um boi a caminho do matadouro: não havia para onde ir a não ser para a frente.

O escritório de Agnew era um cubículo sem janelas, também iluminado por lâmpadas fortes. Ele se acomodou do outro lado da mesa de fórmica e apontou para o sofá de couro preto, que já tinha visto dias melhores.

– Estou bem de pé. Não vou demorar.

Parada na soleira da porta, não pude evitar correr os olhos pela sala. Fotos de mulheres com fio dental autografadas para “Randy Long” disputavam espaço na parede com pôsteres de filmes pornôs, nos quais o próprio Randy Long “brincava” com suas parceiras. Vi também algumas polaroides de Agnew ao lado de engravatados sorridentes.

A ficha começou a cair quando liguei o rosto dos jovens executivos ao dos mafiosos que eles se tornaram mais tarde. Ao menos dois daqueles engravatados já haviam morrido.

Levei mais alguns segundos para perceber que Dennis Agnew e o ganhão Randy Long (mais jovem e cabeludo nas fotos) eram exatamente a mesma pessoa. Agnew tinha sido um ator pornô!

– ENTÃO, TENENTE, EM QUE POSSO SER ÚTIL? – perguntou Dennis Agnew, sorrindo enquanto arrumava alguns documentos e brincava com uma pilha de anéis penianos, passando-os de uma mão à outra feito moedas e depois soltando-os sobre a mesa.

– Não sei o que você estava tentando fazer, mas no lugar de onde eu venho é crime jogar um carro para fora do asfalto.

– Fala sério, Lindsay! Não se importa se eu chamar você de Lindsay, não é? – Agnew cruzou os dedos e abriu um sorriso branco azulado, sinal de que seu dentista andava exagerando no clareamento. – Não faço a menor ideia do que você está falando.

– Não me venha com essa. Foi exatamente isso que você fez há 20 minutos. Alguém poderia ter morrido. Eu poderia ter morrido!

– Ah, não! Não pode ter sido eu – disse ele, franzindo a testa e balançando a cabeça. – Eu perceberia uma coisa dessas. Acho que você veio aqui porque queria me ver...

O cara era louco. Como se não bastasse fazer besteira a bordo de um Porsche, o babaca ainda tinha uma atitude debochada que tirava qualquer um do sério.

– Está vendo essas garotas? – perguntou, apontando para a “parede da fama”. – Sabe por que elas fazem os filmes? Porque têm uma autoestima tão baixa que acham que ficam poderosas se humilhando assim com os homens. Não é ridículo? E agora você, humilhando-se ao vir aqui. Está se sentindo mais poderosa também?

Eu tentava digerir toda aquela baboseira, com um grito de “Filho da mãe arrogante!” preso na garganta, quando ouvi alguém atrás de mim:

– Uau! Espero que tenha vindo procurar emprego.

Um baixinho com um paletó verde e ordinário abotoado sobre a pança de cerveja estava à porta do escritório. A menos de um metro de distância, o sujeito me analisava da cabeça aos pés. Fiquei enojada só de vê-lo.

– Rick Monte, essa é a tenente Lindsay Boxer, da Polícia de São Francisco – apresentou-nos Agnew. – Está passando férias aqui... Pelo menos é o que ela diz.

– Tem se divertido, tenente? – perguntou Rick aos meus seios.

– Muito, mas posso passar das férias ao trabalho a qualquer instante.

Aquelas palavras saíram acompanhadas por um frio no estômago.

Que diabos eu estava fazendo?

Além de estar de licença, Half Moon Bay ficava fora da minha jurisdição e eu tinha acabado de perseguir um civil no meu próprio carro. Estava ali sem qualquer tipo de reforço e, se aqueles babacas decidissem registrar queixa, eu seria enquadrada em alguma pena disciplinar.

Era a última coisa de que eu precisava antes do julgamento.

– Se eu fosse menos experiente – disse Dennis com sua voz pastosa –, diria que você não gosta de mim. Mas não fiz nada contra você, fiz?

– Da próxima vez que me encontrar – rosnei –, dê meia-volta e suma.

– Desculpe, acho que me enganei. Pensei que você tivesse vindo atrás de mim.

Minha língua coçava para dar uma resposta à altura ao desgraçado, mas me segurei. Ele estava certo. Dennis Agnew realmente não tinha feito nada contra mim. Nem sequer havia dito um palavrão. Então saí da sala, morrendo de raiva por ter ido até ali, território daquele imbecil.

Eu já estava perto da saída, doida para esquecer aquele terrível episódio, quando a passagem foi bloqueada por um grandalhão com um corte de cabelo ridículo e labaredas tatuadas no corpo que mal cabia na camiseta.

– Cai fora, meu bem – disse eu, tentando passar por ele.

Mas o cara estendeu os braços, um navio encalhado no meio do caminho. Sorrindo, desafiando-me com o olhar, o gigante disse:

– Chega mais, gostosa. Vem pros braços do papai aqui.

– Pode deixar, Rocco – disse Agnew. – A senhorita é convidada minha. Eu a acompanho, Lindsay.

Caminhei até a porta, mas, antes que pudesse abri-la, Agnew se enfiou na minha frente. Seu rosto estava a menos de um palmo do meu. Percebi os poros da pele dele, os olhos injetados. Pôs um DVD nas minhas mãos. A capa anunciava o inacreditável desempenho de Randy Long em Um dia longo e duro.

– Dê uma olhadinha quando puder. Meu telefone está no verso.

Empurrei-o para o lado e o DVD caiu no chão.

– Saia da minha frente.

Agnew deixou um espaço mínimo para que eu passasse. Percebi um sorriso de malícia no rosto dele, que levou a mão até a virilha descaradamente.

NA MANHÃ SEGUINTE, ACORDEI pensando em como Dennis Agnew era asqueroso. Levei a caneca de café para a varanda e antes que ela esfriasse eu já estava descontando minha raiva no Bonneville.

Eu ajustava as velas do motor com um jogo de chaves quando ouvi um carro estacionar diante da casa.

As portas do veículo se abriram e se fecharam.

– Lindsay? Tem alguém aí?

– Acho que ela foi engolida por aquela banheira ali.

Tirei a cara de baixo do capô, limpei as mãos sujas de graxa num pano e abri os braços para Cindy e Claire, apertando-as num enorme abraço. Ao ouvir tantos pulos e gritos, Martha acordou e veio correndo da varanda para se juntar a nós.

– Estávamos aqui perto – disse Claire assim que o demorado abraço se desfez –, então resolvemos dar uma paradinha para saber o que você anda aprontando. E esse carro aí, Lindsay? Pensei que esses beberões nem existissem mais!

– Não fale mal do meu xodó – respondi, rindo.

– Ele anda?

– Se ele anda? Não, meu amor, ele voa!

As meninas me deram uma linda cesta com cremes e produtos de banho para levantar meu astral e, depois de uma votação unânime, entramos no Bonneville para um passeio.

Com os pneus pretos com faixas brancas deslizando pelo asfalto, baixei os vidros elétricos, deixando nossos cabelos serem lambidos pelo vento que soprava da baía. Contornamos as curvas da estrada e já seguíamos montanha abaixo quando Claire me mostrou um envelope, dizendo:

– Já ia me esquecendo. Jacobi mandou isto para você.

Olhei rapidamente para o envelope que ela segurava. Na noite anterior eu tinha telefonado para Jacobi e pedido a ele que mandasse tudo o que pudesse encontrar a respeito de Dennis Agnew, também conhecido como Randy Long.

Contei às minhas amigas sobre o primeiro encontro com Agnew no Cormorant, sobre nossa discussão no posto de Keith, sobre o acidente que ele quase havia provocado. Em seguida, sem economizar nos detalhes mais bizarros, falei sobre minha rápida passagem pela Sunshine.

– Ele disse isso para você? – perguntou Cindy, vermelha de raiva ao saber que “as mulheres se humilham com os homens para se sentirem mais poderosas”. – Então não são apenas os carros beberões que não deveriam existir mais.

Rindo, prossegui com meu relato:

– No escritório do cara existe uma “parede da fama”, dessas que a gente vê em restaurantes, com fotos autografadas por artistas. Só que as fotos de Agnew eram de mafiosos e estrelas de filmes pornôs. Surreal! Claire, abra isso aí, por favor.

Claire abriu o envelope e retirou três folhas grampeadas. Um bilhete escrito à mão por Jacobi estava colado à primeira delas.

– Vou ler em voz alta, se você não se importar – disse Cindy, debruçada no encosto do banco da frente. – “Encontrei algumas coisas sem maior importância: embriaguez ao volante, agressão, violência doméstica, porte de drogas e uma rápida passagem pelo presídio de Folsom. Mas aqui vai chumbo grosso, Linds. Cinco anos atrás, seu amigo foi indiciado por homicídio qualificado. Caso arquivado.”

Eu precisava ver aquilo com meus próprios olhos. Peguei o bilhete e continuei a ler:

– “A vítima era a namorada de Agnew, e o advogado, Ralph Brancusi.”

Não precisava dizer mais nada. Todas nós sabíamos. Ralph Brancusi era um advogado de peixes graúdos. Apenas os ricos tinham condições de bancá-lo.

Era também o advogado favorito dos mafiosos.

AO VOLTARMOS DO PASSEIO, encontramos uma viatura da polícia parada na frente da casa da minha irmã. O delegado Peter Stark veio caminhando na nossa direção com o rosto fechado, a testa franzida e um olhar de espanto que nos deixou preocupadas.

– Que foi, Stark? Mais alguma desgraça?

– O resultado da autópsia dos Sarducci ficou pronto – disse, apertando os olhos contra o sol. – Você está formalmente convocada para vê-los.

Senti um entusiasmo repentino que, por consideração a Stark, achei melhor disfarçar. Apresentei-o a Cindy e Claire.

– A Dra. Washburn é legista em São Francisco – disse eu. – Algum problema se ela for comigo?

– Claro que não – resmungou o delegado. – Toda ajuda será bem-vinda. Estou aprendendo, não estou?

Olhando para nós três, Cindy se deu conta de que não havia sido incluída no programa. Afinal de contas, ela era da imprensa.

– Já entendi – disse ela com bom humor. – Sem problema. Posso esperar por aí. Trouxe o laptop e tenho uma matéria para entregar. Além disso, sei que não sou bem-vinda.

Claire e eu voltamos para o Bonneville e seguimos Stark pela rodovia.

– Isto é ótimo – falei para ela, animada. – Ele está deixando que eu participe do caso.

– Onde estou com a cabeça? – rebateu Claire. – Acobertando e ajudando você nessa maluquice quando nós duas sabemos que seu lugar é naquela varanda com um drinque na mão, a bunda na cadeira e as pernas para o alto.

– Confessa, vai – disse eu, rindo. – Você também gostou. Não ia conseguir ficar de fora dessa, ia?

– Você pirou – resmungou Claire. Depois olhou para mim, desarmando-se com meu sorriso. – Você é uma piada, Lindsay. Mas é o seu que está na reta, meu bem.

Dez minutos depois, ainda na cola do delegado, deixamos a rodovia para entrar em Moss Beach.

O NECROTÉRIO FICAVA NO SUBSOLO do Centro Médico Seton. Era uma sala ampla com paredes de azulejos brancos, tão limpa e gélida quanto a seção de congelados de um supermercado. Um ar-condicionado zumbia baixinho ao fundo.

Balançando a cabeça, cumprimentei os dois técnicos que discutiam algum problema na escala de trabalho enquanto dobravam e guardavam as roupas das vítimas em sacos de papel.

Notei as mesas de autópsia no centro da sala, onde o jovem assistente do legista lavava os corpos dos Sarducci com água e sabão. Ao ver que eu me aproximava, ele fechou a mangueira e recuou.

Joseph e Annemarie jaziam nus sob uma luz forte. Não era possível notar nenhuma marca em especial nos corpos molhados, a não ser os talhos nas gargantas. Os rostos sem vida do casal eram tão desprovidos de rugas quanto o de uma criança.

De repente Claire me chamou, interrompendo minha silenciosa comunhão com os mortos.

Virei-me e ela me apresentou a um homem de jaleco azul e avental de plástico, os cabelos presos sob uma rede. Era magro, um pouco corcunda e tinha um sorriso torto, como se sofresse de paralisia facial ou tivesse tido um derrame.

– Lindsay, esse é o Dr. Bill Ramos, o médico-legista. Bill, essa é a tenente Lindsay Boxer, do Departamento de Homicídios da Polícia de São Francisco. É possível que haja uma ligação entre essas mortes e um caso antigo da tenente.

Eu apertava a mão do legista quando Peter Stark se aproximou.

– Doutor, conte a ela o que me disse pelo telefone.

– Prefiro mostrar. – O legista deu uma ordem ao assistente: – Ei, Samir, quero dar uma olhada nas costas da mulher. Me ajude aqui, vamos virá-la de lado.

Samir passou o tornozelo esquerdo dela sobre o direito e o Dr. Ramos pegou Annemarie pelo antebraço esquerdo. Juntos, viraram o corpo de lado.

Nas nádegas do cadáver havia sete arranhões esmaecidos, cada um com aproximadamente oito centímetros de comprimento e dois de largura.

– Foram golpes brutais – disse Ramos. – Mesmo assim, mal dá para notá-los. Samir, vamos fazer o mesmo com o Sr. Sarducci.

O legista e o assistente viraram o corpo do homem, fazendo com que a cabeça se vergasse de modo patético.

– Agora veja – continuou Ramos. – A mesma coisa aqui. Múltiplas marcas retangulares e esmaecidas, abrasões de “pressão”. Não têm o marrom avermelhado que veríamos caso a região tivesse sido golpeada enquanto ele estava vivo. Também não são aquelas amareladas que veríamos se os golpes tivessem sido desferidos post mortem.

O legista ergueu os olhos para ver se eu tinha entendido.

– Você dá um soco no meu rosto e depois atira duas vezes no meu peito. A pressão

sanguínea não será suficiente para produzir um grande hematoma no rosto, mas alguma coisa vai aparecer ali caso o coração continue batendo por alguns segundos.

Ramos levou um bisturi às costas da Sra. Sarducci e fez uma incisão próximo a uma das marcas.

– Está vendo esta cor meio parda sob a abrasão? É o que chamamos de acúmulo focal sanguíneo circunscrito. Trocando em miúdos, o corte profundo na artéria carótida e nos nervos vagos fez com que o coração parasse de forma quase imediata, mas não instantaneamente. Este homem ainda estava em seus últimos suspiros quando foi açoitado. Ou seja, os golpes foram desferidos cum mortem, segundos antes da morte. Para o assassino, era importante que a vítima ainda pudesse sentir a dor das chicotadas.

– Tudo indica que havia uma motivação pessoal – comentou Stark.

– Ah, sim. Eu diria que o assassino odiava as vítimas.

O silêncio tomou conta da sala após as palavras do legista.

– As marcas de Joseph são mais estreitas do que as de Annemarie – observou Claire após alguns instantes.

– Sim – concordou Ramos mais uma vez. – Foram instrumentos diferentes.

– Cintos, talvez? – perguntei. – É possível que os ferimentos tenham sido causados por cintos diferentes?

– Não posso garantir, mas é uma possibilidade – respondeu ele.

Além de concentrada, Claire parecia triste.

– Em que você está pensando? – perguntei a ela.

– Detesto dizer isto, Lindsay, mas essas marcas são idênticas às que lembro ter visto no seu antigo caso, o do Anônimo 24.

JÁ PASSAVA DA MEIA-NOITE. Afastando-se da praia, o Guardiã escalou a encosta de areia e seguiu pelo caminho de meio quilômetro que cortava os cardos e a vegetação densa a leste dos penhascos. Finalmente, avistou a avenida às margens da baía.

Seus olhos estavam fixos numa casa em particular quando ele tropeçou. Esticando os braços para suavizar a queda, o homem aterrissou de barriga, arranhando as mãos no cascalho que se misturava à vegetação rasteira.

Rapidamente se pôs de joelhos e levou a mão ao bolso do colete. A câmera não estava mais lá.

– Droga! Droga! Droga! – rugiu.

Arrastando-se de quatro, tateou o chão à procura do seu brinquedo precioso, com os lábios ficando ressecados por causa do frio.

O desespero tomava conta do homem aos poucos, porém em poucos minutos o Guardiã encontrou a pequena câmera em meio ao cascalho, com a lente virada para baixo.

Soprou para limpar a sujeira, apontou-a na direção das casas e olhou pelo visor. Mas percebeu que o vidro da lente estava arranhado.

Droga!

Xingando sem parar, o Guardiã viu que o relógio marcava 00h14 e começou a andar em direção à casa onde Lindsay estava hospedada.

Já que o zoom da câmera não funcionava mais, restava-lhe apenas uma coisa a fazer: aproximar-se fisicamente.

Saltou a mureta que separava a faixa de areia do asfalto e caminhou até a calçada, com a luz de um poste sobre ele. Pouco antes do fim da rua, avistou a casa iluminada de Cat Boxer e seguiu na direção dela, escondendo-se nas sombras, atravessando quintais, fazendo o possível para não ser visto.

Agachou-se atrás da cerca viva que margeava a construção. Com o coração disparado, levantou-se para espiar através da janela da sala.

Estavam todas lá dentro: Lindsay, de legging e camiseta da polícia, Claire, a legista negra de São Francisco, com uma túnica dourada, e Cindy, com os cabelos louros presos e um roupão de chenile que cobria todo o corpo, deixando à mostra as pernas do pijama rosa e os pés.

O trio não parava de falar, dando gargalhadas de vez em quando e depois voltando a ficar sério. Era uma pena não poder ouvi-las, pensou o Guardiã.

Repassou na cabeça os fatos, os acontecimentos mais recentes, as circunstâncias. A cadeira no quarto do garoto. Aquilo não provava nada. Ainda assim, tinha sido uma grande mancha de sua parte.

Era seguro seguir em frente?

Ainda havia muito a ser feito.

Ele já sentia os efeitos do estresse. As mãos tremiam, a garganta queimava de azia. Não era possível continuar ali, simplesmente não era possível.

Olhando ao redor, certificando-se de que ninguém passeava com o cachorro ou levava o lixo para fora, o Guardião se afastou e voltou à luz da calçada. Rapidamente saltou a mureta e seguiu pelo caminho escuro que o levaria até a praia.

Quanto a Lindsay Boxer, era preciso tomar uma decisão.

Uma decisão difícil.

A mulher era da polícia.

NO DIA SEGUINTE ACORDEI CEDO, com um pensamento que surgiu na minha mente como um golfinho que risca a superfície da água.

Soltei Martha no quintal, preparei o café e liguei o laptop.

Lembrei que Bob Hinton havia dito que outras duas pessoas tinham sido mortas em Half Moon Bay dois anos antes: Ray e Molly Whittaker. O casal passava os verões na cidade. Ray era fotógrafo e Molly, figurante de cinema em Hollywood.

Abri a base de dados da polícia e pesquisei o nome deles. Ainda estava em choque quando fui até o quarto para acordar as meninas.

Já à mesa, com café e pão à nossa espera, contei a elas o que descobrira sobre Ray e Molly Whittaker.

– Eram pornógrafos, os dois. Ray fotografava e Molly posava com crianças. Meninos e meninas. Foram indiciados e absolvidos. E quem foi o advogado deles? De novo... Brancusi!

Minhas amigas me conheciam bem. Pediram que eu tomasse cuidado, lembrando que, para todos os efeitos, eu era uma civil e que, embora parecesse lógico averiguar uma possível ligação entre os Whittaker e Dennis Agnew, eu estava fora do meu território e não contava com nenhum tipo de proteção, logo a chance de eu me dar mal era grande.

Devo ter dito “Eu sei, eu sei” um milhão de vezes e, à porta da casa, ao nos despedirmos, prometi me comportar.

– Você devia pensar em voltar para casa, Lindsay – disse Claire, segurando meu rosto entre as mãos.

– É verdade – respondi. – Vou pensar no assunto.

As duas me abraçaram como se nunca mais fossem me ver, e aquilo me incomodou um pouco. Enquanto o carro de Claire saía de ré para a rua, Cindy enfiou a cabeça pela janela e gritou:

– Eu ligo hoje à noite! Pense no que a gente disse. Pense, Lindsay!

Joguei beijos e entrei em casa. Achei minha bolsa pendurada na maçaneta de uma porta e revirei-a até achar meu celular, meu distintivo e minha arma.

No minuto seguinte já estava no meu carro.

O centro da cidade não era longe, e os pensamentos ainda giravam na minha cabeça quando estacionei diante da delegacia.

Encontrei Peter Stark na sala dele, com os olhos pregados no computador, uma caneca de café na mão e uma caixa de rosquinhas na cadeira ao lado.

– Essa porcaria ainda vai matar você – brinqueei.

Ele retirou a caixa para que eu me sentasse.

– Se é para morrer, que seja com rosquinhas! Então, tenente, o que a trouxe até aqui?

– Isto. – Desdobrei o dossiê de Dennis Agnew e joguei-o sobre a bagunça de papéis na mesa de Stark. – Ray e Molly Whittaker foram chicoteados, não foram?

– Sim. Foram os primeiros.

– Você chegou a suspeitar de alguém?

Stark fez que sim com a cabeça, depois disse:

– Não podia provar nada. Ainda não posso. Mas faz tempo que estamos de olho nesse sujeito. – Ele pegou as três folhas e as colocou de volta em minhas mãos. – Já sabemos sobre Dennis Agnew. É nosso principal suspeito.

EU ESTAVA NA VARANDA, ADMIRANDO o pôr do sol e arranhando alguma bobagem no violão, quando um par de faróis veio subindo lentamente pela rua até parar diante da casa da minha irmã.

Antes que eu chegasse ao carro, o motorista desceu e abriu a porta de trás.

– Já sei – disse eu, iluminando o fim de tarde com o brilho do meu olhar. – Você estava passando e...

– Exatamente – respondeu Joe, envolvendo-me pela cintura. – Quis fazer uma surpresa.

Passando a mão pela camisa dele, branca como sempre, afastei-o por um instante e disse:

– Foi a Claire que ligou para você, não foi?

– A Claire e a Cindy – confessou ele timidamente. – Vim buscar você para jantar.

– Hmm... Que tal jantarmos aqui mesmo?

– Fechado!

Joe deu um tapinha sobre o teto do carro e o motorista arrancou.

– Vem cá... – disse ele em seguida, apertando-me entre seus braços e me deixando arrebatada com um simples beijo. Um único pensamento sobreviveu ao calor que me consumia: Lá vamos nós outra vez. Mais um rápido intervalo na montanha-russa da minha vida.

Agora com as mãos em meu rosto, Joe me deu outro beijo na boca. Entramos em casa e fechei a porta com um chute.

Na ponta dos pés e pendurada ao pescoço dele, deixei que me conduzisse até o quarto, onde logo me vi deitada na cama, com minhas roupas sendo arrancadas peça por peça. Ele começou com os sapatos e foi subindo na direção dos lábios, beijando tudo o que encontrava pelo caminho.

Meu Deus, o calor desse homem derrete tudo, menos o Kokopelli que ele mesmo me deu.

A certa altura tentei abraçá-lo, mas não o encontrei.

Abri os olhos e fiquei admirando o homem que se despia à minha frente. Um corpo bem definido, rígido, bronzeado. Todo meu.

Sorri ao me lembrar de que cinco minutos antes meu projeto de vida se resumia a um capítulo de uma série policial. E agora aquilo!

Abri os braços e Joe cobriu meu corpo com o seu, dizendo:

– Estava com tanta saudade...

– Shhh... – sussurrei. Mordi o lábio inferior dele bem de leve, depois abri minha boca enquanto o envolvia com braços e pernas.

A noite já tinha caído quando, dali a uma hora, descabelados e descalços, saímos do quarto. Ao ver que Martha abanava o rabo como se dissesse “Estou morrendo de fome!”, fui dar comida a ela.

Em seguida preparei uma deliciosa salada tricolor com vinagrete de mostarda e parmesão ralado, coloquei uma massa para cozinhar e fiquei observando Joe misturar alho, orégano e manjerição no molho de tomate. Em pouco tempo o cheiro delicioso se espalhava pela cozinha.

Comemos ali mesmo, conversando sobre os acontecimentos da semana. Joe parecia repetir um noticiário da CNN: explosões de carros, espionagem em aeroportos, rixas políticas. Trivialidades que não eram nenhum segredo de Estado. Estávamos lavando a louça quando contei a ele uma versão bastante resumida – e censurada – dos meus encontros com Agnew.

Ele fechou a cara enquanto ouvia.

– Finja que não ouviu nada – falei, beijando a testa dele enquanto me servia de mais vinho.

– Finja que não estou bravo com você por se expor a esse tipo de perigo.

Caramba, será que todo mundo havia esquecido que eu era policial? Aliás, uma ótima policial! A primeira mulher a ser promovida a tenente em São Francisco, etc., etc.

– Que tal um pouquinho de Cary Grant e Katharine Hepburn? – sugeri.

Abraçadinhos no sofá, vimos *Levada da breca*, uma de minhas comédias favoritas. Como sempre acontecia, caí na gargalhada quando Cary Grant começou a engatinhar no chão para roubar um osso de dinossauro da boca de um cachorro. Joe riu também, abraçando-me com mais força.

– Se um dia você me vir fazendo isso com a Martha, não diga nada, ouviu?

Mais risadas.

– Eu te amo tanto, Lindsay...

– Eu também te amo muito, Joe.

Mais tarde, nos braços dele, adormeci pensando: Isto que é felicidade. Este é o homem da minha vida.

JOE PREPARAVA OVOS MEXIDOS com bacon sob a luz deslumbrante que entrava pelas janelas da cozinha. Enquanto eu enchia duas canecas com café, ele viu a pergunta em meus olhos.

– Fico até ser chamado de volta – respondeu ele antes que eu pudesse formulá-la. – Se quiser, posso ajudá-la a pensar nesses crimes.

Entramos no Explorer com ele ao volante e Martha no meu colo. Fui contando tudo o que sabia sobre os Sarducci enquanto passávamos lentamente pela casa de vidro e madeira às margens da baía.

Em seguida fomos para Crescent Heights, pegando a sinuosa estradinha de cascalho que levava à residência dos Daltry.

O estado de conservação da casa denunciava os crimes ocorridos em seu interior. O gramado era um enorme matagal. Tapumes estavam pregados às janelas, com pedaços de fitas da polícia tremulando nos arbustos como passarinhos amarelos.

– Um nível social bem diferente dos Sarducci – observou Joe.

– É verdade. Não acho que esses crimes tenham a ver com dinheiro.

Voltando à estradinha, em poucos minutos chegamos ao elegante bairro de Ocean Colony, onde os O'Malley tinham vivido e morrido. Apontei para a casa colonial branca de janelas azuis quando nos aproximamos. Havia uma placa de VENDE-SE na frente do jardim e um carro parado no caminho que levava à garagem.

Estacionamos junto ao meio-fio e vimos uma loura de vestido rosa sair da casa e trancar a porta da frente. Ao perceber nossa presença, ela abriu um enorme sorriso com lábios cheios de batom.

– Olá! Sou Emily Harris, da corretora Pacific Homes. Desculpem, mas a visitação   são no domingo. Não posso receber voc es agora porque tenho um compromisso na cidade e...

Ao perceber a decep o no olhar dos supostos compradores, ela mudou de ideia e disse:

– Por favor, são pe o que coloquem a chave na caixa de correio depois que saírem, está bem?

Descemos do Explorer e nos demos os braços. Interpretamos com perfei o o papel de marido e mulher   procura da nova casa. Subimos os degraus da frente e entramos na residência dos O'Malley.

A CASA HAVIA SIDO TODA PINTADA e reformada: providências necessárias para que um imóvel tão difícil de vender conseguisse o maior preço possível. Fiquei um tempo no vestíbulo de entrada e depois fui atrás de Joe, que já subia a escada em espiral que levava ao segundo andar.

Ao chegar à suíte de Ben e Lorelei O'Malley, encontrei-o examinando a porta do closet.
– Tem um burquinho aqui. Na altura dos olhos, está vendo? Foi coberto recentemente. Com as próprias unhas, ele raspou a massa ainda fresca.

– Um olho mágico? – perguntei.

– Um olho mágico na porta de um closet – respondeu Joe. – É estranho, não acha? A menos que os O'Malley curtissem essa história de vídeos caseiros.

Minha mente começou a trabalhar, tentando encontrar alguma ligação entre aquela pornografia caseira e a profissional, produzida por Randy Long. A polícia teria visto o buraco?

Mas e daí se tivesse visto?

Legalmente, nada impedia que um casal se divertisse com aquele tipo de brincadeira.

Entrei no closet recém-pintado, afastei os cabides de arame e os segurei para abafar o ruído de metal.

Foi quando vi outro pedacinho de massa sob a tinta fresca.

Raspei-o com o dedo e senti o coração disparar dentro do peito. Havia mais um olho mágico no fundo do closet, e ele atravessava toda a parede.

Peguei um dos cabides, estiquei o arame e o inseri no pequeno orifício.

– Onde será que isto vai sair? – perguntei a Joe. – Você pode dar uma olhada?

O arame parecia vivo enquanto eu esperava pelo puxão que enfim veio do outro lado. Joe voltou ao quarto segundos depois.

– O buraco dá para o outro quarto. Você precisa ver isso, Lindsay.

O aposento ainda estava parcialmente mobiliado com uma cama com dossel, uma penteadeira no mesmo estilo e, na parede, um espelho de corpo inteiro com uma elegante moldura talhada em madeira. Joe apontou para o orifício escondido num dos detalhes florais da moldura.

– Caramba, Joe. Este é o quarto da filha. Será que os canalhas espivavam a Caitlin? Será que filmavam a menina?

No caminho de volta à casa de Cat, eu olhava pela janela do carro sem conseguir parar de pensar no buraco no quarto da menina. Que tipo de gente teriam sido os O'Malley? Por que teriam filmado a própria filha?

Seria uma espécie de babá eletrônica?

Ou algo de natureza ainda mais sinistra?

Minha mente dava saltos mortais em torno dessa última descoberta, considerando todas as possibilidades. Mas tudo se resumia a uma única pergunta: Que ligação aquilo poderia

ter com os assassinatos?

ERA MEIO-DIA QUANDO CHEGAMOS à casa da minha irmã. Fomos ao quarto das minhas sobrinhas a fim de usar o quadro de cortiça que cobria uma das paredes para expor tudo o que já havíamos descoberto.

Peguei canetas coloridas e folhas de cartolina e arrumei dois banquinhos de plástico vermelho para nos sentarmos.

– Então, o que sabemos até agora? – perguntou Joe enquanto pregava no quadro uma cartolina amarela com tachinhas.

– As provas e os indícios sugerem três agressores. Segundo o legista, diferentes facas e cintos foram usados, o que corrobora minha tese de vários assassinos. Não há mais nada além disso. Nenhum fio de cabelo, fibra, impressão digital, material de DNA. É como se estivéssemos trabalhando num caso em 1940. Não há nada a fazer em termos de perícia.

– Mas o que você enxerga como padrão? Tente pensar em voz alta.

– Não estou vendo nada – respondi, esfregando uma bola de cristal imaginária. – Stark disse que todas as vítimas eram casadas. Mas também falou que isso não significa nada, já que 80 por cento dos habitantes daqui são casados.

Joe escreveu o nome das vítimas em folhas de papel.

– Continue – disse ele.

– Todos os casais tinham filhos, exceto os Whittaker. Os Whittaker estavam envolvidos em pornografia infantil, e talvez Caitlin O'Malley tenha sido vítima deles. Mas isso é pura especulação. Essa abordagem me faz suspeitar de uma possível conexão com outras pessoas daqui ligadas à pornografia e ao crime organizado. De novo, só especulação. E, para terminar, o Anônimo 24 não se encaixa no perfil dessas últimas vítimas.

– É possível que o primeiro assassinato tenha sido cometido por impulso – disse Joe –, e os outros, premeditados.

– Hmm... – murmurei, deixando os olhos vagarem pela janela, onde uma batata-doce crescia num pote de água, o caule e as folhas esparramando-se pelo parapeito. – Faz sentido. Talvez o adolescente tenha sido vítima de um crime passional. Nesse caso, o assassino, se é que havia um só, passou um bom tempo escondido. A assinatura foi a mesma, mas qual será a ligação?

– Ainda não sabemos. Faça um pequeno resumo para mim.

– Temos oito assassinatos semelhantes num raio de 15 quilômetros. Todas as vítimas tiveram a garganta cortada, exceto Lorelei O'Malley, que foi esfaqueada no abdômen. Todos eles, mais o Anônimo 24, foram chicoteados. E o principal suspeito é um ex-ator pornô, um pilantra de marca maior.

– Vou dar uns telefonemas – disse Joe.

TERMINADA A LIGAÇÃO PARA seu contato no FBI, Joe voltou ao quarto e eu fui anotando o resumo das informações obtidas.

– Tiro na água para todas as vítimas – disse ele. – Nenhum crime, nenhuma mudança de nome, nenhuma ligação com Dennis Agnew. Quanto aos caras da Boate Sunshine... Ricardo Montefiore, mais conhecido como Rick Monte, já foi condenado por exploração de prostitutas, atentado ao pudor e agressão. E ponto final. Rocco Benuto, o leão de chácara do lugar, é peixe pequeno. Detido duas vezes: uma por porte de drogas e outra, aos 19 anos, por invadir uma loja de conveniência em Nova Jersey. Estava desarmado.

– Não é o perfil de um assassino em série, correto?

Joe assentiu e continuou:

– Todos têm uma “ligação conhecida” com diversos membros do baixo e do médio escalão do crime organizado. Frequentam as festas, arrumam as garotas de programa. Quanto a Dennis Agnew, você já sabe do processo de homicídio arquivado em 2000.

– Ralph Brancusi foi o advogado que livrou a cara dele.

Joe balançou a cabeça, concordando.

– A vítima era uma atriz pornô de Urbana, Illinois. Vinte e poucos anos, viciada em heroína e presa algumas vezes por prostituição. Foi uma das namoradas de Agnew antes de sumir de vez.

– Sumir? Tipo... nenhum corpo foi encontrado?

– Sinto muito, Lindsay. Nenhum corpo encontrado.

– Então não sabemos se a garganta dela foi cortada?

– Não.

Deixei a cabeça cair entre as mãos. Era frustrante estar no meio daquele circo de horrores e não ter nenhuma pista decente para trabalhar.

Mas um padrão estava claro. O espaço de tempo entre os crimes era cada vez menor. O Anônimo 24 fora morto 10 anos atrás. Os Whittaker, oito anos depois dele. Os Daltry, um mês e meio atrás. E agora, dois homicídios duplos no intervalo de uma semana.

Joe sentou-se no banquinho ao lado do meu. Segurou minha mão e, juntos, ficamos olhando para as anotações na cortiça. Quando falei, foi como se minha voz ecoasse no quatinho das meninas.

– Neste exato momento, eles estão planejando o próximo ataque, Joe.

– Como você pode saber de uma coisa dessas? – perguntou.

– Eu sei. Eu sinto.

FUI ACORDADA PELO SOM ESTRIDENTE do telefone ao lado da cama. Atendi no segundo toque, percebendo que Joe havia partido e deixado um bilhete na cadeira em que antes estavam suas roupas.

– Joe?

– Não, é a Yuki. Acordei você?

– Não, estava acordada – menti.

Com a velocidade de sempre, Yuki disse o que tinha a dizer e em cinco minutos desliguei o telefone. Mas não consegui voltar a dormir. Li o simpático bilhete de despedida deixado por Joe, vesti um moletom, prendi Martha na coleira e fui correr com ela na praia.

Uma brisa gostosa soprava do mar enquanto seguíamos na direção norte. Não estávamos longe quando alguém gritou meu nome. Uma silhueta minúscula vinha correndo ao meu encontro.

– Lindsee, Lindsee!

– Allison! E aí, minha querida?

A garotinha de olhos negros apertou os braços em volta da minha cintura e depois se abaixou para cumprimentar Martha.

– Allison, você está sozinha na praia?

– Não, é uma excursão da escola – respondeu ela, apontando para uma aglomeração de pessoas e guarda-sóis a alguns metros de distância.

Ao me aproximar do grupo, ouvi a criançada cantando a música de um seriado de TV. Carolee veio na minha direção. Nós nos abraçamos e depois fui apresentada às crianças “dela”.

– Nunca vi um vira-lata desses – disse uma menina de uns 11 ou 12 anos, com o cabelo todo embolado de areia.

– Não é um vira-lata. Minha querida Martha é uma border collie.

– Mas ela não parece com a Lassie – comentou outra menina, de cachinhos ruivos e com o olho roxo, resultado de alguma travessura.

– Não. Os border collies são outra raça. Vieram da Inglaterra e da Escócia e desempenham um trabalho muito importante – disse eu. – Eles vigiam as ovelhas e os bois.

Eu me tornei o centro das atenções e Martha olhava para mim como se soubesse que ela era o assunto da conversa.

– Eles têm de aprender os comandos primeiro, mas são muito inteligentes. Não só adoram trabalhar como pensam que os animais são deles. Acham que são os responsáveis por eles.

– Mandê ela fazer alguma coisa, Lindsay, mandê! – suplicou Allison, e eu concordei sorrindo.

– Quem quer ser a ovelha? – perguntei.

As crianças começaram a rir, mas quatro delas, além de Allison, levantaram a mão. Mandei que as "ovelhas" saíssem correndo pela praia e depois soltei Martha da coleira.

– Vai, Martha! – gritei, e a cadela disparou atrás dos pequenos.

Eles berravam e corriam, tentando escapar, mas minha border collie era rápida e ágil. Com a cabeça baixa e os olhos atentos, ela latia para os tornozelos das crianças, até que, depois de um tempo, todas se juntaram num único grupo.

– Junto, Martha! – gritei novamente, e minha cadelinha malhada veio pastoreando as crianças, correndo ao redor das pernas delas, agitada e ofegante. – Bom trabalho, menina. Excelente!

Martha latiu ao meu lado, parabenizando a si mesma em meio a assobios e aplausos das crianças. Em seguida, Carolee serviu suco de laranja e propôs um brinde a mim e a Martha. Assim que as atenções se dispersaram, aproximei-me de Carolee e lhe contei sobre a conversa com Yuki.

– Vou precisar de um favor seu – disse eu.

– Claro! – respondeu ela. Ainda ofegante, comentou: – Lindsay, você daria uma ótima mãe!

ASSIM QUE NOS DESPEDIMOS DE Carolee e das crianças, Martha e eu subimos a ribanceira e atravessamos o gramado que dava para a Miramontes Street. Eu mal tinha colocado o pé na calçada quando vi um homem, a uns 100 metros de distância, apontando uma pequena câmara na minha direção.

Como eu estava longe, só consegui ver o brilho da lente, o casaco de moletom laranja e o boné enterrado na cabeça. Ele não deixou que eu me aproximasse. Quando percebeu que eu o tinha visto, virou-se de costas e se afastou rapidamente.

Talvez fosse apenas um turista fotografando a paisagem, talvez os jornais tivessem descoberto meu paradeiro ou talvez o aperto no meu peito fosse fruto da minha paranoia. De qualquer modo, voltei para casa com uma sensação péssima.

Alguém estava me vigiando.

Alguém que não queria ser visto.

Ao chegar em casa, arrumei a cama e as malas. Dei comida a Penelope e troquei a água dela.

– Boas-novas, Penelope – disse à porca prodígio. – Carolee e Allison prometeram vir mais tarde. Vejo maçãs no seu futuro, minha amiga!

Guardei o carinhoso bilhete de despedida de Joe na bolsa e, após uma boa busca pelos cômodos para ver se não estava deixando nada para trás, saí porta afora.

– Vamos para casa? – perguntei a Martha.

Entramos no Explorer e ganhamos a rodovia rumo a São Francisco.

ÀS SETE DA NOITE DAQUELE MESMO dia entrei no Indigo, um restaurante novo na McAllister, a duas quadras do Tribunal de Justiça, o que talvez explicasse minha falta de apetite. Atravessei o bar, com suas paredes forradas de lambris, e cheguei à área das mesas, onde fui conduzida pelo maître até o banco de veludo azul em que Yuki folheava alguns papéis.

Ela se levantou para me abraçar e só então percebi como era bom estar ali, na companhia da minha advogada.

– Tudo bem com você, Lindsay?

– Tudo ótimo, a não ser quando me lembro do julgamento na próxima segunda.

– Nós vamos vencer – disse ela. – Então, pode parar de se preocupar.

– Me preocupar com o quê, não é? Bobagem minha!

Abri um sorriso, ainda que eu estivesse mais apreensiva do que aparentava. Mickey Sherman havia convencido a cúpula da Polícia de São Francisco de que o melhor seria que eu fosse representada por uma mulher, e que Yuki Castellano era “uma ótima perdida”.

Eu queria ter a mesma certeza.

Embora tivesse encontrado Yuki ao fim de um longo dia de trabalho, ela parecia animada, como se tivesse acabado de sair do banho. Mas, sobretudo, parecia jovem. Num gesto instintivo, fechei os dedos sobre meu Kokopelli enquanto minha advogada de 28 anos e eu fazíamos nossos pedidos.

– Então, o que perdi durante minha ausência? – perguntei a ela.

No prato à minha frente havia um robalo grelhado com purê de pastinaca, salada de erva-doce com nozes e vinagrete de cenoura e estragão, criação exclusiva do chef da casa. Empurrei o peixe para o canto do prato e belisquei apenas a salada.

– Ainda bem que você deu uma sumida, Lindsay, porque os tubarões andam sedentos de sangue – disse Yuki. Percebi que, embora me olhasse diretamente, ela gesticulava sem parar. – Os jornais e a TV não falam de outra coisa que não seja a revolta dos pais contra a violência da polícia. Vinte e quatro horas por dia. Você tem visto os programas humorísticos?

– Nunca assisto.

– Bem, só para sua informação: um deles fez um esquete com seu caso. Apelidaram você de Dirty Harriet. Bem, não deixa de ser uma bela homenagem ao inspetor vivido pelo Clint Eastwood – disse ela, sorrindo.

– Deve ter sido hilário – respondi, forçando um sorriso. – Acho que ganhei o dia.

– E a situação só vai piorar – continuou Yuki, ajeitando os cabelos, que desciam até os ombros. – A juíza Achacoso liberou as câmeras de TV no seu julgamento. E acabei de ver a lista de testemunhas da acusação. Sam Cabot vai depor.

– Mas isso é bom, não é? Ele confessou ter eletrocutado aqueles garotos. Podemos usar isso a nosso favor!

– Não é bem assim, Lindsay. Os advogados de Sam entraram com uma moção de exclusão, alegando que os pais não estavam presentes quando ele confessou os crimes para a enfermeira da UTI. – Nesse momento ela segurou minha mão, possivelmente por causa da cara que eu fiz. Depois continuou: – Olha, não sei o que Sam vai dizer... mas vou fazer picadinho dele, quanto a isso você pode ficar tranquila. Mas não vai dar para impugnar o testemunho do garoto com essa história da confissão. Será a sua palavra contra a dele. O garotinho de 13 anos versus a policial embriagada.

– Então... por que mesmo você disse que eu não precisava me preocupar?

– Porque a verdade vai vir à tona. Os membros do júri são seres humanos, Lindsay, pessoas que certamente já tomaram um drinque na vida. Não será difícil convencê-los de que você também tem esse direito. Sobretudo se levarem em conta o estresse do seu dia a dia. Você tentou ajudar aqueles dois garotos. E isso não é crime nenhum.

– NÃO SE ESQUEÇA DE QUE VOCÊ estará sendo julgada a partir do momento em que colocar os pés no tribunal – disse Yuki, caminhando ao meu lado na noite fria. Entramos no estacionamento do Opera Plaza e tomamos o elevador até o andar em que ela havia deixado o carro.

Em poucos minutos seguíamos pela Golden Gate Avenue na direção do meu bar favorito, ainda que, só por garantia, minha intenção fosse apenas beber uma Coca-Cola.

– Vá num carro discreto. Nada de viatura da polícia, uma picape enorme ou coisa parecida.

– Tenho um Explorer de quatro anos com uma porta amassada. Serve?

– Excelente! – disse Yuki, rindo. – Perfeito. E a roupa que você usou na audiência preliminar também estava ótima. Blazer escuro, broche da Polícia de São Francisco, nenhuma joia. Quando for cercada pelos jornalistas, sorria, mas não responde a nenhuma pergunta.

– Deixo essa parte para você.

– Isso mesmo.

Assim que entramos no Susie's, fui tomada por uma grande alegria. A banda de calipso incendiava o público e a própria Susie, num sarongue rosa-shocking, dançava no meio da pista. Minhas duas melhores amigas acenavam da “nossa mesa”, nos fundos do salão. Juntamo-nos a elas e eu fiz as devidas apresentações:

– Claire Washburn, Yuki Castellano. Yuki, Cindy Thomas.

Claire e Cindy apertaram a mão de Yuki e, pelo olhar das duas, pude notar que estavam tão preocupadas quanto eu com o calvário à minha frente.

– Sou amiga da Lindsay – comentou Claire. – E provavelmente você já sabe: também sou testemunha da acusação.

Cindy, muito séria, emendou:

– Trabalho para o Chronicle. E com certeza também estarei lá no tribunal, fazendo minhas perguntas nada agradáveis.

– E triturando sua amiga em pedacinhos, eu suponho – arrematou Yuki.

– Exatamente!

– Vou cuidar muito bem da Lindsay – disse Yuki. – A briga vai ser feia, mas vamos vencer.

Como se tivéssemos combinado, esticamos nossas mãos até o centro da mesa para um aperto coletivo.

– Unidas venceremos! – falei, num tom de voz elevado.

Foi bom rir um pouco. Eu já me sentia bem mais leve quando Yuki tirou o blazer e Claire serviu margaritas para todas, exceto para mim.

– É a primeira vez que tomo isto – disse Yuki timidamente.

– Já não era sem tempo, ilustríssima. Mas vá com calma, certo? – brincou Claire. – Pois

bem, queremos saber tudo a seu respeito. Comece pelo início.

– Eu sei, eu sei... – disse Yuki, lambendo o sal dos lábios. – O nome é meio esquisito, não é? Em primeiro lugar, como vocês já devem saber, japoneses e italianos são bem diferentes. A comida, por exemplo. De um lado, peixe cru com arroz. Do outro, scungilli marinara com linguine.

Yuki deu uma deliciosa gargalhada. Em seguida, metralhando as palavras como sempre, continuou:

– Quando minha mãe, japonesinha e delicada, conheceu meu pai, um grandalhão descendente de italianos, numa festa para alunos de intercâmbio, foi amor à primeira vista. Ele disse: “Vamos nos casar enquanto estamos apaixonados”, e foi exatamente o que fizeram, mais ou menos três semanas após se conhecerem. E eu cheguei nove meses depois.

Contou também que o preconceito contra os que não eram 100% orientais ainda era grande no Japão e que sua família acabou se mudando para os Estados Unidos quando ela tinha apenas seis anos. Apesar disso, lembrava-se com nitidez de quanto os americanos implicavam com ela pelo fato de ter os olhos puxados.

– Resolvi que iria ser advogada ainda pequena – disse ela, com os olhos brilhando. – Não é para me gabar, mas eu só tirava notas altas na faculdade de direito. E, desde que me formei, trabalho no escritório Duffy & Rogers. Acho que a motivação de uma pessoa é fundamental para o desempenho dela. Sempre me coloquei à prova: ser boa ou muito boa nunca foi o bastante. Preciso ser a melhor. Quanto a Lindsay, esta velha amiga de vocês e minha nova amiga, tenho certeza absoluta de que ela é inocente. E também vou provar isso.

APESAR DE TER SIDO ALERTADA por Yuki sobre o furor da mídia, fiquei assustada ao me deparar com a confusão na Civic Center Plaza. Vans de emissoras de TV estavam estacionadas nos dois lados da McAllister, com as antenas espetadas no teto, e uma multidão não muito simpática andava de um lado para outro nas ruas, bloqueando o acesso dos carros à prefeitura e ao tribunal.

Deixei o Explorer num estacionamento da Van Ness Avenue, a três quadras do tribunal, e agora seguia a pé, tentando passar despercebida por aquele aglomerado de gente. Mas não fui longe. Assim que me viram, os repórteres voaram em cima de mim, enfiando câmeras e microfones na minha cara, berrando perguntas que eu não conseguia compreender, muito menos responder.

No meio de tanto barulho, ouvi trechos de perguntas que envolviam algo como “brutalidade da polícia”. Aquilo provocava uma dor terrível em mim. Meu Deus, eu era uma boa policial! Por que as pessoas a quem eu havia jurado servir se voltavam contra mim daquela maneira?

Carlos Vega, da KRON-TV, não via a hora de me crucificar. Era um sujeito miúdo e agressivo, famoso por entrevistar as pessoas com uma voz tão mansa que elas nem sequer percebiam estar sendo massacradas. Mas eu o conhecia, porque já tinha lhe concedido uma entrevista antes. Ele perguntou:

– Você recrimina os Cabot por eles terem movido essa ação contra você?

Por bem pouco não fui grosseira. Estava prestes a cuspir a resposta, que certamente seria repetida no jornal da noite, quando alguém me puxou pelo braço. Antes que eu reagisse, percebi que se tratava de um velho colega da polícia.

– Conklin – suspirei, aliviada. – Graças a Deus.

– Venha comigo, Lindsay – disse ele, conduzindo-me através da multidão à barricada policial que formava uma estreita passagem até o tribunal. Fiquei emocionada ao ver vários colegas fazendo um cordão de isolamento ao meu redor, cumprimentando-me ou dizendo palavras de apoio: “Vai com tudo, tenente”, “Aguenta firme!”.

Assim que avistei minha advogada na escadaria do prédio, tracei uma reta na direção dela. Yuki rendeu Conklin na minha escolta e juntas, somando forças, empurrámos a pesada porta do tribunal. Subimos os degraus de mármore de uma segunda escadaria e logo chegamos à sala onde eu seria julgada, um lugar amplo, imponente e com as paredes forradas de cerejeira.

Centenas de cabeças se viraram na nossa direção. Arrumei a gola da minha camisa recém-passada, passei a mão pelos cabelos e, com Yuki ao meu lado, atravessei o corredor acarpetado que levava à mesa dos advogados. Apesar da postura de tranquilidade que eu conseguira assumir nos minutos anteriores, um pensamento não saía da minha cabeça.

Como aquilo podia estar acontecendo comigo?

YUKI SE AFASTOU PARA QUE eu ocupasse meu lugar à mesa, ao lado do grisalho e muito articulado Mickey Sherman. Ele levantou-se rapidamente para apertar minha mão.

– Como vai, Lindsay? Está muito bonita. Tudo bem com você?

– Não poderia estar melhor – brinquei.

Mas sabíamos que ninguém em perfeito juízo poderia estar bem naquela situação. Minha carreira estava em jogo, e, caso o júri se virasse contra mim, minha vida iria pelo ralo. O Dr. Andrew Cabot e a mulher pediam uma indenização de 50 milhões de dólares, e, mesmo que recebessem 49,9 milhões da cidade de São Francisco, eu ainda estaria falida e ficaria conhecida para sempre como Dirty Harriet.

Enquanto Yuki se acomodava ao meu lado, Anthony Tracchio, meu superior, veio até a balaustrada e apertou meus ombros num gesto de apoio – uma atitude inesperada que me deixou emocionada.

Um burburinho tomou conta da sala quando as “estrelas” da acusação ocuparam sua mesa. Pouco depois, os pais de Sam e Sara Cabot entraram no recinto, sentando-se logo atrás de seus advogados. O homem magro e a mulher loura, visivelmente transtornada, não tiravam os olhos de mim.

Andrew Cabot parecia um vulcão prestes a entrar em erupção em razão da fúria e da angústia represadas. E o rosto de Eva Cabot era um retrato vivo da tristeza que jamais teria fim: além de perder a filha de modo brutal, ela agora tinha um filho condenado para sempre à cadeira de rodas. Enquanto me fuzilava com os olhos injetados, eu percebia a imensidão do seu rancor.

Eva Cabot me odiava. Ela queria me ver morta.

Yuki pousou a mão gelada no meu braço, chamando minha atenção, mas àquela altura a troca de olhares com Eva Cabot já tinha sido registrada por todas as câmeras na sala.

– Todos de pé – ordenou o oficial de justiça em voz alta.

Um barulho ensurdecido tomou conta do recinto enquanto o público se levantava e a figura franzina da juíza Achacoso assumia seu lugar na tribuna, ajeitando os óculos. Sentei-me novamente, atordoada.

Chegara a hora.

Meu julgamento ia começar.

A SELEÇÃO DO JÚRI LEVOU quase três dias. Ao fim do primeiro, em função do telefone que não parava de tocar e do cerco dos repórteres à minha casa, mudei-me com Martha para o apartamento de Yuki, um imóvel de dois quartos com ótimo sistema de segurança.

A mídia estava com os nervos à flor da pele. Os jornais alimentavam a fúria da população ao detalhar o perfil de cada pessoa escolhida para o júri, acusando a defesa de parcialidade racial. Na verdade, eu ficava constrangida ao ver os dois lados aprovando ou reprovando potenciais jurados com base em algum tipo de preconceito, real ou imaginado, contra mim. Após dispensarmos quatro candidatos negros e latinos, comentei com Yuki durante o intervalo:

– Outro dia você não estava falando de como era ruim ser discriminada por causa das suas origens?

– Não é uma questão de origem ou raça, Lindsay. Todos os candidatos que dispensamos tinham algum tipo de predisposição contra a polícia. Às vezes as pessoas não têm consciência dos próprios preconceitos até serem questionadas. Em casos mais badalados como este, elas mentem apenas para ter seus 15 minutos de fama. Não estamos fazendo mais do que exercer nosso direito. Por favor, Lindsay, confie em mim. Se não jogarmos duro agora, estaremos liquidadas antes mesmo de o jogo começar.

Naquele mesmo dia, a acusação recusou de forma veemente duas funcionárias públicas brancas de meia-idade – mulheres que talvez me vissem como filha –, além de um bombeiro chamado McGoey, que supostamente ficaria do meu lado ainda que eu tivesse ingerido um litro de margarita.

No fim das contas, apesar de insatisfeitas, as duas partes chegaram a um acordo quanto aos 12 integrantes e os três suplentes. Às duas da tarde do terceiro dia, Mason Broyles se dirigiu à tribuna para fazer suas considerações iniciais.

Nem nos meus piores pesadelos eu poderia imaginar os absurdos que aquele desgraçado diria para apresentar o caso de Sam e Sara Cabot.

MASON BROYLES DAVA A IMPRESSÃO de ter dormido muito bem na noite anterior: não havia nenhum sinal de olheiras no rosto dele. Usava um terno marinho clássico Armani sobre uma camisa turquesa que combinava com o azul de seus olhos. De pé, sem recorrer às anotações, ele se dirigiu à corte e aos jurados.

– Meritíssima. Senhoras e senhores do júri. A fim de que possamos compreender o que aconteceu na noite do dia 10 de maio, temos de pensar com a cabeça de dois adolescentes. Sozinhos em casa, os irmãos Cabot encontraram a chave do Mercedes novo do pai e resolveram dar uma volta. Uma estupidez, claro, mas estamos falando de dois adolescentes. Sara tinha 15 anos, e Sam Cabot, hoje cursando o oitavo ano do ensino médio, tem apenas 13.

Broyles se afastou do banco dos jurados e parou diante dos próprios clientes, como se dissesse: Olhem para este casal. Vejam no rosto deles a dor causada pela violência da polícia. Depois voltou aos jurados e continuou:

– Sara Cabot estava ao volante naquela noite. Ela e o irmão passeavam pelo Tenderloin District, sabidamente uma área perigosa da cidade, a bordo de um veículo caríssimo. E de uma hora para outra se viram perseguidos por um carro. O próprio Sam nos contará daqui a pouco sobre o pavor que ele e a irmã sentiram com a perseguição.

O advogado parecia estar representando sobre um palco:

– A sirene estava muito alta. Todas as luzes da viatura, inclusive os faróis, piscavam de forma frenética, transformando a rua numa discoteca infernal. Se ainda estivesse viva, Sara Cabot nos contaria os detalhes pessoalmente: que, apavorada, ela decidiu fugir, perdeu o controle da direção e acabou batendo. Contaria também que, ao perceber que era a polícia que os perseguia, ficou ainda mais assustada. Ela havia acabado de bater com o carro do pai e só tinha uma carteira de habilitação provisória. Além do mais, seu irmãozinho havia se machucado no acidente.

Após uma pausa de efeito, ele emendou:

– E o mais importante: os policiais estavam armados. Mas Sara Cabot, que na escola estava dois anos à frente das meninas da sua idade, que tinha um QI superior a 160 e um futuro promissor, infelizmente não nos contará nada... porque está morta. E está morta porque a acusada, a tenente Lindsay Boxer, depois de cometer um imperdoável erro de julgamento, alojou duas balas no coração dela.

A argumentação de Broyles ganhava contornos de dramaticidade:

– A tenente também atirou contra Sam Cabot, um pré-adolescente, aluno exemplar e querido pelos colegas, capitão do time de futebol, campeão de natação e um xímio atleta. Sam Cabot jamais voltará a jogar bola ou nadar. Tampouco voltará a andar ou será capaz de trocar de roupa e tomar banho sem a ajuda de alguém. Sam Cabot nunca mais vai segurar um garfo ou um livro com as próprias mãos!

Era possível ouvir comentários abafados pela sala à medida que o público digeriria o

trágico cenário pintado por Maison Broyles, que por um longo período permaneceu em silêncio no círculo que havia criado em torno de si e de seus consternados clientes. Uma espécie de suspensão do tempo e da realidade, truque aperfeiçoado por ele ao longo de décadas como litigante de sucesso.

Com as mãos nos bolsos, deixando os suspensórios marinho à mostra, ele olhava fixamente para a ponta dos próprios sapatos como se também precisasse digerir o que acabara de dizer.

O advogado dava a impressão de estar rezando, mas eu duvidava que ele soubesse o significado do verbo rezar.

Só me restava ficar ali, calada, encarando o rosto impassível da juíza. Até que Broyles finalmente saiu do estado letárgico e virou a cabeça para os jurados. O bote estava armado:

– Senhoras e senhores, durante este julgamento serão apresentados testemunhos de que a tenente Boxer já havia terminado seu turno na noite do incidente e que também havia ingerido bebida alcoólica. Ainda assim, ela se viu no direito de entrar numa viatura policial e disparar uma arma. Também será dito que Sara e Sam Cabot estavam armados. Mas a verdade é que, embora tivesse experiência mais do que suficiente para desarmar duas crianças assustadas, a tenente Boxer conseguiu quebrar todas as regras de boa conduta naquela noite fatídica. Todas! Por isso é responsável pela morte de Sara Cabot, uma jovem cujo futuro, de outra forma longo e promissor, foi ceifado de maneira tão estúpida. Por isso é responsável também pela invalidez a que Sam Cabot está eternamente condenado.

O espetáculo de Broyles aproximava-se do fim:

– O que pleiteamos dos senhores hoje é que a tenente Lindsay Boxer seja condenada pela flagrante negligência de seus atos, pelo abuso de poder que resultou na morte prematura de Sara Cabot e na paralisia de Sam Cabot. Diante de perdas tão lamentáveis, pleiteamos também que um montante de 50 milhões de dólares seja pago aos querelantes como reparação, não só pelos custos médicos que por muitos anos serão necessários ao tratamento do filho, mas também pelo incalculável sofrimento infligido à família.

A cortina do palco então começou a se fechar:

– Pleiteamos, por fim, que um valor adicional de 100 milhões seja acordado a título de danos punitivos, uma advertência para toda a comunidade policial desta cidade e deste país no sentido de que não podemos mais tolerar comportamentos semelhantes. Não queremos que nossas ruas sejam vigiadas por policiais embriagados.

POR MUITO POUCO MEU ESTÔMAGO não veio à boca quando ouvi Broyles descrever Sam Cabot, o psicopatazinho frio e calculista, como o futuro grande herói do esporte. Pensei: Campeão de natação? Capitão do time de futebol? Que diabos isso tem a ver com os crimes que ele cometeu ou com os tiros que disparou contra Warren Jacobi?

Esforcei-me para manter uma expressão neutra quando Yuki se levantou para começar sua argumentação.

– Naquela noite de 10 de maio, uma sexta-feira, a tenente Boxer chegava ao fim de uma semana difícil – disse minha advogada, a voz melódica ressoando pelo tribunal. – Dois rapazes haviam sido assassinados no Tenderloin District e a tenente ficara muito abalada não só com a brutalidade dos crimes, mas também com a ausência de provas.

Yuki se aproximou da bancada do júri e passou a mão pelo parapeito enquanto fazia contato visual com cada um dos jurados. Eles acompanhavam a jovem advogada de rosto redondo e olhos cintilantes, atentos a cada palavra que ela dizia.

– Na qualidade de oficial comandante do Departamento de Homicídios da Polícia de São Francisco, a tenente Boxer é responsável pela investigação de todos os homicídios cometidos nesta cidade. Mas estava particularmente abalada naquela noite porque as vítimas eram adolescentes. Ela não estava mais de serviço e tomava um drinque antes de jantar com as amigas quando recebeu uma ligação do inspetor Warren Jacobi.

Os olhos de Yuki passeavam pela bancada do júri.

– Jacobi tinha sido parceiro da tenente quando ela ainda era inspetora e, diante da gravidade do caso, os dois vinham trabalhando juntos novamente. No testemunho que dará no momento oportuno, Warren Jacobi irá dizer que ligou para a tenente Boxer para informar que a única pista que eles tinham até então, um Mercedes visto nas imediações de ambos os crimes, fora localizado na Market Street.

Uma breve pausa e Yuki continuou:

– No lugar da tenente Boxer, muitas pessoas teriam dito: “Nem pensar, meu turno já acabou. Não quero passar a noite numa viatura.” No entanto, ciente das suas obrigações, ela estava determinada a tirar de circulação o responsável pela morte daqueles jovens antes que outros tivessem o mesmo fim. Quando entrou no carro do inspetor Jacobi, informou que havia bebido, mas que tinha perfeito controle de suas faculdades mentais. Senhoras e senhores do júri, a acusação fará uso constante da palavra “embriagada”. Trata-se, no entanto, de uma distorção da realidade.

– Protesto, meritíssima – interrompeu Broyles. – Afirmção tendenciosa.

– Protesto indeferido. Sente-se, Sr. Broyles.

Falando diretamente aos jurados, Yuki prosseguiu:

– É verdade que minha cliente tomou alguns drinques. Mas não estava embriagada, trocando as pernas, arrastando a língua, nada disso. E também não estava conduzindo o carro. O que a tenente Boxer bebeu naquele bar não tem rigorosamente nada a ver com os

acontecimentos que se seguiram. Essa policial está sendo acusada de ter usado a arma de trabalho para matar uma menor de idade. Mas daqui a pouco os senhores verão que, naquela noite, ela não era a única com uma arma nas mãos. As "vítimas" – Yuki gesticulou as aspas – não só estavam armadas como também atiraram primeiro, e com o firme propósito de matar.

MASON BROYLES SE LEVANTOU, furioso.

– Protesto, meritíssima. A defesa está zombando das vítimas, o que é inadmissível. Os julgados aqui não são Sam e Sara Cabot, e sim a tenente Boxer.

– Pois não deveria – insistiu Yuki com vigor. – Minha cliente não fez nada de errado. Nada. Está aqui porque os autores da queixa estão sofrendo e querem que alguém pague por isso, devida ou indevidamente.

– Protesto, meritíssima! A defesa está sendo tendenciosa novamente!

– Deferido. Srta. Castellano, por favor, guarde suas conclusões para as considerações finais.

– Pois não, meritíssima. Desculpe.

Yuki voltou à mesa para ler suas anotações, depois retomou a palavra como se jamais tivesse sido interrompida.

– Na noite em questão, os exemplares Sam e Sara Cabot fugiram da polícia a uma velocidade superior a 120 quilômetros por hora, transitando por ruas movimentadas sem qualquer apreço pela segurança pública, o que já constitui uma infração. Estavam armados, o que é outra infração. E, depois de bater com o carro do pai, Sara Cabot, sem condições de sair do veículo, foi auxiliada por dois policiais responsáveis, que nesse momento já estavam com as armas novamente guardadas nos coldres.

A advogada fez uma pausa e prosseguiu:

– Lindsay Boxer e Warren Jacobi não fizeram mais do que cumprir com sua obrigação de servir, proteger e, sobretudo, prestar ajuda. Mais tarde os senhores ouvirão o testemunho de um perito em balística e serão informados de que os projéteis retirados dos corpos da tenente Boxer e do inspetor Jacobi após cirurgia saíram das armas de Sara Cabot e Sam Cabot, respectivamente. Serão informados também de que Sara e Sam Cabot atiraram contra esses policiais sem nenhuma provocação.

As palavras saíam da boca de Yuki num fluxo constante:

– Na noite de 10 de maio, enquanto jazia no chão à beira da morte, perdendo dois litros de sangue, a tenente Boxer ordenou que as vítimas baixassem as armas. Mas ela não foi atendida. Sara Cabot disparou mais três tiros, que por sorte não atingiram minha cliente. Só então a tenente Boxer atirou de volta. Qualquer outra pessoa que tivesse atirado em legítima defesa... um banqueiro, um padeiro, um lixeiro... ele ou ela não estaria sendo julgado aqui hoje. Mas, quando uma policial defende a si mesma, todos querem a cabeça dela...

– Protesto!

Era tarde demais para objeções. A expressão carregada no rosto do Dr. Cabot explodiu num acesso de fúria. Ele ficou de pé e avançou sobre Yuki, como se quisesse estrangulá-la. Foi contido a tempo por Mason Broyles, mas àquela altura o tumulto havia se instalado no tribunal. A juíza Achacoso batia seu martelo freneticamente.

– Sem mais a dizer, meritíssima – arrematou Yuki.

– Isto é o que a senhorita pensa – retrucou a juíza. – Não vou permitir que este julgamento resvale para a baderna. Oficial, esvazie a sala! Quanto aos senhores advogados, quero ver os dois no meu gabinete.

O JULGAMENTO FOI RETOMADO e Yuki voltou à sala com um aspecto radiante. Tive a impressão de que, para minha advogada, o preço da bronca havia sido baixo em relação aos pontos marcados em sua argumentação inicial.

Broyles convocou sua primeira testemunha: Betty D'Angelo, a enfermeira que havia me atendido no hospital na noite em que fui baleada. Com certa relutância, ela repetiu o que tinha dito na audiência preliminar: que o nível de álcool no meu sangue era de 0,67g/l e que não era possível afirmar se eu estava embriagada, mas que, aos olhos da lei, aquela quantidade estava acima da permitida para um motorista.

Em seguida, Broyles chamou minha amiga, a Dra. Claire Washburn. Apresentou-a como chefe do Instituto Médico-Legal da cidade de São Francisco e responsável pela autópsia realizada em Sara Cabot.

– Dra. Washburn, foi possível identificar exatamente como Sara Cabot morreu?

Diante de um desenho do corpo humano, Claire apontou para os pontos em que meus disparos haviam perfurado o corpo de Sara.

– Sim. Encontrei dois ferimentos na altura do tórax. A primeira bala perfurou o quadrante superior esquerdo, bem aqui. Atravessou a cavidade torácica entre as costelas três e quatro, perfurou o lobo superior do pulmão esquerdo, o pericárdio, o ventrículo esquerdo e se alojou no lado esquerdo da coluna torácica. A segunda atravessou o esterno, cerca de 12 centímetros abaixo do ombro esquerdo, depois perfurou o coração até se alojar na vértebra torácica número quatro.

Os jurados pareciam estarecidos com as consequências dos meus disparos no coração de Sara Cabot, mas, terminado o interrogatório de Broyles, Yuki se aproximou do banco das testemunhas para também ouvir o depoimento da minha amiga.

– Dra. Washburn – começou –, a senhora pode nos dizer quais foram os ângulos de entrada?

– Ambos os disparos foram feitos de baixo para cima, a poucos centímetros do chão.

– E a morte de Sara Cabot foi instantânea?

– Foi.

– Portanto, seria correto dizer que Sara estava morta demais para atirar em alguém após ter sido atingida?

– “Morta demais”, Srta. Castellano? Até onde sei, ou uma pessoa está morta ou não está.

Envergonhada, Yuki reagiu:

– Perdoe-me, vou reformular a questão. Visto que a tenente Boxer foi atingida duas vezes pela arma de Sara Cabot, é possível afirmar que Sara Cabot atirou primeiro... uma vez que ela morreu instantaneamente depois de ser ferida pela tenente?

– Sim. A Srta. Cabot atirou primeiro.

– Só mais uma pergunta – emendou Yuki, como se algo tivesse lhe ocorrido de última

hora. – A senhora realizou um exame toxicológico no sangue da Srta. Cabot?

– Sim. Alguns dias depois da autópsia.

– E quais foram os resultados desse exame?

– Sara Cabot tinha metanfetamina no organismo.

– Estava “alta”?

– Não usamos esse termo na medicina. Mas Sara Cabot tinha 0,23 miligramas de metanfetamina por litro de sangue. Nesse sentido, sim, ela estava “alta”.

– E quais são os efeitos da metanfetamina? – perguntou Yuki.

– A metanfetamina é um poderoso estimulante do sistema nervoso central e produz diversos efeitos. No início, ela dá uma grande sensação de prazer, mas os usuários crônicos sofrem de inúmeros efeitos colaterais, como mania de perseguição e pensamentos suicidas ou homicidas.

– Apenas pensamentos ou atos homicidas também?

– Atos também, claro.

– Muito obrigada, Dra. Washburn. Meritíssima, não tenho mais perguntas.

O ALÍVIO QUE SENTI COM O DEPOIMENTO de Claire não durou muito tempo.

Mason Broyles convocou ao banco de testemunhas o Dr. Robert Goldman, um senhor moreno de bigode e com um terno azul-claro. Depois de fazer o juramento, Goldman começou a descrever os estragos que minhas balas haviam causado à saúde de Sam Cabot.

Utilizando um desenho semelhante ao de Claire, o homem disse que a primeira bala havia perfurado o abdômen do garoto para se alojar na vértebra torácica número oito, de onde ainda não tinha sido extraída.

– Essa bala paralisou Sam da cintura para baixo – disse o médico, alisando o bigode. – A segunda entrou na base do pescoço, atravessando a vértebra cervical número três e paralisando toda a região abaixo do pescoço.

– Doutor – perguntou Broyles. – É possível que Sam Cabot volte a andar um dia?

– Não.

– Ele poderá fazer sexo?

– Não.

– Será capaz de respirar por conta própria ou aproveitar a vida em toda sua plenitude?

– Não.

– Sam Cabot está condenado a passar o resto dos seus dias numa cadeira de rodas, correto?

– Correto.

– A testemunha é sua – disse Broyles a Yuki, voltando para a mesa.

– Nenhuma pergunta para essa testemunha, meritíssima – respondeu ela.

– A acusação convoca Sam Cabot – bradou Broyles.

Olhei aflita para Yuki antes de nós duas virarmos a cabeça para o fundo da sala. As portas se abriram e uma enfermeira jovem entrou empurrando uma cadeira de rodas cromada, certamente o Rolls-Royce da categoria.

Sam Cabot parecia frágil e encolhido dentro do terno que usava, nem de longe lembrando o delinquente que havia matado duas pessoas antes de atirar em Warren Jacobi. Não fosse a expressão raivosa, eu não o teria reconhecido.

Ele agora me encarava e meu coração disparou, num misto de horror, culpa e até pena.

Ao baixar os olhos, percebi o ventilador respiratório que zumbia sob o assento da cadeira, uma pesada caixa de metal com diversos medidores e um fino tubo de plástico que subia do aparelho até um ponto de apoio à direita de sua cabeça.

Era possível enxergar também um pequeno sintetizador de voz diante da boca do garoto.

Sam fechava os lábios ao redor do tubo de ar. Um ruído de sucção angustiante saía do ventilador quando o ar era bombeado nos pulmões. Um barulho que se repetia a cada três ou quatro segundos, sempre que ele precisava inspirar.

A enfermeira o empurrou até o banco das testemunhas.

– Meritíssima – disse Broyles –, já que não sabemos qual será a duração do testemunho de Sam, gostaríamos de ligar o ventilador respiratório numa tomada elétrica, a fim de economizarmos bateria.

– Naturalmente – concordou a juíza.

Um técnico desenrolou o longo fio laranja, enfiou-o na tomada mais próxima e retomou seu lugar atrás de Andrew e Eva Cabot.

Eu não conseguia tirar os olhos de Sam.

Sobre o pescoço rígido, a cabeça do garoto se prendia ao encosto da cadeira por meio de um dispositivo com faixas que passavam sobre sua testa. O aspecto era o de um instrumento de tortura medieval e certamente era isso que Sam achava.

O oficial de justiça, um rapaz alto de paletó verde, se aproximou dele.

– Por favor, erga a mão direita.

Com os olhos girando pelas órbitas, Sam sugou o ar e falou para a caixinha do sintetizador. Era possível ouvir uma estranha voz de robô.

– Não posso – respondeu.

A VOZ DE SAM NÃO TINHA ENTONAÇÃO humana, mas o rosto infantil e o corpo sem vida faziam com que ele parecesse mais frágil e vulnerável do que qualquer outra pessoa naquela sala. Na galeria, homens e mulheres murmuravam a compaixão que sentiam pelo garoto enquanto o oficial de justiça olhava para a juíza, sem saber que providência tomar.

– Prossiga com o juramento – ordenou ela.

– Jura dizer a verdade, somente a verdade, nada mais que a verdade?

– Juro – respondeu ele.

Broyles ficou sorrindo um longo tempo para o garoto, dando aos jurados a oportunidade de ver, ouvir e compreender o estado físico lamentável de Sam, de imaginar o inferno em que a vida dele tinha se transformado.

– Não fique nervoso – disse afinal. – Apenas diga a verdade. Conte-nos o que aconteceu naquela noite.

Em seguida fez algumas perguntas rotineiras, esperando com paciência sempre que o garoto fechava a boca sobre o tubo. As respostas vinham em frases picotadas, regidas pelo volume de ar que Sam conseguia reter nos pulmões antes de sugar o tubo novamente.

O advogado perguntou quantos anos ele tinha, onde morava, em que escola estudava, e só então passou às questões de real interesse.

– Sam, você se lembra do que aconteceu na noite de 10 de maio?

– Nunca vou esquecer... Nunca... – respondeu o garoto, sugando o tubo e falando com dificuldade por meio do sintetizador. – Eu só penso nisso... e por mais que eu tente... não consigo esquecer... Foi a noite em que ela matou minha irmã... e destruiu minha vida também.

– Protesto, meritíssima – interveio Yuki, colocando-se de pé.

– Meu jovem – disse a juíza –, sei que é difícil, mas procure se limitar ao que foi perguntado.

– Sam, vamos voltar um pouquinho no tempo – disse Mason Broyles em tom paternal. – Conte-nos, passo a passo, o que aconteceu naquela noite.

– Muita coisa aconteceu – respondeu o garoto, sorvendo um pouco mais de ar. – Não consigo me lembrar... de tudo. Mas sei que a gente pegou o carro do papai... e depois ficou com medo... As sirenes se aproximavam... Sara não tinha carteira... Depois o airbag explodiu... Só o que eu lembro é que... vi essa mulher... atirando na Sara... Não sei por que ela fez isso.

– Calma, Sam. Você está indo muito bem.

– Vi um clarão – prosseguiu o garoto, com os olhos pregados em mim. – E depois... minha irmã estava morta.

– Sim. Disso nós já sabemos. Mas, Sam, você se lembra exatamente de quando a tenente Boxer atirou em você?

Limitado pela faixa que prendia sua testa, Sam balançou a cabeça devagar de um lado

para outro, dizendo que não. Em seguida começou a chorar. Os soluços, amplificados pelo sintetizador, eram interrompidos a toda hora pela necessidade de respirar.

O ruído do sintetizador era uma coisa pavorosa, diferente de tudo o que eu tinha ouvido na vida. O barulho provocava em mim, e com certeza em todos naquela sala, ondas de calafrio.

Mason Broyles avançou na direção da cadeira de rodas e tirou um lenço do bolso para secar os olhos e o nariz do seu cliente.

– Quer descansar um pouquinho, Sam?

– Não... senhor... Estou bem – murmurou o menino.

– A testemunha está à disposição da defesa, meritíssima – disse Broyles, lançando-nos um olhar de desafio.

YUKI SE APROXIMOU DO ASSASSINO de 13 anos, que parecia ainda mais jovem e digno de pena em razão do rosto vermelho de choro.

– Está se sentindo um pouco melhor, Sam? – perguntou ela, apoiando as mãos nos joelhos e curvando o tronco para ficar cara a cara com o menino.

– Um pouco, eu acho... – respondeu ele.

– Que bom! – disse a advogada, reerguendo-se e recuando alguns passos. – Vou tentar ser breve nas minhas perguntas. Por que vocês estavam no Tenderloin District na noite de 10 de maio?

– Não sei... Era a Sara que estava dirigindo.

– O carro de vocês estava parado na frente do Hotel Balboa. Por quê?

– A gente queria comprar um jornal... eu acho... A gente ia ao cinema.

– Vocês pensaram que havia uma banca de jornal dentro do hotel?

– Acho que sim.

– Sam, você sabe a diferença entre a verdade e a mentira?

– Claro.

– E tem consciência de que prometeu falar só a verdade?

– Tenho.

– Certo. Então, pode nos dizer por que você e Sara estavam armados naquela noite?

– As armas... elas eram do papai – respondeu o garoto. Ele parou um instante para respirar, talvez para refletir também. – Tirei o revólver do porta-luvas... porque pensei que aquelas pessoas... iam matar a gente.

– Você não sabia que a polícia queria parar o carro para uma inspeção?

– Fiquei com medo... Eu não estava dirigindo e... tudo aconteceu tão rápido...

– Sam, você tinha cheirado ou fumado alguma coisa naquela noite? Um cristal?

– Um o quê?

– Cristal. Metanfetamina. Gelo, vidro, speed...

– Eu não estava drogado.

– Sei. Você se lembra do acidente de carro?

– Mais ou menos.

– Lembra-se da tenente Boxer e do inspetor Jacobi ajudando vocês a sair do carro depois da batida?

– Não, meu rosto estava coberto de sangue... Meu nariz estava machucado... De repente eu vi... as armas. E depois... eles atiraram na gente.

– Você se lembra de ter atirado no inspetor Jacobi?

O garoto arregalou os olhos. A pergunta talvez o tivesse surpreendido. Era provável que o fizesse relembrar o momento.

– Pensei que ele fosse... atirar em mim.

– Então você se lembra de ter atirado nele?

– Mas ele ia me prender, não ia?

Yuki não estava disposta a ceder. Esperou que ele enchesse os pulmões e perguntou:

– Sam, por que você atirou no inspetor Jacobi?

– Não. Eu não lembro... de ter feito isso.

– Então me diga uma coisa: você está fazendo terapia, não está?

– É, eu estou. Porque não está fácil para mim. Fiquei paralítico. E aquela mulher matou minha irmã.

– Então vamos falar sobre isso. Você diz que a tenente Boxer matou sua irmã. Você não viu que Sara atirou primeiro contra a tenente Boxer? Não viu a tenente caída no chão?

– Não é disso que eu me lembro.

– Sam, você se lembra de que jurou falar a verdade?

– Mas eu estou falando a verdade – insisti o garoto, começando novamente a chorar.

– Muito bem. Por acaso já esteve no Hotel Lorenzo?

– Protesto, meritíssima – reclamou Broyles. – Aonde a defesa pretende chegar com isso?

– Srta. Castellano?

– Tudo irá se esclarecer em breve, meritíssima. Tenho apenas mais uma pergunta.

– Pois bem. Continue.

– Sam, é verdade que neste exato momento você é o principal suspeito na investigação de dois homicídios?

Desviando o olhar e virando a cabeça alguns centímetros na direção de seu advogado, Sam berrou com sua voz mecânica e marcante:

– Dr. Broyles!

Mas o grito logo se desfez com a ausência do ar nos pulmões.

– Protesto! Nenhum fundamento, meritíssima. – Broyles precisou elevar a voz em razão do alvoroço na galeria e das marteladas da juíza. – Exijo que esta pergunta seja excluída dos autos e peço a vossa excelência que instrua o júri no sentido de desconsiderar...

Em seguida, uma campainha assustadora disparou sob a cadeira de rodas. Diversas pessoas na galeria e no banco dos jurados gritaram apavoradas ao perceber que os ponteiros do ventilador respiratório apontavam para o zero.

Andrew Cabot se levantou de um pulo e sacudiu a enfermeira, gritando:

– Faça alguma coisa! Faça alguma coisa!

O público ficou apreensivo enquanto a moça, ajoelhada diante da cadeira, mexia no aparelho. Logo em seguida a campainha se calou.

Sam então sugou o ar numa ruidosa tragada.

O alívio tomou conta da sala.

– Sem mais perguntas para a testemunha – disse Yuki, berrando em meio ao caos que se instalara.

– A sessão está suspensa – disse a juíza Achacos, batendo o martelo. – Retomaremos amanhã às nove.

ENQUANTO A SALA SE ESVAZIAVA, a miúda figura de Yuki se encaminhou na direção da juíza.

– Meritíssima, peço que este julgamento seja anulado!

A juíza acenou para que ela subisse à tribuna. Broyles e seu assistente, assim como Mickey, logo se aproximaram. Ouvi quando Yuki disse:

– Meritíssima, eu acho muito estranho a maldita campainha ter disparado no meio da sessão.

– Você não está sugerindo que a acusação acionou intencionalmente a “maldita campainha”, está?

– Não, claro que não, meritíssima.

– Sr. Broyles?

– Peço desculpas, meritíssima, mas essas coisas acontecem. E isso que os jurados viram é rotina na vida de Sam Cabot. Às vezes o ventilador não funciona direito, colocando a vida do garoto em risco. O júri foi apenas testemunha de uma realidade. Não creio que isso acrescente nada ao fato de que Sam está condenado a uma cadeira de rodas... e a irmã, morta.

– Concordo. Pleito indeferido, Srta. Castellano. Continuamos amanhã, como previsto.

EU NÃO SABIA DIZER QUAL DAS DUAS, Yuki ou eu, tinha ficado mais abalada. Achamos melhor sair pela porta dos fundos, que dava para a Polk Street, e deixar que Mickey cuidasse sozinho dos jornalistas.

Yuki estava chocada e aborrecida.

– O testemunho de Sam foi pior que um pesadelo – disse com a voz trêmula. – Quando aquela campainha disparou, meu interrogatório foi por água abaixo. Todo mundo naquela sala deve ter pensado: “Que diabos essa mulher está fazendo com o pobrezinho?”

Tomamos o caminho mais longo e discreto até o estacionamento. Precisei segurar Yuki antes que ela atravessasse a Van Ness Avenue com o sinal fechado para pedestres.

– Meu Deus – repetia a advogada, balançando os braços para o alto. – Meu Deus, meu Deus... Que piada, que encenação!

– Mas, Yuki – ponderei –, você deu seu recado. Falou tudo o que precisava. Os garotos foram vistos no Tenderloin District. Não deviam estar ali. Tinham armas no carro. Você disse que Sam era o principal suspeito numa investigação de homicídio e que ele será indiciado por esses crimes. As impressões dele foram encontradas na banheira em que aquele garoto foi eletrocutado. Ele e Sara mataram aqueles meninos, Yuki! Sam Cabot não vale nada. Os jurados já devem ter percebido.

– Não sei. De qualquer maneira, não vou poder repetir que ele é suspeito desses crimes, porque ainda não foi indiciado. Os jurados talvez pensem que estou tentando incriminá-lo, armando uma arapuca para o infeliz. E, de certo modo, foi isso que fiz.

Atravessamos o pátio do Opera Plaza, um prédio de uso misto com restaurantes, cinemas e uma livraria no térreo. Evitando olhar para as pessoas, tomamos o elevador para a garagem e, depois de procurar por um bom tempo, encontramos o carro de Yuki.

Enquanto entrava no veículo e colocava o cinto de segurança, eu procurava imaginar o que aconteceria no dia seguinte.

– Você acha mesmo que devo testemunhar amanhã? – perguntei.

– Claro que deve. Mickey e eu estamos plenamente de acordo quanto a isso. Precisamos colocar os jurados do seu lado. E para isso é imprescindível que eles vejam e ouçam quem você realmente é. Por isso você tem de depor.

NA MANHÃ SEGUINTE, um céu pesado e escuro erguia-se diante das janelas do apartamento de Yuki, carregado com a tempestade que ameaçava desabar sobre a cidade. Estranhamente, era essa a São Francisco que eu amava: com chuvas e trovoadas.

Tomei café e dei comida a Martha. Em seguida saímos para um rápido passeio pela Jones Street.

– Não podemos demorar, Boo – disse à minha amiga, já sentindo o cheiro de chuva no ar. – O dia vai ser longo. E mamãe será linchada no tribunal.

Vinte minutos depois, Mickey apareceu para nos buscar no carro dele. Chegamos ao tribunal às quinze para as oito, o que nos livrou do cerco de jornalistas e curiosos.

Já na sala B, Mickey e Yuki se acomodaram lado e lado e começaram a conversar em voz baixa, as mãos da advogada riscando o ar como as asas de um passarinho. Prefiro ficar olhando pela janela, admirando o temporal enquanto os minutos avançavam tensos no relógio da parede.

Senti alguém tocar meu braço.

– Vou ser honesto com você – disse Mickey, inclinando-se à frente de Yuki para falar comigo. – Aquela campanha foi uma das piores coisas que me aconteceram num tribunal. Prefiro imaginar que Broyles não esteja por trás disso, mas não duvido nada que ele tenha mexido no ventilador.

– Você acha mesmo?

– Bem, sei lá... O que importa é que agora precisamos correr atrás do prejuízo. Chegou a hora de darmos o nosso recado, que na verdade são dois: primeiro, que Sam Cabot é um delinquente perigoso e, segundo, que você é uma ótima policial.

Yuki acrescentou:

– Quanto a seu depoimento, Lindsay, você não precisa se preocupar. Se a tivéssemos preparado, correria o risco de não parecer natural. Quando estiver no banco, basta contar toda a história. Vá com calma. Quando não tiver certeza de alguma coisa, pare um pouco para pensar. E procure não parecer arrependida de nada. Seja apenas a ótima policial que você realmente é.

– Certo – respondi. Por garantia, repeti para mim mesma: – Certo.

Antes do que eu imaginava, as pessoas foram chegando, com os casacos molhados, algumas ainda sacudindo os guarda-chuvas. Alguns minutos depois, os advogados de acusação também entraram na sala, jogando as pastas sobre a mesa. Broyles nos cumprimentou com um civilizado aceno de cabeça, mal conseguindo esconder a empolgação. O homem estava em seu habitat natural, era o centro das atenções da imprensa. Todos queriam uma palavra de Mason Broyles.

Numa rápida olhada, vi quando ele apertou a mão de Andrew Cabot, beijou o rosto de Eva e ainda se deu ao trabalho de ajudar a enfermeira a posicionar a cadeira de Sam no lugar certo. Mason Broyles cuidava de tudo. Por que não teria cuidado daquela campanha

também?

– Dormiu bem, Sam? – perguntou ao garoto. – Ótimo!

Para mim, o pesadelo estava apenas começando.

O ruído contínuo da respiração artificial não me deixava esquecer do que eu havia feito na noite de 10 de maio. Angustiado, também senti dificuldade para respirar.

De repente, a porta lateral da sala se abriu e os 12 jurados, além dos três suplentes, tomaram seus lugares. Com um copo de café na mão, a juíza entrou em seguida, ocupando sua cadeira na tribuna e dando início à nova sessão.

YUKI, LINDA NUM TERNINHO cinza e com um colar de pérolas no pescoço, aparentando calma e segurança, deu início aos trabalhos convocando Carla Reyes, a experiente operadora da Central da Polícia de São Francisco, ao banco de testemunhas. A advogada fez algumas perguntas genéricas sobre as funções de Carla e sobre o turno de 10 de maio.

Em seguida, reproduziu a gravação com as transmissões de rádio daquela noite fatídica: quatro minutos e meio em que era possível ouvir minha voz e a de outros policiais informando nossas diferentes localizações.

As mensagens picotadas e distorcidas pela estática fizeram com que a adrenalina disparasse nas minhas veias, trazendo à memória os detalhes da perseguição ao Mercedes preto.

A certa altura da gravação, Jacobi pedia uma ambulância para os dois acidentados quando a voz dele foi interrompida pelos disparos de uma arma.

Levei um susto com o barulho. Minhas mãos suavam, meu corpo tremia.

Em seguida reconheci minha própria voz, fraca, implorando ajuda. “Dois policiais e duas crianças atingidos. Precisamos de assistência médica. Mandem duas ambulâncias. Rápido!”

Do outro lado, a voz aflita de Carla Reyes: “Tenente, você está bem? Lindsay, responda!”

– Cheguei a pensar que ela havia morrido – disse Carla a Yuki no banco de testemunhas.
– Lindsay é uma das nossas melhores policiais.

Após o contrainterrogatório de Mason Broyles, Yuki convocou a testemunha seguinte, Mike Hart, técnico de balística do Departamento de Perícia. Hart confirmou que os dois cartuchos retirados do meu corpo eram compatíveis com a arma de Sara Cabot e que os projéteis extraídos do corpo de Jacobi tinham sido disparados pelo revólver encontrado ao lado de Sam Cabot.

Broyles não tinha perguntas para o perito, então Yuki chamou Jacobi ao banco.

Meus olhos se encheram de lágrimas quando vi meu velho amigo e parceiro aproximando-se para depor. Ele caminhava de modo pesado, embora tivesse emagrecido bastante após a cirurgia. Fez um grande esforço para subir ao banco.

Yuki esperou que ele tomasse um copo inteiro de água e então fez as perguntas de praxe: desde quando servia na polícia, desde quando estava no Departamento de Homicídios, entre outras coisas. E emendou:

- Inspetor Jacobi, há quanto tempo o senhor conhece a tenente Boxer?
- Há cerca de sete anos.
- Já teve a oportunidade de trabalhar com ela antes da noite em questão?
- Fomos parceiros por três anos.
- Já esteve ao lado da tenente em outras situações em que ela teve de usar a arma?
- Sim, algumas vezes.
- E como o senhor diria que ela reage sob pressão?

– Muito bem. Aliás, um policial está sob pressão desde o minuto em que sai para fazer sua ronda. Porque o nada se transforma em alguma coisa antes que se possa perceber.

– Inspetor, quando se encontrou com a tenente naquela noite de 10 de maio, o senhor sentiu o cheiro de álcool no hálito dela?

– Não.

– Sabia que ela tinha bebido?

– Sim, porque ela mesma contou.

– E contou por quê?

– Porque queria que eu soubesse. Assim eu poderia expulsá-la do meu carro caso essa fosse minha vontade.

– E, tendo trabalhado com ela durante tantos anos, o senhor diria que a tenente estava em pleno gozo de suas faculdades mentais?

– Claro que estava. Absolutamente lúcida, como sempre.

– E, caso não estivesse, o senhor teria prosseguido com sua missão na companhia dela?

– De modo algum.

Yuki repassou com ele todos os acontecimentos da noite de 10 de maio, desde o momento em que me buscou na Susie's até o último detalhe de que se lembrava.

– Fiquei aliviado depois de tirar os garotos do carro. Vi que o tanque de gasolina estava vazando, estava com medo que ele explodisse. Peguei o rádio e chamei Carla Reyes, que está logo ali, para dizer que o airbag havia machucado o nariz de Sam Cabot, e que tanto ele quanto a moça podiam ter algum ferimento interno. Eu nem imaginava...

– Nem imaginava o quê, inspetor?

– Nem imaginava que enquanto eu fazia contato com a Central aquele marginalzinho ia atirar em mim.

Mason Broyles espumou de ódio e a juíza advertiu Jacobi. Mas eu estava feliz da vida. Não conseguia acreditar que meu ex-parceiro tivesse tido a coragem de chamar Sam Cabot de "marginalzinho". Quando a ordem se restabeleceu, Yuki tinha uma última pergunta a fazer:

– Inspetor, o senhor saberia dizer qual é a reputação da tenente Boxer na comunidade policial? Em caso afirmativo, qual seria essa reputação?

– Em poucas palavras? Lindsay Boxer é uma policial de primeira.

BROYLES NÃO CONSEGUIU ARRANCAR muito de Jacobi durante o interrogatório. Limitando-se a respostas monossilábicas, o inspetor não esboçou qualquer reação ao ouvir que havia sido “preguiçoso” ao negligenciar as normas de conduta da Polícia de São Francisco.

– Fiz o melhor que pude para ajudar aqueles garotos – disse ele –, e agradeço a Deus que seu cliente não tenha uma mira melhor. Caso contrário, eu não estaria aqui hoje, falando com o senhor. Estaria morto.

Quando a sessão foi interrompida para o almoço, encontrei um lugar calmo ao lado da máquina de refrigerantes do terceiro andar e falei com Joe pelo celular: um encontro virtual a uma distância de três faixas de fuso horário. Ele se desculpou cinco ou seis vezes por estar no meio de uma investigação que envolvia ameaças a aeroportos de toda a Costa Leste, de Boston a Miami, motivo pelo qual não podia estar comigo em São Francisco.

Comi um sanduíche de presunto muito seco e bebi um pouco de café da máquina antes de voltar ao meu lugar ao lado de Yuki para o reinício da sessão.

O momento que eu tanto temia havia chegado. Yuki me chamou ao banco de testemunhas. Esperou que eu me acomodasse, pôs-se à minha frente de modo que eu não enxergasse a família Cabot e abriu um belo sorriso.

– Tenente Boxer, você acredita na obediência às normas da polícia?

– Acredito.

– Estava embriagada na noite de 10 de maio?

– Não, estava jantando com amigas e tinha tomado alguns drinques antes de receber a ligação do inspetor Jacobi.

– Já havia terminado seu turno?

– Já.

– É contra as normas da polícia beber fora do expediente?

– Não.

– Mas, ao entrar no carro do inspetor Jacobi, você estava ou não em serviço?

– Estava em serviço. Mesmo assim, tinha certeza absoluta de que estava sóbria. E repito isto agora.

– Você diria que é uma policial que “reza pela cartilha”?

– Sim, mas a cartilha não cobre todas as circunstâncias. Às vezes, dependendo da situação, somos obrigados a improvisar e usar o bom senso.

A pedido de Yuki, repeti toda a história até o momento em que Jacobi e eu conseguimos abrir a porta do Mercedes e retirar os dois irmãos das ferragens.

– Cometi um erro, porque fiquei com pena dos garotos, que pareciam estar muito mal.

– Ficou com pena deles?

– Os dois não paravam de chorar. Sam, em particular, estava sangrando e vomitando.

Também estava muito nervoso.

– Nervoso como?

– Implorava para que eu não contasse nada ao pai. “Papai vai matar a gente”, ele dizia.

– Então o que você fez?

– Como o inspetor Jacobi já disse, tínhamos de tirá-los do carro. Havia o risco de o tanque de gasolina explodir. Guardei minha arma para arrombar a porta e, juntos, o inspetor e eu tiramos os garotos do veículo.

– Continue, tenente.

– Eu deveria ter algemado Sara assim que eles saíram do carro. No entanto, agi como se estivesse lidando com a vítima de um acidente grave. Quando pedi para ver sua carteira de habilitação, ela sacou a arma da jaqueta e atirou no meu ombro, depois na minha perna. E eu caí no chão.

– Onde estava o inspetor Jacobi quando você foi baleada?

– Estava pedindo uma ambulância.

– E onde estava a arma dele?

– No coldre.

– Tem certeza?

– Tenho. Ele falava ao rádio. A arma dele estava no coldre. Gritei “Arma!” segundos antes de Sara atirar em mim. E Jacobi se virou a tempo de me ver cair. Em seguida, Sam Cabot atirou contra ele, atingindo-o duas vezes.

– Tem certeza de que viu tudo isso, tenente? Você não estava inconsciente?

– Tenho certeza. Nesse momento eu ainda estava consciente.

– E o inspetor? Já estava inconsciente?

– Sim. Achei que tivesse morrido. Vi Sam Cabot chutar a cabeça dele e Jacobi não reagiu, não fez nada para se proteger.

– Você viu Sam Cabot chutar o inspetor Jacobi na cabeça. Continue.

– Talvez eles pensassem que eu estivesse morta, porque pareciam ter se esquecido de mim.

– Protesto – gritou Broyles. – A testemunha está especulando.

– Protesto deferido.

– Conte-nos apenas o que você viu, ouviu e fez – disse Yuki. – Está indo muito bem.

Baixei a cabeça e tentei me concentrar.

– Ouvi Sara dizer a Sam que eles tinham de fugir. Saquei minha arma do coldre e mandei que Sara baixasse a dela. A garota me xingou e depois disparou várias vezes contra mim. Então eu atirei de volta.

– O que aconteceu depois disso?

– Sara caiu no chão e Sam começou a gritar, dizendo que eu tinha matado a irmã dele. Mandei que ele baixasse a arma, assim como havia feito com Sara, mas, ao ver que não seria obedecida, atirei contra ele também.

– Diga, tenente, sua intenção era matar aqueles garotos?

– Não, claro que não. Gostaria que nada disso tivesse acontecido.

– Na hipótese de que os irmãos Cabot não estivessem armados, você acha que essa tragédia teria acontecido?

– Protesto! – berrou Broyles. – A testemunha está sendo induzida a tirar uma conclusão.

A juíza se recostou na cadeira e olhou para o teto através das lentes grossas dos óculos. Segundos depois, ao chegar a uma conclusão, empertigou-se novamente.

– Deferido.

– Lindsay, é verdade que ao longo dos seus 10 anos de polícia você recebeu 37 menções de honra ao mérito pelas detenções realizadas exemplarmente, mais 15 à frente do Departamento de Homicídios e outras 20 comendas por serviços prestados à sociedade?

– Não cheguei a contar, mas acho que é isso mesmo.

– Em suma, tenente Boxer, a Polícia de São Francisco certamente endossa a descrição que o inspetor Jacobi acabou de fazer a seu respeito: você é mesmo “uma policial de primeira”.

– Protesto. A defesa está fazendo um discurso.

– Obrigada, Lindsay. Por ora é só, meritíssima.

ESQUECI-ME DE YUKI ASSIM QUE ela se virou de costas. Voltei no tempo, revivendo a angústia daquela noite terrível. A respiração hesitante de Sam parecia uma pedra de sal sobre os ferimentos na minha pele, e o público naquela sala era um espelho da minha própria dor.

Reconheci seis integrantes da família Cabot pela semelhança com Sara e Sam, bem como pela expressão de fúria. Vi policiais por toda parte, homens e mulheres que eu conhecia ou com os quais havia trabalhado. Meus olhos se dirigiram para Jacobi, que, encarando-me de volta, levantou o polegar num gesto de aprovação. Tentei sorrir para meu colega, mas Mason Broyles vinha na minha direção.

Ele não perdeu tempo com amenidades.

– Tenente Boxer, quando atirou contra meu cliente e a irmã dele, a senhora tinha a intenção de matar?

A pergunta reverberou na minha cabeça por um tempo, enquanto eu tentava entendê-la. Se eu atirei para matar? Claro. Mas como admitir que tive a intenção de matar duas crianças?

– Desculpe, Dr. Broyles. Pode repetir a pergunta?

– Em outras palavras: na hipótese de que tudo tenha acontecido como a senhora disse, de que Sara e Sam Cabot de fato tenham se recusado a baixar as armas, por que a senhora simplesmente não os neutralizou? Isto é, por que não atirou nos braços ou nas pernas, por exemplo?

Fiquei sem reação, tentando imaginar a cena. Sara à minha frente na calçada. As balas perfurando meu corpo. Minha queda. O susto. A dor. A culpa.

– Tenente?

– Dr. Broyles, atirei em legítima defesa.

– É impressionante que sua mira tenha sido tão boa. Por mais embriagada que a senhora estivesse...

– Protesto. A acusação está constringendo a tenente Boxer.

– Deferido. Contenha-se, Dr. Broyles.

– Pois não, meritíssima. Tenente, eu não entendo. A senhora meteu duas balas no coração de Sara. Um alvo bastante pequeno, convenhamos. Por que não atirou em outro lugar para que a menina pudesse sobreviver? Por que não atirou na mão de Sam a fim de desarmá-lo?

– Meritíssima! Isto já foi perguntado e respondido!

– Retiro a pergunta. Sabemos muito bem o que a senhora fez, tenente – ironizou Broyles. – Sabemos exatamente o que aconteceu.

OUVI YUKI DIZER:

– Peço permissão para voltar à testemunha.

Ela rapidamente se aproximou e aguardou até que eu olhasse direto para ela:

– Lindsay, quando você disparou contra Sam e Sara Cabot, sua vida estava em perigo?

– Estava.

– Qual é a conduta recomendada pela polícia nessas circunstâncias? O que está escrito na “cartilha”?

– Devemos atirar na massa central para conter a ameaça e, uma vez contida a ameaça, paramos de atirar. Muitas vezes os disparos contra a massa central são fatais. Não podemos correr o risco de atirar nas extremidades, porque há grandes chances de errarmos. Talvez o alvo ainda consiga atirar, e precisamos ter a certeza de que ele ou ela não reaja, seja diretamente contra nós ou contra outra pessoa.

– Você tinha outra escolha além de atirar dessa maneira?

– Não. Nenhuma. Os Cabot tinham recorrido a força letal.

– Obrigada, tenente. Agora sabemos exatamente o que aconteceu.

Desci do banco enfraquecida, tamanho era meu alívio. Bastou que eu voltasse à mesa para que a juíza desse a sessão por encerrada.

– Retomaremos amanhã às nove – disse ela.

Yuki, Mickey e vários advogados da banca dele formaram um cordão de isolamento ao meu redor desde o momento em que saímos pela porta dos fundos do prédio até entrarmos no veículo que nos esperava na Polk Street.

Pelo vidro fumê da janela, avistei a multidão enfurecida segurando dezenas de cartazes com minha foto acompanhada por expressões do tipo “Sanguinária!”, “Dirty Harriet”, etc.

– Você se saiu muito bem, Lindsay – disse Mickey, virando-se no banco da frente para afagar meu braço. Mas os olhos escuros não sorriam e a metade inferior de seu rosto parecia congelada.

– Droga, eu fiquei sem reação naquela hora. Só que eu não sabia o que dizer.

– Não se preocupe com isso. Yuki e eu vamos jantar. Precisamos repassar alguns detalhes da exposição final. Se quiser nos fazer companhia...

– Se minha presença não for estritamente necessária, prefiro ficar no apartamento da Yuki. E deixar que vocês trabalhem em paz.

Apertando as chaves da minha advogada na palma da mão, olhei novamente pela janela, vendo passar aquela cidade que eu conhecia tão bem. Sabia que tinha metido os pés pelas mãos. Os poucos segundos de hesitação foram o bastante para que todos naquela sala pudessem ler meus pensamentos.

A impressão com que os jurados ficaram era a de que eu tinha atirado naqueles garotos para matar.

E eles estavam certos.

O TOQUE ESTRIDENTE DO TELEFONE arrancou-me à força de um pesadelo qualquer. Rígida e imóvel, esforçando-me para recobrar os sentidos, permaneci deitada até que o aparelho tocou novamente, menos assustador.

Peguei o celular na mesinha de cabeceira, mas quando atendi a pessoa já havia desligado.

De pé e mal-humorada às seis da manhã, arrastei-me até o outro quarto do apartamento de Yuki, um cômodo minúsculo onde demorei a encontrar minha roupa de corrida e meu par de tênis. Vesti-me sem pressa, coloquei a coleira em Martha e ganhamos a rua sob a luz suave do amanhecer.

Tracei o itinerário na cabeça e comecei a correr com Martha ao meu lado, rumo à Jones Street. Estava segura de que conseguiria superar quatro quilômetros de trechos planos e ligeiramente inclinados, mas a dor nas minhas articulações logo me lembrou quanto eu detestava correr.

Resolvi soltar Martha depois de um tempo. Não queria me arriscar a me enrolar na coleira e cair no chão. Em seguida, obriguei-me a apertar o passo na descida da Jones. Mas o incômodo que eu ainda sentia no ombro e na perna se tornou uma dor generalizada que se espalhava por meus músculos enferrujados.

Por mais que eu odiasse correr, era a melhor maneira de esquecer o julgamento, de transformar uma aflição mental numa aflição física, bem mais administrável. Embora meus tendões gritassem de dor, era prazeroso sentir a sola dos tênis tocando a calçada, o suor secando no ar frio à medida que a aurora dava lugar à manhã.

Continuando pela Jones, atravessei a Vallejo até chegar ao topo da Russian Hill. No horizonte à minha frente avistavam-se a ilha de Alcatraz, com seu farol cintilante, e a belíssima ilha Angel.

No alto da rua, minha cabeça viu-se livre de qualquer problema e meu coração batia rápido em consequência do esforço físico, sem qualquer sinal de estresse ou medo.

Continuei correndo até a Hyde, os músculos aquecidos pela endorfina. À minha direita ficava a Lombard, uma ruazinha charmosa que seguia colina abaixo até a Leavenworth. Quando o sinal de pedestres fechou, permaneci correndo no mesmo lugar, flexionando os braços, sorrindo de alívio ao imaginar que em meia hora uma multidão tomaria aquelas ruas e calçadas para ir trabalhar.

O sinal abriu e voltei a correr. Meu itinerário incluía algumas das regiões mais bonitas da cidade: ruas com casas antigas e paisagens de cartão-postal, ainda que a neblina encobrisse a baía àquela hora. Martha e eu atravessávamos o bairro de Chinatown quando ouvi um carro se aproximar às minhas costas. Uma voz berrou:

– Ei! A senhora tem de colocar a coleira no cachorro!

Irritada por interromper meu momento de tranqüilidade, virei o rosto e vi uma viatura da polícia, que me seguia a curta distância. Parei de correr e chamei Martha para meu

lado.

– Puxa, tenente. É você...

– Bom dia, Nicolo. – Ofegante, aproximei-me da janela do passageiro. – Como vai, Friedman? – cumprimentei o motorista.

– Estamos torcendo por você, Lindsay – disse Friedman. – Caramba, tenente, como você faz falta! Estamos com saudade, sabia?

– Obrigada! – respondi com um sorriso. – É muito bom ouvir isso. Ainda mais hoje.

– Pode deixar o cachorro solto, está bem?

– Que nada, Nicolo! Lugar de cachorro é na coleira.

– Rezando pela cartilha?

– Como sempre!

– Boa sorte hoje, tenente!

– Valeu, Nicolo. Obrigada, Friedman.

Friedman piscou os faróis quando o carro passou por mim. Segurando a coleira de Martha rente ao meu corpo, dobrei na Clay Street e tornei a subir rumo à Jones.

Quando cheguei ao prédio de Yuki, as dores e as fisgadas pelo corpo eram coisas do passado. Subi até o apartamento e me enfiei debaixo da ducha quente que tanto merecia.

Enxuguei-me com uma das gigantescas toalhas felpudas de Yuki e depois limpei o vapor do espelho.

Dei uma boa olhada no meu corpo.

A pele estava rosada e os olhos, límpidos. Eu tinha corrido num tempo razoável, apesar do encontro inesperado com meus colegas. A imagem no espelho não era de se jogar fora. Ainda que meu destino fosse uma incógnita, eu ainda era a Lindsay Boxer de sempre.

E Mason Broyles não poderia tirar isso de mim.

A NÃO SER PELOS RUÍDOS DA respiração difícil de Sam Cabot, a sala do tribunal estava em total silêncio. Mason Broyles não tirava os olhos do laptop à sua frente, aguardando ansiosamente pelo momento de sua exposição final.

Dali a alguns minutos ele caminhou até os jurados, cumprimentou-os com a habitual afetação e por fim tomou a palavra:

– Todos sabemos quanto é difícil o trabalho da polícia. Para dizer a verdade, trata-se de um trabalho que eu jamais gostaria de ter. Diariamente os policiais são obrigados a lidar com pessoas e situações perigosas, a tomar decisões difíceis numa fração de segundo. Esses são os ossos do ofício que a tenente Boxer se dispôs a enfrentar quando recebeu seu distintivo e jurou proteger a lei e os cidadãos. No entanto, todos hão de convir que uma pessoa embriagada não está em condições de enfrentar nada disso.

O discurso foi interrompido quando, nos fundos da sala, um homem teve um acesso de tosse. Com as mãos nos bolsos, Broyles esperou pacientemente até que pudesse prosseguir.

– A tenente Boxer nega que jamais deveria ter entrado naquele carro. Que jamais deveria ter retomado suas funções depois de beber tanto. Mas há de concordar que, naquele momento, não estava obedecendo às normas de conduta da polícia. Há de concordar que matou Sara Cabot e destruiu a vida de Sam Cabot.

Após uma breve pausa, Broyles voltou a atacar:

– Senhoras e senhores do júri, as normas existem justamente para evitar a ocorrência de episódios trágicos como o de 10 de maio. Elas não foram criadas ontem. Foram criadas há décadas, e por um bom motivo. Qualquer policial sabe que o correto é sacar a arma antes de abordar um veículo suspeito, deixando claro que não está para brincadeiras, e depois desarmar o suspeito de modo que ninguém saia ferido.

Broyles voltou à mesa para beber água. Tive vontade de gritar minha indignação diante de tantas mentiras, mas permaneci calada enquanto meu algoz voltava até os jurados, que pareciam hipnotizados pela retórica do experiente advogado.

– Sam e Sara Cabot eram dois garotos um tanto abusados. Tomaram algumas liberdades com a lei: saíram com o carro do pai sem a permissão dele, fugiram de uma viatura da polícia. Eram imaturos, não tinham juízo. E a meu ver, por mais inteligentes que fossem, precisavam de mais proteção do que dois adultos precisariam em circunstâncias semelhantes.

Broyles foi levantando aos poucos o tom de voz:

– Porém, a tenente Boxer não ofereceu essa proteção porque infringiu a mais básica das normas policiais: decidiu “servir e proteger” quando estava embriagada. Como resultado, uma garota formidável está morta e um menino com um futuro brilhante está condenado a passar o resto da vida numa cadeira de rodas.

Nesse instante, o advogado juntou as mãos como se fosse rezar e, a bem da verdade,

chegou a comover parte do público. Respirou fundo e exalou com vontade exagerada, soprando contra os jurados a chorosa conclusão de seu discurso:

– Não podemos trazer Sara Cabot de volta. E todos vimos o que sobrou da vida de Sam Cabot. A Justiça não pode reverter o estrago causado a estas crianças, mas pode, sim, por meio dos senhores, compensar Sam Cabot e os pais dele por toda a desgraça que lhes foi imposta.

Estava na hora de o velho advogado dar o bote:

– Senhoras e senhores do júri, peço a todos que façam a coisa certa e decidam a favor do meu cliente, concedendo-lhe o montante indenizatório de 150 milhões de dólares. Não façam isso apenas pela família Cabot, mas também pela família de vocês, pela minha família e por todas as famílias da nossa cidade. Deliberar a favor das vítimas e contra a acusada, que agiu irresponsavelmente e ceifou a família Cabot, é a única coisa que podemos fazer para garantir que tragédia semelhante jamais volte a acontecer!

YUKI FECHOU O BLOCO DE ANOTAÇÕES e se encaminhou até os jurados, cumprimentando-os com um aceno do seu belo rosto. Cruzei meus dedos com força, tentando apagar da memória o discurso final de Mason Broyles.

– Este é um caso de grande carga emocional – começou Yuki. – De um lado, temos uma tragédia que deixou marcas profundas na família Cabot. De outro, uma policial exemplar é apontada injustamente como responsável por esta mesma tragédia. E, como este caso está revestido desta carga emocional sobretudo em razão da pouca idade dos irmãos Cabot, eu gostaria de repassar os fatos, lembrando que a missão dos senhores hoje é fazer o julgamento com base nesses fatos, e unicamente neles, não na emoção.

Yuki fez contato visual com os membros do júri e continuou:

– Pois bem. O fato é que, se um policial termina o expediente numa noite de sexta-feira e resolve tomar uns drinques, não há nada de errado nisso. Policiais também são seres humanos. E, uma vez que a polícia está nas ruas 24 horas por dia, teria sido perfeitamente aceitável que a tenente Boxer dissesse ao inspetor Jacobi que seguisse sozinho na sua ronda. No entanto, zelosa dos seus deveres, ela abriu mão do lazer que lhe era de direito e, ao fazê-lo, foi atropelada pelos acontecimentos.

Após uma breve pausa:

– Por diversas vezes os senhores ouviram a acusação dizer que a tenente Boxer estava embriagada. Mas não estava. O álcool consumido por ela foi apenas uma condição neste incidente, não a causa. É importante que os senhores não percam de vista esta distinção. Na noite de 10 de maio a tenente não cometeu nenhum erro de juízo porque estava confusa ou com os reflexos lentos. Se cometeu alguma falta, foi apenas a de se exceder no cuidado com os querelantes.

A linha de raciocínio da advogada foi inesperadamente interrompida por um espirro na galeria. Logo ela a retomou:

– Os únicos responsáveis pelo que aconteceu aos irmãos Cabot foram os próprios irmãos Cabot. O fato é que, na noite em questão, dois garotos ricos e mimados não tinham nada melhor para fazer do que sair à rua e criar problemas para outras pessoas e, neste caso, para si mesmos também. Foram estes dois garotos ricos e mimados que provocaram os eventos de 10 de maio com seu comportamento inconsequente e o uso de força letal. Foram eles que empregaram força letal neste episódio, não a tenente Boxer. E este é um fato de suma importância.

Yuki fez mais uma pausa e passou os dedos pelo colar de pérolas sobre a blusa de seda. Por intermináveis segundos acreditei que ela havia se esquecido das palavras a dizer, mas percebi que estava apenas reorganizando os pensamentos. Dirigindo os olhos para os jurados, continuou:

– Quando um policial vai a juízo, em geral é por causa de espancamento de uma pessoa indefesa, de abuso de autoridade, de um gatilho puxado precipitadamente, entre outros

casos. Mas Lindsay Boxer está sendo processada por ter feito justamente o contrário. Ela guardou a arma ao ver que os irmãos Cabot corriam perigo dentro de um carro acidentado.

Yuki olhou rapidamente para Maison Broyles:

– Mas a acusação quer, a todo custo, transformar a consideração que a tenente teve por estes garotos numa grande “afronta às normas de conduta da polícia”. Desculpem, mas isto é uma grande bobagem. A tenente estava com a arma nas mãos quando se aproximou do carro, tal como ditam as normas policiais. Mas, ao constatar o estado em que se encontravam os dois irmãos, cuidou imediatamente de socorrê-los. Ela fez o que tinha de fazer.

Yuki avistou Jacobi na galeria. Olhando para ele, prosseguiu:

– O inspetor Jacobi, outro policial exemplar, com mais de 25 anos de corporação, fez exatamente a mesma coisa. Os senhores ouviram o depoimento dele. Jacobi também guardou a arma. Depois de retirar os garotos das ferragens com a ajuda da tenente Boxer, tentou chamar os paramédicos. Por acaso não é este o comportamento que esperaríamos da nossa polícia se fôssemos nós os acidentados? Se fossem os nossos filhos? Mas, em vez de agradecer a estes policiais, os irmãos Cabot dispararam contra eles com a intenção de matar. Sam ainda chutou o inspetor na cabeça depois de ter atirado nele. Estariam ambos sob o efeito de alguma droga? Ou estariam apenas dando vazão a algum tipo de tendência homicida?

Yuki deixou as perguntas no ar por alguns segundos, então continuou:

– Bem, disso não sabemos. Sabemos, no entanto, que a tenente Boxer foi atingida primeiro e atirou de volta em legítima defesa. Mais um fato: a legítima defesa, senhoras e senhores, faz parte da “boa conduta policial”. Os senhores ouviram a tenente dizer que daria tudo para que Sara Cabot estivesse viva e que Sam Cabot gozasse de plena saúde. Mas o fato é que os eventos de 10 de maio não se deram por causa de um incêndio provocado pela tenente Boxer. Pelo contrário, ela tentou apagar este incêndio.

Ao ouvir essas palavras, minha gratidão quase escorreu pelo rosto. Meu Deus, era uma bênção ser defendida assim, com tanta convicção e eloquência. Tentando conter as lágrimas, me concentrei com a máxima atenção no discurso de Yuki, que chegava ao fim.

– Senhoras e senhores do júri, sei que precisaram de muita paciência ao longo desta semana para enfrentar vários depoimentos e repórteres no seu encalço. Sei que estão ansiosos por fazer sua deliberação. Assim sendo, pedimos aos senhores que decidam a favor da tenente Lindsay Boxer, uma policial dedicada, bondosa e eficiente, da qual todos deveríamos nos orgulhar. E que desconsiderem as acusações absurdas assacadas contra ela.

– QUE TAL SAIRMOS PELA PORTA da frente hoje? – perguntou Mickey, segurando-me pelo braço. – Hoje é sexta-feira. O júri ficará reunido durante o fim de semana, e algo me diz que talvez seja um bom momento para “encarar as feras”.

Ao lado de Yuki e Mickey, atravessei o corredor até a escadaria de mármore e saímos pela McAllister. O sol ofuscante fazia um nítido contraste com a fachada escura do tribunal. Como vinha acontecendo desde o início do julgamento, a rua estava apinhada de repórteres e vans de emissoras de TV.

Eu me lembrei do caso O. J. Simpson. O circo que havia sido armado era exatamente o mesmo, mascarando-se a verdade não importando qual fosse ela. Meu julgamento não era digno de holofotes do mundo inteiro, como o do ex-jogador de futebol americano, mas a mídia se alimenta dos índices de audiência, do dinheiro da publicidade e, naquele momento, eu era a “grande atração”.

Como cães de caça atrás de um coelho, os repórteres me viram e correram na nossa direção. Mickey tinha as palavras na ponta da língua, mas não teve tempo de abrir a boca.

– Dr. Sherman, quando o senhor acha que sairá a sentença?

– Não sei, mas tenho certeza de que será a favor da minha cliente.

– Tenente Boxer, caso a senhora seja condenada...

– Esta possibilidade não existe – Yuki respondeu por mim.

– Dra. Castellano, este é seu primeiro caso de grande projeção. Como acha que se saiu?

A cinco metros de distância, outra aglomeração se formava ao redor de Mason Broyles, sua equipe e seus clientes. Dezenas de câmeras filmavam Sam Cabot e sua enfermeira descendo pela rampa até a van que os esperava na rua. Repórteres cercavam o carro, disparando perguntas enquanto o pai do garoto fazia o possível para protegê-lo.

Avistei Cindy no meio da multidão. Ela tentava vir ao meu encontro, usando o ombro para abrir caminho entre a massa compacta. Por isso não prestei muita atenção quando Mickey atendeu o celular.

Em poucos segundos, completamente pálido, ele pousou a mão no meu ombro e disse no meu ouvido:

– Acabei de receber um telefonema do escrivão. O júri tem algumas dúvidas.

À custa de muito esforço, seguimos em frente e entramos no carro de Mickey, que estava à nossa espera. Yuki e eu nos acomodamos no banco de trás e Mickey, ao lado do motorista.

– O que eles querem saber? – perguntou ela assim que as portas se fecharam. O carro seguiu lentamente na direção da Redwood.

– Querem ver os laudos que provam o consumo de álcool de Lindsay – respondeu Mickey, virando-se para nós.

– Meu Deus... – exclamou minha advogada. – Por que diabos eles ainda estão batendo nessa tecla?

– O que mais? – perguntei aflita. – Você disse que eles tinham algumas dúvidas, no plural.

Logo percebi a hesitação de Mickey. Ele não queria responder, mas acabou revelando a outra dúvida.

– Querem saber se há um limite para o valor da indenização que podem conferir aos querelantes.

FOI COMO UM SOCO NA BOCA do estômago, e a dor se espalhava pelo resto do corpo, o enjoo subindo garganta acima. Eu tinha cogitado perder aquela briga, mas o futuro que eu imaginava era bem mais colorido: eu me via trabalhando num antiquário, lendo livros na beira da praia, etc. Porém, não fazia a menor ideia do impacto emocional que a derrota teria sobre mim.

Ao meu lado, Yuki resmungava:

– Ai, meu Deus, a culpa foi toda minha! Eu não devia ter dito aquela história de “uma policial dedicada, bondosa e eficiente, da qual todos deveríamos nos orgulhar”. Eu enfeitei demais! Pensei que ficaria bom, mas estava enganada.

– Você fez um ótimo trabalho – comentei, minha voz tão pesada quanto uma pedra. – Não tem nada a ver com o que você disse.

Cruzei os braços e baixei a cabeça. Mickey e Yuki falavam ao mesmo tempo. Ele não parava de fazer ponderações, dizendo que o caso ainda não estava encerrado, entre outras coisas. Minha cabeça, no entanto, era um disco arranhado que não parava de repetir:

Como isso pôde acontecer?

Como isso pôde acontecer?

QUANDO VOLTEI A PRESTAR atenção à conversa, Mickey dizia a Yuki:

– A juíza passou a eles a papelada do hospital e a transcrição da enfermeira. Disse que eles não precisavam se preocupar com o limite da indenização, que isso era trabalho dela. – Ele esfregou as mãos no rosto, o que interpretei como um gesto de desespero. – Yuki, você fez um excelente trabalho, juro! Mal posso crer que eles acreditaram naquele teatro do Mason Broyles! Não sei o que poderíamos ter feito melhor.

Foi então que o celular de Yuki tocou.

– Os jurados estão de volta – disse ela, desligando o telefone. Yuki apertava o aparelho com tanta força que as articulações dos seus dedos foram ficando brancas. – Eles já têm um veredicto.

Ao ouvir o termo “veredicto”, comecei a analisar cada sílaba e letra da palavra, à procura de um fio de esperança. Minha experiência em julgamentos era grande o bastante para saber que o radical daquele termo latino tinha a ver com “dizer a verdade”.

E o meu veredicto? Seria também uma expressão da verdade?

Aos olhos da população de São Francisco, sim.

Mickey pediu ao motorista que retornasse e em poucos minutos eu estava dizendo “Sem comentários, sem comentários” enquanto abria caminho pela multidão para subir, ao lado de Mickey e Yuki, as escadarias do tribunal.

Tomamos nossos lugares na sala B e a equipe de acusação fez a mesma coisa.

Levei um susto quando alguém chamou meu nome. Ainda com a impressão de ter ouvido um idioma desconhecido, virei-me para trás.

– Joe!

– Acabei de chegar, Lindsay. Vim direto do aeroporto.

Levantei-me num pulo e segurei as mãos de Joe, apesar de ele estar na segunda fileira de bancos. Mas logo precisei me sentar novamente.

Enquanto os cinegrafistas faziam os últimos ajustes nas câmeras, exatamente uma hora após termos deixado aquele mesmo lugar, a juíza e os jurados entraram no recinto.

O oficial de justiça deu início à sessão.

PASSARAM-SE ALGUNS MINUTOS até que os jurados se acomodassem: alguns ainda guardavam a pasta ou a mochila, outras ajeitavam a barra da saia. Percebi que apenas dois tinham olhado para mim.

Ainda confusa, ouvi a juíza perguntar se eles haviam chegado a um veredicto. O primeiro jurado, um homem negro chamado Arnold Benoit que aparentava estar na casa dos 50 anos, ajustou a jaqueta no corpo e disse:

– Sim, meritíssima.

– Por gentileza, entreguem o veredicto ao oficial de justiça.

Do outro lado do corredor, Sam Cabot passou a respirar mais rapidamente, assim como eu, e nossos corações pareciam bater no mesmo ritmo enquanto a juíza desdobrava a folha de papel.

Sem qualquer expressão no rosto, ela leu o documento e devolveu o papel ao oficial, que o levou de volta ao primeiro jurado.

– Solicito aos presentes que não se manifestem diante das palavras do jurado – orientou a juíza. – Pois bem, Sr. Benoit, por favor, leia o veredicto.

O porta-voz dos jurados tirou os óculos do bolso, desdobrou-os e os ajustou no rosto.

– Em resposta à pergunta “Lindsay Boxer agiu com negligência e irresponsabilidade, causando a morte de Sara Cabot?”, nós, do júri, decidimos: “Não.” Em resposta à pergunta “Lindsay Boxer agiu com negligência e irresponsabilidade, causando a invalidez de Samuel Cabot?”, nós, do júri, decidimos: “Não.” Assim dizemos todos?

– Assim dizemos todos – responderam os outros 11 jurados.

Minha perplexidade era tamanha que achei não ter ouvido direito. Ao repassar as palavras mentalmente, imaginei que a qualquer momento a juíza revogaria o que o jurado tinha acabado de dizer.

Yuki apertava minha mão com força, e bastou que eu visse o sorriso radiante no rosto dela para ter certeza de que não estava sonhando: o júri havia deliberado a meu favor.

Uma voz gritou:

– Não! Não! Vocês não podem fazer isto!

Era Andrew Cabot. De pé, ele agarrava o encosto da cadeira à sua frente, onde estava sentado Mason Broyles, pálido e sério.

Mais do que pedir, Broyles exigiu que os votos fossem recontados em voz alta, e a juíza concordou.

– Assim que cada um ouvir o número de seu assento – instruiu –, por favor, repita o voto.

– Não. Não. Não – eles foram dizendo um a um.

Em seguida, a juíza Achacoso olhou para mim e disse:

– Em obediência à decisão dos jurados, a tenente Lindsay Boxer deve ser absolvida de todas as acusações. Caso encerrado.

A família Cabot não poderia fazer mais nada contra mim.

Caso encerrado. Eu conhecia a expressão, mas só naquele momento consegui entender seu verdadeiro significado. Abraçada a meus dois advogados, entreguei-me a uma sensação de alívio inacreditável, como se todo o universo se resumisse a ela. Uma sensação reservada para momentos como aquele: momentos de redenção.

Eu estava livre, e meu coração não cabia mais dentro do peito.

PARTE 5

UM MAR DE ROSAS

O DIA ESTAVA CINZENTO e triste quando Martha e eu deixamos meu apartamento para sair da cidade. Liguei o rádio do carro e ouvi a previsão do tempo distraidamente enquanto enfrentava o congestionamento da manhã.

Ao me arrastar pela Potrero Street, lembrei-me de Anthony Tracchio, meu chefe. Na véspera, à saída do tribunal, ele havia me convidado a voltar ao trabalho, deixando-me tão confusa quanto se tivesse me chamado para jantar.

Um simples aperto de mãos bastaria para selar meu retorno.

Caso tivesse aceitado a oferta, eu agora estaria a caminho da delegacia, onde faria um discurso sobre superação para colegas e subordinados, mergulhando em seguida na montanha de papéis sobre minha mesa, relembro-me dos casos ainda por solucionar. Eu retomaria minha posição de comando.

No entanto, apesar da veemência de Tracchio, eu recusara o convite.

– Ainda tenho um tempinho de férias, chefe. Preciso dele.

Tracchio disse que entendia, mas como? Eu ainda não sabia direito o que queria da vida a partir de agora, mas minha intuição dizia que eu teria a resposta quando chegasse a alguma conclusão sobre os assassinatos em Half Moon Bay.

Aqueles crimes misteriosos faziam parte da minha vida também.

Algo me dizia que, se continuasse com minhas investigações, eu acabaria descobrindo o infeliz que havia matado o Anônimo 24 e as outras vítimas.

Naquele momento era isso que importava.

Tomei a Rota 280 no sentido sul e, uma vez fora da cidade, baixei o vidro e mudei a estação de rádio. Às 10 da manhã, cabelos ao vento, eu ouvia os velhos sucessos de que tanto gostava.

– Não está chovendo nesta manhã de primeiro de julho – dizia a locutora. – Apenas mais um belo dia de neblina em São Francisco. Mas é assim que gostamos da nossa cidade, não é?

Em seguida ouvi os primeiros acordes da música perfeita: “Fly Like an Eagle”.

Comecei a cantar, sentindo a melodia oxigenar meu sangue e elevar meu espírito para além da atmosfera.

Eu estava livre!

O pesadelo do julgamento tinha ficado para trás – eu agora o enxergava pelo retrovisor – e meu futuro era a estrada livre à minha frente.

Estávamos a uns 30 quilômetros de São Francisco e Martha precisava fazer xixi, então entrei no estacionamento de uma lanchonete em Pacifica. O lugar não passava de um barracão de madeira construído na década de 1960, antes das leis de zoneamento urbano. Era a única justificativa para aquele monstro estar ali, uma das construções mais cafonas do planeta num dos lugares mais lindos do litoral.

Ao contrário de boa parte da rodovia, que seguia muito acima da água, o estacionamento

da lanchonete ficava ao nível do mar. Um trecho de pedras separava o asfalto da praia e, um pouco além da areia, o Pacífico arranhava as bordas do horizonte.

Comprei churros com açúcar e canela, além de um copo grande de café, e fui me sentar nas pedras. Surfistas fortes e tatuados enfrentavam as ondas enquanto Martha corria pela areia cinzenta. Em pouco tempo o sol começou a dissipar a neblina.

Deixei que a beleza do momento se fixasse na minha memória e então chamei Martha de volta ao carro.

Dali a 20 minutos entrávamos no perímetro urbano de Half Moon Bay.

PAREI NO POSTO DE GASOLINA de Keith e dei uma leve buzina até que o Homem na Lua saiu do escritório. Tirou o boné, sacudiu os cabelos dourados, recolocou o boné, sorriu para mim e veio cheio de charme ao meu encontro.

– Ora, ora, quem vem lá. A Mulher do Ano! – disse, fazendo um carinho em Martha.

– Eu mesma – respondi, rindo. – Ainda bem que tudo acabou.

– É, sei qual é. Vi o tal Sam Cabot nos noticiários. Era de dar dó. Achei que você ia se dar mal, Lindsay, mas... águas passadas, não é mesmo? Parabéns!

Agradei e pedi que ele enchesse o tanque. Enquanto ele retirava a mangueira da bomba, peguei o pequeno rodo num balde de água e fui limpar o para-brisa.

– Então, Lindsay, que bons ventos trouxeram você de volta? Não era para você estar trabalhando na cidade grande?

– Ainda não. Acho que não estou pronta para voltar, sabe?

Enquanto eu terminava minha frase, uma mancha vermelha surgiu no cruzamento. O motorista reduziu a velocidade, olhou diretamente nos meus olhos e então seguiu em frente, voando pela Main Street.

Fazia menos de cinco minutos que eu estava na cidade e Dennis Agnew já tinha dado o ar de sua graça.

– Deixei o Bonneville na casa da minha irmã – comentei com Keith, ainda olhando para a traseira do Porsche. – Tenho umas coisinhas a resolver em Half Moon Bay.

Ele não pôde deixar de perceber meu interesse no carro.

– Não dá para entender – disse ele, balançando a cabeça enquanto encaixava o bico da mangueira no tanque do Explorer. Uma campainha tocou quando o marcador começou a registrar os litros. – O cara não vale nada, mas parece que as mulheres adoram uma roubada.

– Está brincando! Acha que estou interessada nele?

– E não está?

– Muito. Mas não do jeito que você pensa. Meu interesse em Dennis Agnew é estritamente profissional.

PRÓXIMO À CASA DA MINHA IRMÃ, Martha pulou do banco de trás para o da frente e começou a latir como uma louca. Assim que estacionei o carro, ela saltou pela janela, correu até a porta da casa e ficou abanando o rabo, latindo e uivando.

– Fique fria, Boo. Tenha modos – brinqueei, abrindo a porta.

Martha disparou para dentro.

Liguei para Joe e deixei um recado: “Olá, Sr. Molinari. Estou na casa da minha irmã. Retorne quando puder.” Em seguida deixei uma mensagem na caixa postal de Carolee, dizendo que ela e Allison estavam liberadas da função de babás da Penelope.

Passei o resto do dia pensando nos assassinatos de Half Moon Bay, enquanto limpava a casa. Na hora do jantar, preparei um espaguete com ervilhas, anotando mentalmente o que precisava comprar no dia seguinte.

Levei o laptop para o quarto das minhas sobrinhas e o abri sobre a mesinha, que era tão estreita que mais parecia uma prateleira. Percebi que a folhagem da batata-doce tinha avançado alguns centímetros sobre o parapeito da janela, mas as informações que Joe e eu havíamos pregado no quadro de cortiça estavam no mesmo lugar.

Nossas observações sobre as circunstâncias e a brutalidade cometida contra os Whittaker, os Daltry, os Sarducci e os O’Malley não levavam a lugar algum. E, claro, o Anônimo 24 não passava de um nome sobre a cortiça.

Liguei o computador e acessei a base de dados do FBI, que colocava à disposição de investigadores e policiais de todo o país uma infinidade de informações relacionadas a homicídios. O site oferecia um poderoso mecanismo de busca e era atualizado constantemente pelos próprios usuários.

Digitei as palavras-chave que talvez apresentassem algumas respostas interessantes: “pessoas chicoteadas cum mortem”, “casais assassinados na cama” e “degolamentos”. O resultado foram milhares de informações. Era impossível ler tudo.

As horas foram passando até que minha vista ficou cansada. Coloquei o laptop para “hibernar” e me joguei na cama de uma das meninas a fim de descansar um pouco.

Ao acordar, percebi que estava escuro do lado de fora. Minha impressão era de que algo havia me despertado, algum barulho estranho. O relógio do aparelho de som marcava 2h17. Uma sensação estranha me incomodava, como se alguém estivesse me observando.

Piscando os olhos no escuro, vi uma mancha vermelha atravessar meu campo de visão. Uma lembrança do Porsche de Dennis Agnew, que desenterrou outras igualmente desagradáveis: nossa conversa no Cormorant, o encontro no posto de Keith, o acidente que por pouco não aconteceu.

Agnew ainda rondava meus pensamentos. Esse era o único motivo para a sensação de estar sendo observada.

Eu estava prestes a me levantar e passar o restante da noite na minha própria cama quando ouvi a janela se estilhaçar com tiros, quebrando o silêncio que reinava na casa.

Havia cacos de vidro por toda parte.

Minha arma! Caramba, onde estava minha arma?

A REAÇÃO DE MARTHA foi mais rápida que a minha. Ela pulou da cama e se escondeu debaixo dela. Em seguida fiz o mesmo, rolando no chão e tentando lembrar onde havia deixado minha arma.

Eu finalmente lembrei.

Estava na minha bolsa, na sala, onde também ficava o telefone mais próximo. Como eu podia estar tão vulnerável? Será que ia morrer encurralada naquele quarto? Meu coração doía dentro do peito, acelerado.

Levantei a cabeça alguns centímetros e, valendo-me apenas da luzinha verde do aparelho de som, fiz uma lista de tudo o que havia no quarto.

Corri os olhos por todas as superfícies e por todos os objetos, à procura de alguma coisa, qualquer coisa, que pudesse usar como arma.

O lugar estava atulhado de bichinhos de pelúcia e bonecas, mas não havia um único taco de beisebol ou bastão de hóquei, nada que pudesse ser útil numa luta. Nem mesmo a televisão eu poderia usar, já que estava presa à parede.

Arrastando-me no chão de tábuas corridas, fui até a porta e a tranquei.

Nesse instante fui surpreendida por uma segunda rajada de balas, atingindo a sala e o quarto de hóspedes no fim do corredor. Então me dei conta do real objetivo daquele ataque.

Eu poderia – ou deveria – estar dormindo no quarto de hóspedes.

Ainda no chão, agarrei a perna de uma cadeira e empurrei-a contra a porta, travando a maçaneta. Peguei outra cadeira e arremessei-a contra a cômoda, quebrando-a em pedaços.

Segurando uma das pernas, arrastei-me até a parede.

A cena era no mínimo patética. Com exceção da cadela sob a cama, meu único instrumento de defesa era a perna de uma cadeira quebrada.

Se alguém arrombasse a porta com uma arma na mão, seria meu fim.

ENQUANTO ESPERAVA OUVIR passos no corredor, fiquei imaginando a cena: a porta sendo derrubada e eu me jogando em cima do invasor com a perna da cadeira na mão, pedindo a Deus que conseguisse nocauteá-lo.

Mas, à medida que os minutos piscavam no relógio do aparelho de som e o silêncio continuava, fui ficando mais calma.

De pé, encostei o ouvido à porta e, não ouvindo barulho algum, saí para o corredor comprido, usando o vão das portas e as paredes como barricada.

Ao chegar à sala, peguei minha arma dentro da bolsa, que estava no sofá.

Graças a Deus.

Enquanto ligava para a polícia, espiei através das persianas. A rua parecia deserta, mas tive a impressão de que alguma coisa brilhava no gramado. O que poderia ser?

Após informar meu nome, minha patente e meu número de matrícula na polícia, contei ao atendente que o número 265 da Sea View Avenue tinha sido alvo de tiros.

– Alguém ferido?

– Não, está tudo bem. Mas avise o delegado Stark, por favor.

– Já foi avisado, tenente. A polícia está a caminho.

OUVI AS SIRENES SE APROXIMANDO pela rua, vi o piscar das luzes na escuridão. Abri a porta quando a primeira viatura chegou. Atropelando-me, Martha passou como um raio até o jardim e parou diante de um objeto que brilhava sob o luar, parecido com uma serpente.

Ela não parava de farejar.

– Martha, que foi que você achou aí? Que foi, meu amor?

Eu estava agachada ao lado dela quando Peter Stark desceu da viatura. Com uma lanterna nas mãos, ele atravessou o jardim e se abaixou na minha frente.

– Você está bem?

– Estou, não se preocupe.

– Isto aí é o que estou pensando? – perguntou o delegado.

Nós dois olhávamos para um cinto masculino. Um cinto fino, de couro marrom, com uns 90 centímetros de comprimento e menos de dois dedos de largura. A fivela era quadrada, de um metal prateado fosco. Uma peça tão comum que provavelmente metade da Califórnia teria uma idêntica dentro do armário.

No entanto, o cinto apresentava algumas manchas avermelhadas nas partes de metal.

Esquecendo-me do terror dos minutos anteriores, mesmo com a certeza de que aquelas balas tinham endereço certo, comentei com Stark:

– Não seria o máximo se isto aqui fosse uma prova?

TRÊS VIATURAS DA POLÍCIA estavam paradas diante da casa, os rádios berrando coisas incompreensíveis. Ao longo da avenida, luzes se acendiam na frente das casas e os moradores saíam à rua de pijama e roupão, camiseta e short, o cabelo desgrenhado, o medo visível no rosto sonolento de cada um.

Holofotes iluminavam o jardim de Cat. Depois de trocarem algumas palavras com Stark, os policiais se espalharam pela área, alguns para recolher os cartuchos de bala, outros para interrogar os vizinhos.

O delegado e eu entramos na casa e examinamos as janelas estilhaçadas, os móveis despedaçados e a cabeceira destruída da “minha” cama.

– Tem alguma ideia de quem fez isso? – perguntou.

– Nenhuma – respondi. – Meu carro está lá fora para quem quiser ver, mas não avisei a ninguém que estava de volta.

– E por que voltou, tenente? Posso saber?

Eu pensava na melhor resposta possível quando ouvi Allison e Carolee chamando meu nome. Um jovem policial de orelhas de abano muito vermelhas surgiu à porta para avisar que eu tinha visitas.

– Ninguém pode entrar aqui! – gritou Stark. – Droga, por acaso alguém isolou a casa?

Sem graça, o jovem oficial fez que não com a cabeça.

– Como não? – cuspiu Stark. – Regra número um: isolar a cena do crime. Vá fazer isso!

Segui o rapaz até a varanda e recebi de Carolee e Allison os abraços de que tanto estava precisando.

– Um dos meus alunos monitora a frequência de rádio da polícia – disse Carolee. – Vim assim que soube. Meu Deus, Lindsay. Seu braço!

Olhei para baixo e vi que estava com pequenos cortes feitos pelos estilhaços de vidro e que minha blusa estava manchada de sangue.

O aspecto era pior do que os próprios ferimentos.

– Estou bem – disse a Carolee. – Só alguns arranhões, nada de mais.

– Você não está pensando em ficar aqui, está? Seria loucura! – argumentou ela, incisiva e visivelmente assustada. – Tem muito espaço para você lá em casa.

– Boa ideia – disse Stark, surgindo às minhas costas. – Vá com sua amiga. Chamei os peritos e eles vão passar a noite aqui, retirando as balas das paredes e examinando o local.

– Eu vou ficar bem – respondi sorrindo. – Esta casa é da minha irmã. Não vou a lugar nenhum.

– Como quiser. Mas não se esqueça de uma coisa: este caso é meu, tenente. Você continua fora da sua jurisdição. Não quero sacanagens para cima de mim!

– “Não quero sacanagens”? Que intimidade é essa, delegado?

– Olha, me desculpe, mas alguém acabou de tentar matar você!

– Eu percebi, obrigada.

Como de hábito, Stark passou a mão pelos cabelos.

– Vou deixar uma viatura de plantão na sua porta esta noite. Talvez até por mais tempo.

Enquanto me despedia de Carolee e Allison, Stark foi até o carro dele e voltou com um saco de papel. Ele usava uma caneta para pegar o cinto e guardá-lo no saco quando, com a dignidade que ainda me restava, fechei a porta da frente.

Fui para cama, mas, como era de esperar, não consegui dormir. Policiais entravam e saíam da casa, batendo as portas e rindo. Além disso, minha cabeça não parava de girar.

Perdida em meus pensamentos, eu fazia carinho na cabeça de Martha, que tremia ao meu lado. Alguém havia atirado contra a casa e deixado um cartão de visita no jardim.

Seria um aviso para que eu fosse embora de Half Moon Bay ou uma tentativa de homicídio?

O que iria acontecer quando eu aparecesse na cidade pela manhã?

UM RAIOS DE SOL ATRAVESSAVA a janela num ângulo incomum, forçando-me a abrir os olhos. Vi um papel de parede azul, uma foto de mamãe sobre a cômoda e então recobrei os sentidos.

Eu estava no quarto de Cat, já que às duas da madrugada a casa tinha sido invadida por tiros que atingiram a cama onde eu deveria estar.

Com o focinho gelado, Martha empurrou minha mão até que eu me levantasse. Vesti algumas roupas do armário de Cat: um jeans desbotado e uma blusa coral decotada, com babados. Nem de longe era minha cor preferida, muito menos meu estilo.

Passei um pente pelos cabelos, escovei os dentes e fui para a sala.

Os peritos da polícia ainda retiravam as balas das paredes, então fiz café e torradas para todos e os enchi de perguntas até descobrir algumas coisas básicas.

Doze balas de nove milímetros tinham sido disparadas contra a sala, o quarto de hóspedes e a janelinha alta do quarto das meninas. Os cartuchos estavam ensacados e etiquetados, os buracos, fotografados, e a equipe de peritos se preparava para ir embora. Em uma hora todo o material seria enviado ao laboratório.

– A senhora está bem, tenente? – perguntou um dos técnicos, um sujeito alto, com 30 e poucos anos, grandes olhos castanhos e um sorriso enorme.

Dei uma olhada naquela destruição, observando os estilhaços e o pó de gesso que cobriam toda a sala.

– Não, não estou – falei. – Vou ter de varrer a casa, consertar essas janelas e dar um jeito nessa bagunça!

– Meu nome é Artie – apresentou-se o técnico com a mão estendida.

– Muito prazer, Artie – respondi, apertando a mão dele.

– Meu tio Chris tem uma firma de limpeza. Se a senhora quiser, posso ligar para ele e eles cuidam de tudo. Jogo rápido. A senhora teria preferência, claro. Afinal, é uma de nós.

Agradei ao rapaz e aceitei a oferta. Em seguida peguei minha bolsa e fui com Martha até o quintal para alimentar Penelope. Depois caminhei até a viatura parada à minha porta e disse ao motorista:

– Noonan, certo?

– Certo.

– De plantão até agora?

– Sim, senhora. E ainda vou ficar um tempo. A delegacia inteira está à sua disposição, tenente. O chefe, todo mundo. Esta situação é bastante desagradável.

– Fico agradecida pela atenção.

E ficava mesmo. A luz do dia dava um aspecto ainda mais real aos acontecimentos. Alguém havia subido aquela rua simpática para atirar contra a casa da minha irmã.

Eu estava nervosa, precisava dar uma volta para recuperar a calma. Sacudi as chaves do carro e Martha imediatamente levantou as orelhas e abanou o rabo.

– Temos de fazer umas comprinhas no supermercado – disse para minha amiga. – Que tal levarmos o Bonneville para passear?

MARTHA PULOU PARA DENTRO da “banheira dourada” e se acomodou no banco inteiro da frente. Apertei o cinto de segurança, girei a chave até o motor pegar, na segunda tentativa, e apontei o aristocrático nariz do Bonneville na direção da cidade.

Meu destino era uma delicatessen na Main Street, mas, enquanto atravessava o labirinto de ruas nos arredores da casa de Cat, percebi um Taurus azul no retrovisor. Ele mantinha distância, porém estava sempre na minha cola.

Será que eu estava sendo seguida?

Talvez. Mas era possível que eu estivesse enxergando coisas, visto o estado de nervos em que me encontrava. Àquela altura eu me via como um pato em uma barraca de tiro ao alvo.

Saí da rodovia pela Magnolia, entrei na Main e fui passando lentamente pela simpática fileira de lojinhas. Queria convencer a mim mesma de que estava me preocupando à toa, mas, quando enfim achei que tivesse despistado o Taurus, lá estava ele novamente, duas quadras atrás.

– Se segure aí, amiga – disse para Martha, que sorria com a boca aberta para o vento. – Vamos mudar nossa rota um pouquinho.

Ao chegar ao fim da Main, dobrei à direita e saí na Rota 92, o cordão umbilical que ligava Half Moon Bay ao restante da Califórnia.

A sinuosa rodovia de duas pistas estava movimentada. Apesar do limite de 60 quilômetros por hora, ninguém seguia a menos de 100 e a distância entre um carro e outro era perigosamente curta. A ultrapassagem era proibida ao longo dos 10 quilômetros que atravessavam a represa até a saída para a autoestrada.

Segui em frente, mal prestando atenção à paisagem a meu redor: a vegetação rasteira na encosta à esquerda, o barranco de uns 10 metros à direita. A três carros de distância, o Taurus azul continuava no meu encalço.

Eu não estava imaginando coisas. Estava mesmo sendo seguida.

Seria uma tática de intimidação?

Ou naquele carro estaria um atirador à espera de uma oportunidade para entrar em ação?

A Rota 92 acabava no Skyline Boulevard e, antes da última curva, havia uma área de descanso com estacionamento e cinco mesas de piquenique.

Não liguei a seta para virar, apenas joguei o carro bruscamente para a direita. Minha intenção era sair da estrada e deixar o Taurus passar, de modo que eu pudesse ver o rosto do motorista e anotar a placa do carro. E depois sumir de vista.

Mas em vez de encará-lo com firmeza, como o Explorer teria feito, o Bonneville derrapou no cascalho e voltou para o asfalto, atravessando a faixa contínua até invadir a contramão.

O Taurus devia ter passado por mim, mas não cheguei a vê-lo.

Eu ainda me agarrava ao volante do carro desgovernado quando as luzes do painel se acenderam.

A direção automática e os freios não funcionavam, assim como o alternador, e o motor começou a esquentar enquanto eu rodopiava no asfalto.

Pisei fundo no freio e uma caminhonete preta deu uma guinada violenta para evitar uma batida no lado do passageiro. O motorista meteu a mão na buzina e gritou uma dúzia de palavrões, mas eu fiquei tão feliz por ainda estar viva que minha vontade foi responder com beijos.

Voltei para o acostamento e o Bonneville finalmente parou, com uma nuvem de fumaça ao redor. Não se via nada do outro lado do para-brisa.

Desci do carro e me encostei na lataria. Minhas pernas estavam bambas e as mãos tremiam.

Por enquanto eu estava livre da perseguição.

Mas sabia que aquela história estava longe do fim.

Alguém queria me ver pelas costas, mas eu não sabia quem, muito menos por quê.

LIGUEI DO CELULAR PARA O posto de Keith com o celular, mas fui atendida por uma secretária eletrônica.

– Keith, aqui é a Lindsay. Estou com um probleminha. Por favor, atenda.

Felizmente ele estava por perto e atendeu. Anotou minhas coordenadas e em 20 minutos, que pareceram uma hora, surgiu com o enorme reboque. Depois de engatar o Bonneville para a humilhante viagem de volta, abriu a porta da cabine para que eu me acomodasse ao seu lado.

– Você não pode fazer isso, Lindsay. Esse é um carro de luxo! – disse ele, sério. – Não é para ficar dando cavalo de pau no meio da estrada. Essa banheira tem mais de 20 anos, caramba.

– Eu sei, eu sei.

Longo silêncio.

– Gostei da blusa.

– Obrigada.

– É sério – insistiu, fazendo com que eu risse. – Você devia usar mais blusas como essa.

Ao chegar à oficina, abriu o capô do Bonneville e disse:

– Ah! A correia dentada arrebentou.

– Disso eu já sabia.

– Sabia também que você pode improvisar uma correia substituta com uma meia-calça?

– Sabia. Mas por incrível que pareça eu não tinha nenhuma meia no meu kit de primeiros socorros!

– Tive uma ideia. Que tal você me vender esse carro de volta? Dou 100 a mais do que você me pagou.

– Vou pensar no assunto. Espera aí, não!

Keith riu e se ofereceu para me levar em casa. Aceitei e, como a notícia acabaria se espalhando, contei a ele o que ainda não havia dito às minhas amigas e tampouco a Joe.

Falei sobre o ataque da véspera.

– E agora acha que alguém está seguindo você? Por que não volta para São Francisco, Lindsay? Sério!

– Porque não posso deixar esses crimes de lado. Pelo menos por enquanto. Ainda mais agora, que alguém encheu a casa da minha irmã de balas.

Keith olhou para mim com pena, enterrou o boné na cabeça e voltou a atenção para as curvas à frente.

– Por acaso alguém já disse que você é muito cabeça-dura? – perguntou.

– Claro. Na polícia isso é uma qualidade.

Eu sabia muito bem o que ele estava sugerindo. Era muito tênue a linha entre a coragem e a burrice.

Mas eu ainda não estava disposta a jogar a toalha.

UMA LONGA FILA DE CARROS se formava diante da casa da minha irmã: meu Explorer, uma viatura da polícia, o caminhão da vidraçaria e uma enorme van azul metálico da firma de limpeza.

Agradei a Keith pela carona, entrei com Martha em casa e encontrei um homem aspirando o sofá, um gigante de bigode fino e cabelo preto. Ele desligou o aparelho e nos apresentamos. Era o “tio Chris” em pessoa.

– Um bando de repórteres curiosos apareceu por aqui – disse ele. Falei que você tinha se mudado para outro lugar até a casa ficar pronta. Fiz bem?

– Ótimo. Perfeito.

– E o delegado Stark também passou agora há pouco. Pediu que você telefonasse assim que possível.

Fui até a cozinha e, ignorando as 47 mensagens que piscavam na secretária eletrônica, liguei para a delegacia.

– O delegado está dando uma entrevista – informou o plantonista. – Quer que ele ligue de volta?

– Quero muito.

– Pode deixar, tenente, eu dou seu recado.

Desliguei e atravessei o corredor até o quarto das minhas sobrinhas.

As cobertas ainda continuavam no chão. Uma janela estava estilhaçada e uma batata-doce jazia no chão. Eu tinha causado um belo estrago na cômoda ao espatifar a cadeira contra ela, e todos os bichinhos de pelúcia pareciam me censurar com os olhos.

E se as meninas estivessem em casa?

O que teria acontecido, Lindsay?

Arrastei a cadeira que estava boa até o quadro de cortiça, sentei-me e examinei minhas anotações. Meus olhos foram direto para a que mais me perturbava.

Muitas vezes os fatos mais reveladores estão bem na nossa frente, diante do nosso nariz, mas só os enxergamos no momento certo.

E o que eu via agora era isto: os orifícios no closet dos O’Malley.

Troquei de roupa e fui até o quintal para deixar Martha com Penelope.

– Vocês duas fiquem brincando aí, está bem?

Ao volante do Explorer, contornei cuidadosamente o caminhão da vidraçaria e voltei à rua.

Em direção à cidade.

O GUARDIÃO SEGUIA COM o Taurus azul pela Rota 280, no sentido norte, passando por Hillsborough. Pensava em várias coisas, mas especialmente em Lindsay Boxer.

Pensar na tenente causava nele uma mistura de sentimentos. De um lado, por mais estranho que parecesse, ficava orgulhoso dela, da segurança que ela vinha demonstrando, da capacidade de reação. A mulher não baixava a crista, não jogava a toalha, não voltava para casa.

Por outro lado, isso se tornava um grande problema. Um grande problema para ela própria.

Afinal de contas, eles não queriam matá-la. Matar uma policial, sobretudo aquela policial, desencadearia uma enorme caçada às bruxas. A polícia de São Francisco baixaria em peso na cidade para desvendar o caso. Talvez o FBI também.

Ao ver a placa para a Trousdale Drive, o Guardião reduziu a velocidade e tomou a saída a bordo do seu carro robusto. Dois quilômetros à frente, dobrou à direita no gigantesco prédio do Hospital Peninsula e, mais adiante, novamente à direita na El Camino Real, seguindo na direção sul.

Após percorrer duas quadras parou num posto de gasolina e entrou na loja de conveniência. Caminhou pelos corredores, pegando alguns produtos das prateleiras: uma garrafa de água, uma barra de chocolate, um jornal.

Pagou cinco dólares pelas compras e outros 20 pela gasolina à adolescente de seios fartos que estava na caixa. Ao sair da loja, desdobrou o jornal e leu a manchete na primeira página:

RESIDÊNCIA DE POLICIAL É ALVO DE TIROS

Uma foto de Lindsay uniformizada ilustrava a matéria e uma pequena coluna à direita da página trazia as últimas notícias sobre o caso de Sam Cabot. O garoto havia sido indiciado por dois homicídios, "Continua na pág. 2".

O Guardião largou o jornal no banco do passageiro e encheu o tanque. Em seguida entrou no carro e tomou o caminho de volta para casa. Em poucas horas ele falaria com a Verdade. Talvez não devessem matar Lindsay como haviam feito com os outros. Talvez devessem apenas dar um sumiço na tenente.

O CONSULTÓRIO DO FALECIDO Dr. O'Malley ficava numa casa de dois andares com fachada de tijolos aparentes na Kelly Street. À direita da porta uma placa de bronze informava o nome completo do médico.

Senti um frio na barriga ao tocar a campainha. Sabia do risco de levar uma bronca de Stark por passar por cima dele daquela maneira, mas não podia ficar de braços cruzados: eu precisava fazer alguma coisa. Melhor pedir desculpas depois do que pedir permissão à toa.

A porta se abriu automaticamente e eu entrei. À minha esquerda ficava a sala de espera, pequena e quadrada, com móveis estofados em tecido cinza e dezenas de cartões de condolências colados à parede.

Do outro lado do balcão, emoldurada pela janela aberta, estava uma mulher de meia-idade com os cabelos grisalhos armados à la década de 1960.

– Sou a tenente Boxer, da Polícia de São Francisco – apresentei-me, mostrando meu distintivo. Disse que estava trabalhando num antigo caso de homicídio que tinha semelhanças com a lamentável morte do Dr. O'Malley.

– Já falamos com a polícia – respondeu ela, examinando o distintivo e o sorriso radiante que eu havia aberto especialmente para ela. – Foram horas de perguntas.

– Só preciso de alguns minutinhos.

Ela fechou a janela de vidro jateado, foi para a saleta adjacente e em poucos segundos estava ao meu lado.

– Sou Rebecca Falcone – disse ela, apresentando-se. – Entre.

Duas outras mulheres, também de meia-idade, estavam no cômodo.

– Esta é a enfermeira Mindy Heller – disse Rebecca, apontando para a mulher que jogava no lixo um prato de biscoitos embalado com plástico. Era uma loura com mechas no cabelo e quilos de maquiagem, embrulhada num uniforme branco. – E esta é Harriet Schwartz, nossa supervisora. – Harriet, uma mulher grande, de roupa esportiva vermelha, estava sentada diante de um velho computador. – Trabalhávamos para o Dr. O'Malley desde que ele abriu o consultório.

Cumprimentei as duas, repeti meu nome e dei meus pêsames. Depois de explicar o motivo da visita, pedi a ajuda de todas:

– Agradeço por qualquer coisa que vocês puderem me dizer que jogue alguma luz sobre meu caso.

– Você quer a verdade? – perguntou Harriet. Ela se afastou do computador, recostou-se na cadeira e começou a falar: – Ele era como um desenho de Picasso. Um amontoado de rabiscos para o qual você olha e no qual consegue reconhecer uma pessoa. Entre as linhas, só há espaços em branco e....

Mindy Heller interveio:

– Era um bom médico, mas também um sujeito mesquinho, mão-fechada, metido a

saber tudo. E às vezes bem cruel com as “escravas” da recepção. – Ela olhou rapidamente para as colegas. – Mas não creio que tenha sido morto porque era um chato de galocha. Olha, ele não passava disso: um chato de galocha.

– Sei... Então você acha que ele e a esposa foram vítimas das circunstâncias?

– Isso. Escolhidos aleatoriamente. Foi o que eu disse desde o começo.

Perguntei se alguma outra vítima dos assassinatos de Half Moon Bay era paciente do Dr. O’Malley, mas não obtive resposta.

– A senhora sabe que temos de respeitar a privacidade dos nossos pacientes – respondeu Mindy, incisiva –, mas certamente o delegado Stark poderá contar tudo o que a senhora quiser saber.

Fim de papo.

Deixei o número do meu celular na mesa de Harriet Schwartz. Agradei a todas pela atenção, apesar do balde de água fria que havia sido nossa conversa. Ainda que o Dr. O’Malley fosse tudo aquilo que suas funcionárias haviam dito, eu tinha entrado em mais um beco sem saída.

Assim que coloquei os pés na calçada senti alguém segurando meu braço. Era Rebecca Falcone, o rosto crispado de aflição.

– Preciso falar com você – disse a recepcionista. – Em particular.

– Onde? – perguntei.

– Na Lanchonete Half Moon Bay. Sabe onde é?

– Naquele centro comercial no fim da Main Street?

– Lá mesmo. Saio para almoçar meio-dia e meia.

– Estarei lá.

NOSSOS JOELHOS QUASE SE tocavam sob a mesinha nos fundos da lanchonete, perto do banheiro. Tínhamos pedido salada e suco, mas Rebecca não dava sinal de estar com fome. Também não parecia pronta para abrir a boca.

Ela mexia sem parar no crucifixo de ouro que trazia ao pescoço, deslizando-o de um lado para outro na correntinha.

A apreensão da recepcionista era compreensível. Ela queria contar a verdade, mas ao mesmo tempo sentia-se pouco à vontade diante das colegas.

– Preciso deixar bem claro uma coisa – disse ela por fim. – Não sei de nada. Muito menos sobre esses assassinatos. Mas uma coisa é certa: o Dr. O'Malley andava meio estranho nos últimos tempos.

– Pode ser mais específica?

– Bem... ele andava mais rabugento que de costume, entende? A ponto de perder as estribeiras com alguns pacientes, o que era muito raro. Perguntei o que estava acontecendo, mas ele disse que não era nada.

– Você conhecia Lorelei?

– Claro. Eles se conheceram na igreja. Para dizer a verdade, fiquei um tanto surpresa quando o Dr. O'Malley se casou com ela. Acho que se sentia sozinho. Quanto a ela, talvez achasse bonito se casar com um médico. – Rebecca suspirou. – Lorelei era muito simples. Uma mulher infantil que gostava de fazer compras. Mas ninguém tinha nada contra ela.

– Observação interessante – comentei. Isso foi o bastante para encorajá-la a dizer o que tinha em mente desde o início da conversa.

Rebecca dava a impressão de estar na beira de um trampolim bem alto.

Finalmente ela respirou fundo e saltou.

– Por acaso você sabe sobre Sandra, a primeira mulher do Dr. O'Malley? – perguntou. – Sabia que ela se matou? Que se enforcou na garagem de casa?

SENTI UM ESTRANHO ARREPIO na espinha, que muitas vezes era o presságio de uma revelação.

– Sim, eu sabia – respondi. – Li sobre o suicídio de Sandra O'Malley. O que você sabe a respeito?

– Tudo foi tão inesperado... – disse Rebecca. – Ninguém fazia ideia... Eu não sabia que ela estava tão deprimida.

– Então por que acha que ela se matou?

Rebecca vinha brincando com as folhas da salada, mas àquela altura largou o garfo sem dar uma única beliscada nelas.

– Não cheguei a descobrir – respondeu. – O Dr. O'Malley se recusava a tocar no assunto, mas, se fosse para arriscar um palpite, eu diria que foi por causa do comportamento abusivo dele.

– Comportamento abusivo? Como assim?

– Ele humilhava a mulher. Tratava Sandra como se ela fosse um zero à esquerda. Sempre que ouvia a conversa deles eu me sentia mal. – Rebecca deu de ombros, franzindo o rosto numa cara de nojo.

– Ela costumava reclamar?

– Não. Jamais faria uma coisa dessas. Era tão complacente, tão boazinha... Ela nem sequer abriu o bico quando ele começou a ter um caso.

Na minha cabeça as engrenagens começavam a girar, mas sem chegar a qualquer conclusão. Com uma careta de desprezo, Rebecca prosseguiu:

– Fazia anos que ele se encontrava com aquela mulher, e continuou depois de se casar com Lorelei, disse eu tenho certeza. Ela ligava para o consultório quase diariamente, até o dia em que ele morreu.

– Rebecca – disse eu com paciência, muito embora me coçasse de tanta curiosidade. – Rebecca, como se chama essa outra mulher?

Ela se recostou na cadeira enquanto dois homens se espremiavam para chegar ao banheiro. Assim que eles passaram, ela se inclinou para a frente novamente e sussurrou:

– Emily Harris.

Eu conhecia aquele nome. Lembrei-me do batom forte, do vestido rosa.

– Uma corretora que trabalha na Pacific Homes?

– Essa mesma.

EMILY HARRIS OCUPAVA UMA das mesas enfileiradas na loja estreita e comprida. Abriu um sorriso automático ao me ver, ampliando-o assim que me reconheceu.

– Ah, como vai? – perguntou ela. – Eu me lembro de você. Esteve com seu marido naquela casa da Ocean Colony Road, não esteve? Vocês têm um lindo cachorro.

– Isso mesmo – respondi. – Sou a tenente Lindsay Boxer, da Polícia de São Francisco. – Mostrei o distintivo.

O sorriso da mulher desapareceu na hora.

– Já falei com a polícia.

– Ótimo. Então não vai se importar de falar outra vez. – Sem esperar pelo convite, puxei uma cadeira e me sentei à frente dela. – Pelo que sei, você e o Dr. O'Malley eram bons amigos.

– Não tenho a menor vergonha disso que a senhora está insinuando. Ben tinha um casamento péssimo, mas eu não representava nenhuma ameaça. E com certeza não tive nada a ver com o assassinato dele.

Sem dizer mais uma palavra, Emily começou a juntar papéis e canetas para colocar a mesa em ordem. Meticulosamente em ordem. O que estaria se passando dentro daquela cabecinha? O que ela sabia sobre os O'Malley?

– E você é a corretora responsável pela casa dele?

– Isso não é motivo para matar alguém, caramba! Ficou maluca? Sou uma das melhores corretoras desta cidade.

– Calma, Srta. Harris. Não disse que você matou ninguém. Só estou tentando me informar sobre as vítimas porque estou trabalhando em outro caso de homicídio ainda sem solução.

– Tudo bem. É que ainda estou muito abalada, entende?

– Claro, eu entendo. A casa foi vendida?

– Ainda não. Mas tenho uma oferta em aberto.

– Ótimo. Que tal mostrá-la para mim, Srta. Harris? Talvez você possa responder a algumas perguntas. E me ajudar a descobrir quem matou Ben O'Malley.

OS FOLHETOS DA PACIFIC HOMES estavam dispostos em leque na mesa do vestíbulo e as flores haviam sido trocadas desde a visita que eu e Joe tínhamos feito à bela casa na Ocean Colony Road.

– Se incomoda de me mostrar os quartos? – perguntei à corretora.

Emily Harris deu de ombros, deixou as chaves ao lado do vaso de lírios e, tomando a dianteira, subiu a escada que conduzia ao segundo andar.

À porta da suíte do casal, parou um instante.

– Não gosto de entrar aqui – disse ela, correndo os olhos pelo cômodo verde-claro, cujo carpete, também verde, havia sido trocado recentemente. Apenas três semanas antes, Lorelei O'Malley fora morta a menos de três metros de onde estávamos.

Emily engoliu em seco e, contrariada, me acompanhou até porta do closet. Mostrei a ela o contorno do orifício recém-pintado e a marca ainda visível que Joe havia deixado ao raspar a massa com o dedo.

– O que você tem a me dizer sobre isto? – perguntei.

Com a voz embargada, ela respondeu:

– Isto me mata, é só o que tenho a dizer. É evidente, não é? Ben filmava suas transas com Lorelei. Dizia que não fazia mais sexo com ela, mas só podia estar mentindo. – Após dizer isso, ela começou a chorar baixinho no bolo de lenços de papel que havia tirado da bolsa. – Meu Deus, meu Deus... – suspirava a corretora. Depois de um tempo assoou o nariz, limpou a garganta e repetiu: – Meu relacionamento com Ben não tem nada a ver com a morte dele. Podemos ir agora?

Não se eu pudesse impedir. Fosse lá o que ela tivesse a me dizer, aquele era o melhor momento e ali era o melhor lugar.

– Srta. Harris.

– Ah, por favor, me chame de Emily. Depois de tantas confidências...

– Emily. Realmente preciso ouvir sua versão da história.

– Tudo bem. Você sabe sobre a Sandra?

Fiz que sim com a cabeça e, como se eu tivesse apertado um botão, ela disparou a falar.

– Você acha que eu não temia que ela se matasse porque Ben e eu tínhamos um caso?

– A corretora secou os olhos com um lenço, mas as lágrimas continuavam a rolar. – Ele dizia que a mulher não era muito boa da cabeça e por isso não pedia o divórcio. Mas, quando Sandra se matou, fiquei afastada dele durante um ano. Depois veio a Lorelei. A princesinha. Ben achava que seria melhor para Caitlin se eles se casassem logo.

A corda de Emily Harris parecia não ter fim.

– O que eu podia fazer? Ainda estava casada naquela época. Então voltamos a nos encontrar. Quase sempre na minha casa. Às vezes num hotel. A grande ironia é que, na minha opinião, Lorelei pouco se lixava para a menina. Mas Ben e eu... a gente tentava tirar

o melhor proveito da situação. Chegava a brincar com isso. Ele me chamava de Camilla e eu o chamava de Charles, Vossa Alteza Real. Era divertido. Puxa, que saudade... Sei que Ben me amava. Tenho certeza disso.

Precisei me segurar para não dizer "Tanto quanto é possível um adúltero desgraçado amar alguém". No entanto, achei melhor abrir a porta do closet e convidei a corretora a entrar.

– Por favor, Emily. – Mostrei a ela o segundo olho mágico na parede do fundo. – Este outro orifício dá para... o quarto de Caitlin.

Emily levou as mãos ao rosto, horrorizada.

– Nunca vi isso antes. Não sei nada sobre isso! Agora preciso ir – disse ela, dando-me as costas e saindo às pressas do quarto.

Ouvi os saltos descendo os degraus da escada.

Quando enfim a alcancei, ela havia pegado as chaves e abria a porta para ir embora.

– Emily!

– Não tenho mais nada a fazer aqui – disse ela, arfando, e trancou a porta às nossas costas. – É doloroso demais, você não entende? Eu amava aquele homem!

– Eu entendo – respondi, caminhando ao seu lado até o carro.

Emily entrou no veículo, mas antes que desse a partida arrisquei uma última pergunta:

– Só mais uma coisa. Por acaso Ben conhecia um sujeito chamado Dennis Agnew?

Ela soltou o freio de mão e virou o rosto molhado de lágrimas para mim.

– O quê? Você está dizendo que ele vendia nossos vídeos para aquele canalha?

Mas Emily Harris não esperou pela resposta. Agarrou o volante e pisou fundo no acelerador.

– Vou interpretar isso como um sim – respondi para o Lincoln, que a essa altura já ia longe.

AO VOLTAR PARA O ENDEREÇO familiar no fim da Sea View Avenue, passei pela viatura que fazia a ronda e acenei pela janela. Em seguida dobrei à direita e estacionei o Explorer no jardim de Cat bem ao lado do Bonneville, que Keith havia devolvido durante minha ausência.

Abri a porta da cozinha para que Martha entrasse, dei um biscoito a ela e, com um bloco de anotações em punho, fui conferir as mensagens na secretária eletrônica.

Joe, Claire e Cindy haviam ligado, os três preocupados, pedindo que eu retornasse assim que possível. A quarta mensagem era de Carolee Brown, que me convidava para jantar na escola à noite.

E a última era de Peter Stark. Aparentemente cansado, ele dizia:

– Boxer, temos o resultado do teste que fizemos com o cinto. Me ligue.

O delegado e eu vínhamos tentando nos falar durante todo o dia, mas sempre nos desencontrávamos. Resmunguei alguma coisa, procurei o número dele no bloco e disquei.

– Só um minuto, tenente – disse o plantonista. – Vou localizá-lo.

Era possível ouvir o chiado do rádio da polícia ao fundo. Batendo as unhas na bancada da cozinha, contei 79 batidas até que o delegado surgiu na linha.

– Boxer?

– Até que o resultado saiu rápido – comentei. – Então, quais são as novidades?

– Saiu rápido por um bom motivo. Não foi encontrada nenhuma impressão digital, o que não me surpreende. E, a menos que você se interesse pelo DNA de um boi, não havia mais nada naquele cinto. Lindsay, os desgraçados pingaram sangue bovino na fivela.

– Mentira!

– Sério! Droga. Olha, preciso desligar. O prefeito quer dar uma palavrinha comigo.

Stark desligou. Eu não queria estar na pele dele por nada no mundo.

Fui até varanda, sentei-me numa cadeira de plástico e coloquei os pés para o alto, literalmente, tal como Claire havia aconselhado. Por cima dos meus dedos eu avistava o quintal do vizinho e o horizonte turquesa da baía.

Pensei mais uma vez no cinto que eu tinha encontrado e nas manchas de sangue que, no fim das contas, não significavam nada.

Uma coisa estava clara.

A intenção dos agressores não era me ver morta.

O cinto não passava de uma estratégia para me assustar.

Mas por que eles teriam tanto trabalho?

Eu não conseguira solucionar o caso do Anônimo 24 e, 10 anos depois, ainda estava a ver navios.

Por outro lado, os assassinos continuavam à solta e tudo o que a polícia tinha era um grande número de perguntas que não levavam a lugar nenhum.

Não sabíamos por quê.

Não sabíamos quem.

E, pior, não sabíamos onde eles voltariam a atacar.

Fora isso, tudo era um mar de rosas.

A FAMÍLIA. A GRANDE praga da civilização moderna por meio da qual todo o lixo do passado era perpetuado, cultivado e aprimorado. Pelo menos era esse o ponto de vista do Guardiãõ naquela noite.

Localizada no alto da Cliff Road, a casa rosa tinha um pequeno vestíbulo onde as pessoas podiam deixar casacos e galochas nos dias de chuva. Foi por ali que o Guardiãõ entrou. Os Farley haviam saído, tão seguros em seu ninho de riqueza que nem sequer tinham se dado o trabalho de trancar a porta.

O vestíbulo dava para uma cozinha envidraçada que agora brilhava sob os últimos raios de sol.

É apenas uma operação de reconhecimento, o Guardiãõ lembrou a si mesmo. Entrar e sair em até cinco minutos. Como sempre.

Tirou a câmara do bolso interno da jaqueta de couro e começou a fotografar a sequência de vidraças, de tal modo espaçadas que uma pessoa podia passar entre os vãos.

Zzzzt, zzzzt, zzzzt.

Em seguida atravessou a cozinha e foi até a enorme sala que se projetava sobre a encosta. A luz âmbar do fim de tarde banhava a vegetação de eucaliptos, conferindo um aspecto quase humano às árvores de tronco enrugado, como se velhos senhores o observassem em silêncio. Compreendendo e aprovando os motivos do Guardiãõ.

Uma operação de reconhecimento, repetiu. As coisas estavam complicadas demais para que eles continuassem com o plano original.

O Guardiãõ subiu até os quartos, observando os degraus que rangiam, a solidez do corrimão. Entrou em cada um dos quartos para tirar fotos, memorizar os detalhes, vasculhar os cômodos, como se fosse um policial em busca de um suspeito.

Ao entrar na suíte principal, conferiu as horas no relógio. Quase três minutos se passaram. Rapidamente abriu os armários, sentiu o perfume das roupas de grife e fechou as portas.

Voltou apressado até a cozinha e já ia saindo quando se lembrou do porão. Ainda tinha tempo para dar uma espiada.

Descendo as escadas, viu uma grande adega à esquerda, uma lavanderia à frente e uma porta à direita, encoberta pelas sombras. Precisava saber o que havia do outro lado.

A porta estava trancada com um cadeado de segredo. Mas aquilo não era problema para o Guardiãõ. Ele tinha um talento especial com as mãos. Foi girando o disco para a esquerda até sentir o primeiro sinal de resistência. Depois repetiu o mesmo procedimento para a direita, e de novo para a esquerda. O cadeado se abriu e ele empurrou a porta.

Apesar da penumbra, percebeu que ali havia um computador, uma impressora a laser, papel fotográfico de alta qualidade e duas câmeras digitais com recurso de visão noturna.

Sobre a bancada, uma pilha de fotografias impressas.

Sem hesitar, ele entrou no cômodo e fechou a porta.

É apenas uma operação de reconhecimento, igual a tantas outras, nada além disso. Mas, ao acender a luz, ficou assustado com o que viu.

EU SENTI O CHEIRINHO DO molho marinara ainda do lado de fora do casarão vitoriano que abrigava a escola-creche de Carolee. Protegendo os olhos do sol, que ainda refletia nas janelas, bati à porta com a enorme aldrava de metal.

Um garoto negro, de uns 12 anos, atendeu dizendo:

– Boa noite, dona tenente.

– Você é o Eddie, não é?

– Eddie-fícil – brincou ele, abrindo um sorriso. – Como é que você sabia?

– Tenho uma ótima memória – respondi.

– Que bom, já que você é da polícia.

Um alvoroço se formou quando entrei na “sala da bagunça”, uma enorme e arejada sala de jantar com vista para a rodovia.

Carolee me recebeu com um abraço e mandou que eu me sentasse à cabeceira da mesa.

– O lugar de honra – disse.

Allison rapidamente ocupou a cadeira à minha direita e, depois de alguma discussão, uma ruivinha miúda chamada Fern se aboletou à minha esquerda. Àquela altura eu me sentia em casa na companhia daquela grande “família”.

Tigelas com espaguete e outra maior de salada foram passadas pela mesa. Pedacos de pão italiano voavam por ela enquanto a garotada não parava de me bombardear com perguntas e charadas, cujas respostas eu chutava e muitas vezes acertava.

– Quando eu crescer – sussurrou Allison –, quero ser igualzinha a você.

– Sabe o que eu quero? Quando você crescer, quero que seja igualzinha a você mesma.

Nesse instante, rindo, Carolee começou a bater palmas.

– Gente, vamos deixar a Lindsay em paz! – disse. – Deixem a coitada jantar! Ela é nossa convidada, e não um prato de comida para vocês devorarem. – Ao se levantar para buscar uma garrafa de refrigerante na bancada, pousou a mão no meu ombro e se inclinou para dizer: – Você não se importa, não é? Eles adoram você.

– Também adoro todos eles.

Depois de arrumarmos a mesa, as crianças subiram para estudar e, com nossas canecas de café, Carolee e eu fomos até a varanda cercada de tela junto ao pátio. Sentamos em duas cadeiras de balanço idênticas e ficamos ouvindo o canto dos grilos ao anoitecer. Era bom ter uma amiga em Half Moon Bay, e naquela noite eu tive a impressão de conhecer Carolee há muito tempo.

– Alguma novidade sobre quem atacou a casa de Cat? – perguntou ela, preocupada.

– Não. Mas você se lembra daquele cara que veio falar conosco no Cormorant?

– Dennis Agnew?

– Esse mesmo. Ele vem tentando me intimidar, Carolee. E o delegado Stark não faz nenhum segredo: acha que ele é o principal suspeito dos assassinatos.

Carolee pareceu surpresa, chocada.

– Jura? Acho difícil. Tudo bem, o cara é asqueroso, mas... não consigo vê-lo como um assassino.

– Isso é exatamente o que as pessoas dizem dos psicopatas que volta e meia são presos – respondi, rindo.

Seguiu-se um silêncio. Eu tamborilava os dedos no braço da cadeira enquanto Carolee olhava para o nada com os braços cruzados, talvez pensando, como eu, em homicídios ou possíveis homicidas.

– É muito tranquilo aqui, não acha? – perguntou depois de um tempo.

– Muito. Adoro este lugar.

– Você vai pegar esse maníaco, não vai?

– Carolee... se você ficar com medo de alguma coisa... mesmo se achar que está imaginando coisas... ligue para a polícia imediatamente. E depois ligue para mim.

– Claro. Ligo, sim, Lindsay. Obrigada. – Ao fim de mais um período de silêncio, Carolee disse: – Eles sempre acabam presos, não acabam, Lindsay?

– Quase sempre – respondi, embora a verdade não fosse bem aquela. Os espertos de verdade não só continuavam soltos como também nem sequer eram notados.

TIVE UMA NOITE DE sono terrível, atormentada por todos os tipos de pesadelo: casas metralhadas, corpos chicoteados, assassinos sem rosto ou nome. Ao acordar, vi que a manhã estava cinzenta, dessas que não dão vontade de sair da cama.

No entanto, Martha e eu precisávamos nos exercitar, então vesti minha roupa de corrida, enfiei minha arma no coldre de ombro e guardei o celular no bolso da jaqueta jeans.

Descemos até a praia.

Nuvens pesadas se aproximavam a oeste, a uma altura tão baixa que as gaivotas encostavam nelas sem dificuldade, lembrando os dirigíveis nos documentários sobre a Segunda Guerra Mundial.

Alguns corajosos corriam ou andavam à beira da água, porém, como estavam longe, soltei Martha da coleira. Ela disparou imediatamente na direção de um bando de albatrozes e comecei a correr na direção oposta.

Eu mal havia completado 500 metros quando percebi os primeiros sinais de chuva. Logo os pingos intermitentes tornaram-se mais grossos, marcando a areia e fazendo com que ela ficasse mais dura.

Virei-me para ver onde Martha estava, correndo de costas até avistá-la a uns 100 metros de distância, atrás de um homem de moletom amarelo com capuz.

Voltei o rosto para a frente e já apertava o passo quando os latidos de Martha chamaram minha atenção. Ela dava pequenas mordidas nos calcanhares do sujeito encapuzado. Minha border collie o confundia com uma ovelha!

– Martha! – berrei. – Agora chega!

Era o comando para que ela se postasse ao meu lado, mas fui solenemente ignorada. Martha continuou atrás do homem até ele sair da praia e subir correndo pelas dunas.

Foi só então que percebi que não era uma brincadeira. Martha estava me protegendo.

Droga!

Alguém me seguia novamente.

GRITEI:

– Ei! Pare de correr que ela se afasta!

Nenhum dos dois me deu ouvidos. Saí correndo atrás deles, mas escalar uma encosta de areia fofa com mais de cinco metros de altura era mais difícil do que correr dentro d'água.

Usando as mãos para facilitar a subida, cheguei ao gramado da área de acampamento. O cabelo molhado de chuva cobria meus olhos e por um instante não consegui enxergar nada. Na fração de segundo que precisei para afastá-lo, cheguei a pensar que havia perdido o controle da situação. Olhando à minha volta, não conseguia localizar o homem de moletom amarelo. Droga. Ele tinha escapado de novo.

– Mar-thaaaa!

Uma mancha amarela surgiu por trás dos banheiros, atravessando meu campo de visão com Martha nos calcanhares. O sujeito tentava afastá-la com coices e chutes, então os dois se embrenharam na área para piqueniques.

Saquei o revólver e gritei:

– Parado! Polícia!

Mas, contornando as mesas, o encapuzado correu na direção de uma picape parada no estacionamento.

Martha continuava firme na perseguição, rosnando, mordendo a perna dele e tentando impedi-lo de chegar até o carro.

– Polícia! – gritei outra vez, correndo com a arma apontada. – De joelhos! – ordenei, já mais perto do homem. – Mantenha as mãos onde eu possa vê-las! De braços no chão, meu camarada. Agora!

O sujeito obedeceu e, sob a chuva forte, corri ao encontro dele. Apontando a arma para suas costas, puxei o capuz.

Reconheci aqueles cabelos dourados, mas não consegui acreditar. Ele virou o rosto para mim, os olhos enfurecidos.

– Keith! O que você está fazendo? Que história é essa?

– Não estou fazendo nada! Só estava tentando alertar você.

– É mesmo? E por que não telefonou? – respondi, ofegante.

Meu coração pulava dentro do peito: bum, bum, bum.

Meu Deus, eu estava com uma arma carregada nas mãos. De novo!

Afastei as pernas de Keith com o pé e, ao revistá-lo, encontrei uma faca de caçador na cintura dele. Joguei-a para longe. As coisas iam de mal a pior.

– Você disse que não estava fazendo nada?

– Lindsay, me deixa falar.

– Não. Quem vai falar aqui sou eu. Você está preso.

– Preso, eu? Mas por quê?

– Porte ilegal de arma branca.

Postei-me à sua frente para que ele pudesse ver tanto a minha arma quanto o recado no meu olhar firme: se fosse preciso, eu não hesitaria em atirar.

– Você tem o direito de permanecer calado. Tudo o que disser poderá e será usado contra você num tribunal de justiça. Se não tiver um advogado, poderá recorrer a um defensor público. Esses são os seus direitos, fui clara?

– Você entendeu tudo errado!

– Fui clara?

– Foi, foi, foi.

Enquanto eu pegava o celular no bolso, Keith se retorceu como se quisesse fugir. Martha arreganhou os dentes.

– Fique onde está, Keith. Não quero ser obrigada a atirar.

ESTÁVAMOS COM STARK na “caixa”, o cubículo de azulejos cinza que era usado como sala de interrogatório da delegacia.

Stark havia dito que tinha lá suas dúvidas. Fazia mais de 10 anos que ele conhecia Keith Howard como o Homem na Lua, o mecânico que não pensava em nada além de carros e alguns trocados que garantissem o sustento dele.

Felizmente, o delegado não se opusera à minha intuição, pois a expressão que eu tinha visto nos olhos de Keith era de causar arrepios. Era a mesma expressão impiedosa que eu tivera a chance de ver no rosto de vários psicopatas.

Eu e Keith estávamos em lados opostos da velha mesa de metal, nós dois encharcados de chuva, com Stark encostado na parede da sala. Atrás do espelho, policiais nos observavam, torcendo para que eu estivesse certa e para que em poucos minutos eles pudessem contar com algo mais concreto do que uma faca e um palpite.

Desde sua chegada à delegacia, Keith parecia ter regredido no tempo, aparentando ser ainda mais jovem do que seus 27 anos.

– Não preciso de advogado – dizia ele, encarando-me. – Eu só estava seguindo você. As mulheres sempre percebem quando um homem está interessado nelas. E você sabe que eu estava interessado em você, Lindsay. Então diz para eles, diz!

– Você está dizendo que estava me perseguindo? É esta a sua explicação?

– Eu estava seguindo você. É bem diferente.

– O que eu posso dizer? Não entendo... Por que você estava atrás de mim?

– Você sabe por quê! Alguém estava tentando machucar você!

– Foi por isso que você atirou contra a casa da minha irmã?

– Eu? Não fiz nada disso! – gritou ele, levando as mãos ao rosto. – Eu gosto de você, Lindsay. Sempre gostei. Isso agora é crime?

Stark finalmente se pronunciou:

– Já estou de saco cheio dessa conversa mole. – Aproximando-se da mesa, o delegado deu um tapa na nuca de Keith. – Seja homem, rapaz. Que foi que você fez?

Keith parecia não estar bem. Deixou a cabeça cair sobre a mesa, rolou-a de um lado para outro e soltou um longo gemido, que parecia vir das profundezas da alma, um gesto de desânimo e medo.

Mas nenhum gemido do mundo poderia ajudá-lo naquele momento. Recentemente eu havia me deixado enganar por lágrimas de crocodilo, um equívoco que não estava disposta a repetir.

– Keith, você está me assustando, cara – disse eu, calma. – Está numa grande enrascada, então não seja burro. Diga logo o que fez para que a gente possa ajudá-lo a enfrentar a promotoria. Vou ajudá-lo, Keith, prometo. Então diga: será que vamos encontrar manchas de sangue na sua faca?

– Nãããã – ele uivou. – Não fiz nada de errado!

Relaxe os músculos do rosto, abri um sorriso e cobri a mão de Keith com a minha.

– Você se sentiria mais confortável se tirássemos essas algemas? – perguntei, olhando para o delegado.

Stark fez que sim com a cabeça, tirou a chave do bolso da camisa e abriu as algemas. Keith se levantou, sacudiu as mãos e tirou o casaco de moletom, pendurando-o no encosto da cadeira. Em seguida despiu o suéter que usava por baixo.

Caso eu estivesse de pé, meus joelhos teriam cedido e eu desabaria no chão.

Keith usava uma camiseta laranja com a logomarca do Distillery, o restaurante de turistas na Autoestrada 1, em Moss Beach.

Uma peça idêntica à que o Anônimo 24 usava ao ser chicoteado e morto, 10 anos antes.

KEITH PERCEBEU QUE eu olhava para a camiseta.

– Gostou? – perguntou animado, abrindo o velho sorriso que eu já conhecia do posto de gasolina. – É um clássico! Mas eu acho que o Distillery parou de vender.

Eu não tinha certeza, mas sua irmã gêmea suja de sangue estava guardada na sala de provas do Tribunal de Justiça em São Francisco.

– Onde você esteve na noite de anteontem, Keith? – comecei, antes de despejar as perguntas: “Você tem uma arma?”, “Sobre o que você queria me alertar?”, “Não tem nada mais plausível a dizer?”.

Ele se mostrou agressivo nas respostas, mas aos poucos começou a gaguejar, derramando algumas lágrimas, às vezes ficando completamente mudo. Depois de um tempo, Stark assumiu o comando e perguntou se ele conhecia as vítimas dos homicídios recentes.

Keith respondeu que conhecia todas.

Do mesmo modo que conhecia quase todos os moradores de Half Moon Bay ou os clientes que haviam passado pelo modesto posto de gasolina, disse ele.

– Temos uma testemunha – informou Stark, apoiando as mãos sobre a mesa e cravando em Keith um olhar que me deixou arrepiada. – Você foi visto, meu amigo, deixando a casa dos Sarducci na noite em que eles foram mortos.

– Poxa, Pete. Fala sério. Sei que você é capaz de coisa melhor.

Não estávamos chegando a lugar nenhum e a qualquer instante Keith poderia dizer: “Podem me indiciar pela faca, mas agora me deixem ir”, e seria direito seu pagar uma fiança e sair porta a fora.

Fiquei de pé e me dirigi a Stark, ignorando o fato de Keith estar na sala:

– Sabe de uma coisa? Ele não é quem estamos procurando. Você tinha razão: Keith não conseguiria fazer tudo isso. Não parece tão inteligente assim. Quer dizer... Olha, Keith, você é um excelente mecânico, mas é burrice imaginar que você teria coragem para cometer esses crimes. Ainda mais sem deixar pista. Muito difícil.

– É, estamos perdendo nosso tempo – completou Stark, dançando conforme minha música. – Esse pivete não consegue nem roubar esmola de cego.

Keith virou a cabeça para o delegado, depois para mim e novamente para Stark.

– Sei o que vocês estão fazendo – disse ele.

Ignorando-o, continuei me dirigindo a Stark:

– E acho que você tinha razão quanto a Agnew também. Esse, sim, é macho para matar uma pessoa a sangue-frio e ficar bem ali, vendo ela morrer devagarzinho. E é esperto o bastante para se safar.

– É verdade. Ele é cheio de contatos e tal... – disse Stark, passando a mão pelos cabelos. – Faz sentido.

– Vocês não deviam estar falando isso – resmungou Keith.

Voltei-me para ele com um olhar de interrogação.

– Keith, você conhece Agnew. O que acha? Ele é o nosso homem?

Foi como se o relógio de uma bomba chegasse ao zero e ela explodisse nas entranhas da Terra. Primeiro ouviu-se o tremor, depois um barulho prolongado, e finalmente o caos.

– Dennis Agnew? – cuspiu Keith. – Aquele atorzinho pornô aposentado que tem um pau no lugar do cérebro? Sorte dele não ter morrido nas minhas mãos. E olha que a ideia me passou pela cabeça! – Ele cruzou as mãos e as soltou sobre a mesa, fazendo pular as canetas, o bloco e as latinhas de refrigerante. – Olha, sou bem mais safo do que você pensa, Lindsay. Matar aquelas pessoas foi a coisa mais fácil que fiz na vida.

O ROSTO DE KEITH ESTAVA com a mesma expressão de frieza e ódio que eu tinha visto ao encostar minha arma nas costas dele. Este Keith eu não conhecia.

Mas precisava conhecer.

– Vocês estão completamente enganados a meu respeito, os dois – disse ele. – E, mesmo se estiverem tentando me manipular, tudo bem. Estou cansado disso. Ninguém se importa.

Ao ouvir aquela última frase, joguei minhas costas contra o espaldar da cadeira. Os irmãos Cabot tinham escrito as mesmas palavras com tinta spray no local dos crimes que haviam cometido. Do mesmo modo que o assassino do Anônimo 24, uma década antes.

– Como assim, “ninguém se importa”?

Keith estreitou os olhos azuis na minha direção.

– Você não é tão inteligente? Se vira para descobrir.

– Não tente me enrolar, Keith. É claro que eu me importo. E estou realmente disposta a ouvir.

A câmera de vídeo estava gravando toda a confissão, que era o sonho de qualquer policial. Keith entregou o ouro: os nomes, as datas, todos os detalhes que apenas o assassino poderia saber.

Contou que havia usado diferentes facas e cintos, descreveu cada uma das mortes, explicou como tinha enganado o Dr. Ben O'Malley.

– É isso aí, eu acertei a nuca dele com uma pedra antes de cortar a garganta. Depois joguei a faca no mato.

Como se estivesse abrindo as cartas num jogo de paciência, Keith foi revelando os detalhes de modo organizado, convincente o bastante para que ele passasse o resto da vida apodrecendo numa cadeia. Mas eu não conseguia acreditar que ele havia cometido tantos crimes sozinho.

– Você matou Joe e Annemarie Sarducci sem a ajuda de ninguém? Sem nenhuma resistência do casal? Você é o quê? O Homem-Aranha?

– Você está começando a entender, Lindsay. – Keith arrastou a cadeira para a frente e se inclinou sobre a mesa, quase encostando o rosto no meu. – Eu seduzi aqueles dois. E pode acreditar: fiz tudo sozinho. Quero ver você explicar isto para a promotoria. Sim, eu sou o Homem-Aranha.

– Mas por quê? O que essas pessoas fizeram contra você?

Keith balançou a cabeça como se estivesse com pena de mim.

– Você nunca iria entender, Lindsay.

– Pague para ver.

– Não – respondeu, categórico. – Já disse tudo o que tinha a dizer.

Fim de papo. Keith passou as mãos pela cabeleira dourada, deu um último gole na Coca-Cola e sorriu satisfeito, como um ator na frente do palco ao fim de um espetáculo.

Minha vontade era dar um murro naquela cara e apagar de vez o sorrisinho besta. Tantas pessoas mortas e nenhuma explicação.

Por que ele se recusava a dizer o motivo de ter feito aquilo tudo?

Ainda assim, o dia havia sido proveitoso para a turma do bem. Keith Howard tinha sido algemado novamente para ser fotografado e depois preso numa cela temporária até que pudesse ser conduzido a São Francisco, onde finalmente seria indiciado.

Antes de ir embora, fui conversar com o delegado na sala dele.

– Que foi, Boxer? Cadê o chapeuzinho de festa?

– Estou preocupada, Stark. Aposto que esse cara está acobertando outras pessoas.

– Isso é o que você pensa. Quer saber? Acho que ele contou a verdade. Disse que era mais esperto do que a gente pensava e vou dar um crédito ao pilantra. Talvez ele seja mesmo o geniozinho que diz ser.

Respondi contradizendo-o com um sorriso de cansaço.

– Espera aí, Boxer! O cara confessou! Vamos comemorar! Essa bola já está na çapapa. Aliás, quero ser o primeiro a lhe dar os parabéns, tenente. Fez um ótimo trabalho. Mas acabou. Graças a Deus o pesadelo acabou.

O TELEFONE TOCOU, ARRANCANDO-ME de um sono tão profundo que tive a sensação de estar saindo de um sarcófago.

– Alô? – resmunguei.

– Oi, Lindsay. Desculpe ligar assim tão cedo.

– Joe? – Puxei para perto o relógio, que marcava 5h15 em luminosos números vermelhos, e perguntei assustada: – Você está bem? Algum problema?

– Está tudo bem – respondeu ele, a voz calma, calorosa e sensual de sempre. – Mas tem uma multidão na porta da sua casa.

– Você está vendo isso pelo GPS?

– Não. Acabei de ligar a TV.

– Espere um pouco.

Fui até a sala e abri uma fresta na cortina da janela.

Alguns repórteres estavam acampados no gramado e equipes de filmagem estendiam os cabos até as vans estacionadas numa longa fileira avenida abaixo.

– Acabei de ver – falei, voltando para a cama. – Estou cercada. Droga!

Enfiei-me debaixo do lençol, espremendo o telefone entre o rosto e o travesseiro. Joe parecia tão próximo que tive a impressão de estarmos sob o mesmo teto.

Conversamos por uns bons 20 minutos, fazendo planos para quando nos víssemos novamente em São Francisco. Em seguida me levantei, vesti uma roupa qualquer, coloquei um mínimo de maquiagem e fui até a porta de casa.

Os repórteres se aglomeraram à minha frente com um buquê de microfones nas mãos. Piscando os olhos contra o sol da manhã, fiz uma breve declaração:

– Sinto muito, pessoal, mas não posso fazer nenhum comentário. Este caso é do delegado Peter Stark, vocês vão ter de falar com ele. Vocês entendem, não é? Boa sorte!

Dei um passo para trás e, sorrindo para mim mesma, bati a porta diante daquele paredão de perguntas. Passei a tranca e diminuí a campainha do telefone. No quarto das meninas, eu retirava as anotações do quadro de cortiça quando Cindy e Claire me ligaram pelo celular, iniciando uma teleconferência.

– Acabou – disse a elas, repetindo o que ouvira de Stark. – Pelo menos é o que estão dizendo.

– Mas o que realmente está acontecendo, Lindsay? – perguntou Cindy, minha amiga sempre intuitiva e cética.

– Puxa, como você é esperta!

– Ahã. Então, o que está rolando?

– Cá entre nós, acho que aquele cara ficou orgulhoso demais por ter entrado no hall da fama dos psicopatas. Sei lá, fiquei com a impressão de que ele não fez por merecer...

– Ele também confessou ter matado o Anônimo 24? – perguntou Claire.

– Uau! Mais uma espertalhona! – respondi.

– Então, confessou ou não confessou?

– Não.

– E que conclusão você tira disso?

– Não sei mais no que acreditar, Claire. Estava convencida de que esses casais de Half Moon Bay e meu antigo caso haviam sido mortos pela mesma pessoa. Talvez tenha me enganado.

EU ESTAVA NUM LUGAR UM pouco estranho: no banco de trás de uma viatura, com Martha ao meu lado. Baixei o vidro da janela, abri os botões do blazer e admirei a festa que começava a ser montada na Main Street.

Uma banda afinava os instrumentos na mesma travessa onde escoteiros e bombeiros trabalhavam na decoração dos carros alegóricos da parada. No alto de escadas, homens penduravam faixas sobre a avenida e bandeiras nos postes. Eu podia sentir no ar o cheirinho das salsichas de cachorro-quente. Era o dia 4 de julho.

Meu amigo mais recente, o policial Noonan, deixou-nos diante da delegacia, onde Peter Stark enfrentava um batalhão de curiosos e repórteres.

Eu atravessava a multidão quando Tom Hefferon, prefeito de Half Moon Bay, saiu do prédio, vestindo uma bermuda cáqui, uma camisa polo e um chapéu de pescaria que disfarçava a calvície. Ele apertou minha mão e disse:

– Espero que de agora em diante você passe todas as férias na nossa cidade, tenente.

Em seguida testou o microfone com tapinhas, o que fez as pessoas se acalmarem.

– Obrigado a todos por terem vindo. Este é realmente um Dia da Independência para nós – disse com a voz trêmula. – Estamos livres para retomar nossas vidas. – Espalmando as mãos para silenciar os aplausos, emendou: – Com vocês, o chefe da nossa polícia, Peter Stark.

Stark estava impecavelmente uniformizado: paletó de botões dourados, distintivo reluzindo no peito e arma na cintura. Ao receber o aperto de mão do prefeito, ergueu de leve os cantos da boca e, para espanto geral, abriu um sorriso. Depois limpou a garganta e foi até o microfone.

– Temos sob custódia um suspeito que confessou esses crimes que vêm aterrorizando nossa população.

Gritos de aprovação se misturavam à neblina da manhã, enquanto lágrimas de alívio escorriam pelo rosto de alguns espectadores. Um garotinho se aproximou da tribuna e entregou a Stark uma vela em forma de estrela de prata.

– Obrigado, Ryan. Este é meu filho – disse Stark, a voz nitidamente embargada. – Você segura ela para mim? – Ele colocou o menino sentado no alto da tribuna, pousou a mão no ombro dele e prosseguiu com o discurso.

Disse que a polícia havia realizado seu trabalho e que o restante ficaria a cargo da promotoria e do poder judiciário. Em seguida agradeceu-me pela “inestimável ajuda” prestada durante a investigação e, sob aplausos ainda mais calorosos, entregou uma medalha a Ryan. Um policial segurou a vela para o menino, que passou a medalha pelo pescoço de Martha. Era a primeira comenda que minha border collie recebia.

– Boa menina – disse Stark.

Também agradeceu a todos os policiais sob seu comando, bem como à Polícia Estadual, por tudo o que tinham feito para dar fim àquela “onda de crimes que havia tirado a vida de

tantos cidadãos inocentes”.

Quanto a mim, eu novamente caíra nas graças da opinião pública após ter detido o assassino com minhas próprias mãos.

Eu ainda era “uma policial de primeira”.

Contudo, mesmo cercada de tanta euforia, precisei fazer um esforço para afastar um pensamento desagradável. Um pensamento que chamava minha atenção assim como o garotinho que agora balançava a estrela de prata e puxava a manga do pai, pedindo colo.

E se a “onda de crimes” não tivesse acabado?

JÁ ERA NOITE E OS FOGOS de artifício não paravam de estourar na região do porto, explodindo aqui e ali e iluminando o céu da cidade. Cobri a cabeça com o travesseiro, o que pouco adiantava para abafar o barulho.

Martha, a mais nova cidadã ilustre de Half Moon Bay, se escondia debaixo da cama, as costas grudadas na parede.

– Calma, Boo. Já vai passar. Coragem.

Caí no sono, mas logo fui acordada por um barulho na fechadura da porta da sala.

Martha também acordou e foi até o corredor, latindo alto.

Alguém estava entrando na casa.

Tudo aconteceu muito rápido.

Com a arma na mão e o coração na boca, saí da cama e fui rastejando pelo carpete até a sala, encostada nas paredes, contando as portas pelo caminho.

Quando dei de cara com o vulto à porta, fiquei de joelhos, apontei a arma e berrei:

– Parado aí! E mãos para o alto! Agora!

A resposta foi um grito estridente.

O luar que passava pela porta aberta iluminava o rosto apavorado da minha irmã. A criança no colo dela também não parava de gritar.

– Cat, sou eu. Desculpa. Chega, Martha! Chega!

– Lindsay? – Cat acomodou Meredith entre os braços e veio na minha direção. – Essa arma está carregada?

Brigid, de apenas seis anos, estava escondida atrás dela, chorando, com o rosto enterrado num ursinho de pelúcia.

Minhas mãos tremiam, o sangue latejava nos meus ouvidos.

Meu Deus, eu podia ter matado minha irmã!

LARGUEI A ARMA SOBRE a mesa e apertei Cat e Meredith num forte abraço.

– Desculpe, desculpe, desculpe...

– Liguei um milhão de vezes – disse Cat, encostando a cabeça no meu ombro e logo se livrando do abraço. – Não me leve presa, por favor!

Peguei Brigid no colo e a apertei com força, beijando o rostinho molhado, segurando a cabecinha com uma das mãos.

– Martha e eu... a gente não queria assustar vocês, está bem?

– Você vai ficar com a gente, tia Lindsay?

– Só mais esta noite, meu amor.

Cat acendeu a luz e notou os furos de bala na parede.

– Você não atendeu o telefone. E a secretária eletrônica estava cheia.

– Por causa dos repórteres – expliquei, o coração ainda na boca. – Mais uma vez, desculpe por ter dado esse susto em vocês.

Com o braço livre, Cat puxou minha cabeça e beijou meu rosto.

– Como policial, você mete um medo danado na gente, sabia?

Fomos todas juntas para o quarto das meninas, onde procuramos nos acalmar. Assim que Brigid e Meredith pararam de chorar, vestimos os pijamas nelas e as colocamos para dormir.

– Tenho acompanhado as notícias – disse Cat, saindo do quarto e fechando a porta. – É verdade? Foi você quem pegou o assassino, e no fim das contas ele era o Keith? Eu conheço o Keith. Gostava dele.

– É, eu também gostava.

– E que carro é aquele lá fora? Parece o carro do nosso tio Dougie.

– Eu sei. É um presente para você.

– Não brinca. Para mim?

– Um presentinho de agradecimento. Faça questão que você aceite.

Novamente abracei minha irmã com toda a força. Minha vontade era dizer: “Agora está tudo bem. O canalha está atrás das grades.” Em vez disso, falei:

– Amanhã a gente sai para fazer um test drive.

Dei boa-noite a Cat e, assim que ela me deixou para tomar um banho, fui com Martha até o quarto de hóspedes. Acendi a luz e congelei onde estava.

Na verdade, quase dei outro grito.

ALLISON, A FILHA DE CAROLEE, estava sentada na minha cama.

Se o fato em si já era preocupante, mais preocupante ainda era o aspecto dela. A menina estava descalça, vestida apenas com uma camisolinha rendada e chorando muito.

Guardei minha arma, ajoelhei-me à frente dela e, segurando-a pelos ombros, perguntei:
– Allison! Que foi que houve? O que aconteceu?

A menina de oito anos se jogou no meu colo, passando os braços em volta do meu pescoço. Estava trêmula, o corpo sacudia de tanto ela chorar. Abraçada a Allison, fiz tantas perguntas que mal sobrava tempo para ela responder.

– Você se machucou? Como foi que chegou até aqui? Que diabos aconteceu, querida?

– A porta estava aberta, então eu entrei. – disse a menina.

Àquela altura, novas lágrimas jorraram de alguma dor profunda cuja origem eu desconhecia.

– Fale comigo, Allison – insisti, afastando-a ligeiramente e examinando o seu corpo à procura de algum ferimento. Os pés estavam cheios de cortes e imundos. A casa da minha irmã ficava a dois quilômetros da escola de Carolee, do outro lado da rodovia. Allison tinha vindo a pé.

Novamente tentei obter alguma resposta, mas ela não falava coisa com coisa. Agarrava-se a mim, respirando entre um soluço e outro, engasgando-se com as lágrimas.

Vesti uma calça jeans sobre o pijama e calcei os tênis. Enfiei minha Glock no coldre de ombro e a cobri com a jaqueta.

Em seguida enrolei a menina num cobertor, peguei-a no colo e caminhamos até a porta da frente, deixando Martha para trás.

– Minha linda – disse à pobrezinha, que não parava de chorar. – Vou levar você de volta para casa, está bem?

O SUBARU DE CAT estava atrás do Explorer, bloqueando o caminho. O Bonneville era a melhor opção, porque já estava com a frente apontada para a rua.

Acomodei a menina no banco traseiro, passei o cinto de segurança em torno dela e assumi o volante. Girei a chave uma única vez e o motor deu sinal de vida com um sonoro vruuum. Na Autoestrada 1, sob o céu iluminado pelos fogos de artifício, liguei a seta para tomar a direção da escola de Carolee. Mas, para minha surpresa, Allison deu um grito:

– Não!

Olhando pelo retrovisor, vi que ela apontava para o lado oposto.

– Você quer que eu vá para lá?

– Lindsay, depressa. Por favooooor!

O medo e a aflição da menina eram apavorantes. A única coisa que eu podia fazer era confiar nela, então segui na direção sul até que, na altura de um cruzamento tranquilo, ela disse baixinho no banco de trás:

– Vira aqui.

O barulhento espetáculo pirotécnico do 4 de Julho despejava ainda mais adrenalina nas minhas veias, que já estavam bastante sobrecarregadas. Depois de tantos crimes e tiros, eu confundia cada estouro dos fogos com o disparo de uma arma.

Acelerei o Bonneville pela sinuosa estradinha de terra que era a Cliff Road, derrapando nas curvas como um trenó na grama, lembrando-me da advertência de Keith: “Você não pode fazer isso, Lindsay. Esse é um carro de luxo!”

Segui por uma rua cheia de eucaliptos até chegar ao alto de uma colina com vista panorâmica para a baía e a cidade. Mais adiante, à esquerda, uma casa parecia se equilibrar sobre a encosta.

Olhei novamente pelo retrovisor.

– E agora, Allison? Para onde a gente vai?

A menina apontou para a torre redonda que fazia as vezes de casa. Em seguida cobriu os olhos com as mãos e, num fiapo de voz, disse:

– É aqui.

PAREI O CARRO NO ACOSTAMENTO e fiquei observando a construção: uma torre de três andares de vidro e paredes pintadas de azul. Dois feixes de luz se moviam esporadicamente no pavimento inferior.

Focos de lanterna.

Fora isso, o lugar estava completamente escuro.

Era óbvio que os donos daquelas lanternas não deveriam estar ali dentro. Tateando os bolsos da jaqueta, senti um frio na barriga ao confirmar minha suspeita: eu havia deixado o celular em casa, na mesinha de cabeceira.

Droga!

Eu não tinha um rádio, não contava com reforço nem estava usando um colete à prova de bala. Caso algum crime estivesse acontecendo no interior da casa, entrar sozinha nela seria uma grande loucura.

– Allison, preciso chamar ajuda.

– Não dá, Lindsay – sussurrou a menina. – Todo mundo vai morrer.

Virando-me para trás, fiz um carinho no rosto dela. A boca de Allison formava uma triste meia-lua. A confiança que a menina depositava em mim era comovente.

– Deite aí no banco. Espere por mim e não saia até que eu volte.

Allison deitou com o rosto virado para baixo. Fiz um carinho nas costas dela e desci do carro.

A LUA BRILHAVA SOBRE O terreno acidentado, criando sombras enormes que pareciam abismos. Esgueirando-me pela vegetação, contornei a clareira até chegar aos fundos da casa, no alto da encosta.

Uma picape de luxo estava parada bem ao lado, próximo a uma porta de madeira. A maçaneta girou facilmente na minha mão, levando-me a um pequeno vestíbulo.

No escuro, atravessei o vestíbulo, avancei até uma cozinha espaçosa e de lá para uma ampla sala de pé-direito alto, banhada pelo luar.

Segui encostada às paredes, contornando os enormes sofás de couro e os vasos de palmeiras e bambus. A certa altura levantei os olhos e vi um foco de lanterna sumir no alto da escada.

Saquei minha arma e subi os degraus acarpetados, saltando de dois em dois. No topo, agachei-me e aguicei os ouvidos. Além da minha respiração, consegui ouvir sussurros que vinham de um quarto no fim do corredor.

De repente os sussurros deram lugar a um grito agudo. Corri até a porta. Escancarando-a com um chute, deparei-me com uma mulher recostada à cabeceira de uma cama enorme. Uma pessoa vestida de preto espetava uma faca na garganta dela.

– Mãos para o alto! – berrei. – Largue a faca, agora!

– Tarde demais – respondeu o vulto. – Seu lugar não é aqui. Vá embora!

Encontrei o interruptor e acendi a luz.

Mal pude acreditar em meus próprios olhos. Fiquei chocada com o que vi à minha frente. Quem segurava a faca era Carolee Brown.

CAROLEE ESTAVA PRESTES A cometer um assassinato. Minha cabeça travou, tentando assimilar a cena. Quando voltei a mim, fiz o que tinha de fazer:

– Afaste-se dela, Carolee! – berrei. – Mantenha as mãos onde eu possa vê-las.

– Lindsay – respondeu ela, num tom de voz irritantemente calmo. – Estou pedindo, por favor, que você vá embora. Ela vai morrer de qualquer maneira. Você não pode impedir.

– É sua última chance – gritei, encostando o dedo no gatilho da Glock. – Largue essa faca ou tiro em você.

A mulher na cama não parava de chorar, enquanto Carolee calculava a distância entre nós, imaginando se teria tempo de cortar a garganta dela antes de levar uma bala no meio da testa.

Eu fazia o mesmo cálculo.

– Você está cometendo um grande erro – disse Carolee, já um pouco nervosa. – Sou a mocinha, Lindsay, não a bandida. Esta mulher aqui, esta Melissa Farley, não vale nada.

– Jogue a faca no chão! – Eu apertava a arma com tanta força que meus dedos estavam brancos, sem circulação. Seria capaz de atirar em Carolee? Eu realmente não sabia.

– Você não vai atirar em mim – arriscou ela.

– Já esqueceu quem eu sou?

Carolee ameaçou dizer mais alguma coisa, mas preferiu ficar em silêncio ao ver a determinação no meu rosto. Eu atiraria, sim, e ela era inteligente o bastante para perceber. Então abriu um sorriso murcho e jogou a faca no carpete.

Chutei-a para baixo de uma escrivaninha e depois bradei:

– De joelhos!

Mandei que ela se deitasse de bruços, com as mãos na nuca e os tornozelos cruzados. Revistei-a, mas não encontrei nada além de um cinto fino de couro, fechado na cintura.

Virei o rosto para a mulher na cama.

– Melissa? Você está bem? Ligue para a polícia. Diga que um crime quase aconteceu e que a tenente Lindsay Boxer precisa de ajuda.

A mulher nem sequer esticou o braço na direção do telefone.

– Ele está com meu marido – disse ela. – Um homem está no banheiro com Ed!

ACOMPANHEI O OLHAR DE Melissa Farley até uma porta à esquerda da cama.

Ela se abriu lentamente e um homem entrou no quarto com passos firmes, um olhar ensandecido atrás dos óculos manchados de sangue.

Reparei em alguns detalhes enquanto ele vinha na minha direção: camiseta preta encharcada de sangue, cinto pendurado na mão esquerda com a fivela prateada balançando no ar e uma assustadora faca de caça na direita.

Meu pensamento era mais rápido que eu: pouco me importava onde aquela faca estava, e sim onde ela poderia estar dali a pouco.

– Largue isso! – gritei. – Agora, ou eu atiro!

O homem abriu um sorriso tranquilo, exibindo nos olhos a frieza de quem não tem medo de morrer. Continuou se aproximando com a faca suja de sangue à frente.

Tentei me concentrar naquilo que parecia essencial à minha sobrevivência. Eram muitas as variáveis em jogo.

Carolee estava logo atrás de mim, pronta para agir.

E o homem à minha frente sabia disso. Apagando o sorriso, ele ordenou:

– Lev-v-vanta. A gente acaba com ela.

Imaginei o que poderia acontecer caso eu atirasse. Ele estava a menos de três metros de distância.

Ainda que eu o atingisse no peito, que eu acertasse seu coração, a distância era curta demais.

Ele continuava se aproximando.

Ergui minha arma, comprimi o gatilho e, nesse instante, Melissa Farley pulou da cama rumo ao banheiro.

– Não! – berrei para ela. – Fique onde está!

– Preciso ver meu marido!

Não ouvi a porta que se abriu atrás de mim.

Não a vi entrar, mas, de repente, lá estava ela.

– Bobby, não! – berrou Allison.

Por um segundo interminável, tudo ficou congelado.

O HOMEM A QUEM ALLISON chamara de Bobby ficou parado, visivelmente confuso.

– Allison – disse ele –, você devia estar em casa.

Bobby! Eu não havia ligado a gagueira à pessoa, mas agora reconhecia o sujeito. Era Bob Hinton, o advogado que me atropelara de bicicleta. Mas eu não tinha tempo para entender como ele se encaixava naquele quebra-cabeça.

Allison entrou no quarto como uma sonâmbula. Foi na direção de Bob Hinton e o abraçou pela cintura. Minha vontade era impedi-la, mas, antes que eu pudesse esboçar qualquer reação, Bob abriu os braços para a menina, acolhendo-a com carinho.

– Maninha... – sussurrou. – Você não devia estar aqui. Não devia ver nada disto.

Senti a pressão despencar e o suor nas minhas mãos deixou o gatilho da pistola escorregadio. O advogado ainda estava na mira.

Procurei um ângulo melhor para atirar, mas ele virou a menina assustada na minha direção. Percebi que ele também estava assustado.

– Bob – disse eu com determinação. Precisava que ele acreditasse em mim. – A escolha é sua. Mas vou estourar sua cabeça se você não largar essa faca e ficar de joelhos.

O advogado curvou o tronco e escondeu a cabeça atrás de Allison, fazendo da menina um escudo. Eu sabia que sua intenção era encostar a faca no pescoço dela e mandar que eu largasse a arma. Eu não podia esperar.

Porém fiquei surpresa quando Bob apertou o rosto contra o de Allison e, com um olhar de tristeza profunda, disse:

– Allison, Allison... Você não tem idade para entender.

A menina balançou a cabeça, dizendo:

– Eu sei de tudo, Bobby. Não adianta. Vou contar tudo para a Lindsay.

Nesse instante um vulto vermelho desviou minha atenção. Melissa Farley cambaleava à porta do banheiro com a camisola empapada de sangue.

– Uma ambulância – suplicava ela, ofegante. – Uma ambulância, por favor! Ed ainda está vivo!

POUCOS MINUTOS DEPOIS as sirenes começaram a uivar pela estradinha sinuosa da colina. O zumbido das pás de um helicóptero vinha do alto.

Melissa Farley estava com o marido no banheiro.

– Allison – disse eu. – Vá lá embaixo e abra a porta para a polícia.

Ainda presa aos braços de Bob, a menina levantou os olhos arregalados na minha direção. Seus lábios tremiam, segurando o choro.

– Vai, meu amor – disse Carolee, ainda deitada no chão. – Está tudo bem.

Uns dez passos à minha frente, Bob murchou o rosto com a expressão de um homem derrotado. Eu me assustei quando ele apertou os ombros de Allison. Mas depois soltou a menina.

Assim que ela saiu, explodi:

– Quem são vocês? Vocês achavam que iam se safar de uma coisa dessas?

Aproximei-me de Bob Hinton, tomei a faca dele e ordenei que ele colocasse as mãos contra a parede. Revistei-o e, como de praxe, informei-o de seus direitos. Quando perguntei se ele tinha entendido, Bob disse:

– Se eu entendi? – E depois, com uma risada irônica: – Sou advogado, esqueceu?

Bob carregava uma câmera e algumas ferramentas de cortar vidro, que foram imediatamente confiscadas. Em seguida mandei que ele se deitasse e me sentei na beira da cama, com a arma apontada para ele e Carolee.

Não pisquei até ouvir os passos firmes que subiam a escada.

ERAM QUASE QUATRO DA madrugada e eu estava de volta à delegacia. Na sala de interrogatório, Stark ouvia Bob Hinton contar os detalhes dos assassinatos que ele, Carolee e Keith haviam cometido em Half Moon Bay.

Na sala de Stark, eu e Carolee estávamos sentadas em lados opostos da mesa bagunçada do delegado, com um velho gravador ente nós. Um detetive trouxe café e ficou à porta enquanto eu a interrogava.

– Acho que eu gostaria de falar com meu advogado – disse ela sem qualquer emoção.

– Com Bob? – respondi, irônica. – Vai ter de esperar um pouquinho. Neste momento ele está entregando todo o ouro na sala aqui ao lado.

Carolee sorriu como se tivesse achado graça no que eu acabara de dizer.

Tranquilamente, deu um peteleco no fio de cabelo preso na blusa de gola rulê preta e depois cruzou as mãos no colo. Eu observava toda a cena, admirada.

Carolee tinha se tornado uma amiga. Havíamos trocado confidências. Eu adorava a filha dela. Chegara ao ponto de oferecer ajuda no caso de alguma emergência.

Mesmo naquelas circunstâncias, ela não perdia a compostura, sempre articulada, aparentemente sensata.

– Talvez você queira outro advogado – sugeri.

– Deixa para lá – respondeu. – Não vai fazer diferença mesmo...

Liguei o gravador, falei meu nome, a data e a hora, meu número de matrícula na polícia e o nome da interrogada. Voltei a fita para ver se o aparelho estava funcionando bem. Estava. Então me recostei na cadeira giratória de Stark e disse:

– Vamos lá, Carolee. Pode começar a falar.

A mulher de aspecto simpático e elegante levou alguns minutos para organizar os pensamentos.

– Lindsay – disse afinal, medindo as palavras –, é preciso que você entenda uma coisa.

Foram aquelas pessoas que cavaram a própria cova. Os Whittaker faziam pornografia infantil. Os Daltry estavam matando os filhos de fome: o casal fazia parte de um maldito grupo religioso que proibia as pessoas de comer sólidos.

– E por que você não os denunciou para o Juizado de Menores?

– Fiz não sei quantas denúncias, mas Jake e Alice eram muito espertos. Enchiam os armários de comida, mas não alimentavam as crianças!

– E o Dr. O'Malley e a mulher?

– O'Malley vendia a própria filha na internet. Eles tinham uma câmera escondida no quarto. E a estúpida da Lorelei sabia de tudo. Caitlin também sabia. Minha única esperança é que os avós deem à menina a ajuda de que ela precisa. Quisera eu poder fazer alguma coisa também.

Quanto mais ela falava, mais eu percebia o verdadeiro grau de seu narcisismo. Carolee e seus comparsas haviam assumido a tarefa de dar um fim ao abuso infantil em Half

Moon Bay, agindo em lugar de todo o aparato judicial: eram juízes, jurados e carrascos ao mesmo tempo. E, do modo que ela falava, a coisa quase fazia sentido.

Para que não houvesse dúvida sobre o que ela tinha feito, eu disse:

– Carolee, vocês mataram oito pessoas.

A conversa foi interrompida por uma batida na porta. O detetive abriu uma fresta e consegui ver o delegado, que parecia exausto. Fui conversar com ele no corredor.

– Ligaram do Hospital Coastside – informou Stark. – Ed Farley não resistiu.

Voltei para a sala e me sentei à frente de Carolee.

– Agora são nove. Ed Farley acabou de morrer.

– Já foi tarde – retrucou ela. – Quando vocês entrarem no celeiro atrás da casa dos Farley vão querer me dar uma medalha. Fazia tempo que eles traficavam moças mexicanas. Vendiam as garotas como escravas sexuais para todo o país. Esse chumbo é grosso, Lindsay. Melhor vocês chamarem o FBI.

Carolee relaxou um pouco enquanto eu tentava digerir mais aquela bomba. Então se inclinou para a frente, como se quisesse me contar um segredo. A seriedade no seu rosto era impressionante.

– Venho querendo lhe contar isto desde que nos conhecemos – revelou. – Só interessa a você. Sabe o Anônimo 24? O desgraçado tinha um nome. Brian Miller. E fui eu quem o matou.

EU NÃO CONSEGUIA acreditar no que Carolee acabara de dizer.

Ela havia matado o Anônimo 24.

Fazia 10 anos que a morte daquele garoto me assombrava. Carolee era amiga da minha irmã, e eu ainda tentava digerir o fato de que a assassina daquele adolescente e eu vínhamos traçando caminhos paralelos, caminhos que agora se encontravam naquela sala.

– Por tradição os presos têm direito a um cigarro, não têm, Lindsay?

– Claro. Quantos você quiser.

Peguei o pacote de Marlboro que Stark deixava sobre um armário de arquivo, tirei um maço e o coloquei com uma caixa de fósforos à frente de Carolee, mas com uma naturalidade fingida.

Estava louca para saber sobre o garoto cuja vida eu vinha carregando dentro de mim com um espírito por tantos anos.

– Obrigada – agradeceu Carolee, a professora, a mãe, a salvadora das vítimas de abuso infantil.

Ela abriu o maço, tirou um cigarro e o acendeu com um fósforo, o cheiro de queimado espalhando-se pela sala.

– Keith tinha 12 anos quando veio para minha escola, a mesma idade do meu filho Bob – disse ela. – Adoráveis, os dois. Com um belo futuro pela frente.

Ouvi com atenção enquanto Carolee descrevia a aparência de Brian Miller, um garoto mais velho que havia conquistado a confiança dela até se tornar inspetor da escola.

– Brian os estuprava com frequência, a Bob e a Keith. Não só o corpo, mas a mente também. Tinha uma faca de uso exclusivo do exército. Dizia que ia cortar o pinto deles caso fosse denunciado.

Carolee começou a chorar, abanando a fumaça do cigarro como se aquela fosse a causa das lágrimas. Segurou o copo de café com a mão trêmula.

Na sala se ouvia apenas o ruído do gravador enquanto a fita passava de uma bobina a outra.

Após algum tempo Carolee voltou a falar, quase sussurrando. Inclinei o tronco para não perder uma única palavra.

– Depois que perdeu o interesse nos meninos, Brian sumiu do mapa, levando embora a inocência, a dignidade e a autoestima deles.

– Por que você não chamou a polícia?

– Eu chamei, mas, quando Bobby me disse o que acontecia, muito tempo havia se passado. E a polícia não estava nem um pouco interessada na minha escola. Depois de muitos anos foi que Keith voltou a sorrir – prosseguiu Carolee. – Já Bob ficou ainda mais fragilizado. Quando cortou os pulsos, achei que era hora de fazer alguma coisa.

Carolee se calou de repente e começou a brincar com a corrente do relógio num gesto delicado e feminino, mas o ódio tomava conta das suas feições, um ódio que parecia tão

vivo agora quanto fora uma década antes.

– Continue. Estou ouvindo, Carolee.

– Quando encontrei o Brian de novo, ele estava morando num hotel vagabundo no Tenderloin District, se prostituindo. Levei-o para fazer uma boa refeição com direito a vinho. Fiquei falando do passado, dizendo quanto gostava dele. E Brian caiu na minha conversa, acreditou que eu ainda era uma amiga. Com toda a calma possível, pedi que me desse uma explicação e, segundo ele mesmo disse, o que rolava entre ele e os meninos era um “amor romântico”. Dá para acreditar numa coisa dessas?

Carolee riu e bateu as cinzas do cigarro num cinzeiro de alumínio.

– Voltei com ele para o tal hotel – continuou. – Tinha levado as coisas dele: uma camiseta, um livro e algumas bobagens. Assim que Brian me deu as costas, cortei a garganta dele com a tal faca do exército. Ele tentou gritar, mas as cordas vocais tinham sido cortadas também. Depois, enquanto ele morria, dei várias chicotadas nele com meu cinto. Foi ótimo, Lindsay. O último rosto que Brian viu foi o meu. A última voz que ele ouviu foi a minha.

Mais uma vez a imagem do Anônimo 24 surgiu na minha cabeça, mas agora eu enxergava um rapaz vivo, ressuscitado pela história de Carolee. Ainda que ele não valesse grande coisa, era também uma vítima, condenada e executada sem julgamento.

A coincidência final – e inacreditável – era que Carolee havia rabiscado “Ninguém se importa” na parede do hotel, o que tinha sido noticiado em todos os jornais. Dez anos depois os recortes seriam encontrados na bizarra coleção que Sara Cabot fazia de crimes famosos. Ela e Sam haviam plagiado Carolee.

Empurrei um bloco de anotações e uma caneta na direção da depoente. Inclinando a bela cabeça para o lado, e com a mão trêmula, ela começou a escrever.

– Vou colocar que tudo o que fiz foi pelas crianças. Só por elas.

– Tudo bem, Carolee. É a sua história.

– Mas você entende, não entende? Alguém tinha de salvá-las. E eu salvei. Sou uma boa mãe, Lindsay.

A fumaça formava espirais no ar enquanto Carolee mantinha os olhos fixos em mim.

– Entendo que alguém possa ter tanto ódio por pessoas que violentaram crianças inocentes – ponderei. – Mas daí a matar... Isso eu nunca vou entender. Como não vou entender como você foi capaz de fazer tudo isso com a Allison.

FUI CAMINHANDO PELA TRISTE paisagem da Gold Street até me ver diante do enorme letreiro de neon azul que informava o nome do lugar: Bix. Bastou atravessar a porta para que a tristeza se afogasse nos acordes de um piano.

O pé-direito alto, a fumaça de cigarro que cobria o longo balcão de mogno, o estilo art déco das instalações, tudo lembrava um bar dos anos 1920 em versão hollywoodiana.

Quando falei com o maître, soube que havia sido a primeira a chegar.

Subi com ele até o mezanino e me acomodei num dos vários sofás em forma de meia-lua luxuosamente estofados, com vista para o burburinho do bar no térreo.

Pedi um cosmopolitan e o estava bebendo quando chegou à mesa minha grande amiga, minha melhor amiga de todos os tempos.

– Acho que conheço você – disse Claire, espremendo-se contra o sofá para me dar um longo abraço. – Você é aquela moça que solucionou sozinha um monte de crimes sem pedir ajuda às amigas, não é?

– E que sobreviveu para contar a história – respondi.

– Com uma grande ajuda de seu anjo da guarda, segundo ouvi dizer.

– Esperem aí, esperem aí... – Era Cindy, que chegava esbaforida e agora se espremia ao meu lado também. – Quero ouvir tudinho. E desta vez é para publicar, hein, Lindsay? Acho que está na hora de uma boa matéria sobre nossa heroína. Se você não se importar, é claro.

– Sinto muito, mas você vai ter de falar com minha assessora de imprensa primeiro, está bem? – respondi, beijando-a nas bochechas.

– Metida! – disse ela, retribuindo meu beijo.

Depois de examinarem o famoso cardápio de drinques do lugar, Claire e Cindy pediram os seus, e logo depois chegou Yuki, vindo direto do trabalho. Ela ainda vestia o elegante terninho de advogada, mas exibia uma ousada mecha vermelha nos cabelos brilhosos e muito pretos.

Enquanto as ostras e os rolinhos de camarão eram servidos e um garçom temperava o steak tartare bem à nossa frente, contei às meninas sobre minha última peripécia em Half Moon Bay.

– O mais estranho de tudo é que eu via Carolee como uma amiga. Sem desconfiar de absolutamente nada.

– Às vezes não dá para a gente confiar na intuição – comentou Cindy.

– É verdade. E ela enganou minha irmã também.

– Você acha que ela estava te cercando só porque sabia que você estava investigando o caso de Brian Miller? – perguntou Claire.

– Pode ser. Para manter a “amiga” por perto e a inimiga mais perto ainda.

– Um brinde ao Anônimo 24! – propôs Yuki, erguendo o copo. – Caso encerrado!

– Caso encerrado! – repetimos, batendo nossos copos no dela.

Após os pratos principais (tamboril, arraia com aspargos, espaguete com lagosta, steak New York Black Angus), continuamos nosso papo e, por incrível que pareça, embora falássemos ao mesmo tempo, espremendo as palavras entre uma garfada e outra da comida deliciosa, todas conseguimos dar nosso recado.

Cindy estava escrevendo uma matéria sobre um assaltante de banco que havia sido preso depois de entregar ao caixa um bilhete com exigências escrito no verso do próprio comprovante de depósito.

– Ele deixou o bilhete e se mandou com a grana – contou. – A polícia já estava lá quando ele chegou em casa. Esse vai direto para minha coluna “Bandidos Burros”.

– Pois tenho mais uma para você – devolveu Yuki, gargalhando. – Um cliente meu, cujo nome não posso revelar, é genro de um dos sócios do escritório, então eu tive de defender o cara. – Ela enrolava a mecha vermelha enquanto falava. – Dois policiais bateram na porta dele, procurando o suspeito de um roubo. Meu cliente disse “Podem entrar”, já que ele não sabia nada a respeito do crime. Depois disse: “Podem olhar onde quiserem, menos no porão.”

– E aí, e aí? – perguntamos juntas.

Yuki deu um gole em seu manhattan e depois correu os olhos pela mesa.

– O juiz autorizou a busca e os policiais descobriram toda a parafernália no porão: vários vasos de maconha hidropônica dentro de uma estufa. A sentença sai na semana que vem – disse ela, em meio às risadas.

À medida que a palavra passava de uma para outra, eu me sentia mais aliviada por estar de volta ao convívio daquele grupo. Tínhamos passado por tanta coisa juntas, ficávamos tão à vontade umas com as outras... Mesmo na presença de Yuki, nossa mais nova amiga, que fora recebida de braços abertos depois de salvar minha pele no tribunal.

Estávamos prestes a pedir a sobremesa quando avistei um conhecido grisalho que vinha mancando na nossa direção.

– Boxer – disse Jacobi, sem cumprimentar as outras. – Preciso de você agora. O carro já está ligado lá embaixo.

Com a mão pousada no copo à minha frente, já vazio àquela altura, senti o coração acelerar dentro do peito enquanto me lembrava dos acontecimentos da noite de 10 de maio.

– Que foi que houve? – perguntei a ele.

Jacobi curvou o tronco, mas, em vez de cochichar no meu ouvido, deu um sonoro beijo no meu rosto.

– Não houve nada – respondeu. – Era para eu sair de dentro de um bolo, mas suas amigas acharam meio estranho.

– Poxa, Jacobi, muito obrigada – brinquei. – Agora senta aí e come uma sobremesa com a gente, vai.

– Com sua licença.

Abrimos espaço no sofá e ele se juntou a nós. Imediatamente o garçom se aproximou com uma garrafa de Dom Pérignon no balde de gelo, cortesia de Jacobi, e, assim que nossas taças estavam cheias, meus velhos e novos amigos fizeram um brinde ao meu retorno.

- A Lindsay. Bem-vinda de volta!

EPÍLOGO

NA PRIMEIRA SEMANA, o trabalho me atropelou como um furacão de categoria cinco.

O telefone não parava de tocar e a cada cinco minutos alguém aparecia à porta para me informar sobre um caso ainda não resolvido. E todos tinham prioridade.

Pela primeira vez eu via com clareza a origem de tantos problemas. A média de casos resolvidos do nosso departamento girava em torno de 50 por cento, o que nos colocava muito próximo do último lugar entre as grandes cidades.

A questão não era incompetência. O problema era que nosso contingente era pequeno demais para a quantidade de crimes, e os policiais andavam exaustos. Na verdade, muitos haviam faltado ao trabalho naquela semana por motivo de saúde.

Na manhã da sexta-feira, Jacobi bateu à porta de vidro e mandei que ele entrasse.

– Tenente, houve um tiroteio na Ocean Beach. Dois mortos. Uma viatura está no local e tem outra a caminho. Pedimos reforço. As testemunhas estão assustadas, começando a se dispersar.

– Onde está seu parceiro?

– Está de folga. Excesso de horas extras.

Através das vidraças da sala eu podia ver toda a minha equipe. A única pessoa sem uma pilha de casos sobre a mesa era eu. Peguei minha jaqueta no encosto da cadeira e disse ao meu ex-parceiro:

– Vamos lá, essa bola é nossa. Conte tudo o que você sabe.

– Duas gangues, uma de Daly City e outra de Oakland, se pegaram num estacionamento perto da praia – disse Jacobi.

Descemos juntos pela escadaria do prédio e, uma vez na rua, Jacobi entrou no carro e assumiu a direção.

– Começou com uma briga de facas, mas então alguém sacou uma arma. Duas vítimas no local, um ferido. Duas pessoas foram detidas. Uma delas correu até a praia e jogou o revólver no mar.

Eu já imaginava a cena do crime, pensando no que seria necessário para juntar as peças do quebra-cabeça.

– Vamos precisar de mergulhadores – disse eu, agarrando-me ao painel do carro ao dobrarmos a Polk.

Jacobi abriu um sorriso, o que era raro de se ver.

– Que foi? – perguntei.

– Desculpe, tenente – respondeu ele em meio às sirenes. – É que eu estava pensando...

– No quê?

– Ainda gosto de trabalhar com você, Boxer. É bom vê-la de volta à ativa.

Sobre os autores

JAMES PATTERSON lançou seu primeiro livro, *The Thomas Berryman Number*, em 1977 e ganhou o Edgar Allan Poe, importante prêmio literário.

Desde então ele escreveu inúmeros livros, abandonou a carreira publicitária e se tornou um dos maiores escritores de todos os tempos, com 230 milhões de livros vendidos.

Uma de suas séries é protagonizada pelo detetive Alex Cross. Os dois primeiros livros, *Na teia da aranha* e *O beijo da morte*, foram adaptados para o cinema e estrelados por Morgan Freeman.

Outra série de grande sucesso é o *Clube das Mulheres contra o Crime*, um grupo de quatro amigas que se dedicam a desvendar os mais diversos casos na cidade de São Francisco. A tenente Lindsay Boxer é chefe do Departamento de Homicídios. Cindy Thomas é repórter policial do *San Francisco Chronicle*. A médica-legista Claire Washburn é a única do grupo que é casada. Uma advogada jovem e ambiciosa, Yuki Castellano, é a mais nova integrante do clube. A série foi adaptada para a TV e exibida pelo canal Fox.

Em 2008, Patterson criou o site ReadKiddoRead.com, que ajuda pais e educadores a encontrar os melhores livros para as crianças. Esse projeto rendeu-lhe o prêmio de Inovação na Leitura, da National Book Foundation.

Em 2009, foi lançada sua terceira série para jovens, *A Bruxa e o Mago* (título provisório). Wisty e Whit Allgood são um casal de irmãos que foram presos pelo regime totalitário vigente. Ao todo, milhares de crianças foram sequestradas e muitas continuam desaparecidas. Agora, Wisty e Whit tornaram-se líderes da Resistência e estão dispostos a fazer tudo o que for necessário para salvar os jovens das garras da Nova Ordem.

Em 2010, James Patterson venceu a categoria Autor do Ano do *Children's Choice Book Awards*. Mais de 15 mil crianças votaram nele, numa disputa que incluía outros grandes nomes da literatura juvenil mundial.

Todo esse sucesso explica por que, numa pesquisa realizada em 2010 nos Estados Unidos, James Patterson figurou como o autor de suspense preferido entre leitores de todas as idades.

MAXINE PAETRO é romancista e jornalista. Mora com o marido em Nova York.

LEIA UM TRECHO DO PRÓXIMO LIVRO DA SÉRIE
CLUBE DAS MULHERES CONTRA O CRIME

O 5º cavaleiro

O AUTOR DE SUSPENSE MAIS VENDIDO DO MUNDO

JAMES PATTERSON

E MAXINE PAETRO

5!

CAVALEIRO

Ele tem nas mãos o poder de decidir quem deve viver ou morrer.

O **Clube das Mulheres contra o Crime** precisa deter um assassino à solta num hospital.



capítulo 1

A CHUVA CASTIGAVA AS JANELAS quando começou a ronda médica da madrugada no Hospital Municipal de São Francisco. Na UTI, Jessie Falk dormia profundamente no seu leito, como se flutuasse num tranquilo lago de analgésicos.

Jessie estava tendo um dos sonhos mais lindos da sua vida.

Ela e seu precioso tesouro, a pequena Claudia, de três anos, nadavam nos fundos da casa da avó da menina. Vestida apenas com uma boia rosa-shocking em cada braço, Claudia brincava na piscina, o cabelo molhado brilhando ao sol.

– Seu mestre mandou: beijo de borboleta, Claudia!

– Assim, mamãe?

Mãe e filha não paravam de rir, dando cambalhotas na água e gritando de felicidade, quando, sem nenhum aviso, Jessie sentiu uma dor insuportável no peito.

Ela acordou com um grito e se sentou rapidamente, levando as duas mãos ao coração.

O que estava acontecendo? Que dor era aquela?

Então se deu conta de que estava internada – e que mais uma vez passava mal. Lembrou-se de como tinha chegado até ali, da sirene da ambulância, do médico dizendo que tudo estava sob controle, que ela não precisava se preocupar.

Soltando o corpo sobre o colchão, quase desmaiando, procurou pela campainha para chamar a enfermeira. Ao encontrá-la, deixou que ela escorregasse de seus dedos, batendo contra a lateral da cama com um barulho metálico.

Meu Deus, não consigo respirar. O que está acontecendo? Estou sufocando. Que horrível! Estou passando mal.

Jogando a cabeça de um lado para outro, Jessie corria os olhos pelo quarto quando percebeu um vulto na sombra.

Um rosto conhecido.

– Graças a Deus! – Seu tom de voz era ofegante. – Por favor, me ajude! É meu coração!

Jessie esticou os braços, fechando os dedos sobre o nada, mas o vulto não se moveu.

– Por favor! – implorou ela.

O vulto não se mexia, não tomava nenhuma providência para ajudá-la. Que diabos estava acontecendo? Aquilo era um hospital. A pessoa escondida nas sombras trabalhava ali.

Minúsculos pontos pretos foram surgindo diante dos olhos de Jessie enquanto uma dor lancinante roubava o ar dos seus pulmões. Em poucos segundos, tudo o que ela conseguia enxergar era uma nesga de luz.

– Por favor, me ajude. Acho que estou...

– Sim – disse o vulto na sombra –, você está morrendo, Jessie. É bonito ver sua passagem.

capítulo 2

AS MÃOS DE JESSIE SE DEBATERAM sobre o lençol, em desespero. Em seguida ficaram quietas. Ela havia acabado de morrer.

O Notívago deu três passos à frente e curvou o tronco sobre o leito. A pele da morta em pouco tempo ganharia uma coloração azulada, pegajosa ao toque, e suas pupilas estavam imóveis. Pulso zero. Nenhum sinal vital. Onde ela estaria agora? No céu? No inferno? Ou em lugar nenhum?

O vulto endireitou a campainha, esticou o lençol sobre a cama e realinhou o cabelo louro do cadáver, não se esquecendo da barra da camisola. Depois tirou um lenço do bolso e secou a saliva que escorria da boca da mulher.

Dedos ágeis ergueram o porta-retratos ao lado do telefone na mesinha de cabeceira. Aquela mãe que segurava a filhinha no colo era uma bela mulher... Claudia. Era esse o nome da menina, certo?

O Notívago colocou o retrato de volta na mesa, fechou os olhos da morta e pôs sobre cada pálpebra um pequeno disco dourado, menor que uma moeda de 10 centavos. Os dois traziam gravados na superfície um caduceu, símbolo da medicina em que duas serpentes se entrelaçam num bastão com duas asas.

Um adeus foi sussurrado em meio ao ruído de carros que na rua, cinco andares abaixo, cruzavam o asfalto molhado.

– Boa noite, princesa.

capítulo 3

EU EXAMINAVA UMA PILHA de pastas com 18 casos de homicídio ainda não resolvidos quando atendi a ligação de Yuki Castellano, minha amiga advogada.

– Mamãe quer nos levar para almoçar no Café Armani – disse a mais nova integrante do Clube das Mulheres contra o Crime. – Você precisa conhecê-la, Lindsay. Ela é capaz de encantar uma serpente até o bicho entregar a própria pele. Mas no bom sentido, claro.

Vejamos... o que fazer? Café frio com salada de atum na minha sala ou um delicioso almoço mediterrâneo, com direito a salada fresca e lasquinhas de parmesão, uma taça de vinho e a companhia de Yuki e sua mãe encantadora de serpentes?

Arrumei as pastas, disse à nossa assistente, Brenda, que voltaria em poucas horas e saí sabendo que não precisaria retornar antes das três, horário de uma reunião com toda a equipe.

Aquele dia ensolarado de setembro encerrara uma longa temporada de chuva e certamente seria um dos últimos dias de glória antes que o outono, frio e úmido, dominasse São Francisco.

Era maravilhoso estar ao ar livre.

Eu me encontrei com Yuki e a mãe dela, Keiko, na sofisticada região comercial da Union Square e dali a pouco estávamos conversando sem parar, seguindo pela Maiden Lane rumo à Grant Avenue.

– Vocês, moças, modernas demais – disse Keiko, graciosa como um passarinho, miúda, bem vestida e penteada, com duas sacolas de butiques penduradas em cada braço. – Homem não gosta mulher independente – continuou ela.

– Mamãããe – resmungou Yuki. – Dá um tempo, vai. Estamos no século XXI. E este país se chama Estados Unidos da América!

– Veja você, Lindsay – prosseguiu Keiko, dando as costas para a filha e apertando meu braço. – Uma mulher com pistola!

Yuki e eu caímos na gargalhada, rindo tão alto que mal ouvimos a senhora de olhos puxados se explicar:

– Que homem vai querer mulher com arma na bolsa?

Diante do sinal fechado para pedestres, aproveitei para secar os olhos, àquela altura encharcados de tanto que eu ria.

– Mas eu tenho namorado – comentei.

– Se tem! – exclamou Yuki, entregando o jogo: – Joe é um italianão boa-pinta, igual ao papai. E tem um cargo importante no governo. Segurança Interna.

– Ele faz namorada Lindsay rir? – perguntou Keiko, ignorando completamente as credenciais de Joe.

– Ahã. Tem vezes que a gente se acaba de rir.

– Trata namorada bem?

– Muuuuito bem – respondi, rindo.

Keiko assentiu, dizendo:

– Conheço esse sorriso. Lindsay encontrou um homem desrespeitoso.

Mais uma vez Yuki e eu caímos na gargalhada e, a julgar pelo brilho nos olhos dela, Keiko estava adorando o papel de mãe interrogadora.

– Quando você ganha aliança desse Joe?

Eu fiquei vermelha. Keiko havia enfiado o dedo na ferida. Um dedo, aliás, com uma unha perfeitamente pintada. Joe morava em Washington, do outro lado do país. Na realidade, eu não fazia ideia de para onde estava indo nosso relacionamento.

– Ainda não estamos no estágio da aliança – respondi.

– Você ama esse Joe?

– Muito – admiti.

– E Joe ama Lindsay?

A mãe de Yuki ainda me avaliava com o olhar maroto quando de repente as feições do seu rosto se enrijeceram como pedra. Os olhos cheios de vida se reviraram e os joelhos cederam.

Ainda tentei socorrê-la, mas não houve tempo.

Keiko despencou na calçada com um gemido que fez meu coração congelar. Eu mal acreditava no que estava acontecendo. Será que ela estava sofrendo um AVC?

Yuki deu um grito e depois se abaixou ao lado da mãe, segurando o rosto dela e berrando:

– Mamãe! Mamãe, acorda!

– Yuki, deixe comigo! Keiko. Keiko, está me ouvindo?

Meu coração pulava dentro do peito quando levei os dedos à carótida de Keiko e contei os batimentos com a ajuda do relógio.

Ela estava respirando, mas a pulsação era tão fraca que eu mal conseguia senti-la.

Tirei o celular da cintura e liguei para a Central de Atendimento da polícia.

– Tenente Boxer, matrícula 2.721 – fui logo dizendo. – Preciso de uma ambulância na esquina da Maiden com a Grant. Rápido!

capítulo 4

O HOSPITAL MUNICIPAL DE São Francisco é enorme, praticamente uma cidade. Construído pela prefeitura, tinha sido entregue à iniciativa privada havia alguns anos, mas ainda recebia uma grande quantidade de moradores de rua e pacientes transferidos de outros hospitais, atendendo mais de 100 mil pessoas por ano.

Keiko Castellano estava num dos leitos isolados por cortinas que ocupavam a grande e movimentada emergência.

Na sala de espera, eu sofria ao lado da minha amiga, temendo que o pior acontecesse.

Não havia como não me lembrar da última vez em que eu estivera num hospital: as mãos fantasmagóricas dos médicos examinando meu corpo, os batimentos indecisos do coração, o medo de que eu não conseguisse sobreviver.

Naquela noite fatídica, embora meu turno já tivesse terminado, eu havia saído para uma ronda sem imaginar que ela pudesse acabar em tragédia. Eu e o inspetor Warren Jacobi, amigo e ex-parceiro, fomos baleados numa rua deserta. Jacobi ficou inconsciente, caído no chão, e eu ainda encontrei forças para atirar de volta.

E minha mira foi boa, talvez até demais.

Pode ser um triste sinal dos tempos o fato de a opinião pública sempre tomar o partido dos civis baleados por um policial, e nunca dos policiais baleados por um civil. Acabei processada pela família das supostas “vítimas” e por muito pouco não perdi tudo o que tinha.

Eu mal conhecia Yuki Castellano naquela época.

Mas ela foi a advogada brilhante, determinada e talentosa que veio em meu socorro num momento tão difícil. Acabou conquistando minha eterna gratidão.

Com o rosto transtornado e atropelando as palavras com a voz embargada, ela agora dizia:

– Não faz sentido, Lindsay. Você viu. Mamãe estava ótima. Só tem 55 anos, caramba! É forte como um touro! Que diabos está acontecendo? Por que você não diz nada? Por que não deixa que eu vá lá, só para ver como ela está?

Eu não tinha respostas, mas, assim como Yuki, já estava perdendo a paciência.

Onde havia se metido a porcaria do médico?

Aquilo era um absurdo. Algo simplesmente inaceitável.

Por que ele demorava tanto?

Eu cogitava me levantar para tomar alguma providência quando um médico entrou na sala de espera. Correu os olhos pelo lugar e então chamou o nome de Yuki.

NO BOLSO DO JALECO, o crachá informava: “Dr. Dennis Garza – Diretor da Emergência”.

Não pude deixar de notar que ele era um homem bonito: 40 e poucos anos, mais de um metro e oitenta, ombros largos, boa forma. A ascendência espanhola ficava evidente nos olhos escuros e no cabelo preto que lhe cobria a testa.

No entanto, o que mais me impressionava era a tensão do corpo dele, a postura rígida e a impaciência com que o médico mexia na corrente do Rolex, como se dissesse: “Sou um homem importante. Importante e ocupado. Vamos logo com isso.” Não sei bem o motivo, mas não gostei dele.

– Sou o Dr. Garza – apresentou-se a Yuki. – Sua mãe provavelmente sofreu um “insulto” neurológico: é o que chamamos de AIT, Ataque Isquêmico Transitório, ou um pequeno AVC. Em termos simples, trata-se de uma diminuição na irrigação e na oxigenação do cérebro. É possível que ela também tenha tido um pouco de angina, a dor causada pela obstrução das artérias coronárias.

– Isso é sério? Ela ainda está sentindo dor? Quando vou poder falar com ela?

Yuki encheu o médico de perguntas até ele erguer a mão para pedir a palavra.

– Ela ainda está um pouco confusa. A maioria das pessoas se recupera em 30 minutos, mas outras, e talvez seja o caso da sua mãe, precisam de 24 horas. Ela ainda está sob observação. Visitas são terminantemente proibidas. Vamos ver como ela passa a noite, está bem?

– Mas ela vai ficar boa, não vai? Não vai? – insistiu Yuki.

– Srta. Castellano – respondeu o médico –, tente se acalmar. Assim que tiver mais notícias, eu a procuro.

A porta da emergência se fechou atrás do médico antipático e Yuki deixou o corpo cair sobre a cadeira, dobrou o tronco e escondeu o rosto entre as mãos, chorando. Eu jamais a vira chorar, e para mim era angustiante não poder fazer nada para aliviar sua dor.

Já havia feito tudo ao meu alcance.

Então passei o braço pelos ombros dela e disse:

– Está tudo bem, querida. Sua mãe está sendo bem cuidada. Logo, logo ela vai ficar boa.

Apesar da minha tentativa de consolá-la, Yuki não conseguia segurar o choro. Parecia frágil e assustada, quase uma garotinha.

capítulo 6

A SALA DE ESPERA NÃO tinha janelas. Os ponteiros do relógio acima da máquina de café seguiam seu curso, deixando a tarde para trás, ganhando a noite, atravessando a madrugada. O Dr. Garza ainda não havia aparecido, tampouco mandara notícias.

Durante aquelas intermináveis 18 horas, Yuki e eu nos revezamos pegando café, indo ao banheiro, caminhando pela sala, lendo revistas, com apenas um sanduíche no estômago, que havia sido comprado em uma máquina no corredor. No restante do tempo ficamos ali sentadas e em silêncio, ouvindo a respiração uma da outra sob a luz fria das lâmpadas fluorescentes.

Por volta das três da madrugada, Yuki dormiu com a cabeça no meu ombro, mas acordou 20 minutos depois, assustada.

– Alguma novidade? – perguntou ela.

– Não, amiga. Tente dormir mais um pouco.

Mas ela não me deu ouvidos.

Sentadas lado a lado naquele lugar frio e inóspito, observávamos os rostos que aos poucos iam mudando à nossa volta: o casal de mãos dadas com um olhar vazio, o pai e a mãe com os filhos dormindo no colo, um senhor solitário.

Quando a porta da emergência se abria, todos os rostos se voltavam na direção dela.

Às vezes um médico entrava.

Às vezes ouvíamos gemidos e choros.

Faltava pouco para as seis da manhã quando uma jovem residente de olhos cansados e jaleco sujo de sangue saiu da emergência e chamou o nome de Yuki.

– Como ela está? – perguntou minha amiga, levantando-se de um pulo.

– Está mais lúcida agora, portanto está melhor – respondeu a moça. – Ela vai ficar internada por uns dias e fazer alguns exames, mas você poderá vê-la assim que a transferirmos para o quarto.

Yuki agradeceu à residente e mostrou um sorriso bastante razoável diante das circunstâncias.

– Graças a Deus, Linds, mamãe vai ficar boa! – disse, animada. – Nem sei como lhe agradecer por ter ficado comigo a noite toda. – Segurou minha mão e, com os olhos marejados, emendou: – Nem sei o que teria feito sem sua ajuda, Lindsay. Você foi minha salvação.

Apertei-a num abraço, dizendo:

– Yuki, nós somos amigas. Você sabe que pode contar comigo para qualquer coisa, não sabe? Qualquer coisa! Não se esqueça de ligar mais tarde para dar notícias, está bem?

– O pior já passou – disse ela. – Você não precisa se preocupar mais com a gente, Lindsay. Muito obrigada. Obrigada mesmo!

Olhei para trás depois de sair para a rua pelas portas automáticas do hospital.

Yuki estava lá dentro, sorrindo para mim e acenando um adeus.

capítulo 7

HAVIA UM TÁXI LIVRE NA PORTA do hospital. Milagre. Desabei no banco de trás sentindo-me um traste, com o corpo totalmente moído. Passar a noite em claro é coisa para jovens, não para mulheres – digamos – um pouco mais maduras.

Por sorte o motorista não puxou conversa enquanto rumávamos a Potrero Hill, com o dia amanhecendo do lado de fora.

Em poucos minutos eu abria a porta do meu simpático sobrado vitoriano de fachada azul, de três andares, que divido com outros dois inquilinos. Saltando os degraus aos pares, subi a escada até o segundo andar.

Martha, minha adorável cadela border collie, me esperava na porta como se eu tivesse ficado fora por um ano. Eu sabia que ela havia comido e passeado com a “babá” (Karen deixara a conta na mesa da cozinha), porém Martha estava com saudades de mim, e eu, dela.

– A mãe de Yuki está no hospital – disse à minha fiel amiga, pouco me lixando para quem acha loucura conversar com animais. Abracei-a e ela me deu um de seus beijos molhados, me segurando depois até o quarto.

Minha vontade era me jogar na cama e me entregar a um bom sono de sete ou oito horas, mas acabei optando por vestir uma roupa esportiva amarrotada da Universidade de Santa Clara e levei Sua Majestade a Cadela para um passeio na rua, apesar da neblina espessa que ainda cobria a baía.

Às oito em ponto eu estava no trabalho, olhando através das vidraças do meu cubículo para a área ocupada pelo Departamento de Homicídios, que àquela hora passava pela mudança de turno.

A pilha de pastas à minha frente havia crescido e o botão na secretária eletrônica piscava furiosamente. Eu me preparava para arregaçar as mangas quando uma sombra se projetou sobre a mesa e a garrafa térmica de café.

Um homem enorme com uma calvície em estágio avançado estava à minha porta. Aquele rosto feio era um velho conhecido meu.

O inspetor Warren Jacobi aparentava o desgaste de um policial que havia ultrapassado a barreira dos 50 anos. Os poucos cabelos que ainda restavam na cabeça do meu ex-parceiro estavam brancos e seus olhos fundos, com as pálpebras caídas, ficaram ainda mais sérios depois das balas que o atingiram na Larkin Street.

– Você está com uma cara de quem dormiu no banco da praça, Boxer.

– Obrigada, meu amor.

– Espero que tenha se divertido.

– Muito. E aí, Jacobi, quais as novidades?

– Há vinte minutos, um corpo foi encontrado num Cadillac no estacionamento do Opera Plaza – disse. – Uma mulher. Muito bonita, segundo disseram.

capítulo 8

O ESTACIONAMENTO DO OPERA PLAZA é uma enorme caverna junto ao prédio que abriga cinemas, escritórios e lojas numa parte movimentada da cidade.

Jacobi parou nosso carro à frente das viaturas que bloqueavam a rampa de acesso à garagem na Golden Gate Avenue. Ninguém entrava nem saía. Os curiosos se aglomeravam na calçada.

– Fico impressionado com esse pessoal – comentou Jacobi. – Eles sentem o cheiro do presunto de longe. Sabem quando o chumbo é grosso.

Abrindo caminho através da pequena multidão, ouvi as reclamações dos clientes do estacionamento: “É você que está no comando?”, “Ei, preciso do meu carro. Tenho uma reunião daqui a cinco minutos!”.

Passsei por baixo da fita amarela da polícia e me posicionei na base da rampa, fazendo bom uso do meu 1,55 metro de altura. Disse meu nome e fui tratando de pedir desculpas pelo incômodo.

– Por favor, tenham um pouco de paciência. Lamento informar, mas o estacionamento está interditado em razão de um crime cometido no recinto. Espero tanto quanto vocês que tudo se resolva o mais rapidamente possível.

Esquivei-me de algumas perguntas e virei o rosto quando alguém me chamou. Era o inspetor Rich Conklin, novo parceiro de Jacobi, que vinha descendo a rampa ao nosso encontro.

Eu gostei de Conklin assim que o conheci, alguns anos antes, quando ele era um dedicado policial de rua. Após várias detenções bem-sucedidas e algumas medalhas por bravura, ele fora promovido ao Departamento de Homicídios com apenas 29 anos.

Conklin chamou bastante atenção das mulheres quando trocou o uniforme pelo distintivo dourado de inspetor. Com 1,85 metro de altura, músculos bem distribuídos, olhos escuros e cabelo castanho-claro, ele tinha o aspecto saudável de um jogador de beisebol ou de um fuzileiro naval.

Não que eu prestasse atenção nessas coisas.

– O que temos aí? – perguntei a ele.

Encarando-me de um modo sério e respeitoso, Conklin respondeu:

– A vítima é uma mulher branca, tenente. Vinte e um, 22 anos. Marcas no pescoço sugerem estrangulamento.

– Alguma testemunha?

– Infelizmente, não. Aquele sujeito ali trabalhou a noite inteira – disse Conklin, apontando para o cabeludo de aspecto desleixado responsável pelo estacionamento –, mas não viu nada de anormal, como era de se esperar. O nome dele é Angel Cortez. Falava com a namorada pelo telefone quando uma cliente veio descendo a rampa aos berros. O nome dela é... – Ele consultou suas anotações. – Angela Spinogatti. Deixou o carro ontem à noite e quando veio buscar, hoje de manhã, viu o corpo no Cadillac. Foi o que ela disse.

– Você pesquisou a placa do Cadillac? – perguntou Jacobi.

Conklin fez que sim com a cabeça, virando uma página no bloquinho de anotações.

– O veículo está em nome de Lawrence Guttman, dentista. Sem ficha criminal. Estamos tentando localizá-lo.

Agradei a Conklin, mas pedi a ele que fosse atrás do tíquete de estacionamento do Cadillac e das gravações do circuito interno de câmeras.

Em seguida subi a rampa com Jacobi.

Apesar da noite maldormida, eu começava a sentir no sangue uma leve descarga de adrenalina, imaginando a cena do crime, cogitando por que diabos uma mulher tão jovem havia sido estrangulada naquele lugar.

Passos ecoavam no alto da rampa. Muitos passos. Minha equipe estava em ação.

Uma dúzia de oficiais da Polícia de São Francisco andava de um lado para outro naquela espiral de concreto, vasculhando as latas de lixo, anotando as placas, procurando por qualquer coisa que nos ajudasse antes que o lugar fosse reaberto ao público.

Assim que dobramos a curva que levava até o quarto andar, Jacobi e eu vimos o Cadillac, um modelo preto antigo mas bem conservado, sem nenhum arranhão. Estava parado de frente para outro estacionamento, o do Civic Center, na McAllister.

– De zero a 100 em menos de cinco segundos – piscou Jacobi, cantando razoavelmente bem a musiquinha da Cadillac.

– Dá um tempo, parceiro – respondi, rindo.

Charlie Clapper, chefe da equipe de perícia, levantou o rosto com a habitual cara fechada e colocou a câmera fotográfica sobre o capô do Subaru que estava ao lado do Cadillac. Ele usava um paletó de lã cinza que combinava com seus cabelos grisalhos.

– Lindsay e Jacobi, bom dia aos dois. Mais um presunto para vocês.

Calcei as luvas de borracha e me aproximei do carro. O porta-malas estava trancado, já que a vítima não estava ali dentro.

Ela ocupava o banco do passageiro, com as mãos cruzadas no colo e os olhos claros arregalados numa expressão de ansiedade.

Como se esperasse pela chegada de alguém.

– Caramba! – disse Jacobi em tom de indignação. – Jovem, linda e bem-arrumada! É muito revoltante!

LEIA UM TRECHO DE OUTRO TÍTULO DO AUTOR

O dia da caça
Série Alex Cross

JAMES PATTERSON

O AUTOR DE SUSPENSE MAIS VENDIDO DO MUNDO

*A perseguição começou.
Alex Cross será a caça ou o caçador?*



GEORGETOWN, WASHINGTON, D.C.

O nome da família era Cox. Embora o pai fosse um advogado criminalista de grande sucesso, o alvo era a mãe, Ellie Randall Cox. O momento estava chegando, seria dentro de poucos minutos. O pagamento era excelente, não poderia ser melhor.

O assassino de quase 2 metros de altura e 110 quilos conhecido como Tiger havia providenciado armas para sua equipe, além de 1 grama de cocaína para que dividissem. Esta noite, eles só precisavam de uma única instrução: A mãe é minha. Matem os outros.

O objetivo secundário de sua missão era assustar aqueles americanos intrometidos. Sabia como eles eram sensíveis quando o assunto era invasão de domicílio, suas preciosas famílias ou assassinatos a sangue-frio. Tinham tantas normas sobre como se devia viver... O segredo para derrotá-los era quebrar todas as suas regras estúpidas e sagradas.

Ele se agachou na rua para observar a casa. Alheios às forças homicidas reunidas do lado de fora, os membros da família se moviam lá dentro, com as persianas de madeira das janelas do primeiro piso projetando linhas horizontais sobre eles.

Os rapazes esperavam ansiosos ao lado de Tiger, enquanto ele aguardava que o instinto lhe dissesse que era hora de invadir.

– Agora! – falou. – Vamos!

Então, flexionando minimamente os joelhos, começou a correr, saindo da sombra da sempre-viva que o escondia, seus passos tão velozes que era quase impossível contá-los.

Com um único e vigoroso salto, ele aterrissou no último degrau da entrada. Em seguida, desferiu três golpes violentos contra a porta, que se abriu como se tivesse explodido. Então eles entraram, o bando de assassinos, todos os cinco.

Os rapazes, nenhum deles com mais de 17 anos, passaram correndo à sua volta, disparando pistolas Beretta contra o teto da sala de estar, brandindo facas de caça, gritando ordens difíceis de entender, pois não tinham um inglês tão bom quanto o de Tiger.

As crianças da casa gritaram como leitões. O pai delas, o advogado, se levantou com um salto e tentou protegê-las com seu corpo flácido, superalimentado.

– Você é patético! – gritou Tiger para ele. – Não consegue nem proteger sua família em sua própria casa.

Num instante, três membros da família foram encurralados contra o console da lareira da sala, que estava coberto de cartões de aniversário endereçados a “Mamãe”, “Minha querida Ellie” e “Meu doce, minha luz”.

Tiger cutucou um dos rapazes mais jovens com o cotovelo, empurrando-o para a frente. Seu codinome era Nike e ele tinha um senso de humor contagiante.

– Just do it – falou Tiger, fazendo um trocadilho com o slogan da marca de artigos esportivos. – Vá em frente!

O garoto tinha 11 anos e era tão destemido quanto um crocodilo em um rio lamacento. Ergueu uma pistola muito maior que sua mão e disparou contra a testa do pai trêmulo.

Os outros rapazes soltaram gritos de aprovação, atirando em todas as direções, derrubando móveis antigos, quebrando espelhos e janelas. As crianças da família Cox choravam e se abraçavam.

Um garoto especialmente assustador, com a expressão vazia e uma camisa do time de basquete Houston Rockets, esvaziou o pente da sua arma na TV widescreen, recarregando-a em seguida.

– Vamos detonar! – gritou.

Dois

A MÃE, A “QUERIDA ELLIE”, “meu doce, minha luz”, finalmente desceu as escadas correndo, gritando por seus filhos.

– Deixe as crianças fora disso! – gritou para o líder alto e musculoso. – Sei quem você é!

– É claro que sabe, mamãe – disse Tiger enquanto sorria para a mulher alta, maternal.

Na verdade, não queria machucá-la. Aquilo era apenas um trabalho. Muito bem pago, importante para alguém de Washington.

As duas crianças saíram correndo na direção da mãe e a coisa se tornou um absurdo jogo de gato e rato. Os rapazes de Tiger enchiam o sofá de furos enquanto os jovens americanos se escondiam atrás dele aos gritos.

Quando os dois saíram do outro lado, Tiger estava ali para suspender o menino do chão com uma só mão. A menina, com pijama dos Anjinhos, era um pouco mais esperta e subiu correndo as escadas, exibindo seus calcanhares pequenos e rosados a cada degrau.

– Vá, filha! – gritou a mãe. – Saia por uma janela! Corra! Não pare!

– Nem pensar – falou Tiger. – Ninguém vai sair daqui esta noite, mamãe.

– Não faça isso! – implorou ela. – Deixe-os em paz! São só crianças!

– Você sabe quem eu sou – disse ele. – Então sabe como isso vai terminar. Sempre soube. Veja só o que arranjou para você e para sua família. Foi você quem fez isso com eles.

PARTE UM

ATRASADO PARA A FESTA

capítulo 1

OS MISTÉRIOS MAIS DIFÍCEIS de solucionar são aqueles que você vê que estão perto do fim, pois já não há evidências suficientes nem muito mais a desvendar. A menos que você possa voltar ao início – retroceder e rever tudo.

Em meio ao conforto e à civilidade do meu Mercedes R350, eu pensava em como havia se tornado estranho seguir para o local de um assassinato. Mas lá estava eu, saindo do carro, em conflito por mergulhar novamente no lado sombrio.

Será que estou ficando mole para esse trabalho?, cheguei a me perguntar, mas logo descartei a ideia. Eu ainda era muito duro, isso sim, muito teimoso e intransigente.

Então pensei que havia algo especialmente aterrorizante naquela matança aleatória e sem sentido. Era isso que ela parecia, ou pelo menos foi o que todos acharam. Foi o que me disseram quando telefonaram para minha casa.

– A coisa está feia lá dentro, Dr. Cross. Cinco vítimas. Uma família inteira.

– É, eu sei. Já me falaram.

Um dos primeiros policiais a atender o chamado, Michael Fescocoe, um rapaz que eu conhecia, veio falar comigo na calçada do local do crime, em Georgetown. Estávamos perto da universidade em que eu havia me formado e da qual eu me lembrava com carinho por vários motivos, mas principalmente porque Georgetown tinha apostado em mim.

O policial estava visivelmente abalado. Não era de espantar. Se fosse um homicídio qualquer, a Polícia Metropolitana não me chamaria com urgência às 11 da noite de domingo.

– O que temos até agora? – perguntei a Fescocoe enquanto mostrava meu distintivo para um policial que parecia estar protegendo um carvalho.

Passamos por baixo da fita amarela em frente à casa. Era uma linda construção em estilo colonial, com três andares, em Cambridge Place, um quarteirão nobre logo ao sul do Montrose Park.

A calçada estava apinhada de vizinhos e curiosos, vestidos com pijamas e roupões, que se mantinham a uma distância segura, sem perder sua discrição esnobe.

– Família de cinco, todos mortos – repetiu Fescocoe. – O sobrenome é Cox. O pai, Reeve. A mãe, Eleanor. O filho, James. Todos no primeiro andar. Duas filhas, Nicole e Clara, no terceiro. Há sangue por todos os lados. Parece que eles foram alvejados primeiro. Depois, brutalmente retalhados e empilhados em grupos.

Empilhados. Isso definitivamente não me soava bem. Não em uma casa tão linda. Ou em qualquer outro lugar.

– Algum oficial no local? Quem assumiu o caso? – perguntei.

– A detetive Stone está lá em cima. Foi ela quem me pediu que avisasse o senhor. Os legistas ainda estão a caminho. Devem mandar uns dois. Meu Deus, que noite terrível!

– Tem toda a razão.

Bree Stone era uma das estrelas do Departamento de Crimes Violentos e uma das

poucas detetives que eu fazia questão de ter como parceira – em todos os sentidos, já que estávamos namorando havia mais de um ano.

– Avise a ela que estou aqui – falei. – Vou começar pelo andar de baixo e depois a encontrarei lá em cima.

– Pode deixar, senhor. Farei isso agora mesmo.

Fescoe me acompanhou enquanto eu subia os degraus de entrada e passava por um perito que trabalhava na porta destruída e na soleira.

– Arrombamento, é claro – disse Fescoe. Ele corou, provavelmente por ter afirmado o óbvio. – Além disso, tem uma claraboia aberta no teto do terceiro andar. Parece que eles saíram por lá.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre,
Confie em mim e Cilada, de Harlan Coben

A cabana, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios,
Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento, de Patrick Rothfuss

A passagem, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS
PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga-nos no Twitter @editoraarqueiro.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para o Twitter @editoraarqueiro.

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br